

*Tudo Por
Você*

LETÍCIA ALVES



Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real é mera coincidência.

PLÁGIO É CRIME. Previsto na lei 9.610.

Todos os direitos são reservados à L. S. Alves.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra sem o consentimento por escrito da autora.

Para Amanda Carolina.

“Mãe...

São três letras pequenas.

As desse nome bendito:

Três letrinhas, nada mais...

E nelas cabe o infinito

E palavra tão pequena

Confessam mesmo os ateus

És do tamanho do céu

E apenas menor do que Deus!”

—Mario Quintana.

PRÓLOGO

Por mais que eu tentasse, jamais fui capaz de compreender como era possível algumas coisas acontecerem em nossas vidas. Aquele tipo de coisa que nunca pensamos que pudesse acontecer, que nunca sequer passou por nossa cabeça. Coisas simples como acordar atrasada para o trabalho em um dia muito importante, tomar um banho de água suja quando um carro passa correndo por uma poça, perder o ônibus e ter de esperar duas horas pelo próximo.

E havia as coisas difíceis, como acordar atrasada para o trabalho em um dia importante, ir para o ponto de ônibus, no caminho ser encharcada devido a um carro que passou rápido demais em uma poça num buraco gigante na rua, voltar correndo para casa, trocar de roupa em uma velocidade impressionante, correr até o ponto de ônibus e se deparar com o ônibus que precisa pegar partindo.

Tudo isso aconteceu comigo naquela manhã extremamente quente de maio.

O sol estava alto no céu azul claro e sem nuvens. Não havia uma brisa se quer que fizesse o calor sufocante amenizar. As pessoas passavam apressadas ao meu lado, algumas protegiam a cabeça do sol forte com suas bolsas ou papéis, outras davam imensos goles em suas garrafinhas de água. Eu simplesmente andava sem pressa a caminho da lanchonete na qual encontraria com minha melhor amiga.

Eu sabia que devia ter trocado de roupa antes de ir encontrá-la, mas os pensamentos incessantes em minha cabeça não me permitiram ir até minha casa para fazê-lo. Se eu voltasse para casa, sabia que iria me deitar em posição fetal e chorar por aquele dia ter sido tão epicamente ruim. No fundo, eu sabia que só precisava do conselho de minha melhor amiga. Por mais louca que pudesse parecer, Julia era a pessoa que sempre me fazia sentir melhor. E naquele momento era tudo o que eu mais desejava.

Ao chegar na lanchonete me joguei em uma cadeira numa mesa vazia do lado de fora. Deixando a bolsa surrada sobre a mesa, me inclinei e segurei a cabeça entre as mãos. Pensar em problemas fazia a cabeça pesar uma tonelada. O sol intenso ainda me castigava, podia sentir o suor deslizando em minha testa e no pescoço. Estava começando a pensar em simplesmente tirar

a roupa e me jogar dentro da fonte do outro lado da rua quando Julia apareceu. O primeiro sinal de sua chegada fora o som dos sapatos de salto sobre a calçada, que por sinal tinha muitos buracos. A sombra breve de sua silhueta sobre mim foi bem-vinda.

— Desculpa a demora. — Disse ela, sentando na cadeira na minha frente — O Velho precisou de mim. — Explicou.

O “Velho” era o namorado de Julia e ele era muito apaixonado por ela. Eu o tinha visto apenas algumas vezes, devido ao trabalho, mas não precisei de muito tempo para perceber o quanto ele amava minha melhor amiga. O apelido não era por acaso, no entanto. Julia o chamava de Velho de forma carinhosa, ele era realmente bem mais velho do que ela, mas eles, de alguma forma, se completavam. Por mais que a diferença de idade entre eles fosse grande, eles viviam como se ainda fossem adolescentes e se amavam da mesma forma.

Uma garçonete se aproximou de nossa mesa segurando um bloquinho e uma caneta. Parecia tão exausta quanto qualquer pessoa que tivesse que atender clientes debaixo de um sol escaldante. Julia pediu pastel e caldo de cana, eu me contentei com uma água. Estava nervosa demais para comer, não sentia fome. Tudo o que sentia se aproximava cada vez mais do desespero.

Enquanto Julia mexia no celular eu tentava encontrar forças para dizer tudo o que eu precisava dizer. Meu tempo estava acabando e eu tinha que tomar uma decisão. Que mudaria minha vida. Eu já a sentia mudando. Respirei fundo e fiz uma prece para que no meio de todas as ideias loucas que ela pudesse me dar houvesse pelo menos uma que eu pudesse aceitar. Esperei que a garçonete saísse após deixar nosso pedido sobre a mesa e então respirei fundo, o que captou a atenção de Julia.

—Fui demitida. —Eu disse.

Minhas palavras a fizeram parar o copo com caldo de cana a caminho da boca e me olhar com seus olhos verdes arregalados. Esperei por um instante para que ela dissesse algo, mas quando não voltou a falar eu continuei:

—Fecharam a loja hoje e todos os funcionários foram demitidos. Eu não sei o

que fazer, Julia.

Apoiei os cotovelos na pequena mesa de ferro redonda e segurei minha cabeça entre as mãos novamente, agarrando meus cabelos, como se aquilo resolvesse tudo. Tentei respirar fundo e manter a calma, mas nada poderia me fazer ficar calma naquele momento. Não quando pensamentos ruins rondavam minha cabeça e me impediam de pensar com clareza.

—Calma, amiga. A gente vai dar um jeito. —Ela disse.

A olhei por um instante tentando acreditar no que me dizia, no entanto pude sentir as lágrimas arderem em meus olhos. Julia sabia o que eu podia perder se não tivesse um trabalho bom o bastante para pagar as contas e comprar comida. A vida nunca tinha sido fácil para mim. Fiz escolhas estúpidas, das quais me arrependia. Tinha perdido pessoas que se diziam meus amigos e nos momentos de dificuldade desapareceram. Julia foi a única que ficou ao meu lado quando tudo aconteceu. Ela sabia de tudo.

—Eu recebi o dinheiro dos dias trabalhados, mas não dá para pagar todas as contas e ainda o conserto do telhado. —Murmurei.

As chuvas de verão tinham começado a castigar a cidade dias atrás e os ventos fortes das tempestades arrancaram um pedaço do telhado da minha casa. Passei a noite inteira tentando evitar que as poucas coisas que tinha molhassem. Tentando evitar que ela ficasse com medo.

—Eu te ajudo com isso, não se preocupa. —Julia disse, sorrindo.

Balancei a cabeça negando.

—E depois? O que vai acontecer depois? Eu preciso de um emprego que pague bem o suficiente para eu não ter que fazer o que estou pensando.

Ela arregalou os olhos, pareciam duas esmeraldas banhadas pela luz do sol. Ela sabia do que eu estava falando e era por isso que eu queria desesperadamente que ela me desse alguma outra ideia.

—Você vai...

—Talvez. —Sussurrei.

Ela suspirou.

—Eu posso tomar conta dela, você sabe disso.

Eu sorri porque eu sabia que podia confiar em Julia, mas não era por ela que eu não deixaria Emma em seus cuidados. Julia morava em um lugar que não era bom para crianças. O seu Velho era dono de lá e foi justamente no clube onde eles se conheceram. Eu confiava a minha vida e a de Emma nas mãos de Julia, mas não poderia deixá-la em um lugar pouco confiável como o que ela morava.

—Eu sei, mas não posso deixá-la naquele lugar. Você sabe disso. —Sussurrei.

Ela assentiu e segurou minha mão.

—Espera! Eu lembro que o Velho comentou há uns dias de um amigo dele que está precisando de uma ajudante.

Franzi as sobrancelhas.

—Ajudante?

Ela assentiu, sorrindo como o gato da Alice.

—É. Bom, acho que você só precisa fazer faxina e essas coisas. —Disse.

Uma luz de esperança brilhou para mim naquele momento.

—Mas tem um pequeno problema.

A luz apagou.

—Qual? —Perguntei.

Ela suspirou.

—Você não vai poder levar Emma.

Foi naquele momento em que eu tive que tomar uma decisão.

Eu não queria fazer aquilo, mas sabia que precisava. Tentei me preparar para voltar a vê-lo. Tentei controlar o medo e a raiva que surgiram em mim com apenas o pensamento de olhar para ele novamente. Afinal, naquele momento de minha vida eu precisava dele. Nunca imaginei que aquele pensamento passaria pela minha cabeça. Naquele momento ele era minha única opção.

Às vezes, você precisa fazer coisas que não quer porque sabe que é a única coisa que resta a ser feita.

Então, eu fiz.

CAPÍTULO UM

Emma segurava com força minha mão enquanto caminhávamos pelas ruas bem cuidadas de um condomínio luxuoso. As ruas eram bem cuidadas, os jardins em frente as casas eram de grama muito bem cortada e muito verde, flores salpicavam cores aqui e ali. Não havia lixo nas calçadas, ou buracos nelas. As casas pareciam todas iguais, embora se diferenciasssem uma das outras em alguns pequenos detalhes.

Algumas pessoas passavam por nós enquanto passeavam com seus filhos ou cachorrinhos peludos e pequenos demais. Nos olhavam com um certo receio e aquilo me irritou. Estava bem claro em nossas roupas e em nosso jeito que não éramos moradoras daquele lugar, mas não era necessário nos olharem como se fôssemos uma embalagem vazia que foi largada no chão.

Enquanto seguíamos lado a lado, recordei-me da última vez em que estive naquele lugar. fazia cinco anos e a memória ainda era fresca como se tivesse acontecido no dia anterior. Eu tinha ido até lá apenas para saber onde ele morava. Após encontrar a casa certa, espiei pela janela e a cena que vi me deixou com ânsia de vômito. Ele estava dançando com sua esposa na sala da casa, lembro-me de quase ter chorado quando o vi tão feliz com ela. Eu não chorei, no entanto, estava puta demais para fazer isso. Então, caminhei até a porta deles e olhei ao redor pensando se devia ou não bater na porta, tudo estava quieto e eu podia ouvir a risada deles lá dentro, felizes. Foi então que eu vomitei.

Na porta da casa dele. Não foi proposital, o cheiro de comida fez com que aquilo acontecesse. Em um primeiro momento pensei como faria para limpar a sujeira em seu tapete onde estava escrito BEM-VINDO, depois apenas dei as costas e deixei meu vômito para que ele limpasse. Ele merecia muito mais do que aquilo, mas não tive forças para encará-lo.

O sol não estava tão forte naquela manhã e a brisa soprava suavemente ao nosso redor, trazia o cheiro de grama e flores. Era um grande alívio não ter o sol rachando nossas cabeças, eu precisava ir até o centro da cidade para o meu primeiro dia no trabalho novo. Julia havia conversado com o Velho e ele me sugeriu ao seu amigo como assistente/diarista. Eu não sabia ao certo o

que devia fazer na casa dele, mas não me importava. Estava animada demais com o valor do salário que ele pagaria, era muito mais do que eu esperava. E eu poderia ter minha garotinha de volta antes do que imaginava.

Parei em frente a porta vermelha da casa dele e revirei os olhos. O jardim estava repleto de flores e havia gnomos que esguichavam água pela boca. Eu não tinha inveja da vida que ele vivia, mas não podia deixar de me perguntar o porquê dele nunca ter se preocupado o suficiente conosco para nos dar ao menos um pouquinho da vida que tinha.

—O que a gente vai fazer, mamãe? —Emma perguntou.

Desviei meus olhos da casa para olhar minha garotinha. Seu cabelo castanho claro estava preso numa maria-chiquinha, ela amava quando eu penteava seu cabelo daquele jeito. Me abaixei ao seu lado e peguei um lenço na bolsa. Limpei sua boca suja de sorvete de morango enquanto ela ria. Fiz de tudo para guardar aquele som na minha cabeça e a imagem dos seus olhos brilhantes me olhando com tanto amor. Aquele era o motivo que me fazia continuar vivendo. Emma sempre foi a razão de eu nunca desistir de nada, pois não era por mim que eu vivia. Era por ela.

—Você vai passar um tempo com o seu pai. Por isso estamos aqui. —Eu disse.

Ela olhou ao redor e franziu as sobrancelhas. Ela sabia que aquele bairro estava bem longe de se parecer com o nosso e aquela casa não chegava nem perto da que vivíamos. Eu não tinha outra escolha. E sabia que seria melhor para ela. Embora não tenha vivido muito com o pai, Emma o conhecia bem o suficiente para ao menos entender que, apesar de nunca estar presente em sua vida, ele era seu pai.

—O papai? Ele não gosta da gente, mãe. —Murmurou.

Eu devia ter tomado mais cuidado enquanto falava com Adam por telefone, todas as discussões que tivemos foram por causa de Emma. Eu queria que ele pagasse pensão, mas fui uma tola. Ele nem ao menos registrara a menina. Dessa vez, ele precisava fazer isso, não por mim. Queria que ele olhasse para Emma e sentisse todo o amor que eu sentia por ela e assim pudesse ficar com

ela por um tempo sem que agisse como se essa coisinha simples fosse um fardo pesado demais. Somente enquanto eu juntava dinheiro para irmos para uma casa melhor, lembrei a mim mesma.

—Ele gosta sim, meu amor. Ele vai cuidar de você só por um tempinho.

—E você vai ficar com a gente? —Perguntou ela, uma centelha de esperança fazendo seus olhos brilharem.

Respirei fundo para não chorar na frente dela. Odiava quando olhava para seu rostinho e via uma pontinha de tristeza nele. Aquilo sempre me partia o coração.

—A mamãe não pode ficar com você, não agora, mas não vai ser por muito tempo. —Disse.

Seu lábio começou a tremer e eu sabia o que aquilo acarretava. Minha menina sempre foi muito madura para a idade, sempre entendendo que às vezes eu não podia dar a ela o que queria. E sempre dizendo que tudo ia ficar bem. Naquele momento eu podia sentir minhas lágrimas tentando deslizarem pelo meu rosto, mas não deixei. Quando Emma projetava o lábio inferior para frente e franzia as sobrancelhas, eu voltava a ver minha bebê. Com cinco anos ela já entendia muita coisa, mas seu rostinho continuava com aquela leveza de um bebê. E seus olhos brilhavam com a pureza que ainda tinha. Eu nunca quis que ela crescesse antes do tempo, mas naquele momento ela precisava ser forte.

—Você vai me deixar? —Sussurrou.

Eu a puxei para meus braços e a abracei bem forte. Senti seus bracinhos ao redor do meu pescoço, inspirei seu cheiro de criança e deixei algumas lágrimas caírem. Eu não queria fazer aquilo. Não queria deixá-la, mas precisava.

—Eu nunca vou deixar você, meu amor. Nunca, nunquinha.

A afastei e olhei em seus olhos. Ela tinha lágrimas nas bochechas gordinhas, as limpei com a mão e beijei a ponta do seu nariz. Ela sorriu.

—Confia na mamãe, Emma? —Perguntei.

Ela assentiu vigorosamente.

—Confio, mamãe.



Depois de três batidas na porta ela finalmente se abriu. Uma mulher alta usando um vestido justo e blazer nos olhou dos pés à cabeça. Seu cabelo estava arrumado em um coque perfeito e as unhas estavam pintadas de um vermelho vivo. Eu sabia quem ela era e pela expressão em seu rosto ela sabia exatamente quem eu era. Seus olhos se prenderam em Emma e depois voltaram para mim. Arqueei as sobrancelhas e sorri. Emma se parecia muito com o pai.

—Vim falar com Adam. —Eu disse.

Ela não me respondeu, olhou mais uma vez para Emma e então entrou na casa, fechando a porta. Emma apertou minha mão e se escondeu atrás de minha perna. Eu sabia que não seria fácil para ela ir para uma casa nova com desconhecidos, mas eu esperava que Adam a fizesse se sentir bem. A porta voltou a se abrir e Adam apareceu usando um avental de cozinha onde estava escrito em letras grandes e brilhantes: MELHOR PAI DO MUNDO. Eu quis rir com a ironia, mas fiquei quieta. Ele olhou para mim, os olhos franzidos e os lábios numa linha fina. Me perguntei como eu pude me apaixonar por ele.

—Oi, papai. —Emma sussurrou, espiando por trás da minha perna.

Olhei para a expressão de Adam e pude ver quando sua carranca se transformou em um sorriso direcionado para Emma. Quando ele voltou a me olhar pude ver em seus olhos esverdeados como os de Emma que ele entendia o motivo da minha visita. Ele respirou fundo e coçou o queixo.

—Por que? —Ele perguntou.

Pensei com cuidado nas minhas palavras para não magoar Emma.

—Eu preciso que cuide da nossa filha enquanto eu trabalho, não posso levá-la comigo. —Disse.

Ele deu de ombros.

—Não pode arrumar uma babá?

Inclinei a cabeça e ergui as sobrancelhas enquanto o encarava. Eu quis dizer a ele que não tinha dinheiro suficiente para a comida e jamais teria para pagar uma babá porque ele *não* pagava a bendita da pensão. Mordi o interior da bochecha para não praguejar diante de Emma.

Respirei fundo.

—Se você pagasse a pensão eu faria isso. Deixei escapar entre os dentes.

Ele deu um passo para trás, ofendido. Porém, logo se recompôs.

—Que horas você vem buscá-la?

Suspirei.

—Provavelmente em alguns meses. —Falei.

Senti os olhos de Emma em mim, mas não desviei os meus olhos dos de Adam. Ele não pareceu surpreso com aquilo e eu não sabia o que sentir diante da sua reação. Ele olhou por cima do ombro para quem eu pensei ser sua esposa, mas uma garotinha saiu pela porta e segurou a mão dele. Ela olhou para mim e sorriu. Sorri de volta. As crianças não têm culpa pelos pais que têm. Eu só esperava que Adam fosse um pai melhor para ela do que nunca chegou a ser para Emma.

—Vou vir buscá-la quando estiver de folga e se sair mais cedo do trabalho. Eu só preciso que cuide dela por um tempo, Adam. —Sussurrei.

Eu podia sentir a súplica em minhas palavras. Ele olhou para Emma e depois para sua filha.

—Tudo bem. —Ele disse. Vou cuidar dela.

Suspirei aliviada e com um pouco de medo por deixá-la.

—Quer ver minha coleção de Barbie? —A menina perguntou olhando para Emma com um largo sorriso.

—Posso, mamãe?

Olhei minha filha e sorri. Entreguei a pequena mala cor-de-rosa e a mochila de Emma para Adam e me abaixei para abraçá-la. Beijeí sua bochecha.

—Promete que vai se comportar, está bem? E que vai fazer o que o papai pedir.

Ela assentiu, animada demais com as bonecas do que com o que eu estava falando. Me levantei e beijeí sua testa.

—Prometo. Prometo, mamãe.

Ela estava sorrindo quando se afastou e entrou na casa. Senti como se um pedaço de mim estivesse sendo levado para longe. Eu só esperava que minha menina ficasse bem e que fosse bem cuidada.

—Cuide dela, Adam. Cuide de Emma como se realmente se importasse.

—Eu me importo com ela. —Ele disse e bufou.

Revirei os olhos.

Olhar para ele me fazia querer bater na cara de pau que ele tinha. Eu me afastei e desci os três degraus da varanda da casa.

—Mamãe! —Emma gritou.

Me virei e vi Emma correndo em minha direção. Corri até ela, com milhões de pensamentos ruins de que algo podia ter acontecido. Me abaixei e examinei seu corpo. Ela estava inteira. Suspirei.

—Eu quase esqueci. —Ela disse, sorrindo.

—Esqueceu o quê?

Olhei para cima no momento que Adam se aproximou de nós. Voltei meus olhos para Emma.

—De dizer que eu te amo. Eu te amo, mamãe.

Meu coração se inflou naquele momento. Toda mãe ama ouvir isso, os filhos deviam dizer mais vezes.

—Eu também te amo, meu amor.

Ela me deu um beijo na bochecha e voltou correndo para dentro da casa, onde a garotinha esperava por ela. Me levantei e olhei para Adam, eu queria me despedir dele com um tapa. Um tapa que nunca tive a oportunidade de dar. Voltei a caminhar para que ele não visse as lágrimas em meus olhos, mas parei ao ouvi-lo me chamar.

—Lucy?

Me virei e olhei para ele. Torci para que não reparasse nas lágrimas, mas tinha certeza de que ele havia notado.

—Vou cuidar bem da nossa filha. —Ele disse.

Ajeitei a bolsa no ombro, apertando a alça com força, e respirei fundo.

—Espero que faça isso. Ou eu mato você.

Caminhei sob o sol em direção ao meu novo trabalho. Que eu esperava que me trouxesse um pouco de sorte.

Apenas o suficiente para ter minha filha comigo de novo.

CAPÍTULO DOIS

Foi necessário pegar dois ônibus e, como se isso não bastasse, me perdi duas vezes antes de finalmente encontrar o condomínio de luxo onde iria trabalhar. O segurança do condomínio não me recebeu muito bem e fez com que eu esperasse muito tempo até que ele confirmasse minha entrada no condomínio com quem quer que fosse do outro lado do telefone. Eu havia suado e meu cabelo não se comportou bem naquela manhã, sabia que devia estar parecendo um espantalho.

Após ter minha entrada autorizada e ter pego uma credencial de funcionária para entrar no condomínio todo dia, atravessei os portões enormes da entrada e caminhei em busca da casa onde iria trabalhar. Caminhei pela calçada observando tudo ao meu redor. O lugar era realmente impressionante, me sentia como se tivesse entrado em um set de filmagem da novela das nove. As casas eram grandes e imponentes, de formatos um tanto diferentes das casas convencionais. A maioria das casas eram brancas e com aquelas portas de madeira enormes que a gente vê nos filmes, e muitas janelas também ridiculamente grandes.

Os jardins em frente as casas eram imensos, de um verde radiante e bem-cuidado. Diferente da casa de Adam, aquelas não tinham gnomos que jorravam água pela boca. Tinham esculturas, fontes e árvores pequenas podadas em formatos geométricos. Enquanto caminhava devagar pela calçada, fiquei tentando imaginar para quem eu trabalharia. Torci para que fosse uma pessoa boa, pelo menos. Normalmente os ricos pareciam ter alergia a pessoas pobres, como se fossem apenas servos de seus castelos de ouro. Eu sabia muito bem disso, já havia trabalhado com pessoas daquele tipo.

Encontrei a casa no fim da rua. Parei por um momento apreciando a visão da imensa construção na minha frente. A casa era enorme. Muito, *muito* grande. Através do portão cinza de ferro fundido cheio de curvas e desenhos pontiagudos no topo, vi a fachada da casa. Era branca como marfim e tinha janelas enormes de vidro no segundo andar que fazia com que a casa parecesse ainda maior. O jardim não parecia tão bem cuidado quanto das outras casas, mas não era feio. Não havia flores, mas uma árvore enorme

perto do portão. Parecia como um sentinela de olho em quem entrava ou saía da casa.

Ajeitei a bolsa sobre o ombro e respirei fundo. Caminhei até o portão e o empurrei, era muito pesado e fez um ruído alto quando se abriu. A noite poderia parecer que estava entrando em um castelo, pensei. Fechei o portão atrás de mim e mais uma vez parei, olhei ao redor em busca de alguém ou algum cachorro que fosse me botar para correr, mas não havia nada nem ninguém.

Atravessei a trilha de pedras brancas que levavam até a porta, as folhas e galhos secos sobre a grama estalavam sob meus sapatos. A luz do sol iluminava a fachada da casa dando a ela um brilho quase sobrenatural. Aquilo deveria ter me deixado com medo, mas não fiquei. Por algum motivo me senti corajosa o bastante para seguir em frente e bater na porta com o gancho dourado que havia nela. Me senti como alguém que tenta entrar em um lugar proibido, por isso quis ir em frente. A porta abriu e uma senhora de cabelos grisalhos e um avental preto me recebeu com um sorriso acolhedor. Sorri ao vê-la.

—Olá, eu sou Lúcia e vim para o emprego de...

—Ah, claro. Claro, entre. — Ela me interrompeu e me puxou para dentro da casa.

A porta se fechou atrás de nós com um grande estrondo.

Antes que eu pudesse me dar conta de qualquer coisa ao meu redor a senhora me abraçou e beijou minha bochecha. Fiquei surpresa, normalmente as pessoas não me cumprimentavam assim. Ela se afastou o bastante para que eu olhasse seu rosto sorridente. Era estranho, pois eu não conseguia não sorrir de volta. Olhei ao redor da casa e literalmente perdi o fôlego. Era simplesmente linda!

A casa era impressionante, um espaço amplo e arejado. Havia uma parede completamente de vidro na sala de estar que mostrava o gramado de um quintal incrivelmente lindo nos fundos, a luz do sol que banhava a sala e parte do hall de entrada fazia tudo parecer maior. As paredes lisas e brancas,

eram ocupadas apenas por alguns quadros de arte aqui e ali, as únicas cores no lugar. O chão era de mármore branco e muito limpo, me senti um pouco desconfortável por pisar nele. Na minha frente, entre a sala de estar e a sala de jantar, havia uma escada dupla com corrimão marrom grosso e com adornos, notei uma espécie de tubo metálico perto da escada, parecia um elevador. Ao olhar ao redor e ver algumas portas marrom escuras só consegui pensar no trabalhão que teria para limpar a casa inteira. E nem havia visto o segundo andar!

—O senhor Garcia logo virá recebê-la, mas por enquanto vou te dizer o que precisa fazer. — A senhora disse, ainda sorrindo.

Ela passou a meia hora seguinte me dizendo o que fazer na casa, os lugares onde devia usar tais produtos de limpeza e os lugares onde não devia. Falou sobre a comida que eu deveria fazer quando ela não estivesse em casa para isso e o que fazer com o cachorro. Fiquei surpresa ao saber que realmente havia um cachorro, mais surpresa ainda por ele não ter me devorado. A senhora não me mandou entrar, então ficamos no hall e ela não parou de falar. Até ouvirmos um pigarro alto. Olhei por cima do ombro dela e senti meu corpo enrijecer automaticamente.

Um homem que devia ter seus trinta e poucos anos estava me olhando com olhos muito sérios e afiados. Ele tinha ombros largos e braços que pareciam troncos de árvore, o cabelo estava amarrado com um elástico e a barba parecia grande demais para seu rosto. Era como olhar para um lenhador que queria muito bater com seu machado em mim, mas, na realidade, o que me surpreendeu não foi isso. Os seus olhos ou sua boca carnuda mesmo encoberta pela barba enorme, muito menos o corpo que Deus generosamente lhe deu. Foi sua cadeira de rodas.

—Vincent, querido, a nova ajudante chegou hoje. — A senhora disse, sorrindo para ele.

Eu não conseguia desviar meus olhos dos dele e percebi que seus olhos não eram tão escuros quanto pensei no primeiro momento que o vi. Eles eram azuis com tons de verde, algumas manchinhas os faziam parecer dourados. Por um segundo quis ir até ele e olhar em seus olhos, para saber se eram

mesmo tão bonitos de perto quanto pareciam de longe.

—Sim, eu sei disso. E está atrasada. — Disse ele, franzindo as sobrancelhas e me olhando como se eu fosse um inseto indesejado.

Engoli em seco e me aproximei dele. Percebi que ele podia mexer os braços então estendi minha mão para cumprimentá-lo.

—Meu nome é Lúcia, mas todos me chamam de Lucy. Muito prazer, senhor.
— Eu disse, sorrindo.

Ele franziu ainda mais as sobrancelhas, olhou para minha mão e depois para mim.

—Nana, vou querer ovos e bacon para o café. Sem torradas queimadas desta vez, por favor. — Ele disse. Com seus braços enormes virou a cadeira de rodas e desapareceu em um corredor.

Deixei meu braço cair ao lado do corpo e voltei meu olhar para Nana. Ela encolheu os ombros diante da minha confusão.

—Acredite, ele não era assim. As circunstâncias da vida o fizeram mudar. — Disse ela, seguindo para uma porta.

Eu a segui.

Me perguntando se as circunstâncias da vida o haviam feito ter melhorado ou piorado com o tempo. Quanto mais longe ficasse dele, conclui, mais estaria segura.



Nana havia me entregado o uniforme. Quando o peguei dobrado pensei que seria como o dela —um vestido longo e reto preto e com gola branca — quando fui até o banheiro me trocar percebi que ele era mesmo preto com gola branca, mas estava muito longe de ser longo como o dela. Tudo bem que Nana era baixinha e eu sempre tive pernas longas, mas aquilo estava quase indecente. Tentei ao máximo deixar meus seios dentro do vestido e o puxei

para baixo o bastante para que eu não me sentisse como uma das garotas do negócio do Velho.

Sai do banheiro e fui até a cozinha encontrar com Nana, o cheiro do café da manhã fez meu estômago roncar bem alto. Pensei em Emma e se ela já havia comido alguma coisa na casa de Adam. Me perguntei se ela estava se sentindo bem e sendo bem tratada. Estava envolta dentro dos meus pensamentos quando esbarrei em algo duro. Meu quadril sofreu com a dor do impacto que dei numa... *cadeira*.

Droga!

Me afastei com a mão pressionada contra o quadril, arrisquei um olhar para cima e vi duas pedras douradas de gelo me fuzilando. Me afastei ainda segurando minhas roupas com uma mão e pressionando a outra no quadril que latejava com o impacto.

—Desculpa, senhor. Não foi minha intenção. — Sussurrei.

Não o olhei por tempo o bastante para ver sua reação, fui até minha bolsa no balcão e guardei minhas roupas. Nana estava sorrindo quando passou por mim com um prato cheio de ovos e bacon crocante. Arrisquei um olhar para cima e vi que ele ainda me olhava com o cenho franzido. Me perguntei por que ele não tirava toda aquela barba. Seu rosto parecia ser muito bonito sem tudo aquilo Também me perguntei como ele seria sem o cabelo preso. Não sabia por que aquelas perguntas se repetiam em minha cabeça. Também não sabia por que não conseguia não olhar para ele.

—Vou te mostrar onde fica a dispensa e a lavanderia. Você vai encontrar tudo o que precisa para deixar esta casa impecável. — Nana disse.

Meus olhos ainda estavam no senhor Garcia, não sabia o motivo de toda aquela raiva que vi refletida em seu semblante. Só esperava que não fosse para mim. Segui Nana por toda a casa, cada quarto parecia ser duas vezes o tamanho da minha casa. A sala era enorme com uma lareira de pedras cinza e um piano de calda preto, meus dedos coçaram para ir até ele. O segundo andar parecia ser um lugar quase proibido. Os únicos cômodos que vi foram dois quartos, que eram suítes, e um banheiro que ficava no corredor para

visitas. Tudo era muito grande e parecia ser feito completamente de vidro tamanha a quantidade de janelas. Cortinas cobriam algumas das janelas enormes do segundo andar, o teto era alto demais para que eu me imaginasse limpando até o topo daquele lugar.

Pensei no quanto aquele cara carrancudo era sortudo por morar numa casa como aquela. Era grande e arejada. Tinha quadros de artistas famosos nas paredes e jarros com flores nas mesinhas que enfeitavam os corredores. Me senti como se tivesse entrado em um daqueles catálogos de revistas chiques que mostravam as casas dos famosos. Me imaginei rica o bastante para viver com Emma em um lugar como aquele. Ela ficaria tão feliz quanto eu. Ao descer as escadas olhei sobre meu ombro para a parede de vidro que mostrava o quintal dos fundos. Grama verde, árvores e arbustos bem cuidados e cadeiras acolchoadas com mesinhas de ferro. O quintal não parecia ter fim. Me perguntei se ele gostava de olhar o sol se pôr lá fora. Era início do dia, mas não pude deixar de pensar como seria a casa durante a noite.

Me virei e me deparei com olhos dourados levemente franzidos me observando. Dei um pulinho diante da surpresa de vê-lo ali. O homem parecia querer me fazer ter um ataque cardíaco. Olhei em volta à procura de Nana, mas não a encontrei. Desci os dois últimos degraus, ignorando seus olhos sobre mim, e me virei em direção a cozinha. No entanto, um ruído me fez parar. Olhei para trás e vi o senhor carrancudo preso com sua cadeira no último e maior degrau da escada. Sem conseguir impedir a mim mesma, me aproximei dele, com um pouco de medo.

Segurando sua cadeira, juntei todas as minhas forças e o puxei para trás para depois o impulsionar para frente, soltando a rodinha menor que estava no ângulo errado na ponta da escada. Senti seu corpo enrijecer quando me afastei, ele girou a cadeira com rapidez e me olhou com as sobrancelhas franzidas. Fiz uma nota mental para me acostumar com aquilo. Esperei por um “obrigado”, mas ele apenas respirou fundo e fez um gesto com a mão, como quem espanta um inseto. Fiquei parada no lugar olhando para ele e cruzei os braços.

Ele podia ser meu chefe e aquele podia ser meu primeiro dia, mas se havia uma coisa que tinha aprendido com a vida era não permitir que os outros

pisassem em mim. E era isso o que aquele gesto queria dizer.

—Volte para o trabalho, Lúcia. — Ele disse, meu nome soando como um remédio ruim em sua boca.

Pensei em Emma e em tudo o que eu devia fazer por ela. Eu não daria motivos para o senhor carrancudo me demitir, eu precisava do dinheiro. Precisava manter este emprego até ter o suficiente para ter minha filha comigo de novo. Eu devia manter a calma. Foi isso que fiz. Descruzei os braços e puxei o vestido para cobrir o máximo que conseguisse das minhas pernas. Tirei uma mecha de cabelo do meu olho e sorri para ele.

—Disponha, senhor.

Me virei e segui para a cozinha. Me perguntando se eu deveria tê-lo deixado preso na porcaria da escada. Eu sabia que tudo aquilo era apenas o começo. Eu só esperava que o resto dos dias não fossem daquele jeito.

Eu não podia imaginar o quanto eu estava engada.

CAPÍTULO TRÊS

O dia estava cinzento e úmido, muito diferente dos dias de calor intenso que fizera. Eu estava esperando o segundo e último ônibus para me levar para o trabalho quando um estrondo de um trovão me fez saltar de susto. Olhei para o céu pedindo silenciosamente que não chovesse naquele momento, pois não havia levado um guarda-chuva. Foi quando grossas gotas de chuva começaram a cair. Fiquei debaixo do que restava da proteção do ponto de ônibus por menos de dois minutos, por sorte o ônibus logo chegou. Passei todo o trajeto até o trabalho pensando em Emma.

Na noite anterior depois que cheguei em casa do trabalho senti que estava completamente sozinha. Sem Emma a casa parecia sem vida. Nossa casa nunca foi muito boa e a aparência não era das melhores, mas era nossa. Eu vivia lá com minha menina e isso era tudo o que me importava. Ficar na casa durante a noite sem ouvir os passos de seus pezinhos batendo no chão foi como se alguém tivesse aberto um buraco em meu peito. Longe de Emma eu não podia ter certeza se ela estava bem, não importava quantas vezes eu ligasse para Adam. Eu precisava ver minha filha. Por isso, decidira pedir para sair mais cedo naquele dia, era o único jeito de vê-la e tentar aquietar meu coração.

O ônibus parou e uma enxurrada de pessoas saíam e entravam empurrando umas às outras. Saí o mais rápido que pude para não me molhar, mas não adiantou em nada. Quando cheguei em frente ao enorme portão da casa do senhor Garcia estava completamente encharcada. Corri pela trilha em direção a porta de entrada, abri a porta me sentindo ligeiramente aliviada por não estar debaixo da chuva forte. Água escorria dos meus cabelos e das minhas roupas, formando uma poça no hall de entrada. Pendurei minha bolsa e tirei o casaquinho fino que usava, deixando-o no gancho perto da porta. As luzes da casa estavam apagadas e por um momento me perguntei se havia alguém lá. Um barulho na cozinha me fez pensar em duas coisas; Primeira: *Ufa! Tem gente na casa.* Segunda: *Droga! Tem alguém na casa.*

Tirei meus sapatos molhados e fui pé-ante-pé até a cozinha. Quando abri a porta quis voltar e sair correndo de volta para minha casa, sem me importar com a chuva.

O senhor carrancudo estava lá, todo poderoso na sua cadeira de rodas. Ele estava de costas para a porta, mesmo que não me olhasse eu me sentia intimidada. Sua postura o fazia parecer mau e com um ar de que nada podia derrotá-lo, foi então que a triste realidade da cadeira na qual ele estava sentado me atingiu. Tentei imaginar um homem grande e bonito como ele, mas sem a cadeira. O imaginei, por um momento, em festas chiques com os amigos. O imaginei sorrindo e até mesmo gargalhando, mas quem quase gargalhou foi eu. Imaginá-lo sem aquela carranca era quase cômico. Se bem que eu não me importaria de vê-lo sorrir, eu até queria isso. Apenas por curiosidade, nada mais. Nada mesmo.

Ele estava mexendo nas gavetas do armário da cozinha, mas não parecia estar familiarizado com nada no lugar. A cozinha era bem espaçosa, com um armário cinza escuro cobrindo boa parte da parede, os eletrodomésticos eram de aço inoxidável e pareciam brilhar em contraste com as paredes brancas. Um balcão de pedra escura dividia a parte onde cozinávamos e o lado onde uma mesa retangular de vidro ficava, uma ilha no centro era usada para o fogão, daqueles fogões chiques. Era o tipo de cozinha equipada com tudo que um verdadeiro chef precisaria. Eu adorava ficar nela, mesmo que apenas limpando. Por isso tudo estava brilhando.

Caminhei até ele sem fazer barulho. Parei perto do balcão e me permiti observá-lo por um momento. Ele tinha o cabelo preso em um coque no alto da cabeça, fios dourados como seus olhos escapavam dele. Pude ver os músculos dos seus braços se contraírem sob a camisa azul enquanto mexia nas gavetas. Eu devia ter saído dali e procurado alguma coisa produtiva para fazer, mas olhar para ele parecia ser o melhor a fazer para mim naquele momento. Esperei por mais um tempo até ouvir uma panela cair e ele soltar um palavrão baixinho. Eu quis rir, mas o que fiz foi ainda pior.

Dei a volta no balcão parando ao seu lado e me abaixei para pegar a panela, no momento em que ele fazia o mesmo. Nossos dedos se tocaram e por alguma razão desconhecida nenhum de nós os afastou. Fazia muito tempo que eu não ficava tão próxima de um homem. E fazia mais tempo ainda que eu não sentia o formigamento e o chacoalhar em meu estômago. Culpei o medo por aquelas reações no meu corpo. Ergui os olhos e perdi o fôlego, como se tivesse levado um soco no estômago. Ele me olhava, com olhos

dourados e quentes. Seus olhos eram uma mistura de verde com tons amarelados. Em alguns momentos, como aquele, a única cor que conseguia ver era o dourado. Parecia brilhar de uma forma tentadoramente obscena. Parecia ouro líquido. Quente.

—O que faz aqui? — Ele murmurou.

Esperei meu coração voltar a bater normalmente e o respondi:

—Vim trabalhar.

Ele voltou a recostar as costas na cadeira. A panela pareceu fria e pesada demais depois que ele a soltou. Me levantei e a coloquei no balcão. Ele me olhou dos pés à cabeça, por um segundo o frio da roupa molhada em minha pele pareceu não existir.

—Você não devia estar aqui hoje. — Disse ele.

Meu estômago gelou na hora. Pensamentos de que eu havia sido demitida e não sabia rondaram minha cabeça. Ele devia ter percebido o meu choque, pois aproximou a cadeira de mim.

—Está uma tempestade lá fora. Nana avisou que não poderia vir.

Suspirei aliviada.

—Começou a chover quando eu estava a caminho daqui. De qualquer forma não tem problema nisso, é apenas chuva. — Eu disse sorrindo.

Ele não sorriu. Na verdade, não expressou nenhuma reação. Seus olhos percorreram meu corpo mais uma vez e por fim se fixaram em meus olhos. Tentei não pensar em nada que não fosse Emma e sua proteção. Pensei no quanto eu precisava daquele emprego. Pensei na saudade que sentia dela em todos os momentos. Me perguntei se ela estava bem e se Adam estava cuidando direitinho dela. Era o que me fazia acordar disposta a ir para o trabalho todos os dias.

—Já que está aqui prepare o café da manhã.

Assenti e me virei para ir até a geladeira, porém não consegui dar mais de

dois passos. Ele segurou meu pulso. Olhei para ele, surpresa pelo toque.

—Antes de fazer isso, tire a roupa. — Ele disse.

Ofeguei.

Pude sentir meus olhos quase saltarem do meu rosto e minhas bochechas esquentarem. Eu sabia que havia sido o namorado de Julia que me indicara a ele, mas isso não queria dizer que eu era como as garotas que trabalhavam naquele lugar. Eu estava bem longe de ser isso. E o senhor carrancudo devia saber. Antes que cometesse o erro de pegar a panela e bater na cara dele, libertei meu pulso de sua mão grande e me afastei. Fuzilando-o com os olhos, sabia que não devia mandá-lo tomar café da manhã naquele lugar. Ele estreitou seus olhos na minha direção, confuso diante de minha reação, imaginei, e em seguida pareceu se dar conta do que falou.

—Não, não do jeito que você está pensando. Pelo amor de Deus, mulher! — Ele passou a mão pela barba grande — Quero que troque de roupa para não ficar doente, apenas isso. — Disse ele, parecendo constrangido.

Respirei fundo para me acalmar e assenti, desviando os olhos para o chão onde eu molhava cada canto por onde passava.

Ele me olhou por um momento que me pareceu extremamente longo antes de virar sua cadeira e ir em direção a porta da cozinha. Antes que atravessasse a porta podia jurar que o ouvi dizer:

—Não sou quem você está imaginando.

Naquele momento, enquanto o via se afastar cada vez mais, eu soube que ele estava certo.



Tive tempo o suficiente para preparar o café da manhã e limpar a cozinha antes que ele voltasse. Fiz tudo como Nana me dissera: ovos, bacon, torradas e café forte. Se bem que, fiz apenas uma coisinha diferente do que ele estava habituado a comer todas as manhãs. Inspirada pela cozinha gigantesca e cheia

de utensílios incríveis, muitos que eu nem ao menos sabia como usar, e pensando no quanto Emma teria amado viver naquela casa, preparei panquecas. As panquecas que minha mãe fazia para mim quando eu era criança e que eu fazia para Emma quase todos os dias — apenas quando tinha dinheiro para comprar os ingredientes. Era sua comida preferida, ela não dizia que eram simples panquecas. Ela dizia que eram “*As panquecas da mamãe*”. Aquilo me fazia sentir como uma *chef*.

Preparei o suficiente de comida para o tamanho gigante do senhor Garcia. Arrumei a mesa e coloquei a sua disposição tudo o que fosse precisar. Por um segundo pensei no quanto devia ser difícil viver numa cadeira de rodas, esperando que alguém fosse ajudá-lo a fazer algo simples até que se adaptasse a fazer sozinho. Também pensei no quanto várias pessoas, que também precisavam de cadeira de rodas, viviam suas vidas e eram independentes apesar das dificuldades do dia-a-dia. Olhar nos olhos do senhor Garcia me fazia ver um homem perdido e solitário, que sofreu muito. Às vezes, me pegava pensando o que lhe causara tamanha dor. E se um dia eu ainda o veria sorrir.

No fundo, acho que só esperava que um dia ele acordasse e percebesse que sua vida ainda não acabara, independentemente do que lhe acontecera no passado.

Eu estava dando uma geral no quarto de hóspedes no andar de cima, não que precisasse ser limpo, mas era uma desculpa para me manter longe dos olhos de águia do senhor Garcia. Foi quando ouvi o barulho do elevador, eu sabia que ele estava descendo para tomar seu café da manhã. Por isso tentei ficar o máximo que podia no andar de cima, mas eu já havia limpado tudo no dia anterior, então não fiquei o tempo que esperava. Desci a escada em silêncio para não o incomodar e fui para a área de serviço. Depois de colocar as roupas na máquina, reuni forças e fui até a cozinha.

Ele estava se afastando da mesa quando eu atravessei a porta. Seus olhos se fixaram nos meus por um momento, até eu desviar o olhar. Ouvir seu pigarrear me fez erguer os olhos e me preparar para ouvir algo que, eu sabia, não iria gostar.

—Você acha que eu tenho cinco anos? — Perguntou.

Fiquei confusa. Talvez ele tomasse remédios que o deixassem com alucinações, pensei. Ou talvez usasse drogas. As possibilidades eram muitas para tentar justificar sua pergunta estranha. Com cautela, neguei com a cabeça.

—Então por que me preparou panquecas?

Encolhi os ombros.

—Todo mundo gosta de panquecas, achei que iria gostar. — Murmurei.

Ele rolou sua cadeira até parar na minha frente. Seu corpo era grande e parecia ser musculoso debaixo da camisa cinza que colocou depois do banho, mas não foi por isso que dei um passo para trás. O jeito que me olhava debaixo dos cílios longos me fez querer me afastar. Me sentia estúpida por ele me afetar tanto. Não sabia o porquê.

—Antes de mudar algo em minha casa ou no que eu como deve me avisar. Não gosto de surpresas. E suas panquecas são horríveis.

Ele saiu da cozinha me deixando com vontade de pegar a jarra de suco sobre o balcão e quebrar em sua cabeça. Respirei fundo e me lembrei que eu devia manter o emprego, por isso não devia assassinar meu chefe.

Ao me virar para retirar os pratos sujos da mesa, revirei os olhos e, confesso, quase sorri. Sobre a mesa estava o prato onde havia colocado as panquecas. Naquele momento ele jazia vazio.

CAPÍTULO QUATRO

—Então, como está indo o trabalho até agora? — Julia perguntou, antes de comer mais um pouco do seu sorvete de flocos.

Suspirei.

Mantive o olhar em Emma, que brincava no escorregador do parque. Estávamos no parque perto da escola que Emma frequentava, tomando sorvete e fingindo que minha vida não estava uma porcaria. Fazia um mês que eu estava trabalhando para o senhor Garcia e a cada momento de cada dia me perguntava o porquê de ainda estar trabalhando lá. A resposta era sempre a mesma, no entanto. Era pela garotinha que deslizava pelo escorregador naquele momento, com um sorriso enorme no rosto. Os dias pareciam longos quando eu estava na casa do senhor Garcia, o maior problema era que não havia muito para fazer lá. Além do necessário, como limpar e lavar roupas e, às vezes, cozinhar, não havia um momento em que o tédio não chegasse. E também a saudade da minha filha.

Passei a vê-lo menos vezes do que nos primeiros dias, agradeci a Deus por isso. Nós raros momentos em que ele dava o ar da graça e me olhava com aqueles olhos dourados era para dizer que eu estava fazendo algo errado. Um dia, apenas de raiva, quis perguntar a ele se eu estava respirando do jeito certo. Ele conseguia me tirar do sério com uma facilidade impressionante. Eram os momentos em que eu tinha o pensamento direcionado a modos de assassinar meu chefe que a saudade de Emma não me machucava tanto. Porém, esses momentos eram fugazes.

Todas as noites eu ligava para Adam, mas apenas para falar com Emma. Ela estava feliz com ele, uma parte de mim ficou um pouco triste por saber que a vida que ela estava vivendo com o pai eu não havia conseguido dar a ela antes. Uma parte maior de mim ficou extremamente feliz por saber que ela estava bem, mesmo que doesse ficar longe dela.

—Ele é terrível, Julia.

Ela me encarou com a colher de plástico azul ainda dentro da boca.

—Você está falando da mesma pessoa que estou falando, certo? Porque sinto que não está, não.

Revirei os olhos e comi um pouco do meu sorvete.

Se ela soubesse...

—Claro que estou, Ju. Ele é terrível e me olha como se eu fosse uma idiota.

Ela riu.

—Ah, isso deve ser só no começo. Ele é muito gente boa, o Velho é amigo dele há muito tempo e disse isso. O meu Velho não se engana com as pessoas.

—Acho que não estamos falando da mesma pessoa, então. — Murmurei.

Emma voltou até nós saltitando sobre seus sapatinhos cor-de-rosa, que estavam sujos de areia. Comemos sorvete e brincamos juntas. Julia me fez girá-la no carrossel junto com Emma. Estávamos felizes e rindo muito quando a noite chegou e trouxe consigo o momento da despedida de Emma. Eu havia tirado aquele dia de folga para ficar com minha filha e aproveitar, mas o tempo passou rápido demais. Julia dirigiu até a casa de Adam e deu um assobio quando viu a fachada impecável. Olhei para Emma na cadeirinha no banco de trás do carro e suspirei. Ela estava quase dormindo. Odiava ter de passar apenas algumas horas com ela. Odiava não poder dar a vida que ela merecia.

—Ei, não fica assim. Logo vocês vão estar juntas de novo. — Julia disse, segurando minha mão.

Eu queria ser forte o bastante para aguentar passar por aquilo, mas sabia que não era. Nenhuma mãe quer ficar longe do filho, não importa a razão. Sempre queremos estar perto deles. Cuidar e amar, mesmo quando eles aprontam. Os filhos são o ar que as mães respiram, sem eles é como se arrancassem nossos pulmões. Eu me sentia assim quando me despedia de Emma. Ela era meu ar. Emma era a minha razão de viver. Por ela eu viveria aquela vida, pois tinha fé de que no fim ficaríamos juntas. Era nisso que me agarrava quando a saudade batia forte.

—É o que eu mais quero, Ju.

Sai do carro e tirei Emma da cadeirinha. Seu rosto se encaixou na curva do meu pescoço enquanto a carregava até a porta. A luz estava acesa, brilhava através da cortina da janela da sala. Toquei a campainha e esperei que Adam abrisse a porta. Cheirei o cabelo macio de Emma, querendo lembrar do seu cheirinho quando fosse dormir. Ela se remexeu nos meus braços.

—Mamãe? — Ela chamou, com a voz sonolenta.

Acaricieei seu cabelo e beijei sua testa.

—Hum?

A porta se abriu e Adam sorriu ao nos ver. Um sorriso nervoso. Enfiou as mãos nos bolsos da calça enquanto esperava que eu me despedisse de Emma. Me perguntei se ele sabia o quanto aquilo era difícil para mim.

—Não gosto de dizer adeus. — Emma sussurrou.

Eu também odiava, mas não estávamos nos separando para sempre.

—Isso não é um adeus, querida. Vamos apenas dizer até logo, está bem?

Ela sorriu e me abraçou. Talvez ela não se lembrasse desse momento no dia seguinte, mas eu sempre me lembraria. Adam a pegou dos meus braços e segurou a mochila, antes de fechar a porta ele me olhou e sorriu. Eu não consegui sorrir de volta.

—Boa noite, Lucy.

—Boa noite, Adam.

Julia dirigiu até minha casa, falando sem parar sobre seu Velho e as ideias que teve para o empreendimento dele. Eu não escutei muita coisa, ainda estava tentando não a obrigar a dar a volta e buscar Emma. Ela estacionou em frente a minha deprimente casa.

—Vai trabalhar amanhã? — Perguntou.

Suspirei e assenti.

—Sua vida é uma droga. — Disse ela.

—Você tem razão.

—Sabe, amiga, eu queria que sua vida não fosse uma droga.

Sorri.

—Você faz ela ser menos droga. — Eu disse.

Sorrimos.

Soltei o cinto de segurança e abri a porta.

—Boa sorte com seu chefe superlegal.

Bati a porta do carro e me abaixei para que ela me visse revirar os olhos.

—Acho que um ogro é mais legal que ele.

Ainda podia ouvir sua risada enquanto ia embora.

E eu voltava para casa, mais uma vez sozinha.



Nana havia me pedido para limpar as janelas da sala. Eu estava animada aquele dia, ficara sabendo que seria dispensada mais cedo e isso me daria a chance de ficar um pouco com Emma. Por isso, só me dei conta do trabalhão que teria quando fiquei frente a frente com a janela, que na verdade era a parede de vidro que tinha vista para o jardim dos fundos. Era a que eu mais temia, ia do chão ao teto e tinha cortinas grossas e, aparentemente, pesadas. Fui até a área de serviço para pegar a escada. Quando voltei a sala, me preparei, com o limpador de vidros e um tipo de rodo que usávamos para este mesmo fim.

Para uma primeira vez até que me sai bem com as janelas, fiquei orgulhosa

de mim mesma. Até o momento em que o senhor Garcia chegou e disse que conseguia ver manchas no vidro. Tive que limpar novamente. O dia passou devagar, pareceu não ter fim. Fiz tudo o que fazia todos os dias, mas justo naquele dia que havia começado muito bom Nana precisou sair para resolver um problema de família. Suspirei derrotada, minha visita a Emma não iria acontecer. Não vi o senhor carrancudo até o almoço, Nana deixou tudo sob minha responsabilidade. Se fiquei nervosa? Claro. Fiz o que Nana me pediu, também fiz de tudo para não o encontrar.

Ele apareceu na cozinha, no entanto, no momento em que eu desligava a última panela. Tentei não ficar nervosa. Falhei? Sim. Apenas sua presença me fazia sentir coisas conflituosas, que iam do ódio ao... não sabia, ainda.

—Coloque mais um prato na mesa. — Disse ele simplesmente.

Não tive tempo de perguntar nada, uma voz alta atravessou a porta da cozinha gritando pelo senhor carrancudo. A porta se abriu e um homem alto de terno azul escuro entrou, ele tinha um sorriso enorme no rosto bem barbeado. O senhor carrancudo virou a cadeira para vê-lo, não parecia tão feliz quanto o homem estava. Ele tinha o sorriso tão largo, cheio de dentes brancos e perfeitos, que era quase difícil demais não sorrir junto. Eles trocaram um aperto de mão, bem estrondoso, e um “abraço de homem”.

—Quanto tempo que não me convida para sua casa. — Disse o homem.

—Na verdade, eu não te convidei. — O senhor carrancudo respondeu.

Eu não esperava por nada menos que uma resposta grosseira. O homem não se abalou com aquilo, sorriu ainda mais. Seus olhos me encontraram e ele caminhou até mim, sorrindo.

—Olá, senhorita...

—Lúcia Vega. — Eu disse, sorrindo também.

Ele estendeu a mão e eu o cumprimentei. Fiquei surpresa quando ele levou minha mão até seu rosto e pressionou seus lábios rosados nela. Esperava que ele não sentisse o cheiro de alho na minha mão.

—Senhorita Vega, é um grande prazer conhecê-la. — Disse ele, como se saboreasse cada palavra.

Senti minhas bochechas esquentarem. Até ouvir o pigarreio do senhor carrancudo. O homem soltou minha mão, mas continuou me olhando e sorrindo.

—Lúcia, este é meu irmão Ian.

Olhei para o senhor carrancudo e em seguida para Ian. Não consegui acreditar que eles tivessem saído do mesmo útero. Nunca vi duas pessoas tão diferentes, além de serem diferentes fisicamente estava na cara que a diferença não parava por ali. Ian sorria sempre e parecia que estava prestes a contar uma piada o tempo todo, era como se o sorriso nunca deixasse seu rosto. Já o senhor carrancudo... Bom, era carrancudo.

—Muito prazer, senhor. — Eu disse.

Eles se sentaram a mesa, Ian ficou me olhando como se eu fosse uma das refeições que servia. Tentei não pensar nisso. Também tentei não pensar no jeito que o senhor carrancudo o olhava de cara feia. Servi os pratos e estava me afastando da mesa, quando a mão de Ian segurou meu braço.

—Almoce conosco, Lúcia. — Disse ele todo sedutor.

Fiquei nervosa, uma sensação estranha surgiu no meu estômago enquanto eu o olhava com aquele sorriso que ele insistia em manter no rosto.

—Você tem muito o que fazer, não é mesmo, Lúcia? — Disse o senhor carrancudo.

Afastei-me de Ian e olhei para meu chefe. Ele tinha os olhos cravados em mim, me perfurando como flechas envenenadas. Assenti e me afastei.

—Claro, senhor carr... Garcia.

Sai da cozinha, sem entender o porquê do alívio que se instalou em mim por não ser mais alvo do olhar e do sorriso de Ian Garcia. Por alguma razão, que desconhecia, algo sussurrava em minha mente dizendo para me manter longe

dele. Só não sabia se deveria ignorar ou não.

CAPÍTULO CINCO

Com o salário que recebia, pude consertar o telhado de casa e pagar as contas atrasadas. A cada momento do dia em que eu podia respirar aliviada por ter algumas das preocupações sendo resolvidas era uma centelha de esperança de que Emma voltaria mais cedo para mim. A saudade que sentia da minha filha era imensa, era algo que não cabia em palavras. Por isso, eu tentava encontrar um jeito de pedir ao senhor carrancudo para sair mais cedo do trabalho nos dias em que Adam trabalhava até tarde, desse modo eu poderia ficar com Emma até ele chegar. Os dias passavam e eu ainda não havia encontrado um jeito de pedir ao senhor carrancudo este pequeno favor. Se bem que eu sabia que merecia pelo menos sair mais cedo, eu trabalhava duro e aguentava suas carrancas sem fim e aquele seu jeito mandão. Então, decidi fazer o pedido naquela manhã.

Os noticiários diziam que o verão estava no fim, mas o sol parecia não querer ir mais embora. Ele brilhava com força no céu azul claro e sem nuvens. As rajadas ocasionais de vento não eram o bastante para amenizar o calor intenso.

Caminhei o resto do percurso até a casa do senhor Garcia, debaixo de um sol de rachar, já sentindo as gotículas de suor se formando em minha testa. Enquanto caminhava me peguei pensando no motivo dele não sair de casa, desde o dia em que comecei a trabalhar para ele não o vi sair de sua casa uma única vez. Não o vi mais do que o necessário, no entanto. Uma parte de mim ficava triste por ele, uma outra parte ficava grata por ele poupar pobres mortais de sua carranca. O enorme portão rangeu quando o abri, eu sempre me assustava com aquele ruído. Era como se anunciasse algo ruim. Eu odiava aquilo. Atravessei a trilha de cascalho e me surpreendi com um carro em frente à entrada. Era grande, preto e muito brilhante, parecia estar em um comercial. Pude sentir o cheiro de gente rica de longe. Abri a porta e não fiz barulho ao atravessar o hall de entrada até a cozinha. Por sorte, Nana estava lá.

—Bom dia, Nana. — Eu disse, ao me aproximar.

Ela parou de bater com a colher de pau sobre o balcão e lançou seus olhos em

mim, um sorriso preencheu seu rosto por um momento. Mas o seu olhar aflito não me passou despercebido.

—Bom dia, Lucy.

Deixei a bolsa sobre a mesa e fui até ela.

—Aconteceu alguma coisa? Você não parece muito bem.

Ela suspirou ruidosamente, seus ombros afundando como se pesassem uma tonelada. Me senti mal por ela, principalmente por não saber o que fazer para que não ficasse daquele jeito.

—Oh, minha filha. Aconteceu o que eu mais temia. Agora tudo está acabado. Os momentos de paz estão acabados. — Disse ela, com extrema desolação na voz.

Fiquei assustada, mas não tive chance de lhe perguntar o que estava acontecendo.

Sons de passos e vozes exaltadas atravessaram a porta aberta da cozinha, me fazendo saltar de susto. Nana continuava com a colher de pau na mão, como se fosse uma arma pronta para ser usada a qualquer momento. Eu estava no mesmo lugar, mais perdida que nunca quando ouvi uma voz de mulher:

—Você não pode me culpar, Vincent. Você destruiu sua vida e não eu. Fiquei ao seu lado enquanto pude e isso é tudo. Agora é hora de seguir com minha vida.

Nana balançou a cabeça e franziu os lábios. Eu estava louca para perguntar a ela o que estava acontecendo, mas tinha que esperar para quando estivéssemos sozinhas. E torcer para que ela matasse minha curiosidade.

Ouvi o barulho de salto alto no piso de mármore, internamente pedi aos céus que os saltos não deixassem marcas no piso. Afinal, era eu quem iria limpá-lo.

—Claro que quer seguir com sua vida, já tirou tudo o que podia de mim. Vá embora! Vá gastar o *meu* dinheiro! — O senhor Garcia gritou.

A voz de Vincent Garcia era indescritível. Havia a rouquidão típica de sempre, mas quando ele erguia a voz daquela forma a rouquidão se acentuava. E embora tivesse gritado sua voz ainda soava baixa, as palavras pareciam sempre contidas. Mesmo quando se exaltava daquela forma.

A mulher riu, de um jeito bem sarcástico.

—Estou cansada de você, Vincent. Não vou parar de viver minha vida só porque você decidiu parar de viver a sua. E sim, vou embora. Estou cansada de você.

Um aperto surgiu no meu coração. Parecia que suas palavras não haviam atingido apenas o senhor Garcia, parecia que havia me atingido também. Ao olhar para Nana pude ver que aquelas palavras também a machucaram, seu olhar estava voltado para o balcão, o cenho franzido. Vi o momento em que uma lágrima caiu de encontro ao mármore do balcão. Ela deixou a colher na bancada e saiu, quase correu, porta á fora. Eu não soube o que fazer. Não soube o que devia fazer, embora soubesse que havia algo a ser feito.

Ainda podia ouvir a discussão deles na sala depois que voltei do lavabo, troquei minhas roupas pelo uniforme e peguei o que devia para começar a limpar. Nana havia dito que naquele dia o jardineiro iria cuidar do jardim da frente e aparar as árvores dos fundos da casa. Eu havia sugerido a ela que fizesse isso. Se Vincent Garcia não queria sair de casa, que tivesse algo bonito para olhar através das janelas. Tomei fôlego e abri a porta da cozinha. Caminhei até o hall de entrada, não que tivesse algo para ser feito lá, mas eu não queria deixá-lo sozinho com aquela mulher. Ao pisar no hall, vi o exato momento em que a mulher jogou um vaso de cristal em direção ao senhor Garcia. Soltei o balde que segurava e levei as mãos a boca, para não gritar.

A mulher se virou para mim, sob os sapatos mais altos que já vi. Usava um vestido de alcinha azul, que faziam seus olhos azuis brilharem. Cabelos na altura dos ombros e pretos emolduravam um rosto perfeito. Ela parecia uma boneca de tão linda, mas não pareceu tão bonita depois do que fez com o senhor Garcia. Eu nunca a tinha visto antes, mas podia dizer com todas as palavras que aquela mulherzinha merecia um bom tapa no meio da sua cara perfeita. Uma raiva subiu pelo meu corpo como brasas prontas para serem

jogadas sobre ela.

Ela me olhou dos pés à cabeça e franziu o nariz.

—Pelo visto já encontrou um brinquedinho para seus dias solitários. — Disse ela para o senhor Garcia, mas seus olhos permaneciam em mim.

Empinei o queixo e ajeitei os ombros. Não deixaria aquela vadia falar algo sobre mim. A olhei dos pés à cabeça e franzi o nariz, assim como ela fez. Notei seus seios gigantes e, intuitivamente, conclui que eram silicone. Sorrindo, olhei para ela.

—É, tem razão. Brinquedos falsos estragam rápido. É sempre bom manter um original por perto, dura muito mais. — Eu disse sem deixar de sorrir.

Ela lançou um olhar insultado para o senhor Garcia. Olhei para ele, que deu de ombros para ela. A mulher grunhiu e saiu pisando duro até a saída. Quando a minha raiva baixou o suficiente para que eu pensasse com clareza me dei conta de que havia insultado a visita do meu chefe. Um chefe que não parecia gostar muito de mim. Senti que estava ferrada. Me virei para olhar para ele, sorri como pedido de desculpas. Meu sorriso desapareceu quando vi que havia sangue nele. Corri até ele e me inclinei para ver seu rosto.

—Nossa, aquela vadia louca te machucou.

Pensei tarde demais nas palavras que deixei escapar. Eu segurava seu rosto em minhas mãos quando arrisquei olhá-lo mais atentamente. Ele não estava sorrindo, mas também não estava com sua carranca usual. Eu não saberia definir o que seu olhar queria dizer. Eu também não saberia definir o que estava sentindo. Olhei seu rosto mais uma vez, pequenos pedaços de vidro estavam grudados em seu cabelo e na barba. Na bochecha havia um corte e na testa e no nariz arranhões, assim como no braço esquerdo, tinha pequenos arranhões causados pelo impacto dos estilhaços do jarro de cristal que, por sorte, bateu na quina da parede e não diretamente nele. Ainda bem que a mulher não era boa de mira.

Não era nada que fosse grave demais ou que precisasse de um médico, mas meu coração se sentiu pequeno ao vê-lo ferido. Acho que naquele momento

meu lado materno falou mais alto, pois enquanto eu ainda segurava seu rosto entre minhas mãos e ele me olhava com seus intensos e dourados olhos me ouvi dizer:

—Vou cuidar de você.



Com cuidado eu retirava os pequenos caquinhos que havia nele. Quando olhei a primeira vez não parecia ser muitos pedaços, mas ao olhar mais de perto pude ver que estava enganada. Minha mão tremia quando se aproximava de seu rosto, eu tentava respirar devagar e não olhar para seus olhos. Me sentia nervosa, embora não quisesse. Ele se manteve em silêncio enquanto eu cuidava dele. Nana havia aparecido e se assustou com o que viu, saiu da sala xingando baixinho depois de dizer que iria limpar a entrada. Eu quis que ela cuidasse do senhor Garcia e me deixasse limpar o vidro quebrado, mas minhas mãos pareciam ter vida própria

Ele segurava um lenço, onde eu colocava os caquinhos que tirava com uma pinça. Podia sentir sua respiração toda vez que eu tentava não deixar nenhum caquinho para trás. Ao terminar com os pedaços de vidro, peguei o frasco com o líquido antisséptico e o algodão para limpar os cortes. Por um descuido olhei em seus olhos ao tocar sua bochecha com o algodão.

—Você costuma cuidar de coisas quebradas? — Perguntou.

Desviei os olhos e foquei no que estava fazendo. Pensei por um momento antes de respondê-lo.

—Se está se referindo a si mesmo, saiba que você não está quebrado. Talvez apenas esteja meio torto. — Sorri.

Seus lábios não se moveram, mas vi seus olhos brilharem com algo que pensei ser diversão. Eu queria muito que fosse. Eu não queria que ele fosse um cara solitário, pelo menos não mais.

Cuidei dos seus cortes e aranhões. Cuidei dele como cuidava de Emma, ela costumava ser muito desastrada e caía com frequência. Me perguntei se ela

seria bem tratada caso se machucasse na casa de Adam. Pensar nela fazia meu coração doer. Sentia falta da minha garotinha. Sentia falta de cuidar dela, de lhe dar um beijo de boa noite e fazer cócegas em seus pezinhos. Sentia falta de um pedaço de mim. Emma era uma parte de mim. Minha parte mais bonita e importante. Minha melhor parte.

Ao terminar com o senhor Garcia ele passou por mim e seguiu para o elevador. Não fiquei surpresa com aquilo. Estava começando a me acostumar com seu jeito. Por isso sorri enquanto guardava as coisas na caixa de primeiros socorros. Eu faria meu trabalho e no fim teria Emma comigo. Eu só precisava ser paciente.

CAPÍTULO SEIS

Julia ouviu cada palavra que eu disse com uma meticulosa atenção. Aquilo me surpreendeu, já que ela não tinha o costume de ficar muito tempo calada. Conteí a ela sobre o irmão do meu chefe, sobre o acidente com a mulher que eu imaginei ser sua ex namorada e de quando cuidei de seus ferimentos. Claro que não mencionei os pequenos tremores que surgiram quando toquei sua pele ou o jeito como ele me olhava. Me dava uma sensação estranha estar perto dele, nada que alguma vez eu já tenha sentido antes. Ao pensar em todas as vezes em que nossos olhos já se encontraram me dei conta de que se ele mantivesse a boca fechada até que podia ser uma boa companhia.

Quase ri de mim mesma. Eu não tinha que gostar ou não do senhor Garcia, apenas tinha de trabalhar para ele. Tinha que fazer meu trabalho da melhor forma que podia para ter minha filha de volta. Eu não podia deixar Emma nas mãos de Adam por muito tempo, tinha a sensação de que não estava fazendo a coisa certa. Só não conseguia entender o porquê. Ele nunca foi um pai de verdade para ela, mas era o pai da minha filha de qualquer forma. Só torcia para que, assim como eu, ele sentisse que seria capaz de tudo por Emma.

—Não lembro do Velho já ter mencionado algum Ian Garcia. — Murmurou ela, concentrada na pista a sua frente.

Dei de ombros.

—É o irmão do Vincent, não entendo porque o Velho não o conhece. Você disse que ele e Vincent são amigos há muito tempo.

Ela me olhou com as sobrancelhas erguidas e um sorrisinho, que eu conhecia muito bem, nos lábios pintados de rosa.

—Vincent, é? Já o chama pelo primeiro nome?

Revirei os olhos. Por sorte chegamos na casa do Vincent. Droga! Senhor Garcia.

—Ele não está aqui, Ju, não preciso chamá-lo de senhor.

Ela deu de ombros como se não se importasse, mas eu sabia que na primeira

oportunidade ela voltaria naquele assunto. Abri a porta do carro e desci. O dia amanhecera quente, mas uma brisa soprava as folhas das árvores e arbustos. Até que para o calor que fizera a poucos dias atrás, seguido da tempestade, aquele dia parecia que seria tranquilo. Sem tempestades nem o calor escaldante. O céu era um manto azul claro com poucas nuvens dispersas. A rua do condomínio estava silenciosa, me permitindo ouvir o som de alguns pássaros.

—Te vejo amanhã. — Eu disse, me inclinando sobre a janela do lado do passageiro.

Julia retocava o batom.

—Quer que eu venha te buscar para irmos ver Emma?

A ideia me pareceu fantástica, mas não seria possível naquele dia. Adam me mandara uma mensagem dizendo que iria levá-la ao cinema naquela noite junto com sua filha e a esposa. Fazia muito tempo que Emma não ia ao cinema, nunca podíamos nos dar ao luxo de ir. Por isso fiquei feliz com aquela mensagem. Emma merecia tudo de melhor que houvesse no mundo e eu não poderia lhe dar. Não naquele momento.

—Hoje não vai dar, Ju. Adam vai levá-la ao cinema.

Julia me olhou com as sobrancelhas franzidas, coisa que ela odiava fazer, pois dizia que causaria rugas precoces, mas seus olhos pareciam tristes. Conhecia Julia a minha vida inteira, sentia como se com o tempo tivéssemos nos tornado apenas uma. Eu sempre sabia o que ela estava sentindo e ela sempre sabia o que eu estava sentindo. Quando uma sorria a outra fazia o mesmo. Quando uma estava triste a outra se entristecia também. Aquele olhar em seu rosto foi apenas o reflexo do que eu sentia estar no meu. Ela sabia por tudo o que eu já havia passado. Se manteve do meu lado e segurou minha mão todas as vezes em que eu precisei. Julia me entendia, como ninguém mais era capaz. Às vezes, nem ao menos eu.

—Sinto muito. — Sussurrou.

Sorri e dei de ombros.

—Estou bem, Ju. De verdade. — Menti.

Ela sabia, mas não insistiu. Os amigos de verdade sabem quando você precisa de espaço, mesmo que queiram estar ao seu lado o tempo todo.

Caminhei a passos lentos até a casa, me permitindo um momento para mim. Ouvindo os poucos pássaros ao longe, sentindo a brisa refrescante no rosto. Por um segundo eu quis chorar. Todas as vezes em que entrava naquele condomínio luxuoso e olhava para as casas que pareciam ter saído daqueles filmes de Hollywood queria ter Emma comigo. Sempre imaginava minha garotinha ali, correndo e brincando, talvez até mesmo com um cachorro. Emma sempre quis ter um cachorro. Ela seria feliz ali, não apenas por ter uma casa bonita, mas ela seria feliz porque estaríamos juntas. Ela estaria segura. Não precisaria entrar em casa antes de escurecer por medo de algum assaltante. Eu queria dar a ela a vida que eu via aquelas famílias darem a seus filhos. Embora eu tivesse todo o amor do mundo para dar a Emma, ainda queria poder ser capaz de lhe dar mais.

Suspirei.

Empurrei o portão e caminhei pela trilha até a porta de entrada. Alguns dias antes Nana havia me dito que o senhor Garcia costumava ficar no seu quarto olhando pela janela a maior parte do dia, isso, me confidenciou ela, a deixava triste. Ele era um homem forte e bonito, merecia mais da vida do que ficar preso em casa definhando em sua própria dor. Eu concordava com ela. Vincent Garcia era alguém que precisava de amor.

Depois de colocar meu uniforme e guardar minha bolsa, fui até a cozinha. Nana estava recostada no balcão folheando uma revista.

—Bom dia, Nana. — Cumprimentei.

Ela ergueu os olhos da revista e abriu um sorriso grande.

—Bom dia, Lucy.

Trocamos um rápido abraço —ela gostava muito de abraçar as pessoas — e então começou a me passar as tarefas do dia. Não havia muito para ser feito, mas ainda assim me manteria ocupada. Naquele dia eu não me importava

com a hora que sairia da casa do senhor Garcia. Todos os outros dias eu tinha um motivo para sair de lá correndo, mas naquele Emma não estaria esperando por mim e sim uma casa caindo aos pedaços numa rua nada confiável.

Coloquei as roupas na máquina de lavar e peguei o aspirador de pó para passar no tapete gigante da sala. Nana sempre cuidava da comida então naquele dia eu teria apenas que me preocupar com a limpeza. A sala não precisou de esforço, limpava o lugar todos os dias não era possível que do dia para a noite ele estivesse sujo, então carreguei o aspirador até o escritório. Nana me dera a missão de limpar o escritório do senhor Garcia. Nunca havia entrado lá antes. Abri a porta e carreguei o aspirador para dentro. Estava tudo escuro, como não encontrei o interruptor da luz tateei até encontrar a cortina da janela e com um puxão a abri.

A primeira coisa que notei, depois de adaptar meus olhos a luz do sol, foi a vista. Através da janela podia ser visto um imenso gramado que parecia sem fim, uma árvore gigantesca abrigava um balanço em um dos galhos grossos. A segunda coisa que notei foi a poeira que parecia dançar no ar quando abri a cortina. O lugar parecia não ter sido limpo há uma década. Me virei e analisei o ambiente, era grande o bastante para me fazer sentir minúscula. Havia prateleiras nas paredes que iam do chão ao teto e estavam repletas de livros. A decoração era muito marrom, tons muito escuros. Uma mesa grande ficava no centro de frente para a porta, havia um computador e alguns papéis sobre ela, atrás estava uma cadeira grande de couro preta, parecia muito confortável. Um pequeno conjunto de sofá e duas poltronas ficavam numa extremidade perto de um abajur grande de aço inox.

Eu poderia morar ali dentro ou me esconder e ninguém jamais saberia. Senti vontade de caminhar ao lado das prateleiras e olhar todos os livros. Será que ele já leu todos eles? me perguntei. Bem, até que poderia já que Nana me disse que ele não saiu de casa desde o acidente. Caminhei até a porta e peguei o aspirador. Não podia ficar imaginando o senhor Garcia lendo livros, mas não pude evitar. Seria como ver a Fera, de A Bela e a Fera, lendo. Ri alto e então liguei o aspirador na tomada. Assim como a sala, havia um tapete enorme no centro do escritório. Nunca conseguiria entender a fixação das pessoas ricas por tapetes grandes e difíceis de limpar.

Coloquei os fones de ouvido e comecei a limpeza. Ainda faltava muito para terminar e o fone não estava impedindo que o som do aspirador não me incomodasse. Desisti e guardei os fones de volta no bolso do avental. Me virei para trocar a tomada do aspirador, mas parei no momento em que meus olhos encontraram algo na porta. Não era apenas algo, era o senhor Garcia. Ele estava todo poderoso, mesmo na sua cadeira de rodas. A porta fechada atrás dele. Me perguntei a quanto tempo ele estava parado ali. Sem dizer nada ele empurrou sua cadeira até ficar perto da janela. Seu cabelo longo estava preso em um coque bagunçado e baixo, roçando sua nuca. Senti vontade de tocar seu cabelo, saber como eles eram quando estavam soltos. Desviei os olhos da nuca dele e então voltei a fazer o meu trabalho. Foi impossível ignorar sua presença, no entanto. Mesmo que estivesse de costas para ele, podia sentir sua presença e aquilo foi desconcertante.

Faltava apenas um lugar para ser limpo. O lugar onde ele estava. Ele estava me ignorando, então eu decidi que o ignoraria também. Liguei o aspirador e comecei a passá-lo perto da janela, chegando cada vez mais perto dele. O barulho do aspirador parecia ainda mais alto naquele cômodo da casa, devia ter ficado com os fones de ouvido.

—Eu não gosto de você. — Disse ele, ainda olhando para fora da janela.

Por um breve momento me senti mal, mas logo me recompus. Não sabia se a intenção dele era de que eu não ouvisse o que dissera, mas eu ouvi. Desliguei o aspirador e olhei para ele. Olhei-o esperando que ao menos olhasse para mim. Então, depois de um tempo que pareceu longo demais, ele me olhou. O sol fez seus olhos tomarem uma cor azulada, mas o dourado ainda estava lá. Brilhando. Como se fosse ouro derretido. Ignorei a sensação que o seu olhar me trazia e o encarei da melhor forma que o resto do meu orgulho permitia.

Dei de ombros e cruzei os braços.

—Eu não preciso que você goste de mim. Só preciso fazer o meu trabalho e você só precisa me pagar todo mês. Ficaremos bem se nos mantivermos assim. Afinal, *chefe*, eu também não gosto de você.

Se olhares pudessem matar, eu estaria morta naquele instante.

Ignorando o seu olhar mortal, liguei o aspirador e voltei a passá-lo. Acima do barulho do aspirador e do meu sangue zumbindo em meus ouvidos, ouvi o barulho da porta fechando. Foi então que me dei conta de que ele havia saído.

E da besteira que eu fizera.

Tinha acabado de assinar minha carta de demissão.



Quando sai da casa do senhor Garcia passei no mercado e comprei uma garrafa de vinho barata, o que dava para pagar. Caminhei até a minha casa, sentindo o peso em meus ombros ficar cada vez pior de ser carregado. Na manhã seguinte, bem cedo, iria comprar um jornal e começar a procurar emprego novamente. Eu sempre soube que era capaz de fazer algumas besteiras de vez em quando, mas nunca pensei que faria uma besteira tão grande quanto aquela.

Cheguei em casa e me joguei no sofá velho da sala. Estava tudo escuro e eu não me importei em ligar nenhuma luz, parecia certo sofrer no escuro. Abri a garrafa de vinho e tomei um gole, o líquido tinha um gosto horrível, mas ainda assim me forcei a tomá-lo. Eu quis chorar e até mesmo pensei em ir implorar ao senhor Garcia para que não me demitisse, mas meu orgulho falava mais alto. O meu orgulho me fizera sair de casa quando fiquei grávida de Emma e agora estava me impedindo de ter a chance de tê-la comigo de volta. Eu ria se não fosse trágico.

Quando estava para sair da casa dele, perguntei a Nana se ela tinha ouvido algo dele. Se Vincent quisesse me demitir, pensei, falaria com Nana, afinal fora ela quem me contratara. Ela me disse que não conversaram e que não o vira desde aquela manhã. Uma parte de mim ficou aliviada. Uma outra parte de mim estava esperando o momento em que ele me olharia com aqueles olhos dourados e então me mandaria embora. E tudo voltaria ao começo. Me sentia como no jogo de tabuleiro, no momento em que pegava a carta que me mandava voltar dez casas.

Peguei meu celular e liguei para Julia. Talvez ela me ajudasse. Se tudo desse errado, como eu suspeitava, podia aceitar sua sugestão e ir trabalhar na boate do Velho. Depois de três toques ela atendeu:

—Lucy? Está tudo bem?

Suspirei. Eu nunca ligava para Julia tão tarde, mesmo sabendo que ela estaria acordada. Ela trabalhava com o Velho, mais para ficar de olho nele na verdade, então passava as madrugadas muito acordada. Eu não queria preocupar minha amiga, mas apenas ela iria entender e, quem sabe, me ajudar.

—Fiz a maior besteira da minha vida. — Eu disse, depois de dar um gole no vinho ruim.

—Achei que a maior besteira da sua vida tinha sido conhecer o idiota do Adam.

—*Humpf*. Odeio aquele cretino, mas se eu não o tivesse conhecido não teria Emma.

Ela riu.

—Pelo menos para alguma coisa boa o idiota prestou.

Eu ri, mas quis chorar.

Tomei alguns goles do vinho para ter um pouco de coragem e então contei toda a história para Julia. Em alguns momentos soluzei, o que me fez perceber que estava chorando. O vinho fez abrir uma cachoeira em meus olhos. Julia me ouviu em silêncio mais uma vez naquele dia. Se eu precisasse fazer aquilo novamente iria começar a chamá-la de terapeuta. Por fim, quando as lágrimas secaram e o vinho estava quase no fim, fiquei em silêncio. A ouvi suspirar. Quando pensei que ela iria me consolar e dizer que eu não precisava daquele grande idiota, porém lindo, Vincent Garcia, ela gritou:

—Você fez o quê?!

Me sobressaltei sobre o sofá, a rolha da garrafa indo parar em algum lugar no meio do escuro. Afastei o celular da orelha, mas ainda podia ouvi-la.

—Não acredito que você disse isso para ele. Bem, na verdade eu acredito, sim! Você é a pessoa mais teimosa e orgulhosa que eu conheço. Ele é seu chefe, Lucy. Chefe. C-H-E-F-E. Você não pode dizer essas coisas, mesmo que ele merecesse ouvir. Eu te avisei, Lúcia Maria Vega, que você tinha que se controlar. Ele é uma boa pessoa, mas não um idiota que vai escutar uma coisa dessas e ficar quieto...

—Mas ele foi embora sem dizer nada! — A interrompi.

Julia suspirou. Quando minha amiga fazia aquilo muitas vezes queria dizer que estava se controlando para não soltar milhões de palavrões que fariam o cara mais durão corar.

—Lucy, você tem ideia do que fez? Você estragou a chance de conseguir sair desse buraco que chama de casa mais rápido só porque não consegue ficar calada. E se você não encontrar outro trabalho? O que vai acontecer com Emma... — Suspirou — Vai deixá-la com Adam?

As lágrimas voltaram. Julia estava certa.

—Não sei, Ju. — Sussurrei.

Ficamos em silêncio por um tempo, até ela enfim voltar a falar.

—Se ele não falou nada com você nem com a Nana hoje, talvez não vá te demitir. Pense nisso, Lucy, se ele fosse demiti-la teria feito na hora, não acha? Você está a pouco tempo no trabalho e pelo o que me falou a Nana precisa da sua ajuda na casa. Talvez ele também precise de você.

Revirei os olhos.

—Ele precisa é de uma boa surra, isso sim! Ele é a pessoa mais horrível que eu já conheci, Julia. Me faz limpar tudo, e eu disse tudo, *duas* vezes porque nunca nada é bom o bastante para ele. Vincent Garcia é o homem mais idiota que já conheci.

—Não se esqueça do Adam.

—Certo, Vincent Garcia é o *segundo* homem mais idiota que já conheci.

Ela suspirou.

—Mas ele é lindo.

Minha boca se abriu, quase me fazendo jogar o vinho no chão.

—O quê?

Ela riu.

—Achei algumas fotos dele na internet. Ah, pelo amor de Deus, você o viu pessoalmente e sabe bem do que estou falando.

Vincent era mesmo muito bonito, mas isso não era desculpa para tratar mal as pessoas.

—Ju, você ainda tem uma vaguinha aí para mim? — Perguntei, mudando de assunto.

—Lucy...

—É sério, Ju. Eu preciso de um emprego. — Gemi.

—Ele não te demitiu, Lúcia.

—*Ainda*. — Murmurei.

Depois de um longo silêncio, ela disse:

—Você sabe que sempre estarei aqui para o que precisar, mas acima de tudo sempre estarei aqui para não te deixar desistir. Sei que deve ser difícil lidar com ele, mas é o que você precisa fazer. Faça por você. Faça pela Emma.

E eu faria.

Naquela noite tentei me agarrar a esperança de que o senhor Garcia teria um coração, então se eu explicasse que precisava do emprego para ter minha

filha comigo ele não iria me demitir. Eu só precisava vencer meu maldito orgulho.

CAPÍTULO SETE

Durante toda a manhã não tive notícias do senhor Garcia nem o ouvi perambular pela casa com sua cadeira de rodas. Fiquei surpresa por não ouvir o ruído do elevador. Esperei que Nana me chamasse para dizer que ele havia me demitido, mas o momento não chegou. O que me deixou ainda mais apreensiva. Se ele queria me demitir, o que eu tinha quase certeza, podia fazer de uma vez. Odiava toda a ansiedade e nervoso que ele me fazia sentir. Com toda certeza, tinha razões para não gostar dele.

Minha cabeça latejava de dor, aprendi a não beber até cair depois da noite passada. Principalmente uma bebida de marca desconhecida e barata. Limpei a casa, mas passei direto pelo escritório. Sabia que teria de voltar lá, Nana tinha me pedido para passar o espanador nas prateleiras de livros e até me sugeriu pegar um para ler. Não disse a ela a vontade que tinha de mergulhar naqueles livros, como também não disse o quão insano foi sua sugestão. Não me atrevi a voltar lá. Não me atrevi a falar mais do que o necessário. Estava matutando em minha mente o que diria ao senhor Garcia quando o visse.

Pediria desculpa?

Bem, eu não queria, mas era a coisa que precisava ser feita. Estava difícil encontrar emprego e eu tive sorte de poder encontrar um, por esse motivo teria de fazer de tudo para mantê-lo. Deixar minha boca fechada era o principal. Julia sempre tinha me dito que eu falava demais, mas eu só me dei conta quando as palavras saíram da minha boca na tarde de ontem. Logo para o meu chefe!

Eu tinha que engolir meu orgulho e ir até ele, pedir desculpas e implorar (não para ele, eu não chegaria a tanto) para manter meu emprego. O salário era muito bom e Nana havia comentado de um plano de saúde pago pelo senhor Garcia, ele fazia isso para todos os seus funcionários, onde eu poderia incluir Emma. Estava guardando parte do meu salário para ao menos alugar uma casa melhor e, de preferência, em um bairro mais seguro. Eu não podia perder a chance que a vida havia me dado. Eu estava bem perto de conseguir ter Emma comigo novamente.

Pensando nisso, abri o jornal sobre o balcão e me sentei em um dos bancos

altos. Havia anúncios de casas e apartamentos para alugar. Fiz contas mentalmente, em relação a tudo o que seria necessário gastar, e então abri um enorme sorriso ao saber que era possível. Não teríamos uma casa luxuosa em um condomínio, como a do senhor Garcia, mas pelo menos não iríamos nos preocupar com goteiras todas as vezes que chovesse. Fiz um círculo em um anúncio de uma casa com dois quartos no centro da cidade. Eu teria que apertar as despesas e evitar muitas contas por um tempo, mas daria certo. Se eu mantivesse o emprego com Vincent Garcia, claro.

—Lucy, minha querida, como está? — Perguntou Nana, ao entrar na cozinha com algumas sacolas.

Saltei do banco e fui ajudá-la. Nana já estava numa idade avançada, por isso eu tentava ao máximo evitar que ela se esforçasse. Aprendi a gostar dela bem rápido. Diferente do senhor carrancudo, Nana era uma boa pessoa, sempre prestativa e atenciosa com todos. Até mesmo com o senhor Vincent Ogro Garcia.

—Estou bem, Nana. Você que não me parece tão bem, está um pouco abatida. — Eu disse.

Olhei atentamente para seu rosto marcado com algumas rugas nos cantos dos olhos e percebi o quanto ela parecia cansada e um pouco pálida. Deixei as sacolas no balcão e a fiz se sentar numa cadeira. Peguei um copo com água e dei a ela, que tomou tudo rapidamente.

—Obrigada, querida. Só estou cansada da caminhada até aqui, tive que passar no mercado e ele estava tão cheio quanto um formigueiro. Tinha promoção de arroz. — Disse sorrindo.

Balancei a cabeça e sorri enquanto guardava os mantimentos nos armários. Sempre iria me surpreender com aquela cozinha. Tudo parecia tão perfeito que eu poderia cozinhar o dia inteiro.

—Você podia ter me avisado e eu iria até o mercado, Nana.

—Não foi preciso, querida. Não estou tão velha assim, apenas cansada. — Resmungou, me fazendo rir.

De repente ela levou a palma da mão a testa e soltou um gemido irritado.

—Esqueci do Byron. — Disse assustada.

Pensei em ligar para a emergência, pois achei que Nana estava tendo alucinações. O único Byron que eu já ouvira falar foi o poeta.

—Nana?

—Oh, sim! Você poderia levar Byron para passear? Acabei me esquecendo e já era para tê-lo levado esta manhã.

Como que por um sinal divino ou algo assim, ouvimos um latido alto vindo do lado de fora, no jardim dos fundos. Pela porta de vidro vi uma grande bola marrom e branca correndo na direção da cozinha. Meus olhos se arregalaram e meu coração saltou em um pulo diante do susto. Nana abriu a porta e então a grande bola entrou, arfando e babando todo o chão que eu acabara de encerar.

—Então este é o...

—Byron. —Nana completou, sorrindo para o enorme cão como se ele fosse uma criança fofinha.

Então aquele era o famoso cachorro do senhor Garcia. Pelos documentários sobre animais que eu já tinha assistido com Emma, identifiquei sua raça. Era um São Bernardo. Me aproximei dele, hesitante, e estendi a mão para tocá-lo. Ele ergueu a cabeça, me olhando com os olhos castanhos e redondos como uma noz e então latiu. Eu pulei para trás e me bati no balcão. Nana desatou a rir. Olhei para o cão, como se pudesse fritá-lo apenas com meu olhar. Ele abanava freneticamente o rabo.

—Bruno cuida do jardim e é o responsável por levar Byron para passear, mas ele tirou licença médica então eu que passei a cuidar dos passeios de Byron. Não é, meu docinho? — Disse Nana, afagando a cabeça do monstro — Você me faria esta gentileza, Lucy? Não gostaria de te pedir isso, mas não estou com muita condição de andar por aí.

Olhei para Byron e então para Nana. Assenti. Faria aquilo por ela.

Depois de colocar a coleira no cachorro, saímos pela porta dos fundos. Nunca tinha ido até aquela parte da casa, sempre admirei o imenso gramado verde pelas janelas. Assim como Byron fazia, xeretando cada pedacinho de grama no chão, observei ao redor. Não tinha muitas árvores, e as que tinha não eram tão grandes quanto a que ficava perto da entrada da casa, mas o lugar tinha muitos arbustos e pequenos pontos dispersos onde cresciam flores de todas as cores. O céu era de um azul claro e o vento soprava levantando no ar algumas folhas secas e o cheiro adocicado das flores.

Depois de várias voltas e de ser arrastada pelo enorme cachorro, caminhamos de volta para a casa. Eu até que estava gostando do passeio, mesmo Byron sendo o cachorro mais estabanado que eu já tinha visto. Ao chegarmos perto da casa, me certifiquei de que a porta da cozinha estava fechada e então peguei uma bolinha vermelha em um cesto, soltei a coleira de Byron e comecei a brincar com ele. Jogando a bolinha cada vez mais longe para ele ir buscar. Não estava sendo tão ruim. Por mais que fosse grande e um pouco assustador, ele era carinhoso e uma ótima companhia naquela tarde entediante.

Byron me fez esquecer o temor que ainda me aguardava naquele dia. Brincar com ele me fez rir até ficar sem fôlego. Corri com ele e até mesmo dançamos, sem música claro, mas ainda assim dançamos. Então eu ri, porque estava dançando com um cachorro que era quase do meu tamanho. Por fim, sentei na grama e fiz carinho em Byron até ele pegar no sono.

Quando ergui o olhar para o céu, notei uma silhueta na janela do segundo andar. Não era uma silhueta comum, era a de uma cadeira de rodas. Senhor Garcia.

Se ele não fosse o ogro que eu sabia que era, podia jurar que estava sorrindo.

Mas acho que foi apenas uma alucinação.



Eu estava finalizando algumas coisas na lavanderia quando ouvi o ruído do elevador. A casa era silenciosa, então o mais leve ruído podia ser ouvido

facilmente. Estava pronta para sair da lavanderia e ir embora, já dera o meu horário, mas então me lembrei de que precisava falar com o senhor Garcia. Julia me recomendou que pedisse desculpas, já que não passava de uma empregada dele e por mais ruim que ele fosse eu tinha de respeitá-lo. Bem, na verdade ela me disse que eu tinha que calar a boca, engolir meu orgulho, deixar de ser teimosa, ir falar com ele e pronto. Mas preferi a minha interpretação de suas palavras.

Eu já tinha passado por muitas coisas na vida e sabia que tinha muitos defeitos, mas meu defeito nunca foi ser medrosa. Eu nunca tive medo da vida, por mais dura que ela tenha sido comigo. Eu não teria medo de um cara grande que me olhava como se eu fosse uma formiga no seu pedaço de bolo. Eu enfrentaria Vincent Garcia, mesmo que fosse apenas para que ele não me mandasse embora.

Caminhei até a sala, mas ele não estava lá. Então o único lugar onde poderia estar era no escritório. Caminhei até lá com passos decididos, embora minhas pernas tremessem. Ergui a mão para bater na porta, mas parei. Ela estava entreaberta e eu podia vê-lo de costas, observando a grande estante de livros enquanto falava com alguém pelo celular. Não queria interrompê-lo, mas não consegui fazer minhas pernas darem a volta.

—Eu não irei até lá. Não importa o que diga! — Rugiu ele.

Eu não sabia com quem falava, mas parecia deixá-lo estressado. Péssimo momento para falar com ele sobre meu erro.

—O que quer que eu faça? Não acha o bastante eu lhe dar dinheiro todo o mês para que vá viajar por aí atrás de idiotas que estão apenas interessados no dinheiro, que, devo frisar, não é dela. — Ele ficou em silêncio, por fim, riu e então disse: — Faça o que quiser, Ian, mas não vou perder meu tempo com coisas fúteis como a sua mãe.

Espera. Eles não eram irmãos?

Me aproximei da porta, para ouvir melhor.

—Devo lembrá-lo de que a empresa está em meu nome? Você não tem poder

algum em nada que diz respeito a Garcia Joias. — Ele riu, amargamente. — É claro que eu sei as regras, são *minhas* regras. Eu posso quebrá-las, você não.

Ele desligou e jogou o celular sobre a mesa. Ponderei se devia ir embora ou falar com ele. Como ainda tinha o resto de coragem correndo em minhas veias, bati levemente na porta. Com um movimento rápido, e impressionante, ele virou a cadeira e então me encarou. Eu não conseguia ver seu rosto por completo, mas pelo o que vi ele me olhava com tanta intensidade que torci para não me transformar numa poça de gelatina no chão.

—Entre!

Abri a porta e dei um passo à frente. Preferia ter ficado com a porta como escudo contra seu olhar. Engoli em seco e ajeitei os ombros.

—Senhor... — Pigarreei — Estou indo embora agora, já está no meu horário.

Ele ergueu uma sobrancelha.

—E o que eu tenho a ver com isso?

Era cada vez mais difícil tentar sentir algo por ele que não fosse a vontade de jogar uma frigideira na sua cara. Respirei fundo.

—Quero me desculpar pelo o que disse ontem. — Sussurrei.

Ele me olhou, mas não disse nada. Idiota.

—Eu não devia ter falado com o senhor daquele jeito e peço desculpa por isso. Entendo se quiser que eu vá embora, mas gostaria de pedir que reconsiderasse, pois eu preciso muito desse emprego.

Ele rolou sobre a cadeira, parando perigosamente perto de mim. Ainda que estivesse sentado, parecia um gigante em comparação a mim. E eu não era nenhuma baixinha.

—Não vou demiti-la, Lúcia. — Disse.

—Não? Perguntei completamente confusa.

Naquele momento não consegui desviar meus olhos dos olhos dele. Será que haviam trocado o Ogro por um gnomo que realizava pedidos?

—Não.

—Por que? — Perguntei.

Cale a boca, Lucy!

—Porque... Porque Byron gostou de você. Ele precisa de você. — Disse, então virou a cadeira e se calou.

Byron...

Então ele me viu com o cachorro.

Eu manteria meu emprego.

Passei a amar Byron desde aquele dia.

CAPÍTULO OITO

Mirna Vega era uma das melhores advogadas do país. Boa parte de todo caso que pegava para defender ou acusar, vencera. Durante toda a minha vida tive de ouvir que as pessoas não estavam ansiosas para me ver lutar pela justiça nos tribunais, assim como Mirna. Conforme fui crescendo aprendi que não eram todos os filhos que seguiam os passos de seus pais. Eu via em Mirna Vega uma mulher forte e decidida, que sabia qual era o seu lugar. E seu lugar era no topo. Nada a faria descer de lá.

Principalmente uma filha adolescente e grávida.

Minha família estava entre as mais populares da nossa cidade, ou do país como minha mãe gostava de ressaltar. Crescer em um mundo onde as pessoas ao seu redor criavam expectativas que você sabia que não seria capaz de suprir, era sufocante. Eu tinha que ser a melhor na escola, afinal meus pais e meu irmão sempre foram. Eu tinha que ser a melhor na aula de balé, afinal minha mãe também foi. Crescer rodeada de pessoas que te pressionam a ser algo que você não quer ser, te faz querer quebrar algumas regras, apenas para provar o sabor de como é ser livre de obrigações.

Adam foi o meu primeiro namorado. Nos conhecemos no primeiro ano do ensino médio, ele era o atleta popular que todos os garotos queriam ser, eu era classificada como a patricinha rica que as garotas queriam ser. Nunca tinha me sentido assim, honestamente. Mas havia um personagem a ser interpretado e restara a mim interpretar. Adam logo me conquistou com seu sorriso e aqueles olhos que brilhavam com algo que gritava PERIGO, foi *aí* o meu primeiro ato de rebeldia. Eu sentia que tinha de quebrar pelo menos *uma* regra e a quebrei com Adam.

Passamos dois anos e meio juntos e para minha surpresa minha família nunca soube sobre ele. Até o momento em que eu tive que contar que estava grávida. A primeira pessoa que procurei para falar sobre isso foi Adam, afinal era o pai. Não preciso de muito para dizer que ele não acreditou em mim e me ignorou por completo. Adam me dava a sensação de liberdade que eu não sentia quando estava junto com minha família, mas quando precisei que ele segurasse minha mão e fosse comigo dar a notícia aos meus pais ele

simplesmente sumiu. Então, tive que segurar minha própria mão e enfrentar o meu maior medo.

Esperei ouvir algo consolador, algo que não me fizesse pensar que o que tinha feito era errado. Afinal, era uma vida se formando dentro de mim. Por isso, fiquei em choque quando Mirna Vega simplesmente marcou uma consulta para fazer um aborto. Eu corri para o meu quarto e fiz uma mala, então fugi. Não podia ficar no lugar onde eu não era aceita, talvez tenha demorado demais para me dar conta disso.

Mas o que ninguém nunca entendeu era que, no momento em que o teste que Julia comprara deu positivo eu caí em prantos. Não apenas por medo do que aquilo significava, mas por já amar aquela pessoinha dentro de mim. Não foi Adam nem a saída da casa dos meus pais que me deu a liberdade que tanto queria, foi minha filha. Sim, eu tive medo, mas sabia que se a mantivesse comigo poderia enfrentar o mundo inteiro se fosse necessário.

Minha pequena Emma me fez encarar o mundo e suas dificuldades pela primeira vez e eu nunca, *nunca* me arrependeria.

Passei a morar com Julia e sua família até termos dinheiro suficiente para morarmos sozinhas, foi quando nos mudamos de cidade. Não tive contato com minha família desde então. Nenhum deles me procurou e eu optei por não os procurar também.

Por isso, não entendi o porquê, justo naquela manhã morna de sexta-feira ensolarada e bonita, a minha campainha tocar tão cedo. Todas as contas estavam pagas e eu só tinha que ir para o trabalho em duas horas. Aproveitei aquele tempo para dar uma limpada rápida em casa. Eu não esperava nenhuma visita, as pessoas não costumavam me visitar, portanto ao abrir a porta me surpreendi ao ver a pessoa que estava na minha frente.

—Mãe?

Ela usava seu típico traje de advogada. Calça e camisa social, um terninho feminino. Seu cabelo castanho avermelhado estava como sempre muito bem arrumado e a maquiagem leve o suficiente para parecer que ela não passara nada no rosto. Seus olhos me avaliaram dos pés à cabeça, fiquei feliz por ter

colocado uma roupa decente para ir ao trabalho. Enquanto Mirna me olhava eu me senti de volta a época em que era criança e mostrava a ela um novo passo que aprendi no balé; nunca era bom o bastante.

—Lúcia. — Disse ela, com um sorriso forçado no rosto.

Me afastei indicando a ela para que entrasse. Ela passou por mim, sempre com o nariz empinado como se tudo no mundo estivesse fora do lugar ideal. Não sabia o que ela queria e, principalmente, como me encontrou depois de tantos anos. A vi caminhar pela pequena sala e sentar no sofá. Caminhei até ela, nervosa demais, e sentei na poltrona. A olhei, esperando que dissesse algo, mas como continuou em silêncio perguntei:

—O que faz aqui, mãe?

Ela suspirou e deixou a maleta escura ao seu lado no sofá.

—É assim que recebe sua mãe em sua casa?

Revirei os olhos. Algo que sabia que ela odiava quando eu fazia.

—Bem, da última vez que nos vimos você praticamente me expulsou de casa então não vejo por que te tratar cordialmente quando ambas sabemos que não irá mudar o passado.

Minha mãe me encarou com chamas nos olhos. Dei sorte por ela não poder atear fogo nas pessoas ou então eu teria virado cinzas naquele momento.

—Não precisa ser mal-educada, Lúcia.

—Foi você quem me educou, então considere como sua culpa. — Sorri.

Ela voltou a respirar fundo, eu sabia que ela fazia isso para se controlar. Então, sorriu.

—Não vim aqui para brigar.

—Então veio aqui para quê? — Perguntei.

Ela abriu a bolsa e tirou de lá um pacote decorado com papel com estampa de

princesas. Engoli em seco. Sabia o que ela queria.

—Vim ver minha neta.

Se alguém batesse na porta e dissesse que estava nevando no Brasil não me deixaria tão surpresa quanto ouvir minha mãe dizer que queria ver Emma.

—Por que agora? — Perguntei.

Ela deixou o presente sobre a mesa e me encarou.

—Porque me dei conta do erro que cometi ao deixar uma criança aos cuidados de outra criança. Olhe só para o lugar onde vive, isso não é bom lugar para uma criança viver. Se quiser posso levá-la para minha casa e ela terá tudo o que sempre mereceu.

Senti o momento em que suas palavras entraram em mim como lanças afiadas. Jamais deixaria Emma nas mãos de Mirna Vega. Eu não podia dar luxo a minha filha, mas daria todo o amor de que precisava. Eu já havia me sacrificado demais ao deixá-la com Adam, mas deixar Emma com minha mãe era bem diferente.

Eu sentia saudade de Emma a cada segundo de cada dia. Ficar em casa apenas me deixava triste, a casa ficava vazia e sem vida sem minha Emma dentro dela. Apesar de toda a dificuldade minha filha sempre sorria e era feliz. Nós sempre fomos felizes, pois sabíamos que tínhamos uma a outra. Pelo menos com Adam eu sabia que podia vê-la sempre que quisesse e que ela estava sendo bem cuidada. Minha mãe a faria se virar contra mim, disso eu tinha certeza.

Eu não queria que Emma passasse pelas mesmas coisas que eu passei. Eu sabia o quanto era ruim crescer tentando suprir as expectativas de alguém, sabia como era se sentir um fracasso por não ser como gostariam que você fosse. Eu nunca a deixaria passar por nada ruim. Minha filha cresceria sabendo que era capaz de tudo o que quisesse, que seria quem desejasse ser e que eu sempre estaria ao seu lado. Como mãe, minha função era protegê-la. E eu a protegeria das garras de Mirna Vega.

—Você só pode estar de brincadeira comigo.

—Não estou brincando. — Disse ela calmamente.

—Você não vai se aproximar da minha filha. Você não se lembra de que quis matá-la? — Cuspi as palavras em sua direção.

Lembrar daquele momento me deixava enjoada. Apenas a lembrança de ouvir a palavra “aborto” saindo da boca da minha própria mãe me entristecia de uma forma absurda.

—Ora, não seja dramática. — Ela se levantou e andou pela sala, avaliando tudo. Apenas quero a chance de me desculpar. Quero dar a ela um futuro melhor. Um futuro que você não teve.

As lágrimas surgiram em meus olhos, mas eram lágrimas de raiva. Não as deixaria cair, não na frente dela.

—Meu futuro começou quando minha filha nasceu. Um futuro bem melhor do que aquele que você planejou para mim. Agora, saia da minha casa e não volte.

Me levantei, caminhei até a porta e a abri.

—Você não pode fazer isso. — Murmurou entre os dentes cerrados.

Por trás de toda a dor que ela me causava, consegui encontrar forças para forçar um sorriso.

—É a minha casa. Eu posso fazer o que eu quiser.

Minha mãe saiu pisando duro, mas sem nunca perder a classe que deslizava em suas veias. Entrou no carro e foi embora. Então, voltei a respirar.

Deixei as lágrimas caírem.



Nana estava na cozinha quando cheguei na casa do senhor carrancudo. Meu humor não estava dos melhores, mas tive que me controlar para não jogar o

balde de água suja no rosto perfeito do senhor odeio-todo-mundo. Ele me acusara de não limpar direito as janelas, como todas as outras vezes. Não entendia o que havia de tão especial naquelas janelas ridiculamente grandes. Então, sendo a boa funcionária que eu deveria ser, voltei para a sala de estar para limpar tudo novamente.

Eu estava cansada demais, sentia meus braços dormentes e doloridos pelo esforço em alcançar o topo das janelas. Por sorte, Nana não tinha encontrado ninguém para cuidar de Byron então a função de passear com ele continuou comigo. Até que para um cachorro imenso ele não era tão bobo, ao menos era o que eu pensava. Enquanto caminhávamos no jardim dos fundos, pude respirar ar puro novamente. Eu estava com cheiro de produto de limpeza e gordura. Não estava com a melhor aparência do mundo, mas isso não importava para aquele enorme cachorro. Ele parecia gostar da minha companhia.

Na volta, me sentei na grama e Byron deitou ao meu lado. Aquele era o meu pequeno momento de descanso. Longe dos barulhos da cidade, da minha casa velha e vazia e, claro, da cara do senhor carrancudo. Era o tempo em que eu podia pensar, embora pensar não me trouxesse nenhuma paz ultimamente. Porém, era necessário. Eu tinha muitas coisas para planejar, tinha que usar meu cérebro até senti-lo fritar. Odiava aquilo.

Voltar a ver minha mãe foi como voltar a ser a garotinha imperfeita. Me senti uma criança burra que largou a saia da mãe pensando que podia enfrentar o mundo sozinha. Então, naquele momento, com a brisa da tarde balançando meus cabelos, percebi que talvez eu ainda fosse aquela criança. Que, ao menos dessa vez, minha mãe pudesse estar certa. Eu não deixaria Emma com ela, jamais, mas sabia que minha mãe estava certa ao dizer que Emma poderia ter mais do que uma casa velha e as poucas coisas que eu podia dar.

O que queimava minha mente era tentar saber o motivo de sua volta repentina. Por que esperaria tanto tempo para ver a neta? Com um suspiro derrotado, me deitei na grama e olhei para o céu. Estava azul claro com nuvens brancas e fofinhas, pássaros voavam em um V em direção ao sul. Senti o ronco de Byron ao meu lado, acariciei sua cabeça peluda que descansava na minha barriga e sorri. Pela primeira vez naquele dia o cachorro

dormiu. Quando o silêncio ficou grande demais, eu quis chorar, não sabia bem o porquê. Talvez ser uma mãe solteira e pobre fosse o motivo. Meus planos para uma casa nova ainda estavam de pé, mas com apenas algumas palavras minha mãe me fizera repensar em tudo.

Peguei meu celular no bolso do avental e disquei o número da casa de Adam. Pouco tempo depois a voz dele, já tão familiar, atendeu.

—Alô?

—Adam, passe o telefone para Emma, por favor. — Eu disse.

—Ah, oi para você também.

Suspirei.

—Oi, Adam. Pode chamar minha filha, por favor?

Resmungando algo que não entendi ele foi chamá-la.

—Mamãe? — Emma disse.

Apenas ouvir sua voz trouxe lágrimas aos meus olhos. Como eu gostaria de abraçá-la.

—Olá, meu amor. Você está bem aí? Comeu hoje? Estão te tratando bem, não é? Perguntei.

Emma riu.

—Sim, mamãe. Estou bem e já comi frango com arroz e salada que a tia Karen fez. O papai e a tia Karen me deram chocolate depois do almoço, sabia? Era um chocolato.

Dessa vez quem riu foi eu.

—O que acha de passarmos o fim de semana juntas? — Perguntei.

Tive que afastar o celular quando ouvi seus gritinhos, tinha certeza de que estava pulando também. Mal podia esperar a hora de abraçá-la e beijar suas bochechas gordinhas.

—Sério, mamãe? Promete?

Eu já havia desmarcado alguns compromissos com Emma, por conta do horário que saía da casa do senhor carrancudo. Mas prometi a mim mesma que faria todo o possível para ter mais tempo com ela. Eu tinha problemas para resolver, que se multiplicaram com a chegada da minha mãe, mas Emma não tinha nenhum envolvimento nisso. Não podia deixar os problemas me impedirem de ficar com minha filha. No fim de semana nós ficaríamos juntas.

—Prometo, meu amor. Sexta-feira à noite passo aí para te buscar, está bem?

—Tá bom. Vou colocar meu vestido novo e os sapatos que você me deu, lembra? O que brilha.

Sorri.

—É, eu lembro. Tenho que ir agora, mas vou buscá-la logo, prometo. Fique com os anjos, meu bebê. Logo irei vê-la.

—Te amo, mamãe.

Ao desligar o celular me dei mais alguns minutos observando o céu e ouvindo os roncoss de Byron, mas então a realidade voltou e tive que ir para dentro da casa para preparar o jantar. Um Byron bem sonolento me seguiu para dentro. Deixei que ele ficasse na cozinha enquanto eu estava lá. A tarde estava dando as boas-vindas para uma noite que parecia que seria fria. Preparei tudo o que Nana havia pedido, já que não poderia ficar até tarde. Esperava que, ao menos daquela vez, o senhor carrancudo não falasse mal da comida.

Às vezes, me perguntava como ele se sentia ao ficar sozinho naquela casa enorme. Quando a noite caía e a escuridão se apossava dos cômodos através das imensas janelas, o silêncio parecia vir com ela. A casa tão bonita a luz do dia se tornava assustadora durante a noite. Quase conseguia vê-lo vagar pelos corredores sobre sua cadeira de rodas, o único som sendo o leve ranger das rodas sobre o piso e sua respiração. Não conseguia entender como um homem tão forte e poderoso como ele podia se deixar afundar na solidão.

No fundo, não que eu fosse admitir, eu pensava que ele não era de todo mal. Eu me perguntava, mais vezes do que fosse capaz de admitir a mim mesma, o que a vida causara a ele. Mas eu sabia que a vida poderia ser cruel quando queria, então não podia julgá-lo pela escolha de se manter afastado do mundo. Embora eu quisesse me afastar de todos e me esconder como ele, eu não podia. Tinha que ser forte e lutar por Emma.

Se ao menos Vincent Garcia tivesse alguém por quem lutar talvez não sofresse tanto.

Deixei o jantar pronto e a mesa posta, como Nana dissera. Levei Byron para a casinha dele e por fim recolhi minhas coisas para ir embora. Ao tocar na maçaneta da porta ouvi o ruído do elevador e logo o barulho da cadeira de rodas. Ele jantaria sozinho novamente naquela noite. Por um segundo, eu quis voltar e perguntar se gostaria de algo mais, se precisava de mim ou se gostaria de uma companhia, mas eu não podia fazer isso.

Eu tinha uma vida fora das paredes daquela casa, eu tinha alguém por quem lutar.

Nossas vidas eram tão diferentes e não pareciam estar destinadas a se encontrarem.

Isso era um alívio.

Talvez...

CAPÍTULO NOVE

O sol despontava por detrás das nuvens cinzas que encobriam o céu. Era uma manhã fria para o fim do verão. O vento balançava a copa das árvores que ladeavam o pequeno bistrô no centro. A calçada começava a ficar cada vez mais cheia conforme o tempo passava e as lojas abriam. Cada um corria para um lado diferente, focados em suas vidas e no trabalho. Crianças passeavam na calçada agarradas a mão dos pais. Uma senhora passeava com o pequeno cachorro marrom e peludo, enquanto dava passos incertos, apoiada em sua bengala, a senhora conversava com o pequeno cachorro, que não parecia se esforçar para entendê-la.

Eu esperava por Julia na mesa do lado de fora do bistrô, ela, como sempre, estava atrasada. Eu gostaria de dizer que isso me deixou irritada, mas não fiquei. Conforme os dias iam passando, dias esses em que eu estava sem minha filha, comecei a apreciar os pequenos momentos em que eu estava sozinha. Estar sozinha em casa, embora fosse uma tortura, já estava me deixando acostumada. Mas ficar sozinha em um lugar onde se está cercada de pessoas era diferente.

É o momento em que eu podia pensar, mas não nos problemas que pareciam cair do céu a cada momento. Eu podia pensar na vida em geral, não apenas na minha. Observar as pessoas passarem distraídas em seus afazeres me deixava um pouco mais tranquila. Eu não sou a única no mundo a ter problemas, pensava. Comecei a gostar disso. As pessoas passavam e me olhavam, então eu me perguntava: Quem eles estão vendo?

As pessoas podem ver de diversas formas as outras, mas nunca verão quem elas são de verdade.

Me perguntei se o cansaço que eu sentia por dentro era visível. Me perguntei se eles viam tudo por detrás dos meus olhos da mesma forma que eu via o sol por detrás das nuvens.

Julia chegou, jogou a bolsa numa cadeira vazia e então agarrou o cardápio do centro da mesa. Ela estava linda como sempre, impecável no jeans justo e no agasalho de lã verde que se agarrava em suas curvas.

—Acredita que o Velho não quer mais me deixar escolher as dançarinas? —
Disparou ela.

Abri a boca para responder, embora não fizesse ideia do que dizer, mas ela me interrompeu:

—Ele diz que eu não estou escolhendo as melhores por causa dele. Acredita? Ele disse que eu estou ficando cada vez mais ciumenta! Eu nunca tive ciúmes de nenhum namorado.

Sorri.

—Talvez porque você não os amasse.

Seus olhos se arregalaram de um jeito que seria cômico se ela não estivesse tão nervosa. Julia sempre teve um certo tipo de alergia a algo chamado amor. Depois de ter o coração partido por um babaca, que eu cuidei de deixá-lo com o nariz quebrado, ela simplesmente se fechou dentro de um casulo e não saiu mais. Conhecer o Velho foi o que a fez abrir uma brecha nesse casulo e deixar um pouquinho de amor entrar, mesmo que não fizesse ideia disso.

Julia era dançarina do clube dele, foram necessárias poucas semanas para ela se tornar a atração principal. Ganhando o apoio do público e a atenção do chefe. Eles engataram um romance que era baseado em sexo, mas logo as coisas mudaram. Julia passou a ser a coreógrafa e braço direito dele. Parou de dançar no clube e passou a fazer parte do comando. Assim como sua vida profissional, as coisas aconteceram rápido com seu coração. Logo estavam morando juntos e mais felizes do que nunca. Eu sabia que Julia estava feliz, muito mais do que vi em muitos anos, e o Velho estava radiante. Apenas tolos não viam o quanto estavam apaixonados.

Estava na hora de Julia encarar seus medos e se deixar amar.

—Eu não disse que o amo.

O garçom serviu meu café e um prato com panquecas para Julia em seguida se retirou.

—Algumas coisas não precisam de palavras para serem ditas, Ju. Ações são

tudo o que importa quando o assunto é amor.

Depois de refletir e comer metade das panquecas ela voltou a me olhar, dessa vez com os olhos brilhando e um sorriso bobo no rosto.

—Eu gosto de estar perto dele e de tudo o que ele me faz sentir, parece que eu sou especial. Ele faz eu me sentir especial. — Sussurrou.

—Você o ama.

Ela deu de ombros, como se não se importasse, mas eu sabia que para Julia significava muito.

—Acho que sim. — Disse, mas eu sabia que tinha certeza. — Você acha que vou viver o “felizes para sempre” com ele?

Suspirei.

A garotinha que se vestia de princesa ainda existia dentro dela.

—Sim, eu tenho certeza. Para ser feliz é necessário querer ser, tudo depende de nós mesmos. — Murmurei.

Afiada como uma navalha Julia me olhou nos olhos, como se pudesse ver tudo. Eu não tinha medo de que ela me enxergasse de verdade, minha melhor amiga era a única que eu permitia isso.

—O que aconteceu? — Disparou.

—Minha mãe apareceu na minha casa e disse que foi para ver Emma.

Ela soltou um palavrão que fez o garçom, que estava limpando uma mesa ao lado da nossa, olhar para ela assustado.

—Não acredito que aquela mulher teve a audácia de aparecer depois de tantos anos.

—Eu também não acreditei.

Ela suspirou, tentando se acalmar.

—Você a deixou ver Emma? — Perguntou.

Revirei os olhos.

—Claro que não. E ela está morando com Adam agora.

Julia bufou.

—Pelo menos para alguma coisa aquele traste prestou.

Tentando não pensar na visita da minha mãe, mudei de assunto.

—Vou visitar uma casa na semana que vem. — Eu disse.

Julia abriu um sorriso que seria capaz de fazer flores brotarem no Ártico.

—Ai, meu Deus! — Gritou.

Então pulou da cadeira e me abraçou apertado.

—Viu só, Lucy? As coisas estão melhorando. Logo terá sua Emma e uma casa linda como sempre quis. Tudo está se ajeitando.

Eu sorri e a abracei de volta.

Eu quis acreditar nela, juro que quis. Mas algo ainda zunia na minha mente como um aviso para não comemorar.

Pelo menos não ainda.



Não havia nada a ser feito na casa, tudo estava limpo e organizado. O silêncio reinava em cada canto. Eu podia ouvir as batidas do meu coração e o arrANHAR suave da caneta no papel. Tudo estava calmo, calmo o bastante para me permitir tirar um cochilo. Nana estava com o novo jardineiro, mostrando tudo o que ele devia fazer. Caminhei até a sala, que ainda cheirava a lavanda, e tirei os sapatos. Caminhei descalça sobre o tapete peludo e macio, sentia o toque como uma carícia nos meus pés.

Suspirei.

Depois de dar uma olhada e me certificar de que o senhor carrancudo não estava por perto, caminhei até o sofá e deitei. Era macio como uma nuvem, melhor que o colchão da minha cama. Ajeitei a almofada sob minha cabeça e fechei os olhos. Não precisaria passear com Byron ou limpar a casa, pelo menos não naquela tarde. Então relaxei. Deixei os problemas de lado e me permiti caminhar lentamente até a terra dos sonhos.

Não lembro por quanto tempo dormi, mas quando abri os olhos o céu já estava escuro e as luzes apagadas. Senti meu sangue gelar. Se meu chefe não tinha me demitido antes com toda certeza teria uma razão plausível para fazê-lo. Me virei para sair do sofá, mas me detive. Uma manta azul escura estampada com estrelas brancas me cobria. Era quente como um abraço dado em meio a uma ventania. Foi somente então que percebi o quanto estava sentindo frio. Nana devia ter ido me procurar e me encontrou na sala dormindo. Ainda bem que ela era minha amiga e não iria me dedurar para o chefe.

Sai de mansinho da sala depois de dobrar a manta e deixá-la no braço do sofá. Já sentia meu corpo sentindo falta da quentura que a manta proporcionava. Procurei por Nana, mas não a encontrei. Depois de olhar a hora, percebi que ela já devia estar na sua casa com sua família. Caminhei até a cozinha para trocar meu uniforme e pegar a bolsa para ir embora. No balcão estava uma xícara de chá e biscoitos amanteigados, pelo vapor que subia da xícara não devia fazer muito tempo que estava ali.

Debaixo do pires estava um pedaço de papel. Olhei sobre os ombros, então desdobrei o papel e li:

Coma. Você não se alimentou hoje.

Espero que tenha descansado e tido bons sonhos.

Nana.

Sorri.

O chá ainda estava quente e os biscoitos crocantes, daquele tipo que se

desfazia na boca. Não tinha ideia do quanto estava faminta. Depois de limpar a sujeira que fiz, troquei a roupa, peguei minha bolsa e fui embora.

Pela primeira vez saí da casa do senhor carrancudo sorrindo. Nana estava sendo para mim tudo o que eu estava precisando. Se mantivesse Julia, Nana e a esperança comigo poderia passar por qualquer situação. Elas conseguiam me fortalecer sem precisar fazer esforço para isso.

É sempre bom saber que não estamos sozinhos.

CAPÍTULO DEZ

Eu estava ajudando Nana com o almoço quando ouvimos a campainha. Minha primeira reação foi dar um pulo de susto, nunca tinha ouvido a campainha tocar antes. Minha segunda reação foi torcer para que Nana não me mandasse abrir a porta. Depois do encontro nada educado com a provável ex do meu chefe, eu temia encontrá-la novamente. Tinha medo de que ela tivesse alguma influência sobre o senhor carrancudo e ele acabasse me demitindo. Estava tudo indo bem então eu não podia me meter em nenhuma encrenca, pelo menos até conseguir uma casa nova.

Com um olhar demorado Nana me pediu para ir abrir a porta. Limpei as mãos no avental e caminhei até a entrada. A campainha ainda tocava. Abri a porta e encontrei uma versão adocicada de Vincent Garcia. Bem, não era tão adocicada assim. Era Ian. O irmão dele. Embora fossem completamente diferentes, ainda havia algo que os assemelhava. Talvez se o senhor carrancudo sorrisse eu pudesse ter algo com o que comparar.

Dei um passo para trás e ele entrou. Estava muito bem vestido, como da outra vez em que o vi. Terno e gravata, o cabelo bem penteado e o sorriso que não parecia desgrudar do seu rosto bonito.

—Bom dia, senhor Garcia. — Eu disse.

Ele me olhou dos pés à cabeça. Por um segundo, me perguntei se tinha algo de errado comigo, provavelmente um pedaço de alface preso no cabelo. Ele sorriu, ainda mais.

—O dia será bom se você parar de me chamar de “senhor Garcia”, quando faz isso eu me sinto um velho. Me chame de Ian, está bem?

Senti meu rosto esquentar, mas sorri

Diferente do senhor carrancudo, o Ian me fazia sentir como uma adolescente. Culpava aquele sorriso malicioso que ele tinha, além do brilho nos olhos. Eu me sentia da mesma forma que me senti com Adam. Todas as emoções misturadas e uma ponta de nervoso encobrindo minha pele. Com Vincent era diferente. Às vezes, eu queria bater nele e em outras vezes queria segurá-lo

até ele me dizer o que aconteceu para que se tornasse um homem tão frio e solitário.

Mas eu era apenas a empregada, estava naquela casa para servi-los e nada mais. Eu não podia querer tentar entender o que Ian Garcia me causava e, com toda certeza, não podia querer tentar saber coisas sobre a vida do meu chefe.

Acenei para que me acompanhasse até a sala, sentia seus olhos em mim enquanto me seguia.

—Vou chamar o outro senhor Garcia. Gostaria de algo para beber? — Perguntei.

—Não, tudo bem. Não vou demorar. Vou esperar o Vince aqui.

Sai da sala, ainda sentindo uma leve comichão no estômago. No átrio, entre a sala de estar e a sala de jantar, ponderei se deveria ir até a cozinha e dizer a Nana que fosse chamar o senhor carrancudo ou se eu mesma devia fazê-lo. Olhei para a escada a minha frente, respirei fundo e subi. Eu já havia ido até o andar de cima, mas nunca até o quarto dele. Vincent nunca saía do quarto sem que houvesse uma boa razão para isso. Nos raros momentos em que isso acontecia ele ia até o escritório e ficava lá até o jantar. Passei em frente as portas dos quartos de hóspedes, seguindo reto pelo corredor até a porta de madeira escura e entalhada com adornos dourados no fim do corredor. A porta que levava até o quarto dele. A porta que nunca ousei chegar perto.

Você pode fazer isso, Lucy. Ele não é um monstro.

Bati três vezes na porta.

Silêncio.

Bati novamente.

Silêncio.

Meu coração batia rápido, não de medo. Pelo menos não o medo de enfrentar o bicho papão dentro do armário. Respirei fundo e girei a maçaneta. Estava

fria sobe meus dedos. Abri a porta lentamente, tudo estava escuro. Ao contrário do que eu pensava, a porta não levava até o quarto dele e sim para uma escada. Agarrada na coragem que eu não sabia que tinha, dei os primeiros passos escada acima. Havia uma luz no topo dela, então segui até lá.

O lugar tinha cheiro de grama recém cortada e chuva, com um leve odor de sabonete e perfume. Olhei ao redor e me permiti um segundo para recuperar o fôlego. O quarto era imenso, com uma cama gigante no centro, prateleiras com livros, uma escrivaninha e uma cômoda. Uma luminária estava acesa na mesinha de cabeceira, a luz alaranjada iluminava a pessoa sobre a cama. Do lado direito as portas de vidro que levava até a varanda estavam abertas, o vento frio balançava as cortinas, ao lado estava a porta do elevador que ele usava. O vento trazia o cheiro da grama e da chuva. O quarto imenso parecia frio e vazio.

Caminhei até a cama, seguindo a luz que o iluminava. O senhor carrancudo nunca dormia até tarde, por isso um frio me percorreu dos dedos dos pés até os fios do cabelo.

E se tivesse acontecido alguma coisa?

Ele estava dormindo. O peito largo coberto por uma fina camada de pelos dourados subia e descia numa respiração lenta debaixo do lençol fino que o cobria. Seu cabelo estava uma bagunça, o que quase me fez rir. Seus lábios estavam entreabertos e as mãos agarravam o lençol ao seu lado. Seu semblante estava calmo, muito diferente do que eu via todos os dias. Ele parecia um garotinho. Ele parecia alguém que tinha por quem lutar. Ergui a mão para acordá-lo, mas a mudança brusca em seu rosto me deteve. A serenidade que encontrei quando o vi foi transformada em uma carranca. Ele ainda dormia, mas as sobrancelhas estavam franzidas e os lábios apertados numa linha dura.

Um pesadelo.

Ergui a mão e toquei seu ombro. A pele quente em contato com meus dedos frios me arrepiou como uma pequena onda de eletricidade.

—Senhor? — Chamei.

Ele balançava a cabeça, a respiração rápida e irregular. Nada me assustou tanto quanto o que vi. Ele resmungava coisas incompreensíveis. Então, a luz da luminária fez brilhar as lágrimas em seus olhos. Escorriam como as Cataratas do Iguaçu. Ele ainda dormia e eu não sabia o que fazer. Não podia sair do seu quarto e deixá-lo sozinho com os monstros que o assombravam. Culpei meu lado materno e protetor ao fazer o que fiz.

Agarrei seus ombros e o sacudi.

—Vincent! — Gritei.

Apoiei os joelhos sobre o colchão e o sacudi ainda mais. Após o que me pareceu uma eternidade, seus resmungos se tornaram gemidos baixos e roucos. A respiração lentamente voltou a se acalmar. Então, ele abriu os olhos de supetão.

—Você voltou. — Sussurrei aliviada.

Quase me curvei mais sobre ele para abraçá-lo, mas me detive.

Seu olhar dourado encontrou o meu. Por um momento, não sabia se saía correndo ou se o abraçava, como queria, por ter voltado para mim. Ficamos nos encarando pelo o que pareceu uma eternidade, por fim ele ergueu a mão e tocou meu rosto. Foi gentil, um toque suave que acariciou minha pele como uma pluma. Suas sobrancelhas estavam franzidas, havia preocupação em seus olhos. Foi então que eu percebi que ele não estava me tocando por algum tipo de afeto que podia ter por mim. Ele estava secando minhas lágrimas. Lágrimas que eu não fazia ideia de que haviam caído.

—O que faz aqui? — Perguntou, a voz ainda mais rouca pelo sono.

Me afastei dele, deixando minhas mãos tristes por não sentirem mais a quentura de sua pele. Saltando da cama e dando alguns passos para longe, sequei meu rosto com as mãos trêmulas e funguei.

Por que eu estava chorando?

Balancei a cabeça, tentando tirar a lembrança dos poucos segundos de contato que tivemos. Tentando não tentar entender o porquê chorei ao vê-lo tão frágil e vulnerável.

—O... o seu irmão está aqui. Deseja vê-lo. — Eu disse, me odiando por soar tão estúpida.

Ele não disse mais nada. Eu não o permiti dizer, virei sobre os calcanhares e sai do quarto como se ele estivesse em chamas. Ou talvez as chamas estivessem me queimando de dentro para fora.

Corri para a cozinha, como a covarde que era. Pedi a Nana que avisasse ao Ian que o senhor carrancudo logo iria vê-lo. Nana não questionou meus olhos molhados e o nariz vermelho, ela me deixou ficar em silêncio. Era o que eu precisava.

Eu tinha tantos problemas para resolver, não podia acrescentar mais um a lista. Principalmente se o problema era do meu chefe. Seu pesadelo me deixou com medo, mas não com medo do que ele poderia fazer comigo. Fiquei com medo do que ele poderia fazer consigo mesmo. Pesadelos podiam destruir a vida de alguém. Naquele momento em seu quarto enquanto o via lutar contra o que quer que fosse que o perturbava, quis tirá-lo de lá. Quis livrá-lo do pesadelo. Eu quis trazê-lo de volta. Eu sei que não devia me importar. Eu devia ter dado as costas e voltado para a cozinha, mas se eu não tentasse fazê-lo se sentir melhor nunca me perdoaria. Ele tinha seus próprios demônios para enfrentar da mesma forma que eu tinha os meus e todas as pessoas no mundo tinham os delas.

Eu não devia me importar, mas eu me importava.

Eu não devia querer salvar meu chefe quando eu também precisava ser salva.



A conversa foi mais tensa do que eu poderia imaginar. Diferente do que dissera mais cedo, Ian ficou na casa até tarde. O que começou na sala de estar como uma leve discursão se transformou em gritaria pouco tempo depois. O

senhor carrancudo desceu pouco tempo depois que sai do seu quarto. O almoço estava pronto e eu tive que ser a responsável por dizer isso a ele e ao seu irmão. Não conseguia olhar em seus olhos nem ficar muito tempo perto dele. Embora ficasse de cabeça baixa e evitasse seu olhar eu podia sentir seus olhos em mim. Como um ferro quente me marcando.

Ambos estavam com expressões azedas quando entrei na sala. Dirigi a notícia ao senhor carrancudo, mas antes que pudesse dar a volta e ir me esconder na lavanderia Ian me chamou.

—Lúcia, venha almoçar com a gente. Nana é uma cozinheira de mão cheia, sempre foi. — Disse ele, sorrindo.

Eu sabia que Nana cozinhava muito melhor que muitos *chefs*, mas não acreditei no sorriso que ele deu ao mencionar seu nome. Nana não gostava de Ian Garcia e deixava isso bem claro todas as vezes em que o via. Assim como eu, ela era uma empregada e não podia falar o que bem quisesse sobre o chefe nem sobre o irmão dele, mas seus olhos sempre deixavam claro o que estava pensando. E o sentimento que tinha por ele parecia ser recíproco.

Eu não sabia o que havia de errado com Ian, ele parecia ser uma boa pessoa, mas Nana e até mesmo Vincent não pareciam pensar o mesmo que eu. Quando vi Ian pela primeira vez senti que devia me manter bem longe dele, mas talvez, apenas talvez eu pudesse estar errada. Ele não era um ogro como o irmão.

Sorri.

—Agradeço o convite, mas tenho muitas coisas para fazer.

Ele relutou por um tempo, por fim, Vincent ajudou deixando bem claro que eu era uma empregada e devia fazer o que era paga para fazer.

Só voltei a vê-los no fim da tarde, quando ainda estavam na sala em uma discussão acalorada.

—Você devia saber que isso ia acontecer. — Ian disse entre os dentes cerrados.

—Eu já deixei bem claro que você não tem poder algum na empresa. Não pode tomar decisões por mim! — Esbravejou Vincent.

—Se você ao menos se importasse com a empresa podia se sentir ofendido ou no direito de dizer alguma coisa. Você deixou todos de lado, Vincent, abandonou a empresa que demorou anos para ser a melhor do país. Deixou que todos afundassem na lama enquanto você estava escondido no seu maldito quarto.

Vincent ficou em silêncio, talvez se sentisse culpado.

—Estou tentando fazer o melhor para todos nós, mas você insiste em deixar tudo de lado. Se não se importa mais com a empresa me deixe cuidar de tudo a partir de hoje. Posso fazer pela empresa da nossa família o que você nunca conseguiu fazer. — Disse Ian.

Por trás da porta fechada imaginei o olhar que o senhor carrancudo lançou ao irmão. Quase podia senti-lo em mim.

—Criei esta empresa com nosso pai, a fiz crescer e se tornar uma das mais admiradas e respeitadas do país. Você sempre foi o inconsequente que queria mulheres e dinheiro. Você nunca nos ajudou em nada e por que justamente agora você quer fazer isso? —Perguntou Vincent.

Eu também fiquei curiosa para saber.

—Porque não sou mais o adolescente idiota que você pensa. Posso tomar conta do que é nosso. Posso fazer melhor que você. — Rugiu.

—Fale com nosso pai. Vamos ver se ele concorda com tudo o que disse.

Antes que pudesse me afastar o suficiente a porta da sala se abriu e Ian quase esbarrou em mim, por sorte evitei a queda da bandeja com o café e os biscoitos. Ele me mostrou um sorriso sem graça e caminhou até a saída. Ainda assim respirei fundo e entrei na sala. Vincent estava encarando as próprias mãos sobre o colo. Deixei a bandeja sobre a mesa de centro e me afastei.

Senti seus dedos sobre meu pulso e o olhei. Eu não devia ter olhado para as

profundezas douradas que eram seus olhos, mas eu olhei. E me perdi ali dentro.

—Obrigado. — Disse ele.

Eu não respondi. Forcei um sorriso e me afastei. Ainda podia sentir seu toque sobre minha pele como um lembrete de que nunca mais iria acontecer.

Ao sair da casa naquela noite percebi que ele não havia agradecido pelo café e os biscoitos.

CAPÍTULO ONZE

Ele estava a poucos passos distantes de mim. Menos de dez, se eu desse passadas longas e rápidas. Mas eu não faria isso.

Sentia seus olhos em mim, mas não me atrevi a olhar de volta, não me atrevi a se quer me permitir uma espiada também. Era sempre assim. Eu tinha medo do que seu olhar podia fazer comigo se eu o fitasse por muito tempo. Eu era uma covarde e não tinha vergonha de admitir isso, ao menos para mim mesma. Era fácil parecer durona para as pessoas, mas as vezes a vontade de correr e pedir colo a alguém era maior, mas eu não tinha um alguém. Mesmo Julia sendo minha melhor amiga, eu ainda me sentia um peso em sua vida. Às vezes, não havia uma saída para onde correr.

O silêncio era quebrado pelo crepitar do bacon na frigideira e do bater descontrolado do meu coração. Ao menos apenas eu podia ouvi-lo, assim esperava.

Ele não devia estar ali tão cedo. Ele nunca foi uma pessoa da manhã, como Nana afirmou tantas vezes. O café da manhã devia estar pronto e perfeitamente colocado sobre a mesa, eu iria procurar algum tipo de tarefa que me mantivesse afastada da cozinha e ele desceria para comer. Era assim que as coisas funcionavam todas as manhãs desde o primeiro dia em que entrei na casa. Bem, menos naquela manhã.

Nana cantarolava enquanto cortava algumas frutas e, ocasionalmente, trocava uma palavra ou outra com ele, que não parecia se importar. Naquela manhã ele não parecia ser a mesma pessoa. Sua serenidade devia me acalmar, mas apenas me assustava. Mais ainda do que sua carranca usual.

Quando por fim tudo estava pronto, preparei seu prato e deixei que Nana o servisse. Para minha completa surpresa ela me lançou um sorriso envergonhado e saiu pela porta que levava ao jardim, de encontro ao novo jardineiro que acenava para ela. Ele era um homem atarracado e com ralos cabelos grisalhos, um bigode salpicado de branco contornava seus lábios, que sorriam ao ver Nana indo ao seu encontro. Eu não sabia muito sobre a vida de Nana, mas desde o momento em que o jardineiro chegou ela passou a sorrir muito mais.

O silêncio voltou a pairar sobre nós, tendo apenas meus batimentos cardíacos como inimigo. Minhas mãos tremiam quando coloquei o prato com ovos mexidos e bacon sobre a mesa, torci para que ele não notasse. Ao me afastar me certifiquei de estar longe o bastante para voltar a respirar.

Havia algo que me fazia temer o que poderia acontecer caso eu parasse de me mover ou afastasse os problemas da minha mente para dar espaço para analisar o que aquele homem fazia comigo. Ia muito além de uma simples reação no meu corpo, disso eu tinha certeza. Justamente por isso morria de medo. Eu já me decepcionara antes, tinha medo de que acontecesse novamente.

Eu era uma covarde.

—Poderia encher minha xícara novamente, por favor? — Pediu ele, me arrancando dos pensamentos que não devia ter.

Eu devia agradecê-lo por me distrair do rumo dos meus pensamentos, mas ele era justamente a pessoa na qual estava pensando.

Peguei a jarra de café do suporte e o servi novamente. Não me atrevi a erguer os olhos e olhar os seus. Como disse, eu era uma covarde.

No meio de toda a situação da minha vida naquele momento eu não podia me dar ao luxo de pensar em outra coisa que não fosse ter minha filha comigo novamente. Deixar Emma com Adam foi a coisa mais difícil que fiz, mesmo que Adam não fosse o monstro que eu sempre o imaginei. Ele era o pai no fim das contas, devia cuidar de nossa filha mesmo que nunca tivesse se importado com ela. Aquilo me corroía o tempo inteiro.

Adam era um bom garoto, ao menos durante nosso namoro no colégio. Nunca se metia em problemas e mesmo que fosse o mais bonito de toda a escola não era esnobe. Talvez tenha sido por isso que eu tenha me apaixonado por ele, ou ao menos pensei ter me apaixonado. No fundo, depois de todos os anos lutando para criar sozinha a minha filha, me dei conta de que ele nunca foi quem eu pensei que era. Adam não era o homem da minha vida, mas eu sempre seria grata a ele por ter me dado a coisa mais preciosa do

mundo; minha filha.

Ele não era o pai que sonhei para os meus filhos, mas era quem me restava quando precisei. Talvez a vida com sua esposa e filha o tenham mudado. Eu tinha que me agarrar nas beiradas escorregadias da esperança.

Voltei a mim quando ouvi o pigarreio alto e rouco que veio da mesa redonda da cozinha, a poucos passos de onde estava. Ergui meu olhar da frigideira que estava lavando e encontrei o olhar dourado — quase esverdeado devido à luz do sol que invadia a cozinha pelas janelas e a porta — do senhor carrancudo. Eu não podia chamá-lo daquele jeito, não agora. Não no momento em que ele me olhava como se estivesse me vendo pela primeira vez e estivesse com medo do que poderia acontecer.

Olhei ao redor, para afastar meu olhar do dele, mas torcendo para que Nana voltasse.

—Sim?

Ele pigarreou novamente.

Não conseguia desviar o olhar do seu rosto bonito, marcado pela barba longa e os cabelos compridos presos em um coque mal feito. Seus braços grandes estavam marcados pela camisa vermelha que usava. Embora ele passasse o tempo inteiro dentro da casa, sua pele era dourada e macia ao toque. Eu o havia tocado quando ele teve um pesadelo, mas ainda podia sentir sua pele quente contra a minha mão se fechasse os olhos e imaginasse. Mas eu não podia fazer isso.

—Sente-se comigo, Lúcia. — Disse ele.

Olhei-o aturdida. Ele havia me convidado para tomar café da manhã com ele? Juntos? Na mesma mesa?

Engoli em seco e rezei para que Nana entrasse pela porta me pedindo para correr e ir limpar as janelas de algum prédio na China.

Olhei para a pia com as panelas que usei e precisavam ser lavadas e então de volta para a mesa na qual meu chefe estava tomando café da manhã. Parecia

uma escolha simples, afinal eu era uma empregada. Mas tudo ficou terrivelmente difícil quando o olhei. Ele parecia assustado, um garoto assustado. Ele me olhava com um misto de esperança e medo. Seria dessa forma que eu olhava para os próximos dias da minha vida?

Balancei a cabeça.

—Não posso, senhor. Tenho muitas coisas para fazer, mas espero que aproveite seu café da manhã. — Eu disse, sorrindo o máximo que pude.

Seus ombros caíram quase imperceptivelmente e ele soltou uma lufada de ar.

—Sim, sim. É claro. — Murmurou, sem voltar a olhar para mim.

Terminei de limpar a cozinha e Nana ainda não havia voltado. Ele permaneceu na mesa, bebericando o café e remexendo a comida no prato. Antes de sair da cozinha para a área de serviço pensei em dizer algo, mas ao abrir a boca nenhuma palavra saiu. O silêncio parecia uma neblina que nos sufocou. Sair sem dizer nada. Antes que a porta se fechasse atrás de mim o ouvi murmurar para si mesmo:

—Eu não sou um monstro. Não sou.

Senti meu coração doer.

Se ele não era um monstro por que se esforçava tanto para parecer um?



—O que você quer? — Perguntei.

Era tarde da noite, a rua estava escura por conta do poste de luz queimado, ao longe era possível ouvi a música pulsante que saía de alguma festa. Era uma noite morna, ventava bastante e eu rezei para que o reparo no telhado continuasse firme. Estava tentando não investir mais na casa já que iria procurar por uma melhor, mas isso não queria dizer que não ficasse receosa toda vez que ventava ou chovia forte.

E para piorar minha noite, *ela* estava parada na minha porta. Linda e perfeitamente arrumada como sempre. Ainda que ventasse bastante seu cabelo parecia perfeito. Havia coisas muito injustas na vida.

—Não me convida para entrar? Ao menos use a educação que lhe dei.

Revirei os olhos e me afastei para deixá-la entrar.

Mais uma vez minha mãe olhou em volta, sempre parecendo em busca de algo. Sempre me perguntei se ela fazia isso quando ia na casa de algum cliente, observava tudo para saber se havia algo que ele precisava esconder. Minha mãe era advogada, mas isso não queria dizer que defendia apenas os inocentes. Essa era a desvantagem de ser advogada. Uma das muitas razões que me impediram de ir pelo mesmo caminho que ela.

—Onde está minha neta? — Perguntou.

Reprimi a vontade de gritar. Ela não entendia o quão injusto era chamar de neta a garota que renegou antes mesmo de nascer.

—Ela não está. — Murmurei, já ao lado da porta para que ela saísse.

Ela não saiu.

Me olhou, sempre me avaliando com seus olhos de águia. Me sentia exposta. Sempre me perguntava o que estava fazendo de errado quando ela me olhava assim, uma parte de mim ainda se perguntava.

—Mais uma vez?

Ergui uma sobrancelha.

—Está tarde...

—Ainda bem que sabe. — Murmurei.

—E sua filha não está em casa. — Continuou. Ignorando meu comentário — Você parece muito bem com isso. Não aprendeu a ser mãe?

Mais uma vez eu quis gritar. Gritar como uma criança desobediente. Queria

gritar que graças a ela eu tive que aprender a ser mãe da pior maneira; sozinha.

—Ela está na casa de uma amiga. — Eu disse, grata aos céus por me controlar.

Ela me olhou por um tempo desconfortavelmente longo, então sorriu.

—Na casa de uma amiga?

Bem, Emma era amiga da filha de Adam então, sim.

Assenti.

Ela suspirou e caminhou até a porta, sempre olhando para todos os lados e todas as coisas. Aquilo me irritou.

—Voltarei para vê-la. — Disse por fim.

Não respondi. Olhei enquanto ela subia em seu carro chique e ia embora.

Não, ela não veria Emma. Antes que pudesse pensar em voltar até minha casa nós já estaríamos em outro lugar. Bem longe dali.

Suspirei.

Esperança...

A única coisa capaz de nos manter vivos.

CAPÍTULO DOZE

—Mamãe!

Emma gritou ao sair da casa de Adam e correr na minha direção. Com seu sorriso largo e quase cheio de dentes, faltava-lhe um na frente. Ela correu até mim e se jogou em meus braços. Não tive tempo para me preparar para sua súbita chegada, as sacolas que levava com presentes para ela caíram no chão. Ainda assim não pude deixar de sorrir ao abraçar minha filha. Teríamos o melhor fim de semana de todos.

Olhei sobre a cabeça de Emma e me deparei com o olhar de Adam, até mesmo distante ainda podia ver em seu rosto os mesmos traços que compartilhava com Emma. Principalmente os olhos. Olhos que eu pensei amar. Ele não estava sorrindo, mas não estava de todo sério como nas outras vezes em que fui vê-la. Estava bem vestido como sempre, terno escuro e sapatos bem engraxados. Coloquei Emma no chão e peguei as sacolas. Antes de ir vê-la passei em algumas lojas para comprar roupas e brinquedos.

Pela primeira vez em muito tempo eu pude entrar em uma loja e comprar aquilo que eu sabia que minha filha iria gostar. Comprei as roupas que ela estava precisando e brinquedos que eu sabia que iria gostar, os brinquedos que ela queria, mas eu nunca pude comprar. A sensação era maravilhosa. Tudo ficaria melhor quando estivéssemos na nossa casa vivendo a vida que ela merecia viver.

—Olha só isso!

Tirei de uma caixa uma boneca de cabelos dourados e enrolados que Emma viu numa loja e, mesmo que não tivesse pedido, quis muito ter. Seus olhos brilharam quando segurou a boneca e a abraçou como se fosse a coisa mais preciosa que tinha, e talvez fosse para uma criança de cinco anos. De repente, ela se voltou para mim, sorrindo e se jogou em meus braços mais uma vez. Eu fiquei feliz, tão feliz que quase a girei no ar gritando o quanto a amava. Mas me contentei em abraçá-la. Toda mãe ama abraçar seu filho, é como ser capaz de segurar o mundo inteiro em nossos braços.

—Ela é tão linda, mamãe. Como sabia que eu queria? A gente viu na loja,

mas...

—Eu apenas sabia. — Beijeí seu nariz arrebitado e sorri.

Pelo canto do olho vi que Adam ainda nos olhava da varanda da casa. Emma abria as sacolas com os presentes e a cada barulho de papel rasgado era acompanhado por um gritinho seu. Olhei para cima no momento em que Adam se aproximava, as mãos enfiadas dentro dos bolsos da calça, o seu olhar parecia constrangido. Deixei Emma entretida com os presentes e caminhei em direção a ele.

—Ei. — Ele disse, com um suspiro.

Ele parecia diferente. Cansado, talvez.

—Está tudo bem? — Perguntei.

Não que eu me importasse com ele, mas estava curiosa.

—Está, sim.

Seus olhos foram em direção a Emma. Ela abria os presentes sentada no chão, rodeada de papéis de presente e laços e fitas. Ela parecia diferente também. Senti meu coração doer ao notar que minha filha estava crescendo um pouquinho a cada dia e eu não estava ao lado dela para ver. Todos os momentos na vida de uma criança passa tão rápido quanto um sopro, se você não tomar cuidado poder perder esses momentos. Eles não voltam mais.

—Ela tem o seu sorriso. — Adam disse baixinho.

Não arrisquei olhar para ele. Não sabia o motivo da conversa nem sabia como prosseguir com ela, na verdade não havia como prosseguir com aquela conversa. Acenei com a cabeça em concordância, mas me mantive em silêncio.

—Sabia que ela canta antes de dormir? — Perguntou.

Claro que eu sabia.

Reprimi a vontade de revirar os olhos.

—Sim. — Falei.

—Enquanto dorme ela sorri.

Acenei novamente.

Emma estava trocando a roupa da boneca por um vestido verde, ela sorria sem parar.

—Antes de todas as refeições ela agradece a Deus e pede a Ele que outras crianças também possam comer.

Suspirei.

Eu sabia de tudo aquilo. Eram apenas pequenas coisas que minha filha tinha o costume de fazer. Enquanto Emma crescia em meus braços eu crescia junto com ela, aprendendo todos os dias como ser uma mãe e, acima de tudo, percebendo o quão difícil era ser mãe.

—Onde quer chegar com tudo isso, Adam? — Perguntei.

Ele suspirou e voltou seu olhar para mim, olhos esverdeados e, naquele momento, tristes.

—Todas essas coisas podem ser banais para você, mas não para mim. Eu perdi todas essas coisas enquanto elas aconteciam. — Murmurou, olhando por cima do ombro para a porta da casa que permanecia aberta.

Adam se tornara pai e um homem respeitável nos negócios que fazia, ele tinha uma esposa e uma filha e uma casa bem cuidada em um bairro bom. Adam tinha a vida que eu imaginei que nós teríamos quando soube que estava grávida. Eu sonhei com pequenas coisas que faríamos juntos. Nossa primeira casa. As compras para o quarto do bebê. Os jantares e as noites em que apenas comeríamos pizza.

—Você escolheu isso. Você escolheu me deixar ter nossa filha sozinha, Adam. Você não a assumiu. Você desapareceu da minha vida quando eu precisei de você.

Seus ombros se encolheram, com a culpa. Ele não fazia ideia de tudo o que

passei. Não fazia ideia do quanto foi difícil passar por tudo sabendo que estava sozinha.

—Eu...

—Temos que ir agora. — O interrompi. — Ou então ficará muito tarde, planejei muitas coisas para hoje.

Me afastei, mantendo os olhos em Emma.

Ele não podia pedir desculpa, não depois de tanto tempo. De qualquer forma, não mudaria o passado.

Depois de entregar os papéis para que Adam jogasse no lixo, segurei a mão pequena de Emma e nos afastamos da casa dele. Vi o momento em que Emma olhou para trás e acenou para ele, sempre sorrindo.

Por mais difícil que tivesse sido minha vida, Emma não tinha culpa nisso. Ela não tinha culpa por ser pura demais para notar que o pai dela era um grande babaca.



Minhas pernas doíam de tanto andar.

Emma quis ir até o parque, então fomos. Quis ir até o shopping para brincar na nova loja de brinquedos onde tinham colocado um carrossel, então fomos. Emma quis ir no cinema para assistir o novo filme da “peixinha” azul, então nós fomos. Não podia reclamar, é claro. Depois de tanto tempo longe da minha filha poderia andar junto com ela até a China e voltar se ela quisesse.

Estávamos caminhando para o ponto de ônibus. Era tarde da noite, mas as ruas ferviam com as pessoas que aproveitavam o sábado à noite, Emma saboreava a batata frita e cantarolava a música que ouviu na lanchonete. Eu me sentia bem e feliz. Estava com minha filha e dessa vez podia dar a ela o que me pedisse. Dessa vez não estávamos correndo de volta para casa por medo de que nosso telhado tivesse voado. A noite estava perfeita. Bem, um

dia tudo ficaria melhor. No momento em que eu não precisasse me despedir dela no dia seguinte e quando não precisássemos voltar para uma casa caindo aos pedaços.

—Fiquei com tanta pena do Geraldo, mamãe. — Emma suspirou.

Sorri.

—Ele não era mau, apenas um pouco bobinho. — Continuou. — Eles bem que podiam ter deixado ele subir na pedra, cabia todo mundo.

Emma continuou falando, enquanto eu acompanhava seus passos lentos e curtos na calçada, segurando seu braço para que pudesse comer as batatas fritas. Tentei fazê-la andar mais rápido. Nuvens cinzas cobriam a lua, pequenos chuveiros caíam. Enquanto caminhávamos, senti meu celular vibrar dentro da bolsa. Levei Emma até a frente de uma loja de sapatos para ficar debaixo do toldo. Peguei o celular. Era Nana.

—Alô?

—Lucy?

—Sim, sou eu, Nana. Está tudo bem? — Perguntei.

Ela parecia agitada.

—Sei que está ocupada, minha querida, mas eu preciso da sua ajuda.

Olhei para o céu. A chuva estava aumentando. Lá se vai a noite perfeita.

—Claro, Nana. O que precisar. — Eu disse.

Não iria desapontá-la. Nana era uma boa pessoa, sempre gentil e prestativa. Sempre preocupada com o bem-estar de todos. Além do mais, ela era a única coisa boa no meu trabalho.

—Preciso que vá até a casa de Vincent...

Talvez a noite pudesse ficar pior.

—Ele precisa tomar o remédio. Aquele menino sempre esquece. Tentei ligar,

mas ninguém atendeu. Estou preocupada, Lucy. Não posso sair agora, estou cuidando da minha netinha, a coitada está resfriada... —Suspirou —Você pode deixar junto com o jantar. Aliás, é preciso preparar o jantar também.

Nana continuou falando, mas eu não consegui prestar atenção. Agora a chuva caía forte, as pessoas corriam na rua tentando fugir. A única coisa que conseguia pensar era em ter que ir na casa do senhor carrancudo no meu dia de folga e... com minha filha. Olhei para Emma e então de volta para o céu. Ponderei por um segundo e então me ouvi dizendo:

—Não se preocupa, Nana, eu irei até lá.

CAPÍTULO TREZE

O guarda-chuva era pequeno, pequeno demais. Apenas Emma coube nele. Depois de duas horas dentro de dois ônibus lotados com pessoas que esquecerem de passar o desodorante e insistiam em deixar as janelas fechadas, chegamos na casa do senhor carrancudo.

A chuva caía forte, trovões faziam o chão tremer e Emma pular a cada novo estrondo. A rua asfaltada que levava até a casa estava vazia, embora as luzes dos postes estivessem acesas ainda me sentia um pouco assustada. Não por estar sozinha, havia seguranças no condomínio, mas por pensar na minha casa no bairro perigoso que estava sendo açoitada pela tempestade. Torci para que quando voltássemos ainda tivesse um telhado. Mesmo com o reparo na parte que estava faltando, o telhado ainda era instável.

Segurei forte a mão de Emma para que não escorregasse. Atravessamos a trilha de cascalho que levava a entrada. Quando me certifiquei de que estava protegida da chuva debaixo da varanda, tirei-lhe o guarda-chuva e o agasalho que, graças aos seus pulos dentro das poças d'água, molhou. As luzes da casa estavam apagadas, não havia nenhum som além do som alto e assustador da tempestade. Me abaixei em frente a Emma e segurei suas mãos, ela estava concentrada na boneca.

—Emma? — Chamei — Emma, querida, olhe para mim.

Ela ergueu os olhinhos assustados pela tempestade e me encarou.

—Esse é o trabalho da mamãe, então você deve ficar bem quietinha, está bem? Não vamos demorar muito, logo estaremos em casa. Mas preciso que você se comporte, Emma.

Ela acenou que sim com a cabeça, mas então seu lábio inferior se projetou para fora e começou a tremer.

—O que foi, meu amor? — Perguntei em um sussurro trazendo-a para perto de mim.

—A tempestade me deixou com fome. — Disse.

Sorri.

Todas as coisas a deixavam com fome. Às vezes, pensava que Emma tinha passado tempo demais na companhia de Julia, as duas eram muito parecidas em algumas coisas. Comida era uma delas.

—Você acabou de comer batata frita, Emma, não se deve comer mais do que pode aguentar. E já está tarde.

Ela encolheu os ombros.

—Ah, mamãe... — Suspirou dramaticamente — E leite? Posso tomar leite antes de dormir?

Suspirei.

—Está bem.

—Leite com chocolate?

Revirei os olhos.

—Só um pouquinho.

Ela pulou e soltou um gritinho.

—Shhh... Fique quieta. — Repreendi.

A porta estava aberta, ele realmente devia trancar as portas durante a noite. A casa estava imersa em um breu assustador. A porta da sala de estar estava aberta, quando um relâmpago rasgou o céu sua luz iluminou a casa por alguns segundos e então tudo voltou a escuridão. Eu não queria admitir, mas tinha muito medo.

Tirei nossas roupas molhadas e pendurei perto da entrada, deixei as sacolas no hall e disse para Emma me seguir. Liguei as luzes da cozinha. Assim como na primeira vez que entrei aqui, Emma suspirou surpresa. Seus olhinhos brilharam e por um tempo, enquanto olhava tudo ao seu redor, esqueceu-se da chuva que ainda castigava lá fora. A sentei na cadeira da mesa e procurei na geladeira as coisas que Nana havia deixado para o jantar.

Eu realmente devia ganhar um aumento por estar na casa do meu chefe naquela hora.

Me concentrei no preparo do jantar. Estava colocando a salada na vasilha, quando senti Emma me cutucando.

—Mamãe, posso ver a casa? Prometo ficar bem quietinha. — Pediu ela, piscando seus olhos brilhantes para mim.

Como dizer não a garotinha mais bonita do mundo?

—Pode, mas não mexa em nada, está ouvindo?

—Tá. Tá bom. — Disse e então correu para fora da cozinha.

Depois de procurar nos armários da cozinha e não encontrar o remédio fui até o banheiro do primeiro andar. Já havia limpado aquele banheiro diversas vezes, mas nunca me atrevi a abrir o armário debaixo da pia. Ao fazê-lo naquela noite encontrei o tal remédio que Nana falara, mas além dele diversos outros. Estavam enfileirados na primeira prateleira em ordem de uso, segundo indicado nos frascos.

Não sabia que ele precisava tomar tantos remédios. Deixando os pensamentos de lado, saí do banheiro e voltei para a cozinha. O jantar estava pronto e eu só precisaria colocar o remédio ao lado de seu prato e ir embora. Ainda podia ouvir a chuva forte, torci para que ainda tivesse ônibus disponíveis. Preparei seu prato, como ele gostava, e me virei para lavar as mãos depois de lavar os utensílios sujos. Suspirei aliviada por poder ir embora mais rápido do que pensava, mas comemorei cedo demais.

Ao me virar pulei de susto ao ver Vincent Garcia parado perto da porta da cozinha. Estava com o cabelo preso, mas despenteado, os braços cruzados sobre o peito largo e... um olhar frio e duro estava em seu rosto. Direcionado a mim.

Engoli em seco e tentei sorrir.

Fique onde quer que esteja, Emma, pensei, não apareça na cozinha.

Lembrei do que Julia falara sobre ele. Eu não podia levar Emma comigo, pois ele não era fã de crianças. Maldita hora para dizer que havia uma explorando sua casa.

—O que está fazendo aqui? — Perguntou, ou melhor, rugiu.

Me aproximei, dando meu melhor, ou talvez mais forçado, sorriso.

—Nana me pediu para vir aqui e preparar seu jantar. Ah, e lembrar para que tome o remédio.

Ele pareceu desconfortável a menção da palavra remédio.

Antes que pudesse abrir a boca para me responder, ouvimos o barulho de pezinhos descalços contra o chão.

Droga!

Emma irrompeu pela porta da cozinha, sorrindo e correndo até mim, segurando a caixa de um DVD.

—Mamãe! Mamãe! Olha só o que eu achei! — Gritou, pulando como um canguru.

Meu coração já não sabia se batia forte ou simplesmente parava de bater.

Emma continuou falando e falando, com os olhos presos no DVD que segurava. Ainda sem se dar conta de que o meu chefe estava parado atrás dela com os braços cruzados e com o olhar fulminante na direção de suas costas. Ele parecia surpreso, confuso e, o que eu temia, com raiva.

—Vamos assistir, mamãe? Vamos! Vamos, por favorzinho? — Insistiu ela.

Voltei meu olhar para Emma, seu rosto brilhando com esperança. Me abaixei para ficar na sua altura e tirei o DVD de suas mãos. Onde raios ela tinha encontrado aquilo?

—Não, Emma.

—Mas...

—Eu já disse que não.

Ela fez biquinho, dessa vez não iria me convencer. Tinha que ir embora o mais rápido possível.

—Mas mamãe...

Olhei em seus olhos e não precisei dizer mais nada. Foi então que Emma me deu as costas para sair da cozinha, mas parou dando um grito ao se deparar com o senhor carrancudo. Ele a olhou com uma sobrancelha erguida, os lábios firmes em uma linha, como se a repreendesse por algo. Emma se virou para mim.

—Mamãe, por que ele tá me olhando assim? — Perguntou.

Olhei para o senhor carrancudo. Emma parecia assustada.

—Ele não vai te fazer mal, meu amor. Este é o chefe da mamãe. — Eu disse.

Emma olhou para ele e então para mim, depois novamente para ele. Surpreendendo a mim e a ele, Emma caminhou até Vincent, sorrindo largamente, e estendeu-lhe a mão. Vincent arqueou as sobrancelhas em surpresa, por um segundo eu quis rir.

—Olá, senhor. Meu nome é Emma Vega e eu tenho cinco anos. — Ela ergueu a mão balançando os cinco dedinhos — Minha mamãe me disse para tratar bem as pessoas, estou te tratando bem então me trate bem também. Me diga seu nome.

Bati com a palma da mão na testa.

Para minha surpresa, Vincent pegou a mão de Emma na sua e a sacudiu, cumprimentando-a como se estivesse fechando um negócio.

—Olá, senhorita Emma Vega. Meu nome é Vincent Garcia. — Disse ele, mesmo ainda sério podia ver que se divertia.

Emma sorriu e se virou para mim, que permanecia presa no mesmo lugar. Ela correu e pegou o DVD das minhas mãos e voltou-se para ele.

—Podemos assistir juntos? Quer assistir comigo? — Perguntou, balançando o DVD na frente dele.

—Emma...

Vincent me olhou por um tempo e então olhou para Emma.

—Claro. — Disse.

—Não, não. Me apressei em dizer Nós já estamos indo, senhor. Seu jantar está pronto, era apenas isso que viemos fazer aqui. Venha Emma, vamos embora.

—Mas, mamãe, o senhor cabeludo deixou.

Lancei um olhar de repreensão, mas o senhor Garcia já estava com o DVD em mãos e gesticulando para que Emma o seguisse.

—Não ligue para sua mãe, ela pode ser bem irritante as vezes. — Disse.

Emma riu e ergueu os braços para ele.

Oh, não...

—Pode me levar na sua cadeira?

—Emma! Repreendi.

Vincent me olhou com o que pareceu ser um sorriso, mas eu estava enganada, era apenas uma leve contração nos lábios. Então, pegou Emma e a sentou no seu colo. Ela estava rindo enquanto eles saíam da cozinha. Eu não sabia o que fazer, estava nervosa e surpresa. Um tanto assustada com a cena que se desenrolou diante dos meus olhos.

Meu coração parou de bater por um segundo.



O filme era O mágico de Oz.

Emma assistiu, ao menos nos intervalos em que parava para respirar depois de falar demais. Ficamos sentadas no sofá. Emma bebia seu chocolate com leite e o senhor carrancudo preferiu comer pipoca ao invés do jantar, que tenho que dizer que demorei um pouco apenas para deixá-lo do jeito que ele gostava.

Vincent conversava com Emma como se ela fosse uma adulta. Nunca o ouvi falando mais do que poucas frases, mas gostei de ouvi-lo. Eu ainda estava com medo de que ele me mandasse embora na primeira oportunidade, mas não aconteceu. Eu tinha uma visita para fazer no começo da semana em uma casa que estava à venda. Não podia ser demitida.

O filme estava no fim, quando um trovão fez Emma pular de susto no sofá. Ela estava ao meu lado, mas foi para Vincent para onde correu. Ele largou o pote de pipoca no chão antes que Emma o derrubasse ao se jogar em seus braços. Vincent a abraçou e afagou seus cabelos. Estava travado como se fosse a primeira vez que consolava uma criança, e talvez fosse. Vincent me olhou e eu dei de ombros, sorrindo.

—Está tudo bem. — Sussurrou, a boca próxima ao ouvido de Emma — Nada de ruim vai te acontecer.

Emma ergueu a cabeça e o olhou.

—Promete? — Perguntou.

A tensão no corpo de Vincent Garcia pareceu ceder um pouco. Ele beijou a testa de Emma.

—Prometo.

Aquela cena fez um nó se formar em minha garganta.

Quando os créditos subiram na tela, caminhei até o aparelho e desliguei. Emma estava encolhida entre os braços gigantes do senhor carrancudo, mas sorria ao me olhar. Balancei a cabeça e sorri. Estava na hora de ir embora, avisei a ela.

Resmungando ela desceu do colo de Vincent e se abaixou para pegar a

boneca que derrubara no pulo que deu até ele, mas então ela se ergueu do chão em um salto. Os olhos brilhando de animação em direção a ele.

—Você é como o homem de lata. — Disse ela, pulando e achando tudo muito divertido.

Olhei para Vincent que parecia pálido.

—Olha, mamãe, o senhor cabeludo é o homem de lata igual ao do filme. — Disse ela apontando para ele.

Foi então que meus olhos seguiram o rumo que o dedo pequenino de Emma apontava. Ela apontava para a perna direita do senhor Garcia, que estava parada sobre o apoio para os pés na cadeira. Por um segundo não entendi o que ela quis dizer, mas então vi o brilho da luz da sala refletir sobre o cinza do metal que se fazia ver debaixo da calça de moletom dele.

Vincent Garcia usava uma prótese para a perna.

Ergui meu olhar para encontrar os olhos dourados dele, que me olhava, avaliando minha reação. Eu não tive uma reação e não sabia o por que ele esperava que eu tivesse uma. Seu rosto estava impassível, mas seus olhos pareciam constrangidos. Não entendi o porquê. Ele não era a única pessoa no mundo a usar uma prótese para a perna. Por que parecia tão envergonhado por isso?

Emma se abaixou e ergueu a calça dele até perto do joelho. Curiosa como era. Corri até ela para tirá-la de lá, mas ela me ignorou. Estava olhando para a prótese como se estivesse avaliando um projeto científico. Vincent afastou rapidamente a cadeira para trás, fazendo-a cair de joelhos para a frente. Então, rapidamente ajeitou a calça no lugar.

—Me desculpa. — Sussurrei para ele, enquanto pegava Emma.

Ela se afastou de mim e correu até ele.

Às vezes, Emma era tão teimosa quanto uma mula.

—Não fica triste, senhor cabeludo. — Emma sussurrou segurando a mão

dele.

Somente então ele desviou o olhar do meu.

—Eu...

Emma sorriu e arrancou a perna de sua boneca, jogando-a longe pela sala. A perna bateu na parede de vidro com um alto *toc*, mas ele não pareceu se importar, apenas a olhava confuso.

—Não tem problema não ter um pedaço seu. O homem de lata não tinha coração, lembra? E mesmo assim todos amavam ele. — Disse ela, sorrindo.

Tem coisas que são muito melhores quando vistas pelos olhos de uma criança.

—Posso amar você, senhor cabeludo? — Perguntou.

Meu coração deu um pulo.

Emma nunca dissera nada assim antes nem ao menos ao pai dela. Mas talvez ela apenas visse nas pessoas quem realmente eram. Olhei para Vincent, ele parecia em choque sem saber o que fazer. Eu também estava. Ele me olhou. Eu encolhi ombros, não sabia o que dizer.

—Olha só isso. — Emma abriu a boca com os dedos, mostrando seus dentes — Falta um pedacinho de mim também, mas a mamãe ainda me ama mesmo assim. — Disse.

Ele engoliu em seco. Seus olhos estavam brilhando, por um segundo pensei que ele fosse chorar.

—Você me ama, não é, mamãe?

Acenei que sim.

—Claro que amo.

Emma se inclinou para perto dele, como se fosse lhe contar um segredo. Ele, curioso, se inclinou para perto dela para ouvir.

—Sabe o que é o amor, senhor cabeludo? — Perguntou Emma.

Ele quase sorriu.

—Me diga, senhorita Emma.

Ela sorriu com o jeito como ele disse seu nome.

—É quando você não tem vergonha de ser amado, mesmo faltando um pedaço seu. —Sussurrou.

Sorri enquanto lágrimas caíam pelo meu rosto.

Crianças...

Anjos escondidos dentro de corpos pequenos.

CAPÍTULO QUATORZE

—Fiquem aqui esta noite. — Disse ele.

Emma dormia ao meu lado, dessa vez um sono sem a agitação usual que tinha durante as tempestades. As cortinas grandes estavam fechadas, mas o quarto era iluminado com um pequeno raio de luz que atravessava a porta que eu havia deixado um pouco aberta. Ainda podia ouvir o som da chuva batendo forte contra o vidro da janela e ainda podia ouvir o *tum-tum-tum* do meu coração sempre que tentava fechar os olhos e dormir.

Mas eu não conseguia.

Estava preocupada com a minha casa. Não era a melhor casa do mundo e a tempestade poderia ter feito o reparo no telhado ir por água abaixo, literalmente. Estava preocupada que Emma acordasse assustada ou com vontade de ir ao banheiro e acabasse sem conseguir dormir novamente. Mas além de todas as preocupações usuais, eu estava preocupada com o rumo dos meus pensamentos. Eu estava pensando em Vincent Garcia. Estava pensando nele do jeito que eu não devia.

Depois da vergonha que Emma me fez passar na sala ao descobrir que ele usava prótese na perna, não consegui deixar de pensar o quão tola eu fui por não ter descoberto antes, ou ele devia ter sido muito cuidadoso para que ninguém notasse. Por que ele se importava tanto com aquilo?

Tentei lembrar dos mínimos detalhes de todas as vezes em que o via, mas nada, absolutamente nada, me fez suspeitar de algo. Ele se esforçava para parecer um monstro, mas não fazia ideia do quanto sua tentativa era ridícula. Ele não era um monstro, apenas pensava ser.

Suspirei.

Eu não devia me importar com ele. Não devia.

Mas eu me importava.

Antes de trazer uma Emma sonolenta para a cama, notei o olhar que ele tinha. Não era frio ou distante. Era quente e dolorido. Parecia que seus olhos

estavam me dando o pedido de desculpas que sua boca se recusava a fazer, mas eu não sabia o motivo. Ele não devia saber o motivo também, pois não existia razão. Eu não conseguia entender.

Ele disse para ficarmos no quarto de hóspedes e, mesmo que eu tivesse lutado contra a ideia de passar a noite na sua casa, ele deixou bem claro que a chuva estava forte demais e eu não encontraria uma condução para me levar de volta. Ele até mesmo usou Emma como aliada. Ela ficou feliz em ficar na casa. Antes de subir as escadas com Emma dormindo em meus braços, o chamei.

—Obrigada por nos deixar ficar e me desculpe por incomodá-lo esta noite. — Murmurei.

Ele desviou o olhar por um instante e então voltou os olhos bonitos para mim.

—É bom ouvir outras vozes na casa que não seja apenas a minha.

Interpretei suas palavras como um “não é incomodo algum, Lúcia”, mas havia muitas coisas mais dentro daquela frase do que um dia eu poderia entender.

Por que você se permite ficar tão sozinho? Quis perguntar, mas não perguntei.

Havia limites entre nós, limites estes que eu não devia ultrapassar.

Olhei novamente para Emma, ela dormia profundamente. Claro que isso era causado pela cama confortável e os cobertores quentinhos. Me certifiquei de que ela não fosse acordar e então sai da cama. A luz do corredor estava acesa, descii a escada sem fazer barulho e fui até a cozinha. Esperava pegar um copo de água ou preparar um chá que me fizesse dormir.

Ao abrir a porta fiquei surpresa ao ver o senhor não-mais-tão-carrancudo lá. Ele estava em frente a porta que levava até o jardim, olhando para fora. Eu não sabia o que se passava em sua cabeça, mas não devia ser algo bom a julgar por sua postura curvada sobre a cadeira, o cenho franzido e as mãos em punhos cerrados. Eu quis ir até ele, tocar seu ombro e dizer que ele podia falar comigo, mas não fiz.

—O que faz acordada a essa hora? — Perguntou sem se virar para me ver.

Saltei de susto, mas me recompus. Sorri e dei de ombros, mesmo que ele não pudesse me ver.

—Não consegui dormir.

Ele virou a cadeira e me encarou por um tempo.

Pensei no quanto devia estar horrível, com o cabelo bagunçado e a roupa amassada.

—Quer um pouco de chá? — Perguntou, indicando o bule sobre a mesa.

Ergui uma sobrancelha.

—Você preparou?

Ele respirou fundo, soltando o ar com força.

—Não é porque estou numa cadeira de rodas que sou um inválido. — Rugiu.

Olhei para ele boquiaberta.

—Eu não disse que é um inválido!

Ele deu de ombros.

—Não precisa dizer nada, sei que é isso o que pensa. É o que todos pensam. Eu não me importo com isso.

Dei alguns passos em sua direção.

—Você não sabe o que penso e não pode fazer suposições sobre isso.

—Então, me diga o que pensa quando olha para mim. — Pediu, ou melhor, exigiu.

No entanto, sua voz estava baixa, como se fosse um pedido que ele não tinha a intenção de fazer.

Me aproximei mais, dessa vez sem medo de encarar seus olhos.

—Penso que você é um homem amargurado que prefere se esconder do mundo do que enfrentá-lo. Penso que você é um homem que se machucou e tem medo de que vejam suas cicatrizes. Penso que você acha que não merece ser amado, mesmo que uma criança esteja te amando sem nem ao menos ter passado um dia inteiro com você.

Ele me olhou em silêncio. A respiração estava lenta, seus músculos, que pareciam sempre estar tensos, estavam visivelmente relaxados.

—Eu não estou me escondendo e não tenho vergonha de mostrar as minhas cicatrizes, as piores não podem ser vistas, estão dentro de mim. — Sussurrou.

Suspirei.

Ele passou por mim, me permitindo sentir seu cheiro por um tempo, era uma mistura de chuva e madeira. Antes de sair da cozinha, ele disse:

—Tente dormir, Lúcia. Será melhor para você.

Ele se foi, me deixando sozinha e completamente perdida.

Naquela noite Vincent Garcia me mostrou um pequeno pedaço de sua alma escura, eu não podia exigir mais dele.

Se quisesse alguém para conversar, eu o ouviria, mas, por hora, o deixaria ir.

Talvez ele fosse a tempestade que eu tinha que enfrentar.

A tempestade que poderia se transformar numa linda manhã de sol.



A manhã estava calma, como se na noite anterior não tivesse chovido tanto.

Era domingo, e nos domingos ninguém trabalhava na casa. Tudo estava silencioso quando acordei. Minhas costas não doíam e eu estava me sentindo relaxada, mesmo que tenha ido dormir tarde. Agradei a cama confortável

como uma nuvem pela noite de sono mais tranquila que tive em muito tempo.

Virei-me para acordar Emma, mas para minha surpresa ela não estava na cama. Pulei da cama e procurei ao redor do quarto e no banheiro, sai e a procurei pelo corredor e nos outros quartos. Por fim, cansada e assustada descí até a sala e ela não estava lá, foi então que ouvi sua risada e o som de um latido.

Byron.

—É só jogar e ele trará de volta para você. Vamos lá, tente. — Ouvi a voz de Vincent.

Suspirei aliviada por ela não estar sozinha. Caminhei até o banheiro. Depois de me aliviar, domar meu cabelo e escovar os dentes, fui até a cozinha para encontrá-los.

Vincent estava perto da porta do jardim junto com Emma. Ela jogou um pedaço de pau e Byron saiu em disparada pela grama, ele não foi tão longe. Emma riu e pulou toda feliz quando o cachorro trouxe o pequeno graveto de volta. Emma deu o graveto para Vincent e pediu para que ele jogasse. Byron saiu correndo novamente.

Sorri.

Caminhei até Emma e a peguei por trás, erguendo seu corpo pequeno, a fazendo gritar e rir. A abracei e beijei suas bochechas gordinhas. Ela tinha cheiro de bebê e chuva.

—Mamãe! — Ela gritou enquanto ria sem parar.

—Bom dia, Lúcia. — Disse Vincent.

Coloquei Emma no chão, ela correu para ele, que a pegou e sentou em seu colo.

Me dava uma sensação estranha vê-los juntos, mas ao mesmo tempo era bom. Parecia... certo.

—Bom dia, senhor.

Emma acariciava a cabeça grande de Byron e falava com ele. Vincent mantinha seus olhos nos meus, mas diferente de todas as outras manhãs ele não parecia com raiva. Vincent Garcia parecia... *feliz*.

Respirei fundo e então me ocupei com o preparo do café da manhã.

Depois de tudo pronto, ajeitei Emma na cadeira da mesa e coloquei panquecas e omelete em sua frente. Vincent serviu seu café na xícara e colocou um pouco em uma outra, para mim. Me sentei junto com eles.

Vincent pegou o garfo para comer, mas Emma gritou:

—Pare!

Sorri.

O garfo caiu da mão de Vincent com um baque no prato. Ele a olhou com as sobrancelhas erguidas e então voltou seus olhos para mim.

—Temos que agradecer, não é, mamãe? — Disse Emma.

Apoiei os cotovelos na mesa e cruzei os dedos, Emma fez o mesmo. Olhei para Vincent, que parecia desconfortável. Fechei meus olhos.

—Papai do céu, obrigada pela comida que a mamãe fez e pelo teto em nossas cabeças. Quero agradecer pela mamãe poder comprar roupa nova e a minha boneca também. Quero te pedir que todas as pessoas tenham comida e casa, e roupas bonitas e bonecas legais.

Abri os olhos e olhei para Emma, ela estava com os olhos bem fechados e as mãos firmemente juntas. Fiz o sinal da cruz.

—Papai do céu? Pode fazer o senhor cabeludo andar? Por favorzinho... Sussurrou.

No entanto, foi alto o bastante para que pudéssemos ouvir. Então, ela fez o sinal da cruz e começou a comer.

Arregalei os olhos, surpresa. Olhei para o senhor Garcia, que parecia tão

abalado quanto eu.

Engoli em seco.

Depois de um momento, um tanto constrangedor, começamos a comer. O silêncio interrompido apenas por Emma, que não parava de falar.

—As panquecas da mamãe são as *melhooooores* do mundo. — Disse ela, com a boca cheia.

Sorri.

Esperei que Vincent dissesse que as panquecas estavam horríveis, mas o flagrei se servindo de mais.

—Posso brincar com Biro depois, senhor cabeludo?

Olhei para Emma e a repreendi com o olhar. Ela tinha que parar de chamar o senhor carrancudo de senhor cabeludo.

—O nome é Byron, Emma. — Eu disse. Me aproximei dela e limpei sua boca. — E pare de chamá-lo de senhor cabeludo. — Sussurrei.

—Mas você o chama de senhor cabeludo.

Suspirei.

—Não, Emma. Eu o chamo de senhor *carrancudo* e não cabeludo.

O senhor carrancudo pigarreou.

Droga!

Arrisquei um olhar em sua direção e sorri.

Eu devia controlar as palavras que saíam da minha boca, mas sempre parecia impossível.

Depois de comer, Emma insistiu em brincar com Byron, o senhor carrancudo disse que não tinha problema então ela foi para o jardim, ficando perto o bastante para que eu pudesse vê-la.

Guardei o último prato e me virei para chamar por Emma. Estava na hora de ir embora. Antes que pudesse ir até ela o senhor carrancudo me parou. Bem, ele não me parou. Eu parei ao vê-lo do lado de fora olhando para Emma e Byron. O cachorro era um gigante perto dela. O som de sua risada viajava junto com o vento vindo até nós. Sorri.

—Eu não sabia que tinha uma filha. — Disse ele quando me aproximei o bastante.

—Você nunca perguntou.

Seus ombros se moveram como se estivesse rindo, mas não emitiu nenhum som.

—*Touché.*

—Não precisa se preocupar, senhor, não a trarei aqui novamente.

Ele se virou para me olhar.

—Eu disse para não trazê-la?

—Não, mas... — Me calei.

Ele ergueu uma sobrancelha.

Ele estava tão lindo naquela manhã. O sol parecia lhe fazer bem, dando a ele um tom bronzeado na pele e um dourado incrível em seus cabelos e na barba. Além dos seus olhos. Oh, seus olhos eram duas piscinas que misturavam o azul, o verde e dourado. Era quente. Tão quente.

—Mas?

Dei de ombros. Não podia dizer que Julia tinha me avisado que ele não queria crianças em sua casa.

—Não é nada. — Sorri.

Voltamos a olhar para Emma, cada um de nós perdido em seus próprios pensamentos.

—Por que não se importa que ela venha aqui? — Perguntei.

Depois de alguns segundos o ouvi suspirar.

—Fazia muito tempo que não havia vida nesta casa, eu não sabia que sentia falta disso. — Disse.

E mais um pedaço de sua alma se mostrou.

Naquela manhã, um pedaço não tão escuro quanto o da noite anterior.

CAPÍTULO QUINZE

—O que acha deste aqui? — Perguntou Nana, apontando para a imagem de um sofá azul na revista que segurava.

Sorri.

Nana estava me mostrando milhões de revistas de móveis para decorar a casa. A *minha* casa. Eu estava muito, muito feliz. Mas tinha que me conter. Naquela tarde eu iria até a minha, provavelmente, casa nova. O corretor de imóveis tinha me ligado durante a manhã, enquanto eu ia para o trabalho. Disse que naquele dia poderíamos visitar a casa, antes do dia que ele havia sugerido numa conversa que tivemos por telefone antes.

Segundo ele, os donos foram embora antes do previsto, então podíamos ver a casa antes da data marcada.

Contei a novidade a Nana assim que cheguei na casa do senhor carrancudo e, assim como eu, ela ficou muito feliz. Tudo bem que nada estava certo, ainda era uma grande incerteza. Mas apenas o fato de que era possível já me deixava animada. Assim como Nana, que não parava de me falar sobre móveis e coisas para decorar a casa.

Estávamos na cozinha, com revistas espalhadas pelo balcão e um sorriso bobo no rosto. Quando o relógio marcou nove horas da manhã, me senti desconfortável. A qualquer momento o senhor carrancudo apareceria e tudo o que eu não queria era vê-lo.

Fazia alguns dias desde o encontro de Vincent com minha filha e, embora ainda me ocorresse que ele podia me demitir, me perguntava constantemente o motivo por trás de tudo o que dissera naquele dia. Ele era um homem sério, mas, por uma fração de segundo, ao lado de Emma, ele não pareceu em nada com o homem que me recebeu de forma tão rude no meu primeiro dia de trabalho.

Eu queria lhe fazer perguntas, mas sabia que não podia.

Ergui os olhos para Nana, que estava sorrindo para a imagem de um guarda-roupa. Talvez ela pudesse me contar. Eu sabia que não devia me intrometer

na vida do meu chefe. Sabia que minha curiosidade sempre me colocava em problemas, mas eu não conseguia simplesmente esquecer. Era como se Vincent Garcia fosse um grande enigma e eu não podia abandoná-lo sem ao menos tentar desvendar seus mistérios.

—Nana?

Ela ergueu os olhos, ainda sorrindo. Era tão bom saber que havia pessoas felizes por saber que eu estava feliz.

—Sim, querida?

Olhei sobre meu ombro para a porta da cozinha e então me virei para ela.

—O que aconteceu com o senhor Garcia? — Perguntei.

Seu sorriso vacilou por um instante, quando voltou se tornou um sorriso triste. Ela me avaliou com olhos afiados e então suspirou. Parecia relutante em me contar o que quer que fosse, e eu a compreendia. Era visível o quanto Nana se importava com o senhor carrancudo. Por isso, compreendia sua relutância sobre falar sobre ele, principalmente para uma estranha como eu. Se Nana não me contasse nada, eu a entenderia e não iria insistir. Mas me surpreendeu o fato dela simplesmente perguntar:

—O que quer saber?

Encolhi os ombros.

—Me fale sobre o acidente. — Pedi.

Ela engoliu em seco.

Eu não queria deixar Nana desconfortável ou em maus lençóis com o senhor Garcia, mas eu queria saber de tudo. Algo dentro de mim queria que o senhor carrancudo sorrisse e eu não poderia tentar fazê-lo sorrir se não soubesse o que o deixava triste.

—Aconteceu há dois anos, foi um acidente de carro. — Ela abaixou a voz e se inclinou sobre o balcão — Ele tinha trabalhado até tarde e pediu para que Kelly fosse buscá-lo, já que estava usando o carro dele.

—Quem é Kelly? — Perguntei, interrompendo-a.

—Sua ex-noiva.

—Ah.

Nana fez uma careta, mas continuou:

—O que Vincent não sabia era que Kelly tinha bebido naquela noite, mesmo sabendo que não podia, mas ainda assim ela foi buscá-lo. Estava chovendo muito e, mesmo que as estradas estivessem vazias, aquela mulher conseguiu bater o carro contra um caminhão. — Ela olhou para longe, como se tivesse sido transportada até aquela noite. — Não houve explosão, graças à Deus, mas o carro ficou destruído. Kelly saiu sem muitos ferimentos, mas Vincent ficou gravemente ferido e precisou ficar internado por vários meses.

Suspirei.

—Foi por isso que ele precisou amputar a perna. — Murmurei.

Ela me olhou surpresa.

—Como sabe sobre a perna dele?

Corei.

Contei a ela sobre a noite em que fui preparar o jantar e dar o remédio a ele. Falei sobre Emma e quando assistimos ao filme. Então, contei sobre a descoberta nada agradável de Emma. Nana apenas sorriu e balançou a cabeça.

—Não ria, Nana. Ele não me pareceu nada feliz com aquilo. — Murmurei.

—Ah, minha querida. Não estou rindo por achar engraçado, embora seja um pouco. Estou rindo porque estou feliz por aquele teimoso.

Dei de ombros, mas também estava feliz. Feliz por ter visto um pouco dele.

—Me fale mais, Nana.

Ela franziu os lábios, tentando não rir.

Ela começou a história e tinha que terminá-la. Além do mais, eu estava muito curiosa. Principalmente sobre a tal Kelly.

—Bem, depois de várias cirurgias os médicos decidiram que era melhor amputar a perna, não tinha jeito de salvá-la. Por sorte, ou não, Vincent ficou inconsciente durante a primeira semana de internação. Por isso, a família que teve que decidir o que fazer. Sei que se estivesse acordado teria preferido não amputar.

—Mas foi o melhor para ele, não é? Os médicos disseram.

—Sim, foi feito o que precisava ser feito. Mas ele é teimoso, iria procurar por vinte médicos até que achasse *um* que dissesse o contrário.

—E a noiva dele? O que aconteceu?

Nana estalou a língua, fazendo uma careta de desgosto.

—Ela o deixou quando soube que a perna tinha sido amputada. A mulher tinha muito dinheiro então não se importou com a herança que ele herdaria. Apenas desapareceu até o meu menino sair do hospital e voltar para casa. Quando veio vê-lo tudo desmoronou.

Me aproximei.

—Por que?

Os olhos dela brilhavam com lágrimas.

—Depois de um tempo, a imprensa descobriu uma fralde na empresa do pai dela, o que os levou a falência. Ela voltou para tentar conseguir dinheiro, mas meu menino não quis dar nada.

—Bom, pelo menos não foi idiota. — Murmurei.

Nana balançou a cabeça.

—Mas ela tinha como convencê-lo. Kelly estava grávida e devido ao acidente

perdeu o bebê.

—De quanto tempo? — Perguntei.

Uma lágrima escorreu pelo rosto de Nana.

—Seis meses.

Naquele momento lágrimas apareceram em meus olhos também. Por mais vadia que a tal Kelly parecesse ser, não merecia perder o bebê. Imaginei a dor de Vincent e pude jurar que senti doer em mim também. Estranho como nossa vida podia mudar da noite para o dia. Sequei uma lágrima teimosa que decidi escorrer pelo meu rosto.

—Não fique triste por aquela mulher, Lucy, ela nunca quis o filho. Depois de várias tentativas de conseguir dinheiro com Vincent, ela confessou que bebeu naquela noite porque queria se livrar do bebê.

Ofeguei.

—Que vadia filha da...

—Foi o mesmo que pensei. — Sussurrou Nana.

Balancei a cabeça tentando fazer os pensamentos sobre o senhor carrancudo desaparecerem, mas não consegui. Eu queria correr até ele e abraçá-lo, dizer que sentia muito e que não merecia passar por nada daquilo.

—Quando soube disso, ele simplesmente parou de tentar viver. — Continuou. — Não foi mais a fisioterapia e deixou de tentar voltar a andar.

Minha cabeça se ergueu de supetão.

—Ele pode andar?

Nana deu um sorriso triste.

—Sim, pode, mas não tenta mais. Ou melhor, não deixa que o vejam tentar.

—Mas como...

—Ele apenas amputou a perna, mas pode andar com a prótese.

—Então, por que ele usa a cadeira de rodas?

Nana começou a guardar as revistas no momento em que ouvimos o barulho do elevador.

—Porque acredita que não merece uma segunda chance.

No momento seguinte, o senhor Garcia entrou na cozinha acompanhado de Byron. Ele estava usando uma camisa de botão preta e calça jeans escura, arrumada de um jeito que não deixasse ver a prótese. Seu cabelo estava bagunçado e preso em um coque. Mas meus olhos estavam presos na cadeira de rodas e nas mãos grandes e firmes que a empurravam.

Meu peito doeu.

Ergui meus olhos e o flagrei me olhando. Seu cenho se franziu, mas apenas de curiosidade não de raiva como costumava ser.

Nana colocou seu café da manhã na mesa, mas eu não me movi de onde estava. Eu ainda encarava seus olhos, tentando ver além do que ele mostrava.

Eu queria dizer algo, mas sentia que todas as palavras estavam presas na minha garganta. E nenhuma delas poderia lhe servir de consolo.

Pensei em como eu reagiria se um dia acordasse e soubesse que perdi uma parte do meu corpo e então soubesse que perdi minha filha, que também era uma parte de mim.

Quando tudo se tornou estranho demais, saltei do banco e caminhei até a porta da cozinha. Antes de sair lancei um breve sorriso para ele, que não retribuiu, claro, mas também não me ignorou.

Fui fazer meu trabalho, mas ainda me perguntava como era possível que a dor de alguém pudesse doer tanto em mim.



Poderia ter sido apenas mais uma tarde comum na casa do senhor Garcia.

Normalmente as tardes eram repletas de silêncio e um latido ou outro de Byron, mas não foi assim naquela tarde.

Eu estava pronta para pegar minha bolsa e ir ao encontro do corretor de imóveis, depois iria encontrar com Julia no clube e contar tudo, mas antes que pudesse ir até o banheiro mudar de roupa ouvi um grito vindo da sala de estar. Não era bem um grito, era um rugido. Era o senhor carrancudo.

Se eu podia dar as costas e fingir que não ouvi nada? Claro.

Se fiz isso? Não.

Culpei a empatia que começava a sentir por ele quando caminhei a passos hesitantes até a sala. Quando olhei através da porta vi que ele não estava sozinho. Uns cinco homens de terno e o senhor Ian Garcia estavam lá. Todos pareciam prestes a sair correndo diante do olhar do senhor carrancudo, mas o senhor Ian os fazia ficar. Senti que o senhor carrancudo estava sendo encurralado, quis ir até lá e gritar para que todos os deixassem em paz, mas ao invés disso voltei até a cozinha. E preparei uma bandeja com biscoitos e café.

Se corria o risco de ouvir um grito do meu chefe dizendo que não pediu nada daquilo? Com toda certeza.

Se eu iria deixá-lo sozinho em meio a uma jaula de lobos que queriam comê-lo vivo? Nem morta!

Não me dei ao trabalho de bater na porta. Entrei na sala e caminhei em direção a mesa de centro para deixar a bandeja. O silêncio se instalou por um instante, mas logo voltaram a falar. Sentia os olhos do senhor carrancudo em mim, mas o ignorei e servi — mais lenta do que uma lesma drogada — o café em cada pequena xícara.

—Estão vendo que tudo o que eu disse é verdade. — Rugiu o senhor Ian. — Ele não tem capacidade de manter a empresa.

Revirei os olhos.

—Ian está certo, Vincent. Como podemos confiar a você nosso investimento se não se esforça para que tenhamos algum retorno?

Vincent bufou.

—Da mesma forma que confiou em mim para ajudá-lo a abrir a porra da sua empresa quando todos que disseram que iriam te apoiar deram com o pé na sua bunda.

O homem ficou vermelho, e por fim se calou.

Sorri.

Ian respirou fundo, capaz de levar para os pulmões todo o oxigênio da sala.

—Você não está me dando escolha, irmão.

Ergui os olhos para ele. Um homem de meia idade esticou a mão e pescou um biscoito. Ignorei seus olhos em meus seios. Babaca.

—O que pretende fazer? — Perguntou Vincent.

Os outros homens na sala pareceram desconfortáveis, cada um olhando para qualquer coisa que não fosse os olhos de Vincent.

—Ou você sai da presidência da empresa por vontade própria ou teremos que ser diplomáticos e abrir uma votação entre os acionistas.

Vincent riu.

Não foi bem uma risada, não tinha maneira de estar se divertindo com tudo aquilo.

—E, claro, que você seria a primeira opção deles para o meu lugar. — Ironizou o senhor Garcia.

Ian o encarou. Então, começou a falar sobre um monte de baboseira que não entendi. Até ele dizer coisas como que a empresa perdeu milhões quando Vincent se afastou do cargo. O senhor carrancudo rebateu dizendo que não era sua culpa que o RH tivesse contratado funcionários incompetentes.

Quando o senhor Ian voltou a listar todas as perdas que a Garcia Joias sofreu durante os dois anos de reclusão de Vincent, ele ficou calado. Parecia que as palavras do irmão estavam fazendo efeito sobre ele. Deixei de fingir encher as xícaras e ignorei o senhor que não parava de comer os biscoitos. Olhei para Vincent, torcendo para que olhasse para mim. Quando seus olhos desviaram do irmão e fitaram os meus, pedi em silêncio que ele não desistisse. Pedi para ele que não abaixasse a cabeça para alguém que a queria numa bandeja de ouro como prêmio.

Tive que sair da sala antes que todos fossem embora. Ao ouvir a porta da frente se fechar com um baque, já tinha tirado o uniforme e pegado a bolsa. Corri até a sala e encontrei o senhor carrancudo ainda no mesmo lugar. Olhando fixamente para um ponto na parede. Me aproximei.

Eu não devia, mas me importava demais com aquele ogro.

—Ei, você está bem? — Perguntei.

Ele me olhou, um tanto surpreso.

—Sim. — Disse, com o cenho franzido e uma chama de fúria em seus olhos.

Eu sabia que aquela raiva não estava destinada a mim, por isso larguei a bolsa sobre o sofá e me aproximei dele. Ficando cara a cara.

Eu tinha que dizer tudo a ele. Tinha que dizer tudo o que merecia ouvir, pois parecia que ouvir as palavras de sua própria boca não estava surtindo efeito. Ele não era um monstro. E não podia chafurdar na dor como se todas as coisas ruins que acontecem no mundo fossem sua culpa.

Eu podia perder meu emprego, mas não podia deixá-lo perder sua fé.

Me inclinei sobre a cadeira, aproximando-me do seu corpo grande e segurei seu rosto em minhas mãos. Olhei em seus olhos verdes azulados, encontrando ali os tons dourados que os deixavam quentes.

—Olha só para você, Vincent Garcia. Você é lindo, rico e em algum lugar aí dentro existe um coração capaz de amar alguém. E capaz de ser amado. Para de se lamentar todos os dias e levanta daí. Vai viver, Vincent. Viver é tudo o

que nos resta, principalmente quando se tem uma segunda chance de fazer isso. Então, não a desperdice.

Ele estava com os olhos arregalados, surpreso.

Eu quis continuar segurando seu rosto e olhando em seus olhos, porque a sensação que tinha era de paz, mas não podia. Me afastei.

Ele limpou a garganta.

—O que espera que eu faça? — Perguntou.

Dei de ombros.

—Mostre a eles que você é muito mais do que conseguem ver.

Ele aproximou a cadeira, nos deixando com poucos centímetros um do outro.

—E como faço isso?

Sorri.

—Pare de se esconder.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Vincent

Eu já havia escutado muitas coisas durante minha vida.

“Sorria mais, Vincent.”

“Não seja tão rude.”

“Não precisa deixar transparecer que não gosta de alguém.”

“Vincent, pare de ser tão sério.”

E o que tinha escutado com mais frequência nos últimos meses era:

“Seja mais gentil, meu menino. “

Isso eu escutava todos os dias de Nana, que era como minha segunda mãe.

Eu sabia que não devia descontar em ninguém as minhas dores e frustrações. No entanto, em vários momentos de todos os dias a raiva por tudo o que havia me acontecido me dominava e isso me tornava um completo idiota com pessoas que não mereciam. Eu estava sempre ciente dos erros que cometi na minha vida e das falhas que insistia em cometer todos os dias. Falhas estas que me faziam parecer ainda pior aos olhos de uma pessoa em especial. Por muitas vezes nos últimos dias me odiei por não conseguir ser um pouco menos que... idiota.

Nana esteve ao meu lado durante quase toda minha vida. Esteve comigo nos momentos mais felizes e no pior momento da minha vida também. Ela me conhecia bem o bastante para não correr todas as vezes que me encontrava de mal humor, o que acontecia com frequência. Porém, havia Lúcia Vega. A jovem que parecia tremer de medo quando me encontrava, a mulher que fazia de tudo para ficar bem longe de onde quer que eu estivesse. Embora não pudesse culpa-la por preferir se manter longe de mim, ainda existia uma pequena parte minha que queria mantê-la perto.

Era extremamente egoísta de minha parte desejar Lúcia como um homem normal poderia desejar. Todavia, eu enxergava em Lúcia muito mais do que

outro homem poderia enxergar. Ela era muito mais do que um rosto e corpo bonito, era muito mais do que aquela sua aparência física forte. Havia, sim, força em seus movimentos e no brilho de seus olhos castanhos, mas também existia ali certa vulnerabilidade que a tornava irresistível. Havia timidez nos seus sorrisos, mas muita força em suas palavras. Ela era uma grande contradição ambulante. Cheia da doçura de uma menina e a da força de uma mulher.

Ver Lúcia todos os dias me dava uma sensação nova, algo que eu não sentia havia muitos anos. Ela me dava a sensação de que tudo era possível. Me fazia acreditar que ainda existia uma chance para mim. Ela me fazia sentir como um homem inteiro novamente.

Olhei para minha perna, que terminava pouco acima do joelho. Suspirei de dor diante das lembranças do momento exato onde tudo o que eu era se tornou poeira. A constante lembrança daquela noite ainda me atormentava, me fazia ficar noites sem dormir e, às vezes, quando o cansaço do dia me fazia adormecer eram os pesadelos que me acordavam. Sempre com a sensação do pânico que senti ao ver aquelas luzes vindo em nossa direção. Era demais para aguentar. As lembranças eram um peso extremamente doloroso de se carregar. Principalmente com a lembrança física, da qual eu não podia fugir.

Eu tinha acabado de tomar um longo banho, mas ainda permanecia apenas com uma toalha ao redor da cintura. Fazia alguns minutos e eu ainda estava sentado em minha cama olhando para a prótese apoiada no criado-mudo. Aquele dia não era como todos os outros, naquele dia eu não colocaria a prótese apenas para que não notassem a falta de minha perna enquanto estivesse em minha cadeira de rodas. Naquele dia a prótese seria colocada com o intuito de usufruir de sua verdadeira função.

Vesti a cueca e larguei a toalha sobre a cama. Ao meu lado estava o *liner de silicone*, que servia para proteger a pele do encaixe da prótese. O coloquei como fazia todos os dias e então me ergui da cama. Encaixar a prótese não era difícil, eu estava acostumado a ela mesmo que saber de sua existência ainda me causasse muita dor e raiva. Com um pouco mais de pressão na prótese encaixada no joelho, ficou no lugar correto. Não era a melhor

sensação do mundo, mas eu estava disposto a dar uma nova chance à prótese e a fisioterapia.

Embora eu secretamente caminhasse com a prótese em meu quarto, não era a mesma coisa se comparado a fisioterapia. Eu ainda me desequilibrava muitas vezes, ainda era difícil me acostumar. A principal razão, eu sabia, era por ter parado de ir a fisioterapia com o doutor Roberto. Ele ficou muito feliz por saber que eu retornaria naquele dia. Coloquei uma roupa confortável e pedi para que Nana chamasse novamente o motorista — que pensava ter sido demitido já que eu não saia mais de casa.

Antes de sair do quarto lancei um olhar sobre o ombro para o criado-mudo onde estava a perna da boneca de Emma, a que ela arrancara para me mostrar que ninguém precisa estar inteiro para ser amado. Sorri.

Os sentimentos que tomavam conta de mim ainda eram confusos, mas eu sabia o que eles queriam dizer. Estava na hora de seguir o conselho de Lúcia e simplesmente parar de me esconder.

Eu não me sentia confiante o bastante na prótese para descer a escada, por isso usei o elevador. Ao sair no átrio, resolvi ir até a cozinha. Ainda era bem cedo, mas podia ouvir o barulho das panelas e um rádio tocando uma música dos anos 1970. Torci para que Lúcia ainda não tivesse chegado. Caminhei um tanto cambaleante, mas fazendo o melhor que podia para me manter firme no chão. Ao entrar na cozinha, vi Nana se balançando ao ritmo da música. Ao notar minha presença, ela parou.

Sua expressão de surpresa quase me fez rir, mas foram seus olhos se enchendo de lágrimas que me fez sentir meu coração apertar dentro do peito. Ela, sabendo como eu ficava desconfortável diante de lágrimas, logo se recompôs e caminhou até mim. De pé diante de Nana me senti ainda mais alto do que sentia mesmo na cadeira de rodas.

—Meu menino. — Sussurrou.

Não consegui conter a onda de emoção que me atingiu. Puxei-a para meus braços e a abracei como Nana merecia ser abraçada todos os dias. Seu cheiro de biscoitos e os braços rechonchudos ao redor de minha cintura me fizeram

sentir como um garotinho de novo. Nana era como uma mãe para mim. Era uma das pessoas mais importantes da minha vida, sem ela eu jamais teria sobrevivido ao que causei a mim mesmo durante anos. Sem seu amor e compreensão, eu já teria enlouquecido.

Ao se afastar, Nana rapidamente limpou as lágrimas que escorreram pelo seu rosto.

—Aonde vai tão bonito assim, menino?

Sorri. Nana fazia bem a qualquer autoestima.

—Tenho uma consulta com o fisioterapeuta. — Falei.

Mais uma vez seus pequenos olhos se encheram de lágrimas.

—A senhorita Vega já chegou? — Perguntei.

Embora tivesse mostrado desinteresse, Nana sorriu como se soubesse exatamente a forma louca como meu coração batia todas as vezes em que pensava em Lúcia.

—Ainda não, mas logo chegará. — Disse, ainda sorrindo.

Aceitei a caneca de café que me entregou e dei um longo gole.

—Percebi que ela tem estado muito alegre ultimamente. Sabe o motivo? — Dei mais um gole no café, enquanto fingia prestar atenção na música que tocava no rádio.

Ouvi a risada baixinha de Nana, mas não me arrisquei a olhá-la.

—Vou lhe contar, menino, apenas porque gosto muito de você. Lucy está procurando uma casa para ela e a pequena Emma morarem...

—Uma casa? Por acaso Lucy irá embora? Ela... Ela disse que vai embora? — Perguntei, interrompendo suas palavras.

Não era como se eu estivesse completamente apaixonado por Lúcia, mas senti algo ruim ao pensar em não vê-la mais na minha casa todos os dias. Já

bastavam os finais de semana nos quais ela não ia trabalhar e a casa caía no silêncio sombrio que costumava ser antes de Lúcia começar a trabalhar.

As sobancelhas de Nana se ergueram, mas o sorriso permanecia em seu rosto. Eu não devia ter me mostrado tão interessado na vida de Lucy.

—Como bem sabe ela trabalha aqui e vai continuar trabalhando, até porque precisa para pagar as prestações da casa.

Assenti, tomando o resto do café.

Aliviado com a resposta de Nana, me despedi e caminhei para a saída da casa. Era um dia bonito e ele pareceu ainda mais quando avistei Lúcia caminhando pela calçada. Dentro do carro, a observei através dos vidros escuros. Lúcia caminhava com confiança, a cabeça erguida e um pequeno sorriso enfeitando seu rosto. Usava calça jeans, tênis de corrida já gastos e uma camiseta com uma estampa do Bob Esponja. Me perguntei se ela tinha ideia do quanto aquele seu jeito simples e descontraído a tornava atraente.

Me perguntei se um dia teria coragem suficiente para... não sei... chamá-la para sair?

Coei a barba grande enquanto ria de mim mesmo.

Algumas pessoas entram em nossas vidas e nos salvam. Enquanto outras apenas nos destroem.

Ela me salvou.

Talvez eu pudesse pensar que era apenas um menino quebrado que estava se apaixonando por uma menina teimosa.

Talvez eu ainda tivesse uma chance.

CAPÍTULO DEZESETE

Eram dois quartos grandes, uma cozinha conjugada com uma sala pequena, dois banheiros (incluindo o da suíte) e um quintal pequeno e cercado por uma cerca alta de madeira marrom e arame farpado. O chão era de piso branco e as paredes de um azul claro, quase branco. Tinha ventilador no teto e uma claraboia. Entrava bastante luz solar e ar puro, graças as portas grandes de correr que levavam ao pequeno quintal.

Não era tão grande quanto a casa chique do senhor Garcia, mas em poucos dias aquela pequena casa de fachada branca e grama verde no centro da cidade seria minha.

—E então, gostaria de ver outras casas? — Perguntou o corretor de imóveis, senhor Euclides, enquanto arrumava uns papéis em sua pasta marrom.

Olhei ao redor da casa mais uma vez. Os antigos donos deixaram um pouco da mobília e, segundo o senhor Euclides, podiam ficar com o novo morador. A casa tinha cheiro de tinta fresca e grama recém-cortada. Fiz uma conta rápida e então me virei para vê-lo. O senhor Euclides sorria e me olhava com expectativa. Eu não conseguia não sorrir de volta, porque estava muito feliz.

—Não, senhor Euclides. Vou querer esta casa. — Eu disse toda confiante.

Talvez algumas pessoas não entendessem o quanto era importante ter uma casa própria. Passei quase toda a minha vida pagando aluguel por um lugar que estava caindo aos pedaços, mas era a única coisa que me restava. Ser capaz de visitar uma casa boa e bonita, sabendo que você pode comprá-la, não existia palavra que pudesse descrever este sentimento.

—Maravilha. Vou apenas precisar de todos os documentos e o dinheiro da entrada, sabe como é, né? Assim a senhora poderá se mudar o quanto antes.

Acenei e sorri.

Estava acontecendo. Eu teria minha filha comigo e estaríamos em um bom lugar. Emma iria amar a casa nova. Ao menos nas tempestades o telhado não iria cair.

Saí da casa nova me sentindo leve como um balão. Me despedi do senhor Euclides e caminhei até o ponto de ônibus. Uma das vantagens do bairro era que tinha um ponto de ônibus perto da casa, assim eu não precisaria andar tanto. E, além disso, a casa ficava perto do trabalho. Um ônibus e eu estaria lá. Tinha um mercadinho ali perto e uma escola poucas ruas depois. A vida podia ser bem bacana às vezes.

Já dentro do ônibus, por sorte encontrei um lugar vazio, logo a lotação ia encher até virarmos sardinha em lata. Mandeí mensagem para Julia, com as fotos que tirei da casa. Pouco tempo depois recebi sua resposta:

Julia: A casa é lindaaaa! Eu sabia q ia conseguir algo que prestasse. Dá até pra fazer festinha aí. Uhuuuuul.

A moça ao meu lado, uma senhora, me olhou e sorriu também. Ah, se ela soubesse a vontade que eu tinha de sair pulando por aí feito uma pulga e gritando o quanto estava feliz. Decidi que iria esperar para fazer uma surpresa para Emma. Minha garotinha ia amar.



—Olha só como é o quintal. — Eu disse, passando as fotos no celular para que Nana visse. — É pequeno, mas dá para colocar um balanço para Emma.

Nana balançava a cabeça em aprovação e sorria.

Fazia duas horas que tinha chegado ao trabalho e ainda não tinha visto o senhor Garcia. Sim, tentava não o chamar de carrancudo. Não depois de ver que ele podia ter outra expressão que não fosse a de *quero-matar-você*. Eu podia melhorar um pouco, quero dizer, não ser tão orgulhosa e tentar manter minha boca fechada. Mas era difícil quando eu estava perto dele. Sentia que ele merecia ouvir algumas coisas, principalmente depois de saber sobre o acidente e a perda do seu filho.

Tentei não ficar com aquela imagem na cabeça, mas foi difícil. Todas as vezes em que me lembrava da conversa com Nana meu coração doía. Ninguém merecia sofrer uma dor tão grande, não era apenas por ele ter

perdido a perna, mas por ter perdido o filho. Vincent ainda estava vivo graças à Deus, mas parecia viver se sentindo como se estivesse morto.

Se eu pudesse fazer alguma coisa por Vincent Garcia, seria tentar dar a ele algo pelo qual lutar.

Eu só não sabia o quê.

—A casa está mais silenciosa que o normal. — Eu disse.

Nana olhou ao redor e assentiu.

—Pois é, parece sem vida quando Vincent não está aqui.

Olhei para ela.

—Ele não está?

Ela sorriu, um sorriso grande e cheio de dentes.

—Sim. Ah, Lucy. — Suspirou. — Quando o encontrei aqui hoje e me disse que iria sair de casa quase não acreditei. Estou tão feliz por meu menino.

Sorri.

Eu também estava feliz, feliz demais para admitir. Vincent Garcia saiu de casa. Vincent Garcia estava vivendo.

—E para onde ele foi? — Perguntei.

Nana mostrou um sorriso misterioso.

—É surpresa.

Droga!

Odiava surpresas, para mim nunca foram boas, mas torcia para que, seja lá o que fosse, o deixasse feliz.

Às vezes, eu só queria vê-lo sorrir.

Mesmo que fosse apenas uma única vez.

CAPÍTULO DEZOITO

Era segunda-feira.

Para muitas pessoas a segunda-feira é o pior dia da semana, mas naquele mês e naquela semana, pensei que seria a melhor segunda-feira da minha vida.

No domingo à noite liguei para Nana e avisei que precisaria chegar mais tarde no trabalho, mas iria descontar fazendo hora extra. Ela não se importou. Então, acordei mais cedo e saí de casa preparada para passar algumas horas dentro de vários ônibus, mas feliz por estar indo onde tinha que ir.

Eu estava a caminho do banco para pegar o dinheiro para pagar a entrada da casa. Isso faria com que as parcelas fossem menores, embora fosse demorar mais para pagar a casa de vez. Segundo meus cálculos, tudo daria certo se eu mantivesse o emprego na casa do senhor Garcia. O salário era realmente bom e eu não podia negar que foi justamente por estar trabalhando lá que havia conseguido a chance de ter minha casa própria.

Aguntei mais algumas horas no banco esperando ser atendida e quando pude sair de lá, estava sorrindo feito o gato da Alice. O corretor já havia entrado em contato com o banco para esclarecer a razão de uma retirada de tanto dinheiro, por isso as coisas foram mais fáceis do que eu imaginava. Embora o gerente tenha me olhado com certa surpresa, já que eu só aparecia no banco para pagar contas. Antes de sair, enfiei o dinheiro na bolsa e a segurei como se fosse um bote salva-vidas e eu estivesse no meio do oceano cercada de tubarões.

Por sorte a rua estava bem movimentada, então me infiltrei entre as pessoas e caminhei apressada até o ponto de ônibus, naquela tarde iria me encontrar com o senhor Euclides na corretora e acertar tudo. Na próxima semana estaria na minha casa. *Minha* casa. Era gostoso de pensar.

As pessoas foram se dispersando em várias direções, então acelerei o passo em direção ao ponto de ônibus. Algumas lojas ainda estavam abrindo e o cheiro de comida dos restaurantes ali perto começava a encher o ar, foi somente então que percebi que não tinha tomado café da manhã. Parei na calçada, esperando um caminhão da coleta de lixo passar e foi justamente

neste momento que tudo aconteceu.

Uma mão grande segurou meu braço e me puxou para trás, por impulso pensei em gritar, mas foi então que senti algo pontudo e frio na minha coluna. Tentei respirar, mas parecia difícil. Lancei um olhar sobre o ombro, mas o aperto em meu braço ficou mais forte, me fazendo gemer de dor. Já não havia ninguém por perto e o caminhão da coleta de lixo já estava virando a esquina.

—Fica quietinha, dona, e nós não faz nada.

Tentei me virar, mas o homem me impediu. Antes que pudesse protestar, o homem que segurava meu braço me puxou com força, me empurrando para um beco entre duas lojas que estavam fechadas. Engoli em seco.

Pronto, é agora. Eles vão me roubar, me estuprar e me matar, pensei.

Os dois homens usavam camisetas de time de futebol, eram magrelos e pareciam jovens demais. Aprendi que nunca se deve reagir a um assalto, mesmo que esteja levando na bolsa a esperança de um futuro melhor para sua filha. Um dos homens, o que não tinha uma arma, me empurrou contra a parede fria e suja e prendeu o antebraço em meu pescoço. Lágrimas escorriam pelo meu rosto, me fazendo ver tudo borrado enquanto eu lutava para que ele não me sufocasse. O homem com a arma puxou minha bolsa, que era velha por isso a alça quebrou facilmente. Ele abriu e começou a revirar tudo.

—Por favor. — Choraminguei.

O homem que ainda me segurava, apertou ainda mais o braço em meu pescoço e sorriu. Faltava-lhe alguns dentes.

—Olha só isso, mano. A dona tá cheia da grana. A gente fez bem em escolher essa aí. Riu o homem que tinha a arma e revirava minha bolsa no chão.

De repente o medo que me fazia tremer foi substituído por raiva. Sem me dar conta da estupidez que fazia, ergui a perna e dei um chute no homem abaixado no chão. O impacto o fez cair para traz, espalhando tudo o que eu tinha dentro da bolsa e fazendo a arma cair longe. Devido ao susto de minha reação o homem que me imprensava na parede afrouxou o aperto em minha

garganta, me dando a chance de finalmente poder gritar.

—Socorro! — Gritei.

Não tive a chance de dar nenhum passo para longe deles, antes que pudesse me mover senti um grande impacto na parte de trás da minha cabeça. Em seguida, um golpe no meu rosto que fez minha pele arder e o gosto de sangue inundar minha boca. Minha visão ficou distorcida e cambaleei para longe. No entanto, não foi longe o bastante para impedir que o homem magricela que me sufocou segundos antes desse um soco em meu estômago. O ar que havia retornado para meus pulmões foi expulso com o impacto. Sentia-me tonta e enjoada, sem fôlego e sem força.

Não havia nada que eu pudesse fazer. Desabei no chão sujo do beco entre as lojas contorcendo-me de dor. Vi o momento em que os dois saíram correndo levando com eles tudo o que eu tinha.



Eu não tinha nenhum lugar para ir.

Não tinha dinheiro para o ônibus e quando parei algumas pessoas na rua para pedir ajuda elas não me deram a chance de explicar o que havia acontecido, saíram correndo como se eu estivesse com a peste.

Não sei por quanto tempo andei. Minhas pernas doíam e minha barriga parecia estar sendo apertada por uma corda. Tinha sangue no canto da minha boca e eu tinha quase certeza de que tinha sangue na minha cabeça também. Minha visão estava turva e minha respiração parecia não querer sair devido a pressão que sentia no abdome.

O homem que cuidava da entrada do condomínio me reconheceu e correu para me ajudar. Eu não conseguia falar, balbuciei a palavra *assalto* e então ele correu para me levar até a casa do senhor Garcia. Era o único lugar onde eu poderia ir, se fosse para minha casa poderia acabar desmaiando no meio do caminho. Era longe demais e eu duvidava muito que alguém fosse me ajudar a chegar lá.

Quem abriu a porta da casa foi Nana e ela quase desmaiou de susto.

—Minha Nossa Senhora! — Ofegou.

Foi então que as lágrimas que estava segurando durante todo o caminho caíram. O segurança me soltou, me permitindo ir até Nana para abraçá-la. Ela me deixou chorar em seu ombro por um tempo, me dizendo que estava tudo bem e que eu estava segura. Mas eu não me sentia segura. Meu corpo tremia e doía em todos os lugares, eu sentia medo mesmo que soubesse que estava com Nana. A sensação era terrível, parecia que todo o tempo que passei na mira daqueles dois homens se repetia a cada segundo.

Um barulho me fez erguer os olhos.

Mais uma vez naquele dia o ar deixou meus pulmões de supetão.

Vincent Garcia estava ali. Me olhando, assustado feito um garotinho. Nana se afastou de mim apenas o bastante para se virar para ele, contando tudo o que tinha acontecido. Bem, ao menos o que eu conseguira dizer a ela sobre o assalto enquanto chorava em seu ombro. Mas eu não consegui olhar para Nana ou me concentrar no que ela dizia. Meus olhos estavam presos na figura grande e forte que era Vincent.

Ele estava ali.

Em pé.

Vincent Garcia estava de pé na minha frente.

Alto feito um poste e forte feito o tronco de uma árvore.

Ele... ele *caminhou* até mim, que estava parada no mesmo lugar.

Seus passos eram lentos e seu corpo pendia para um lado, mas ainda assim ele caminhava até mim. Passos vacilantes contra o piso, mas ainda eram passos. Passos que ele dava em minha direção.

Não o permiti chegar mais perto, corri até ele e me joguei em seus braços. Eu podia me arrepender daquilo depois, mas naquele momento eu apenas queria abraçá-lo. Eu precisava que ele me segurasse, pois sentia que, embora fosse

ele que vacilava nos passos, era eu quem estava prestes a cair.

Ele me abraçou. Seus braços eram fortes e seu corpo estava quente. Sentia o pulsar do seu coração contra minha bochecha. Então, senti seus lábios pressionados contra a lateral da minha cabeça.

—Está tudo bem. Estou aqui. Não tenha medo. — Sussurrou ele.

Foi então que chorei.

Chorei por, mesmo estando dentro da casa dele, estar sentindo medo. Chorei porque não iria comprar a casa. Chorei por ter que ficar longe de Emma. Chorei por Vincent finalmente estar de pé. Chorei por saber que eu podia abraçá-lo.

Chorei por tudo o que já havia me acontecido na vida.

Deixei cair todas as lágrimas que um dia preendi.

CAPÍTULO DEZENOVE

Ele segurava minha mão.

Sua mão era grande, quente e ligeiramente áspera. Ela engolia a minha facilmente. Mas não me importei com isso. Eu queria que ele segurasse a minha mão. E gostei — mais do que um dia podia admitir — de sentir que ele estava ao meu lado. Meus sentimentos pareciam que tinham sido batidos em um liquidificador e virado uma meleca indecifrável. Eu ainda estava em choque por conta do assalto e ainda assim me sentia ligeiramente em paz com ele.

Meu corpo tremia e minha barriga doía sempre que eu respirava fundo. Eu estava um trapo horrível, suja com sangue e lama do maldito beco. E ainda assim estava sentada no sofá chique da sala de estar de Vincent Garcia. Ele não parecia se importar com aquilo. Seu corpo estava praticamente colado ao meu. Sua coxa grossa dentro da calça jeans estava grudada ao lado da minha, dentro da bermuda leggings suja por conta da minha queda. Ele não parecia se importar com aquilo também.

Eu não conseguia falar, minha boca estava seca como o deserto e minha língua ficava grudando no céu da boca. A única coisa que conseguia fazer era ficar olhando minha mão dentro da mão de Vincent enquanto pensava em Emma. Eu estava triste e muito puta da vida por ter sido assaltada, mas ao menos eu estava viva e bem, ou praticamente bem.

Era isso que Vincent dizia o tempo todo.

Ele estava tremendo também, mas era de raiva. Ele dizia coisas feias sobre aqueles homens, coisas que eu tinha que concordar. Dizia que se os encontrasse um dia os faria se arrepender de terem me machucado. Ele despejava palavras de ódio e, ainda que fosse estranho e um tanto assustador, aquilo me confortava.

Mas então eu pensava no quão perto ele estava. E o quão bom era senti-lo.

Como alguém tão frio podia me fazer sentir tão quente?

Nana saiu da sala, dizendo que ia até a cozinha me preparar um chá que me

deixaria mais calma. Deixou a caixa de primeiros socorros com Vincent e simplesmente saiu.

Com uma delicadeza impressionante Vincent segurou meu queixo e me fez virar o rosto para ele. Cometi o erro de erguer os olhos e olhar nos olhos dele. Eu ainda sentia meu rosto molhado das lágrimas e podia ver a mancha de rímel que deixei na camisa verde que ele usava. Eu quis chorar novamente.

Ele me olhava com preocupação encobrindo o brilho de raiva em seus olhos. Seu cabelo estava menos bagunçado que o normal, porém ainda preso de um jeito despretensioso. Sua barba grande, notei, estava um pouco mais curta e era possível enxergar melhor seus lábios rosados e cheios. Mas eram seus olhos que sempre me prendiam.

Eu não sabia que olhos podiam ser tão bonitos. Não era a cor azul-esverdeada e levemente dourada que me fascinava. Era o que eu enxergava todas as vezes em que o olhava. Era tudo o que eu *sentia* quando o olhava.

Ele pegou um pedaço de algodão e molhou com o Merthiolate. Com uma mão segurou meu queixo e então encostou de leve o algodão no machucado no canto da minha boca. Me encolhi e fechei os olhos diante da dor ardente. Ele devia comprar o tipo que eu comprava para Emma, o que não arde, pensei.

—Minha mãe dizia que se não arder é porque não está funcionando. — Disse ele.

Abri os olhos e o fitei.

Ele tinha os lábios comprimidos, como se não quisesse rir.

—Sua mãe não sabe o que diz. — Brinquei.

Em meio ao turbilhão de coisas que estava sentindo brinquei com meu chefe carrancudo e aquilo me fez esquecer por apenas um segundo todas as razões que me faziam ficar triste.

—Eu também sempre pensei isso. — Sussurrou, como se contasse um segredo.

Nana voltou minutos depois com uma xícara de chá de camomila. Examinou minha cabeça enquanto eu respondia as perguntas de Vincent e dela.

No fim das contas não precisei ir até o médico, apesar da insistência de Vincent em me levar. Discutimos por um tempo até minha teimosia o fazer desistir. As feridas foram limpas e o chá foi tomado. Nana me disse para descansar e eu a agradei por isso, minha barriga ainda doía e quando me levantava me sentia tonta.

—Deite um pouco e descanse. — Disse Vincent ao voltar para a sala.

Ele tinha saído junto com Nana, dizendo que tinha que fazer uma ligação.

Olhei para ele dos pés à cabeça e sorri. Ele estava andando e aquilo me deixava eufórica, eu queria gritar e pular em cima dele. Estava feliz por vê-lo de pé e com aquela aparência de quem estava pronto para enfrentar o mundo inteiro se fosse necessário. Ele caminhou lentamente até mim, parecia ser difícil e um tanto desconfortável para ele. Vincent colocou o telefone no suporte e se aproximou do sofá. Foi então que notei o cobertor que ele trazia. Era o cobertor com estampa de estrelas.

Quando chegou até mim, soltou um ruído abafado, como uma risada. Decidi interpretar como uma risada. Olhei para ele que deu de ombros.

—Ainda tenho que me acostumar com isso. — Disse ele, apontando para a perna.

Sorri, apenas. Pois se abrisse a boca podia chorar ou falar algo que não devia.

Ele sentou, um pouco sem jeito, na beirada no sofá e tocou meu ombro para que eu deitasse. Foi o que fiz. O alívio foi imediato. Suspirei.

—Liguei para um amigo, ele é médico e disse que você pode tirar uma soneca, mas se continuar sentindo dor devo levá-la ao hospital.

—Não precisa, senhor. Estou bem.

Ele ergueu uma sobrancelha.

—Não está, não.

Não, eu não estava bem. Porque por mais que quisesse não conseguia deixar de pensar que eu não tinha mais como comprar a casa e ter minha filha comigo.

—Vou ficar bem. — Menti.

Ele acenou.

—Gostaria de te levar para o quarto, para descansar em um lugar mais confortável, mas... — Ele desviou o olhar, constrangido. — Ainda não consigo subir a escada muito bem e com você nos braços seria ainda mais difícil me equilibrar.

Segurei sua mão, o fazendo olhar para mim. Sorri.

—Você já fez muito por mim. Obrigada.

Ele ajeitou a almofada sob minha cabeça e me cobriu com o cobertor. Ao se certificar de que eu estava bem, levantou. Antes que pudesse sair de perto do sofá, segurei sua mão.

Eu sabia que ele podia andar, Nana havia me contado. Mas depois de tanto tempo sentado naquela cadeira de rodas, eu precisava saber o que o fez levantar.

—Estou feliz que está de pé. — Eu disse.

Se Emma o visse estaria gritando e pulando.

Ele deu de ombros.

—Eu podia andar. Sempre pude.

Com certa dificuldade, me ergui em um braço e o fitei.

—Eu sei, mas por que voltou a andar apenas agora? — Perguntei.

Ele desviou o olhar por um breve segundo, quando voltou a olhar meus olhos senti meu coração bater forte.

—Porque você me estendeu a mão. E me fez sentir que eu não iria cair. —
Sussurrou.

Se houvesse alguma palavra que eu podia dizer naquele momento, ela não encontraria um jeito de sair.

Vincent se inclinou e encostou os lábios na minha testa, depositando um beijo cálido.

—Descanse. Voltarei em breve para ver como está.

Eu estava cansada e tudo o que pude fazer foi encostar a cabeça na almofada e fechar os olhos.



Acordei sentindo algo úmido e quente roçar minha mão. Me remexi no sofá, estava cansada demais para abrir os olhos. Então, a coisa úmida e quente roçou minha bochecha, me fazendo gemer algo que nem ao menos eu entendi. Eu não queria acordar, ficar de olhos fechados me deixava longe da realidade. E naquele momento era tudo o que eu queria.

A coisa tocou meu pescoço. Como se estivesse sentindo meu cheiro. Ainda era úmido e quente.

Então, de repente fiquei alerta, o tanto que meu corpo cansado permitiu, mas ainda de olhos fechados. Me recordei de Vincent dizer que voltaria para me ver. Será que... *Oh*.

Senti sua respiração perto do meu pescoço, subindo até o nódulo da minha orelha.

Eu devia estar dormindo porque não conseguia abrir os olhos, mas sentia-o em todas as partes do meu corpo. Então, deixei minha imaginação fluir. Imaginei seu corpo grande e forte sobre o meu, a respiração rápida e quente contra meu pescoço.

—Vincent... Oh, isso... — Balbuciei em meu sonho.

Ele estava perto agora, tão perto.

Fazia tanto tempo que nenhum homem me tocava. Fazia tanto tempo que não me sentia daquele jeito.

Ele era meu *chefe*.

Aquilo era tão errado.

Aquilo era tão bom.

Me remexi no sofá novamente, esperando sentir o peso do seu corpo sobre o meu, mas não senti nada.

Então, ele lambeu minha mão.

Espera aí.

Por que Vincent lamperia minha mão?

Me virei no sofá e relutantemente abri os olhos.

Encontrei olhos marrons me encarando.

E um maldito rabo peludo saltando de um lado para o outro, fazendo um *toc toc* contra a mesa de centro.

—Byron! — Grunhi.

Gemendo de frustração deitei com força contra o sofá, me arrependendo ao sentir uma pontada na cabeça.

—*Grrr...* Droga!

Fechei os olhos com força. Não podia acreditar que estava fantasiando com meu chefe.

Tudo bem que o cara era lindo de morrer e tinha aquele cabelo comprido que dava vontade de enfiar os dedos ali e aquela boca carnuda envolta por toda aquela barba. E aqueles olhos azul-esverdeados. Oh, Nossa Senhora dos Homens Lindos... Aqueles olhos eram a epítome dos olhos sexys.

E tinha a voz dele. Era rouca e grossa, feito a de um cantor de ópera. Aquela voz podia fazer os corações ao redor do mundo derreterem apenas em ouvi-la uma única vez. Aquela voz era sexy como ver um sorvete derretendo debaixo do sol quente numa tarde tranquila, e tudo o que você poderia querer era lambar aquele sorvete até não sobrar nenhuma gota. Aquela voz...

—Lúcia.

Oh, sim!

Aquela voz dizendo meu nome era a coisa mais sexy do mundo.

Que se dane o sorvete. Eu queria era lambar...

—Lúcia?

Abri os olhos e me ergui no sofá em um movimento rápido, que me fez ver milhares de pontinhos brancos dançando em meus olhos.

—Ei, você está melhor?

Pisquei tentando vê-lo melhor.

Maldita hora que fiz aquilo.

Ele estava usando uma camiseta branca que se agarrava aos seus braços fortes e esticava sobre o peito largo, um jeans velho pendia em seus quadris estreitos e... *Oh, senhor, me ajude!*

Seu cabelo estava solto e úmido. As pontas douradas tocavam seus ombros, pequenas gotículas molhavam a camisa branca.

—Lúcia?

Ele se aproximou.

—Estou... — Pigarreei — Estou bem.

Ele meio que sorriu, mas eu realmente não estava olhando para seu sorriso e sim para aquele peito largo maravilhoso que parecia implorar para ser tocado.

Controle-se Lúcia!

Ele sentou no sofá, ainda parecia difícil para ele. E então me olhou, depois olhou para Byron que continuava abanando o rabo. Como se não tivesse me feito ter pensamentos impuros com meu chefe.

—Nana ligou para sua amiga, acho que disse que o nome é Juliana ou Janaina, ela pode vir buscá-la se quiser. Mas... — Tossiu e afastou uma mexa de cabelo do rosto — Pensei que poderia ficar aqui esta noite, apenas por precaução.

Sorri e fiz que não com a cabeça.

Eu ainda sentia dor na barriga e minha cabeça latejava, mas eu tinha que ir para casa. Tinha que pensar no que faria da minha vida dali para frente. Eu tinha que encarar a realidade, por mais que fosse tentador ficar de olhos fechados. Emma precisava de mim.

—Estou melhor agora, senhor. Ah, e o nome da minha amiga é Julia. — Sorri.

Ele sorriu. Ou pareceu sorrir.

Então, me surpreendendo, segurou minha mão sobre a coberta de estrelas. Ele tinha segurado minha mão naquele dia, mas ainda parecia que era a primeira vez.

Com a outra mão tocou o canto da minha boca, verificando o machucado. Seus olhos se voltaram aos meus.

—Traga sua filha para cá e passe a noite aqui, Lúcia. Somente assim poderei ter garantias de que está bem. — Murmurou.

Sorri.

—Obrigada, senhor, mas não é necessário. E Emma está com o pai dela então... — Encolhi os ombros.

Ele acenou, como se tivesse aceito minha resposta, mas então se inclinou e apertou minha mão.

—Por favor. — Pediu em um sussurro estrangulado.

Suspirei.

Como dizer não para aqueles olhos esverdeados e pidões?

Mas eu tive que dizer.

—Não posso.

Depois de me avaliar com os olhos, se ergueu do sofá e chamou Byron com um aceno da mão.

Antes de sair me lançou um olhar triste.

—Boa noite, Lúcia.

Acenei.

—Boa noite, senhor Garcia.

Embora meu coração palpitasse ao estar perto dele, havia coisas que não podiam ficar para depois. Tinha problemas que precisavam urgentemente de uma solução.

Eu tinha que cuidar primeiro da minha filha.

Cuidaria de mim mesma depois.

Se houvesse um depois.

CAPÍTULO VINTE

Vincent

Eu estava andando e isso chocou boa parte dos trabalhadores da empresa quando atravessei as portas de vidro do prédio. Eu sempre pude andar, mas as pessoas não sabiam disso. Não foi possível evitar que a fofoca sobre ter amputado uma perna se espalhasse e talvez por isso todos tenham ficado em choque quando me viram caminhando até o elevador.

Eu não podia negar o quanto ainda era desconfortável usar a prótese, ainda era cedo demais para que eu a aceitasse em meu corpo como parte de mim. Segundo o doutor Roberto, com o tempo eu iria me acostumar a ela e seria mais rápido se continuasse indo a fisioterapia. Eu estava disposto a tentar porque sabia que Lúcia estava certa, eu não podia mais me esconder. Ela abriu meus olhos e eu sempre seria grato a sua boca grande e a sua teimosia.

Estar novamente na empresa me causou desconforto. Fui inundado por lembranças do último dia em que estive ali. Não havia um jeito de escapar delas, mesmo que eu tentasse estavam sempre frescas em minha memória. E tudo ficava ainda mais difícil com os olhares de pena e curiosidade que lançavam para mim, mesmo que não ousassem falar nada na minha frente. Todos sabiam o que tinha acontecido, sabiam o quanto eu havia perdido. Mas não tinham ideia do quanto aquilo ainda me corroía.

Quando as portas do elevador se abriam para o 55º andar fiquei surpreso ao ver a secretária em sua mesa. Depois de anos sem aparecer na empresa havia pedido a Ian que a designasse para um outro cargo ou que ficasse como secretária de outra pessoa. Não me parecia justo demiti-la apenas por não ser capaz de voltar para minha própria empresa. A surpresa no rosto de Denise foi um pouco cômica e eu poderia ter dado risada de seus olhos arregalados e sua boca aberta, mas a surpresa por encontrá-la ali me impediu.

—Senhor Garcia. — Balbuciou.

Dois anos não a fizeram mudar tanto, ainda mantinha os cabelos crespos enfeitados com tiara de fita ou flores e o batom roxo que era seu favorito. Denise era bem mais do que uma secretária, ela foi minha amiga e sempre

parecia pronta para me dar algum sermão quando eu fazia “algo errado”. Ela jurava ser apenas o seu instinto materno, mas eu sabia que era mais que isso. Ela era do tipo de pessoa que sempre se preocupava com os outros e as vezes esquecia de si mesma.

—O que faz aqui, Denise? — Perguntei me aproximando de sua mesa.

Suas sobrancelhas se franziram.

—Eu ainda trabalho aqui, senhor. Mesmo o meu chefe não dando as caras há uns dois anos e meio.

A alfinetada não passou despercebida.

—Eu disse a Ian que a colocasse como secretária de outra pessoa na empresa enquanto eu não voltasse.

Denise pareceu sem graça.

—Bem, eu estou como secretária de outra pessoa.

Fiquei confuso por um segundo, mas foi apenas um segundo. Me despedi de Denise e caminhei até minha sala. Através das portas de vidro eu vi quem estava no meu lugar. Abri a porta e entrei no grande escritório. O *meu* escritório.

—Saia daqui agora. — Falei.

Ian ergueu os olhos do papel que parecia analisar sobre a minha mesa e me encarou. Ele não estava surpreso por me ver de pé, pois sempre soube que eu podia andar, mas estava surpreso por me ver ali na empresa. No lugar que me pertencia.

—Bom dia para você também, irmão.

—O que faz no meu escritório, Ian?

Ele se recostou na cadeira e sorriu.

—Consertando a merda que você fez. — Falou.

Controlei a vontade que senti de jogá-lo pela janela. Ian sabia o quanto me irritava e fazia aquilo com o mais puro prazer de conseguir me tirar do sério. Por muitos anos fui eu quem teve de consertar suas merdas, mas ele parecia ter esquecido deste pequeno detalhe. No fundo, Ian não era mal, mas gostava de que pensassem que ele era.

—Saia do meu escritório, Ian. Agora.

Ele me encarou por um momento, mas por fim desistiu e se levantou. Pegou seu celular e uma pasta de couro marrom e caminhou até a porta. Não me virei para vê-lo partir, mas ele disse:

—Espero que não volte a se esconder naquele maldito buraco.

Sorri.

Esse era seu jeito de dizer que estava feliz em me ver.

Me mantive ocupado a manhã inteira imerso em ligações e teleconferências com os acionistas. Todos pareciam querer saber se eu realmente voltara a ativa e se estava realmente pronto para estar novamente no comando da Garcia Joias. Ian tinha razão quando disse que a empresa perdeu muito com o meu afastamento, mas isso se devia apenas a falta de profissionalismo de muitos que estavam trabalhando ali. Os números indicavam uma grande perda de lucro para a empresa, mas não era algo impossível de consertar.

No horário do almoço Denise apareceu perguntando se eu iria ficar na empresa ou sair para almoçar, eu disse que não iria ficar e a liberei para ir embora depois do almoço se quisesse. Eu tinha planos de voltar cedo para casa e finalmente convidar Lúcia para almoçar comigo. No entanto, o sorriso em meu rosto ao imaginar Lúcia e Emma comigo no almoço desapareceu quando o silêncio do 55º me trouxe novamente as malditas lembranças da noite em que minha vida mudou.

Eu me recordava de ter fechado um contrato muito bom com uma empresa que fornecia pedras preciosas raras. Me recordava de ter ansiado por comemorar com minha noiva. Naquela noite a tempestade não conseguia destruir meu bom humor. A tempestade não conseguiu, mas Kelly conseguiu.

A pista estava vazia, não havia muitos carros naquela hora da noite, mas devido a tempestade a pista estava encharcada, buracos no asfalto formavam poças d'água. Kelly parecia um tanto aérea quando entrei no carro. Ao me aproximar para tocar sua barriga que crescia mais e mais a cada dia, ela simplesmente gritou comigo dizendo que estava gorda e feia e que eu não a desejava mais. Disse que nunca quis ficar grávida, pois não havia nascido para ser mãe.

Para mim, ela era a mulher mais bonita do mundo. Em sua barriga estava nosso filho, um pedaço de nós. Diferente do que muitas pessoas podiam pensar, eu já me sentia um pai. Não precisava ver o rosto do meu pequeno para amá-lo incondicionalmente. Eu lia livros de como cuidar de bebês e como ser um bom pai, comprava brinquedos e coisas de bebê porque mal podia esperar para segurá-lo em meus braços. A notícia de sua gravidez havia me deixado nas nuvens, havia aberto uma parte de mim que eu nunca havia conhecido antes. Uma parte que sempre desejou ser pai, que sempre quis ter uma família grande.

Kelly seria uma boa mãe, sim, mesmo que não acreditasse nisso. Se ficasse com medo eu ficaria ao seu lado. Cuidaria de nosso filho e cuidaria dela. Foi o que eu disse a ela, mas Kelly ainda gritava e chorava sem parar.

Eu devia ter percebido como aquela noite terminaria, pois enquanto gritava comigo a velocidade aumentava. Tentei acalmá-la, mas de nada adiantou.

Houve um barulho alto de buzina, então o som de pneus chiando no asfalto. A última coisa da qual me lembrava era de sentir o impacto do caminhão contra o carro. Até tudo escurecer completamente.

Quando acordei sabia que estava no hospital, pois lembrava do acidente. O que não sabia era que havia passado muito tempo e durante esse tempo eu perdi uma perna. Fiquei furioso e quis bater no maldito médico magrelo que tentava explicar os motivos de ter feito aquilo. Então, soube que durante aquele tempo perdi minha noiva. Bem, ela estava viva e muito bem, mas não iríamos nos casar. *Ela desistiu*, dissera Ian.

—Ela não pode pensar em ir embora. Se pensa que vai sumir com meu filho está muito enganada. — Rugi, fervendo de raiva.

Em troca recebi o olhar triste de uma enfermeira, cuja mão estava ocupada em arrumar o maldito soro. Ian me avaliou com os olhos. Quando a enfermeira finalmente saiu, olhei para Ian.

Ele suspirou.

Meu coração se comprimiu, mesmo que não tivesse ouvido suas palavras sabia que algo não estava certo.

—O bebê não resistiu. — Disse ele por fim.

E então eu não senti mais nada.

Eu sabia que Kelly estava bem e vivia em outro país. A dor em mim, no entanto, me impedia de pensar nela. Fazia a fúria que senti naquele dia voltar com força. A fúria que sempre vinha acompanhada da dor.

Decidi encerrar o dia na empresa. Não me sentia bem em estar ali por muito tempo. Havia muito a ser feito, mas eram coisas que eu podia resolver estando em casa. Ao sair do prédio fui direto para o carro e disse ao motorista para me levar para casa. Era difícil estar na empresa quando as lembranças pareciam viver dentro daquelas paredes. Eu sabia que ao chegar em casa ficaria bem.

Embora tenha sido o lugar onde me escondi por dois anos, minha casa passou a ser o lugar onde a esperança fez morada. E eu costumava chamá-la de Lúcia.



Tem momentos em nossa vida em que tudo o que podemos fazer é esperar.

Eu esperaria o momento certo.

Esperava que houvesse um momento certo.

Quando cheguei em casa e Lúcia ainda não estava lá não foi de todo ruim,

pois me deu a chance de me preparar para finalmente convidá-la para almoçar comigo. Estava ensaiando o que iria dizer quando ouvi a voz de Nana e o som de um choro. Ao perceber que era Lúcia meu coração simplesmente pareceu parar.

Vê-la machucada e com medo feriu meu coração. Ela chorou contra meu peito e me abraçou como se eu fosse tudo o que tinha. A mulher teimosa e forte que eu conhecia parecia ter se tornado uma pequena garotinha frágil em meus braços.

Naquele momento em que tudo o que ela tinha para se agarrar era eu, me dei conta de que tudo o que eu tinha no mundo para me agarrar era ela.

Lúcia ficou verdadeiramente feliz por me ver de pé, ela sorriu mesmo que estivesse com muito medo. Ela chorou algumas vezes, mas todas as vezes em que seus olhos molhados encontravam os meus algo em mim fazia com que tudo o que eu pudesse ansiar fosse por vê-la feliz.

Como alguém podia significar tanto? Como alguém podia mudar por completo uma vida?

Eu havia pedido para que ficasse na casa para que pudesse cuidar dela, para me certificar de que ficaria bem. Mas a teimosa Lúcia não quis, preferiu ir embora. Eu não podia culpá-la, a havia tratado mal algumas vezes e sabia que iria demorar até que se desse conta de que tudo o que eu queria era uma chance de fazê-la feliz.

Através da janela do meu quarto, eu a vi partir naquela noite. Ela não parecia a mesma mulher de antes, algo parecia ter se partido dentro dela e eu podia jurar que algo havia se partido dentro de mim também. Eu sabia que Lúcia não me pertencia e que talvez houvesse alguém que a esperava voltar para casa, mas tudo o que eu sentia era que Lucy se tornara uma parte de mim. E eu estava disposto a esperar por ela.

Então, me dei conta de que o menino quebrado em mim se apaixonou pela menina com medo nela.

CAPÍTULO VINTE E UM

No dia seguinte eu estava sozinha em casa, na minha velha casa.

Julia insistiu em ficar comigo, mas eu disse que precisava ficar sozinha. Como a melhor amiga do mundo que era, Ju entendeu e disse que se eu precisasse de alguma coisa eu podia ligar e ela iria correndo até mim. A amei um pouco mais por isso. Por mais que Julia fosse a pessoa mais otimista que eu conhecia, tinha certeza de que não encontraria um jeito de me animar. E eu a amava um pouco mais por saber disso.

O senhor Euclides me ligou naquela manhã, animado demais. Minha garganta ardia pelas lágrimas que eu não deixava cair. Foi então que eu contei a ele o que tinha acontecido, com um suspiro profundo ele me disse que aguardaria uma semana para oferecer a casa a outra pessoa. Eu o amei um pouquinho naquela hora. Mas no fundo sabia que seria impossível conseguir um valor tão alto em apenas uma semana.

Na noite anterior eu estava quebrada. Meu corpo doía, minha cabeça doía e minhas esperanças estavam em frangalhos. Julia me deixou em casa e então quando ela saiu eu me enrolei em minha cama desconfortável e chorei. Me permiti chorar a perda de um sonho que não teve a chance de se realizar. Meu novo celular tocou quando eu estava pegando no sono. Nana havia me entregado o aparelho quando eu estava saindo da casa do senhor Garcia, dissera que assim poderiam entrar em contato comigo. O número era desconhecido. Pensei em ignorar, mas era um número novo e os cobradores ainda não tinham acesso a ele. Quando atendi fiquei surpresa pela voz que me saudou.

Era Vincent.

Sua voz trouxe à tona todas as sensações confusas que eu senti naquela tarde. E também trouxe à tona a vontade de me agarrar a ele de novo.

Ele me perguntou como estava me sentindo, menti dizendo que estava bem. Ele me perguntou se eu precisava de alguma coisa, menti dizendo que não. Ele me perguntou se podia fazer alguma coisa por mim, menti dizendo que não.

Eu estava me tornando uma boa mentirosa, conseguia até mentir para mim mesma.

Por fim, depois de diversas perguntas, ele disse que eu não precisaria trabalhar pelo tempo que eu quisesse e me desejou boa noite. Foi um “boa noite” sufocado por outras palavras que ele não quis dizer. Mas quem era eu para criticá-lo por isso? Afinal, eu também tinha palavras que nunca diria.

Então, eu chafurdei dentro de casa. Olhando as caixas de papelão que conseguira no mercadinho da rua para poder empacotar as coisas da mudança. Eu me sentia destruída.

Trabalhei duro para ter aquele dinheiro. Eu juntava uma grana todo mês para um dia poder me mudar com Emma para um lugar melhor. Quando consegui o trabalho na casa do senhor Garcia senti que finalmente as coisas dariam certo. Eu tinha dinheiro para comprar comida, que não estava em cima da data de validade. Eu tinha dinheiro para comprar roupas novas para Emma, que não precisariam de remendos. Eu tinha como sobreviver, isso me bastava.

E então em apenas alguns segundos roubam a esperança de mim.

Eu queria odiar aqueles filhos da mãe que me roubaram, mas eu não conseguia encontrar forças para isso.

Se ainda houvesse forças em mim, usaria para seguir em frente.

Eu só precisava acreditar.



Eu estava saindo do banho quando uma Julia cheia de sacolas e uma Emma muito atrapalhada atravessaram a porta num rompante assustador.

—Mamãe! — Gritou Emma, correndo até mim e se jogando em meus braços.

A abracei forte.

Ali estava a força que eu precisava.

Olhei para Julia por cima da cabeça de Emma, ela sorriu e piscou.

Minha melhor amiga era a melhor pessoa do mundo. Não entendia muito bem o termo “espaço pessoal”, mas ainda assim era a melhor.

—Trouxe comida. — Gritou Julia, colocando as sacolas sobre a mesa da cozinha.

Caminhei até ela, ainda segurando Emma. Amava sentir seu cheiro.

—Não precisava, Ju. Tem bastante comida aí. — Eu disse.

Ela arqueou uma sobrancelha e abriu a geladeira. Tinha garrafas de água, um prato meio comido de macarrão e um cacho de banana. Julia balançou a cabeça e começou a guardar a comida que trouxera, ocupando os diversos espaços vazios da geladeira.

Voltei para a sala, carregando Emma, e me sentei no sofá.

—Como está, meu amor? — Perguntei, arrumando os cachos do seu cabelo.

Ela sorriu.

—Bem, mamãe. A tia Ju foi lá em casa me buscar, o papai não ficou nadinha feliz, mas a tia Ju disse que era para ele ir se catar e então me trouxe aqui.

Sorri. Claro que Julia faria isso. Pelo menos não usou a palavra “foder” perto de Emma. Julia tinha a boca mais suja do que o bueiro entupido aqui da rua, mas estava tentando mudar.

Senti um aperto no peito ao ouvir Emma chamar a casa de Adam como sua casa.

Sim, eu tinha um pouco de inveja da vida que Adam levava, mas apenas por ele nunca ter se esforçado para proporcionar uma vida melhor para a própria filha.

Julia e Emma discutiam por causa do sorvete, eu apenas assistia. Às vezes,

parecia que tinha duas crianças na sala. A campainha tocou e então fui atender. Ainda sorria por conta dos argumentos nada adultos de Julia, mas meu sorriso sumiu ao ver quem estava na porta.

—Boa noite, Lúcia.

Suspirei.

Meus ombros se curvaram como se aguentasse o peso do mundo, mas era apenas o peso dos meus problemas. Um deles estava parado na minha frente.

Ouvi os passos apressados de Emma atrás de mim, enquanto os passos de Julia a seguiam. Emma gritava e ria, enquanto Julia corria atrás dela.

—Cheguei em um bom momento. — Disse minha mãe.

Eu não tinha forças para discutir com ela, por mais que quisesse mandá-la embora. Mas Julia e Emma já haviam parado de correr e agora olhavam para minha mãe. Julia a olhava como se quisesse matá-la. Emma a olhava com curiosidade, lentamente se escondendo atrás da perna de Julia. Me afastei da porta e a deixei entrar.

Julia me lançou um olhar do tipo *o-que-você-pensa-que-está-fazendo*, mas eu apenas dei de ombros.

Minha mãe seguiu para a sala e sentou no sofá, seus olhos ainda presos em Emma. Me sentei na poltrona e Emma correu para meu colo. Julia ficou de braços cruzados perto da entrada da sala, olhando minha mãe como um animal raivoso.

Eu entendia a raiva de Julia, pois eu também a sentia, mas naquela noite eu simplesmente não queria me importar.

—Não vai me apresentar para a pequena? — Perguntou minha mãe, sorrindo para Emma.

Julia literalmente rosnou e revirou os olhos.

Suspirei.

—Emma, esta é minha mãe. — Disse.

Emma acenou com os dedinhos sujos de sorvete.

—Sou sua avó. E trouxe presentes, docinho.

Dessa vez quem revirou os olhos fui eu.

Minha mãe colocou umas caixinhas sobre a mesa velha de centro, parecia que podia retirar um dinossauro de dentro da bolsa estupidamente grande. Senti que Emma estava começando a se empolgar com ela. Droga!

Emma abriu uma caixa onde tinha brinquedos de pôneis e unicórnios. Ela me olhou, os olhinhos cheios de um brilho de animação.

—Como se diz?

Ela olhou para minha mãe e sorriu.

—Obrigada, moça. — Disse timidamente.

Por um segundo, minha mãe pareceu ser a mãe que um dia foi para mim. Mas foi apenas por um segundo.

—Pode me chamar de vovó. — Disse ela.

Julia bufou alto, atraindo os olhos da minha mãe que a fulminou.

Depois de algumas horas aguentando minha mãe e Julia se alfinetarem, minha mãe finalmente foi embora. Não sem antes avaliar toda a maldita casa com os olhos novamente.

Emma estava dormindo, então Julia pegou a garrafa de vinho que comprou e dois copos. Sentamos no sofá da sala, encarando o vazio.

—Como você está?

Não tinha motivos para mentir para Julia. Melhores amigos sempre sabem quando você não está bem.

—Quebrada. Cansada. Dolorida.

Tomamos o vinho em silêncio.

Aproveitei o momento para pensar. Eu tinha que dar um jeito em tudo o que estava acontecendo. E se eu não conseguisse o dinheiro? E se perdesse a casa? Não! Eu tinha que conseguir o dinheiro para comprar a casa em uma semana. Eu tinha que tentar pelo menos. Eu só não sabia como. Tomei mais um gole do vinho.

Como se uma lâmpada tivesse acendido na minha cabeça, eu tive uma ideia. Lembrei de uma conversa que ouvi uma funcionária do clube tendo com uma outra garota, ela dizia que conseguia mais de mil reais por apresentação.

Julia era a chefe do clube junto com o Velho.

Julia cuidava das apresentações.

Julia escolhia as garotas.

Me levantei rápido do sofá e me virei para encarar Julia.

—O que foi? Tem alguma coisa no meu cabelo? — Perguntou assustada.

Tomei o resto do vinho e sorri.

—Ju, me ensina a dançar?

Ela demorou um tempo para entender, mas quando entendeu levantou rápido do sofá. Uma expressão triste tomou conta de suas feições delicadas.

—Lu...

Suspirei.

—Eu preciso, Ju. É a única chance de ainda ter aquela casa. — Murmurei.

Ela revirou os olhos.

—Eu posso te ajudar, depois você me paga.

Neguei com a cabeça.

—Por que você tem que ser tão teimosa? — Grunhiu.

Me aproximei e segurei suas mãos.

—Me ensina a dançar. — Pedi.

Ela respirou fundo.

—Está bem.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Nana estava falando sobre alguma coisa, mas eu não conseguia ouvi-la. Batia os ovos para fazer a omelete, mas estava fazendo tudo no automático naquele dia. Minha mente estava viajando o tempo todo para bem, bem longe.

Naquela noite seria a minha estreia.

Uma funcionária ficou muito resfriada e não tinha ninguém para ocupar seu lugar. Ela era uma das apresentações principais. A moça fazia uma dança solo. Julia ligou para mim no dia anterior, se certificando de que era isso o que eu queria fazer, eu disse que sim. Até a noite anterior eu estava calma e confiante, mas, quanto mais o tempo passava, mais ficava nervosa.

Eu tentava lembrar do que Julia me ensinara sobre a dança que faziam no clube, enquanto Nana falava algo sobre bolo e eu despejada os ovos na frigideira. Julia me dissera para usar meus atributos, mas não me disse qual atributo era esse. Eu estava nervosa. Minha mão tremia, eu suava e sentia como se lâminas deslizassem pela minha garganta. Eu tinha que me sair bem porque somente assim conseguiria bastante dinheiro para pagar a entrada da casa.

Ao falar sobre isso com Julia, ela me disse que eu conseguiria bastante dinheiro. Se gostassem de mim eu poderia dançar lá todas as noites que eu quisesse. Rá! Como se eu fosse ser capaz de algo assim. Dançaria até conseguir dinheiro suficiente e então nunca mais pisaria lá de novo. Pelo menos isso Julia entendia.

Um baque me fez erguer a cabeça, me desviando dos pensamentos sobre aquela noite que só me deixavam nervosa. E lá estava ele.

Senhor Jesus...

Como aquele homem podia ficar mais bonito a cada dia?

Ele largou uma pilha de pastas com papéis saindo delas sobre o balcão. Suspirou e passou a mão pelo cabelo desgrehado, preso naquele seu típico coque bagunçado. Nem que eu tentasse muito meu cabelo ficaria bonito daquele jeito.

—Bom dia. — Disse ele, erguendo o olhar das pastas e encontrando meu olhar atento sobre ele.

Voltei a olhar a omelete.

—Bom dia, menino. — Disse Nana, sorrindo como sempre.

Servi a omelete no prato e me virei para pegar a caneca grande com a imagem do Chewbacca, que era a favorita do senhor Garcia.

—Está se sentindo melhor, Lúcia? — Perguntou ele, me analisando com os olhos brilhantes.

Fazia dois dias desde o assalto. O senhor carrancudo me deixou ficar em casa e disse que não descontaria do meu salário. Sem eu saber, ele falou com uns amigos e resolveu tudo quanto aos meus documentos e cartões que estavam na bolsa roubada. Bem, os cartões já estavam bloqueados, mas fiquei grata quanto aos documentos.

Ele fez muito por mim e eu sempre o agradeceria por isso.

—Eu estou bem, senhor. Obrigada. — Sorri.

Ele contraiu os lábios, o que significou um sorriso para mim.

Nana saiu da cozinha, dizendo que precisava fazer uma coisa. Notei o sorriso em seu rosto ao olhar o senhor Garcia, ela parecia saber de algo. Servi o café da manhã a ele, dessa vez no balcão.

Podia parecer a coisa mais imprópria ou improvável de se fazer, mas eu sentia meu peito aquecer de alegria todas as vezes em que o via fazer algo novo. Depois do que Nana me contou, cada pequeno passo para ele significava uma corrida inteira para mim. Normalmente eu o teria servido na mesa da cozinha e ele estaria na cadeira de rodas, então ele se sentar no balcão da cozinha significava muito.

Limpei a cozinha enquanto ele tomava o café e remexia nos papéis. Com o canto do olho notei um papel com uns desenhos estranhos. Ao olhar com mais atenção, parecia que alguém tentara desenhar um colar, mas falhara

miseravelmente. Parecia um desenho de Emma. Imaginei o senhor Garcia desenhando aquilo. Uma risada me escapou.

—O que foi? — Perguntou ele.

Droga!

Pigarreei.

—Nada.

Seus olhos se franziram, tornando duas fendas onde apenas um pouco do azul-esverdeado salpicado de dourado podia ser visto.

—Me diga. — Pediu.

Interpretei como um pedido porque sua voz não era exigente.

Suspirei derrotada.

—O desenho. — Apontei para a folha sobre o balcão, ele seguiu meu olhar.

— Me fez lembrar dos desenhos de Emma. — Tentei sorrir.

Ele pegou a folha e analisou por um instante, então um barulho rouco saiu de sua boca. Como um grunhido ou um pigarro, talvez um pouco dos dois.

Espera aí!

Ele estava rindo.

Vincent Garcia, o senhor *carrancudo*, estava rindo!

Quando ele enfim me olhou sua risada sumiu. Provavelmente por minha boca aberta e os olhos arregalados. Estava surpresa demais por ouvi-lo rir. Oh, Deus. Aquilo encheu meu coração de alegria, mais uma vez.

Sorri.

Ele pigarreou e desviou o olhar para o desenho.

—Bem, não tenho nada para comparar, mas tenho certeza que Emma desenha

melhor que eu. — Disse, ainda com uma pitada de humor na voz.

Por que eu não conseguia parar de sorrir?

Deixei a panela sobre a pia e me aproximei dele. Tentei, juro que tentei não ficar muito inebriada com seu cheiro. Ele tinha cheiro de árvore e chuva, talvez fosse sua colônia. Mas acreditava que fosse apenas seu cheiro natural, aquele cheiro que arrepiava os cabelos. Ele tinha cheiro de tempestade.

—Deixe-me ver. — Pedi, pegando o papel.

Era o pior desenho de um colar que eu já tinha visto na vida. Ele tinha razão, Emma desenhava melhor que ele.

—É seu hobby? — Perguntei, torcendo que ele dissesse que não.

O cara era péssimo com lápis de cor, ou qualquer outra coisa utilizável para desenhar, na mão.

Ele pigarreou, parecendo constrangido. Tentei não rir.

—Não, não é. Uma funcionária da empresa que cuida dos designers das joias se demitiu e não temos ninguém para fazer os novos croquis.

Olhei para ele e então para o desenho.

—Então, você ia fazer isto. — Ergui a folha, da mesma forma que ergui as sobrancelhas.

Ele deu de ombros.

—Sei que sou péssimo...

—É mesmo.

—Mas precisamos terminar a coleção para o dia do baile anual.

—Então, por que não contrata uma nova designer?

Ele suspirou, depois de tomar um gole do café.

—Não temos mais tempo. Demora bastante para encontrar um designer bom e que entenda de joias.

—Então, quem vai fazer os croquis é o senhor? — Perguntei.

—Sim.

—E acha que alguém vai querer comprar isso?

Não era minha intenção ofendê-lo, mas pelo pequeno sorriso em seus lábios ele não tinha se ofendido com minha pergunta.

—Há muitos compradores da Garcia Joias. — Falou.

—Se for o senhor a desenhar a coleção não haverá muitos. — Murmurei.

Olhei novamente para o desenho e suspirei.

Que Deus os ajudasse.

Peguei uma folha sulfite do bolo de papéis e um lápis.

—Posso? — Perguntei.

Vincent pareceu desconfiado, mas assentiu.

Eu nunca fui a melhor em muitas matérias da escola, mas em Arte eu arrebatava.

Tomando como base o desastre que o senhor Garcia chamava de colar, comecei a desenhar um novo no papel. O colar que ele tentou desenhar não parecia muito complicado. A base era simples, com pequenas pedras arredondadas, onde supus que ele colocaria diamantes. Então pedras maiores desciam dela, como gotas de chuva, arrematadas com outras pequenas pedras em volta. Imaginei uma mistura de esmeraldas e diamantes. Por fim, quando terminei mostrei a ele. Esperava que enxergasse o mesmo que eu. Modéstia à parte, o colar seria fabuloso.

—Uau. — Murmurou.

Interpretei sua expressão como um elogio.

—Você me surpreende todos os dias, Lúcia.

Senti meu rosto esquentar, mas sorri.

—O que acha de uma pulseira e um anel para combinar? Acha que consegue fazer isso? — Perguntou, seus olhos esverdeados brilhavam.

—Acho que sim. — Encolhi os ombros.

Sentamos lado a lado nos banquinhos do balcão e passamos a manhã inteira e boa parte da tarde desenhando a nova coleção da Garcia Joias. Para ter uma ideia geral do que o baile anual da empresa significava, Vincent me contou um pouco sobre a empresa e tudo o que faziam lá. A empresa era realmente muito importante, procurada por todo o mundo. Suas joias eram usadas em desfiles de moda, por pessoas famosas e em filmes. Ao saber disso, fiquei um pouco apreensiva sobre o que pensariam da coleção que uma empregada doméstica havia desenhado.

Não disse meu receio em voz alta, mas Vincent parecia ter percebido. Em uma das pausas que fizemos para um lanche, ele tirou o copo de suco da minha mão e o colocou sobre o balcão.

—Você tem um talento extraordinário, Lúcia. E esta coleção será a mais especial que a Garcia Joias já teve.

Por mais louco que pudesse parecer, eu acreditei nele.

Perto do início da noite já tínhamos terminado toda a coleção de joias e Vincent parecia estar realmente muito feliz com o resultado. Ele não havia me dito o tema da coleção, mas havia me ajudado na criação de cada uma delas. Eu acatei suas ideias e opiniões, afinal era ele a pessoa que entendia de tudo aquilo. Por fim, a coleção era uma mistura da beleza das joias clássicas da realeza e a praticidade e conforto dos dias atuais. Algumas eram realmente extravagantes, mas outras eram simples e delicadas.

—Ficou incrível. — Disse ele, admirando os croquis.

Sorri orgulhosa de mim mesma.

—O que acha de comemorarmos? Podemos assistir um filme ou... ou sair para jantar.

Sua pergunta me surpreendeu. Fiquei ainda mais surpresa por notar tons de rosa em suas bochechas. Eu teria aceitado uma noite ao lado do senhor Garcia porque ele estava se mostrando um homem diferente do que eu imaginava. E teria sido realmente maravilhoso estender aquele dia atipicamente prazeroso ao lado dele, mas eu tinha algo a fazer. Algo que não podia ser adiado.

—Eu não posso, senhor. Tenho... tenho algo importante para fazer.

Ele parecia decepcionado com minha resposta, mas encobriu a expressão com um sorriso sem graça.

Ao sair da casa do senhor Garcia naquela noite o prazer daquela tarde ao lado dele foi eclipsado pelo nervosismo do que aquela noite podia reservar para mim.



O clube parecia um cassino saído das telas do cinema de Hollywood.

Era decorado com mesas redondas e alguns lugares privados, onde uma mesa maior servia de palco. Tinha um bar nos fundos e um palco no centro do lugar. Era grande e decorado com tons de vermelho e preto. Tinha cheiro de bebida e cigarros.

Enquanto ajudava o senhor Garcia hoje cedo minha mente relaxou e, por um tempo, esqueci de todo o nervosismo que estava me dominando. Mas o nervosismo voltou com força. Eu tinha que respirar fundo e tentar relaxar ou então todo o meu plano iria por água abaixo.

Estava trás das cortinas, enquanto quatro garotas dançavam no palco. Podia ouvir os gritos e o barulho alto da música. Ainda assim meu coração batia tão forte quanto a batida da música que parecia fazer o chão tremer. Ajeitei minha “roupa”. Sim, aspas na palavra roupa, pois não era bem uma roupa que

eu vestia. Era como se tivessem transformado um microvestido em uma lingerie. Era vermelho feito sangue, e eu usava um negócio cheio de penas que parecia um cachecol. Aquilo estava me dando coceira.

Uma mão tocou meu ombro, me fazendo pular e fazer uma estúpida pose de luta, que aprendi ao assistir um filme sobre karatê. Julia riu.

—Ei, sou eu, sua louca.

Ela estava linda, usando um vestido longo e dourado, com uma baita fenda na coxa esquerda. O cabelo estava preso, mas mechas adornavam seu rosto em formato de coração. O Velho devia estar nas nuvens.

—Está nervosa? — Perguntou.

Ergui um a sobrancelha.

—Tá, tudo bem. Desculpa. Sei que está nervosa, até eu estou nervosa por você. A casa está cheia hoje. Tem um grupo de homens comemorando uma despedida de solteiro. Vai ser bem difícil.

—Nossa, obrigada pela motivação. — Murmurei.

Ela respirou fundo.

—Sei que consegue, Lu. Olha só, você só tem que ir até lá e mexer sua bunda.

Estalei a língua no céu da boca.

Era fácil para Julia falar, afinal tinha um corpo de parar o trânsito e dançava desde pequenininha. Julia sabia dançar, sempre soube. Já eu parecia o boneco inflável do posto de gasolina do seu Abel.

—Peguei isso aqui para você. Vai te deixar menos nervosa.

Ela ergueu uma máscara. Era preta e coberta por renda vermelha, uma pena longa ficava no canto superior direito. Suspirei. Mesmo que fosse difícil, parecia menos intimidante usar a máscara.

—Obrigada, Ju. — Agradei, beijando sua bochecha. Por sorte o batom vermelho não a sujou.

Coloquei a máscara, no exato momento em que as garotas saíram do palco, muitas carregando várias notas de dinheiro. Então, ouvi a voz do Velho pelos autôfalantes, anunciando a mim. Na verdade, anunciando a garota mascarada.

Suspirei.

—Vai lá, amiga. Você consegue. Não esqueça de fazer movimentos lentos com o quadril, eles adoram.

Respirei fundo e entrei no palco. Fui recebida por aplausos e assobios. O holofote quase me cegou, mas consegui ir até a barra de aço no centro do palco. Então, a música começou. Tinha uma batida lenta e sensual, comecei a me mexer no ritmo da música como Julia me dissera. Movi os quadris de forma lenta a cada batida da música.

Tomei o cuidado de não encarar ninguém. Sempre que pude mantive os olhos fechados. Os homens assobiavam e batiam palma, gritavam pela garota mascarada. Vi quando diversas notas caíram no palco aos meus pés.

Fiz como Julia me disse para fazer quando fosse dançar. Me abaixei deslizei sobre o chão, como se fosse uma gata e estivesse me espreguiçando. O grupo de homens, talvez os da despedida de solteiro, estavam bem perto do palco. Alguns dos homens na mesa me chamaram, esperavam que eu fosse até o homem que iria se casa. Fiz o que pediam, mas não toquei em nenhum deles. Seus amigos gritavam e diziam palavras que eu odiei ouvir.

De repente, uma mão se enfiou entre meus seios, depositando ali um maço grande de dinheiro. Me afastei rápido demais, quase caindo de costas. Foi então que meus olhos encontraram os olhos do homem que descaradamente enfiou a mão em minha roupa.

No entanto, ele não era qualquer homem.

Eu o conhecia.

Por um segundo, nossos olhos ficaram presos um no outro. Até eu me dar

conta de que a música ainda tocava. Me movi um pouco mais até a música acabar e eu enfim poder sair do palco.

Ouvi vozes pedirem por mais, mas eu não podia fazer aquilo de novo.

Julia me encontrou nos bastidores, me abraçou e disse que eu tinha ido muito bem. Quando saiu para cuidar das outras dançarinas, eu desabei na cadeira em frente ao espelho. As notas que jogaram para mim estavam sobre a penteadeira. Tinha muito dinheiro ali, muito mais do que eu imaginei que conseguiria. Notas e mais notas de dinheiro, junto com o maço de dinheiro que ele colocara entre meus seios.

Arranquei a máscara e encarei meus olhos no espelho.

Aquela não era eu.

Eu entendia que muitas mulheres viviam daquele trabalho e faziam aquilo muito bem. Eram corajosas e muitas sustentavam a família e os filhos daquela forma. Uma parte de mim tinha inveja da coragem delas. Não era algo que muitas iriam se orgulhar de ter feito, mas eu sentia certo orgulho daquelas dançarinas. De tudo o que tinham que aguentar para poder se sustentar, para poder ajudar a família.

Lembrei-me de Julia e do motivo de ter ido parar no clube do Velho. Diferente de outros lugares, o Velho não obrigava nenhuma dançarina a permanecer ali, todas estavam por vontade própria. E foi assim com Julia. Seu sonho sempre foi ser dançarina, mas devido as dificuldades não conseguiu da forma que esperava. Sua história era semelhante à de muitas das garotas que dançavam no clube, muitas sempre almejaram por mais, mas a vida não foi justa.

Olhei para meu reflexo no espelho, a maquiagem forte e a roupa indecente.

Mas aquela não era eu. Eu tinha que ir embora.

Eu me sentia suja.

Aquela não era a mãe que Emma merecia ter.

Eu não voltaria naquele lugar, decidi. Encontraria outro trabalho, qualquer que fosse.

Eu só torcia para que ele não tivesse me reconhecido.

Porque no meio de todos aqueles homens e todos aqueles olhos famintos, eu reconheci os olhos de Ian Garcia.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

—Sim, seu Euclides. Eu entendo, não se preocupe. Está tudo bem. — Eu disse.

Eu conversava com o corretor de imóveis pelo celular. Ele dizia que um casal havia oferecido uma boa grana pela casa, por isso ele não poderia mais segurá-la para mim. Claro que fiquei puta da vida e muito triste por aquilo, mas para ter dinheiro suficiente eu tinha que voltar ao clube e isso eu não faria. Nunca mais.

Julia ainda me ligava dizendo que algumas pessoas estavam ansiosas para ver novamente a “garota mascarada”, mas ela dizia a eles que aquela foi uma apresentação única e que agora a tal garota estava dançando nos palcos de Paris. Minha melhor amiga entendeu quando eu disse que não voltaria até lá. Naquela noite ela me encontrou chorando no camarim e quase saiu para bater em quem mexeu comigo, mas a controlei o suficiente para dizer que nada tinha acontecido. Julia me apoiou, é claro. Assim como eu, ela sabia que aquilo não era para mim. Pelo menos ela não me disse um “eu avisei”, embora quisesse.

Voltei a fazer o de sempre. Ia para o trabalho, voltava para minha velha casa tarde da noite e torcia para que nenhum novo problema aparecesse na casa. Aquilo estava se tornando uma rotina cruel. Estava ficando cada vez mais difícil ficar com Emma, mas ainda assim a busquei na casa de Adam na sexta-feira pela manhã. Ela não tinha aula, então podia ficar comigo no fim de semana.

—Olhe, minha filha, sinto muito mesmo. — Continuava o senhor Euclides, enquanto eu subia os degraus da casa do senhor Garcia com Emma ao meu

lado — Acontece que os negócios são assim, sabe? Eu tentei falar com meu chefe, mas o homem nem quis me ouvir.

Suspirei e sorri.

—Eu entendo e não o culpo por isso. Foi até melhor que vendesse logo a casa. Era uma casa linda. Não se preocupe por isso, seu Euclides. E obrigada por tudo.

Eu sentiria falta daquela casa. Imaginei Emma e eu vivendo lá. Balancei a cabeça querendo me livrar daquele pensamento, não podia pensar naquilo. Iria começar tudo novamente, era o que eu tinha que fazer. Me despedi do senhor Euclides. Abri a porta da frente da casa do senhor Garcia. Emma entrou saltitando, mas parou de repente. Largando a boneca sem uma perna no chão com um ruído alto. Lembro de ter encontrado a perna da boneca embaixo da estante da sala, foi difícil pegar de volta. Só não me lembrava de onde a tinha colocado.

Vincent estava parado no hall de entrada, lindo como sempre, com uma camisa social branca e calça jeans escura. Seu cabelo estava bagunçado como sempre, daquele jeito que não parecia bagunçado, mas ainda assim não estava arrumado. Era o que as pessoas chamariam de despojado, se bem que eu não acreditava que ele fizesse de propósito. Às vezes, pensava que Vincent não se dava conta do quanto ele era bonito.

Ele olhava para Emma, com a sombra de um sorriso nos lábios carnudos. Seus olhos brilhavam com diversão.

Emma estava com os olhos arregalados e a boca aberta.

Assustando a Vincent e a mim, ela ergueu os braços para cima e gritou:

—Amém! Amém!

Então, começou a pular enquanto agradecia ao Papai do céu.

Meus olhos se encheram de lágrimas, mas eu não conseguia parar de sorrir. Vincent parecia prestes a sair correndo. Não sabia o que fazer, tadinho.

—Papai do céu me ouviu, mamãe. — Disse ela puxando minha mão em direção a Vincent —É um milagre, é um milagre! Amém! Glória, glória! — Gritou.

Vincent me olhou, aterrorizado.

Fiz Emma parar de pular e me abaixei para olhá-la nos olhos. Ela estava quase explodindo de felicidade. Suspirei. Eu não podia dizer que, na verdade, o senhor Garcia sempre pôde andar. Seria como destruir sua fé.

—Emma...

—Oh, não. — Sussurrou ela, seu lábio inferior projetado para fora.

—O que foi? — Perguntei.

Ela olhou para Vincent e então para mim, se aproximando sussurrou:

—Não vou poder mais comer chocolate, mamãe.

Bem, ela pensou que sussurrou, pois Vincent a ouviu. Então, andou até nós. Estava andando bem melhor, notei. Pegou Emma no colo, com um pouco de dificuldade por ela ser tão pequena, e a abraçou.

—Você não precisa parar de comer chocolate. — Disse ele, Emma o olhou esperançosa —Fiz um acordo com o Papai do céu e ele me disse que você tem sido uma garotinha muito boa.

—Tenho mesmo. Não é, mamãe?

Sorri e acenei que sim.

—Então, — Continuou Vincent — Você pode comer chocolate sempre que quiser.

E lá estava o brilho em seus olhos novamente. Ela sorriu e me olhou, então olhou para Vincent e o abraçou forte.

—Obrigada, senhor cabeludo. — Disse ela.

Os olhos de Vincent encontraram os meus, assim como os olhos de Emma, os

dele brilhavam, mas com algo que eu não consegui identificar.

E aquele momento eu guardaria para sempre na minha memória.



Emma estava com Nana e Byron no quintal, jogando bola com o cachorro enorme. Eu preparava o almoço, que Vincent sugeriu que fosse servido lá fora já que o tempo estava bom. Até convidou Nana, eu e Emma para almoçar com ele.

Se alguém nos visse agora pensaria que éramos uma família. Por um breve segundo, desejei isso.

Deixei os legumes cozinhando, para tentar fazer Emma comê-los. Ia para o jardim, mas a voz de Vincent me parou. Ele tinha entrado na cozinha, carregava uma grande caixa. A largou perto da porta dos fundos e me olhou. Do bolso da calça jeans ele retirou um envelope e me entregou. Desconfiada, o peguei. Olhei para ele, erguendo uma sobrancelha.

—Isso é por ter me ajudado com os croquis para a nova coleção de joias. — Disse ele.

Eu ainda não entendia, mas, curiosa como era, abri o envelope.

—Nossa Senhora... — Arfei.

Dentro do envelope havia um cheque, mas não era qualquer cheque. Era o cheque com mais números zeros que já tinha visto na minha vida. Bem, tirando a quantidade de números zeros nas minhas contas a pagar. Olhei para Vincent, minha boca, tive certeza, formava um O perfeito.

—Por que isso?

Ele deu de ombros.

—Você me ajudou a desenhar uma coleção inteira em apenas uma tarde, Lúcia. Isso é o mínimo que eu posso fazer para agradecê-la.

O mínimo? Tentei não pensar o que seria um “máximo” para ele.

Eu sabia que o cara era um dos homens mais ricos do mundo e ficava entre os três mais influentes no Brasil, mas aquilo que ele estava me dando era muito mais do que minha mente um dia poderia imaginar. Aquele dinheiro resolveria todos os meus problemas. Eu poderia comprar uma casa maior e melhor do que aquela que vi. Podia pagar uma escola particular para Emma, poderia até mesmo viajar com ela para outro país. Poderia...

Não, eu não poderia.

O que ele estava fazendo era um gesto incrível, mas eu não poderia aceitar. Eu não o ajudei com os desenhos das joias esperando receber algo em troca. Eu o ajudei porque quis ajudá-lo. É isso o que fazemos quando gostamos de alguém e a ajudamos em algo; nunca esperamos nada em troca.

Coloquei o cheque dentro do envelope e estendi a ele, devolvendo.

—Isso é incrível, senhor Garcia, mas não posso aceitar. — Eu disse.

Ele me olhou com o cenho franzido, como se eu fosse uma louca. E talvez eu fosse, mas se aceitasse aquele dinheiro não estaria sendo eu.

—Lúcia, não estou te dando esse dinheiro. Estou pagando o que pagaria para uma designer que tivesse feito aquela coleção. Aceite. — Insistiu.

Neguei. Peguei sua mão grande e coloquei o envelope nela.

—Eu não o ajudei na esperança de que me desse algo em troca, fiz aquilo porque quis.

—Lúcia... — Suspirou ele.

Sorri e encolhi ombros, caminhando em direção ao jardim.

—Um obrigado é o suficiente. — Eu disse sorrindo.

Ele sorriu. Sorriu de verdade.

—Obrigado, Lúcia.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Era sábado de manhã. Emma dormia profundamente ao meu lado, até roncava um pouquinho. Passou a noite inteira se remexendo o tempo todo, e fazia o mesmo naquele momento. Mas não foi isso que me acordou.

Estávamos na nossa casa. Depois de passar o dia inteiro e parte da noite de ontem com Emma na piscina de bolinhas que Vincent comprou para ela, eu estava quebrada. Não tinha ideia do quão cansativo seria domar três feras; Emma, Byron e Vincent. Eu estava cansada e por sorte Emma também, quando chegamos em casa desabamos na cama como uma jaca mole.

Mas a maldita batida na porta me fez levantar.

Era sábado, pombas!

Por que estavam batendo na minha porta em um sábado de manhã?

Torci para que não fosse alguém para me cobrar algo.

Abri a porta, franzindo os olhos para a luz. Eu sabia que estava horrível. Meu cabelo estava armado em todas as direções, sentia que havia uma marca de travesseiro na bochecha e provavelmente baba seca no queixo. Além do meu pijama velho da *Betty Boop*. Pisquei tentando enxergar melhor o homem parado na minha frente.

Ele era baixo, negro e careca, seus olhos tinham cor de caramelo.

—Isso é hora de bater na porta das pessoas, moço? Eu estava dormindo. — Resmunguei.

Ele pigarreou e retirou um papel de dentro da maleta.

—Desculpe acordá-la senhora, mas estou aqui para entregar isto. — Me estendeu um papel. Cocei o olho tentando ver melhor — Sou oficial de justiça e preciso que assine isso. — Me mostrou outro papel e me entregou uma caneta.

Meu estômago se retorceu, sentia uma sensação ruim.

Assinei o que ele pediu e então ele foi embora, me deixando com o outro papel que eu não estava com coragem de ler.

Olhei sobre o ombro para o quarto, Emma ainda dormia.

Fechei a porta e respirei fundo.

Quando um oficial de justiça bate na sua porta o assunto nunca é bom, mas eu não esperava que o oficial estivesse me entregando o meu maior medo no mundo. Não precisei ler tudo o que estava no papel para entender perfeitamente o que aquilo significava.

Aquilo não podia ser verdade.

Aquilo não podia estar acontecendo.



Não havia outro lugar para ir.

Liguei para Julia e pedi para ela me encontrar na casa do senhor Garcia, ela sabia onde era e o Velho iria com ela. Desta vez, eu não entrei sem bater como fazia durante a semana. Toquei a campainha e quem abriu a porta foi Vincent. Ele parecia confuso e surpreso, mas ainda assim sorria. Emma correu até ele e abraçou suas pernas, quando Vincent a pegou no colo ela logo começou a tagarelar.

Notando meu desconforto, ele me avaliou com os olhos azul-esverdeados e dourados brilhantes. Pedi a ele que olhasse Emma por um momento, pois tinha que resolver uma coisa importante. Ele tentou ir comigo, mas eu disse que não. Também expliquei que Julia e o amigo dele, Cléber, o Velho, estavam indo para sua casa. Aquilo só o deixou mais assustado.

—Lúcia, o que está acontecendo? — Perguntou aflito.

Não era algo que se pudesse explicar rapidamente e eu não podia perder mais nenhum minuto. Segurei sua mão na minha e olhei rapidamente para Emma que brincava com Byron no hall de entrada.

—Eu sei que não tenho o direito de te pedir alguma coisa, mas desta vez eu preciso que confie em mim. Apenas fique com Emma por um tempo e quando eu voltar contarei tudo.

Ele continuou relutante, parecia não querer me deixar ir. Soltei sua mão e me afastei. Eu ainda podia sentir seu olhar sobre mim enquanto saída apressada em direção a saída.

Tive que gastar mais do dinheiro que não tinha para ir até a casa dele. Tentei me controlar durante todo o trajeto, mas parecia impossível. Quando desci do ônibus, caminhei bufando de raiva até a casa de grama verde reluzente e cerca branca. Bati na porta três vezes. Foi a garotinha que abriu, no começo surpresa, mas ao me reconhecer sorriu.

—Olá, querida. — Eu disse, afinal a criança não tinha culpa de nada — Seu pai está em casa?

Ela acenou que sim e correu para dentro da casa. Logo em seguida a cara ordinária de Adam apareceu. Como eu suspeitava, ele parecia constrangido e com medo.

Não esperei nenhum cumprimento, disparei.

—Como você pôde fazer uma coisa dessa?

Ele olhou ao redor da rua, que estava deserta. Exceto por um senhor que podava um arbusto com uma enorme tesoura.

—Lú...

—Cale a sua maldita boca, seu cretino! — Gritei.

Ele respirou fundo.

—Então, você recebeu.

Revirei os olhos e saquei de dentro da bolsa o papel onde dizia que Adam estava requerendo a guarda de Emma. Eu queria chorar, mas a raiva que sentia era tanta que pareceu secar todas as lágrimas.

—Claro que recebei, seu idiota! Como você pôde fazer isso? Como pode querer a guarda de Emma se você nunca foi um pai para ela?

Ele se aproximou, correndo as mãos pelo cabelo. Olhando por cima do ombro, ele sorriu para a sua filha que estava sentada na escada olhando para nós.

—Lúcia, entenda que o que estou fazendo é o melhor para nossa filha.

Eu ri, sem sentir um pinga de humor.

—Nossa filha? *Nossa* filha, Adam? Você apenas despejou o seu esperma em mim e sumiu. Você nunca foi um pai. Nunca se preocupou com ela, nunca quis saber da sua filha! — Gritei.

Ele bufou, deixando de lado a expressão serena. A raiva contorcia seu rosto em uma careta.

—Pare de ser dramática, Lúcia. Cresça! — Rugiu — Você não é a garotinha rica da escola, você não tem nada além de uma casa caindo aos pedaços. Emma, *minha* filha, não pode viver naquele lugar.

De repente, a raiva que sentia e tentava controlar me fez enxergar tudo vermelho. A raiva era tanta que me fazia tremer. Pegando-o desprevenido, pulei em cima dele, que infelizmente aguentou meu peso e apenas cambaleou para trás. Com toda a força que tinha, dei socos contra seu peito e seu rosto enquanto ele tentava me afastar.

Ele não iria tirar minha filha de mim. Ele não podia fazer aquilo. *Ninguém* iria me afastar de Emma!

—Pare com isso, sua maluca. É isso o que Emma vai ter como exemplo? — Disse ele, quando enfim conseguiu me afastar.

—Você não pode fazer isso, Adam. — Falei, ofegante.

—Você não a merece, Lúcia.

Avancei sobre ele novamente, desta vez conseguindo fazê-lo soltar um alto grunhido de dor quando acertei seu rosto, arranhando-o com minhas unhas.

Ele tocou a bochecha onde um fio de sangue escorria. Ao olhar novamente para mim, o cretino sorriu.

—Ela merece uma família e você não pode dar isso a ela. — Disse ele calmamente.

Me afastei dele. Adam não havia me tocado, mas ainda assim senti como se tivesse levado um soco.

A garotinha, filha dele, nos olhava com espanto.

Respirei fundo.

—Por que está fazendo isso, Adam? Me diga a verdade, por quê? — Pedi.

Me sentia cansada. Meu corpo e meu coração doíam.

Ele me avaliou com os olhos, se certificando que eu não iria batê-lo novamente. Então se aproximou, abaixando o tom de voz para que sua filha não nos escutasse.

—Olhar para Emma quando a trouxe aqui me fez ver o quanto eu fui idiota por tê-la deixado com você. Não me entenda mal. — Ele se apressou a dizer quando ameacei bater nele novamente — O que quero dizer é que ela é uma parte de mim e eu não a vi crescer. Eu quero ter a chance de ter uma filha, Lúcia.

Olhei para ele, erguendo as sobrancelhas.

—Você tem uma filha, Adam. — Indiquei a garotinha que ainda nos olhava com espanto.

Ele balançou a cabeça.

—Eu a amo, mas ela não é minha filha. Aceitei criá-la quando me casei, mas não é a mesma coisa. Quero *minha* filha. Quero Emma comigo. — Murmurou.

Foi somente então que juntei as peças. Havia notado que a filha de Adam era mais velha que Emma quando fui até a casa dele, apenas não tinha pensado

na possibilidade de que aquela garotinha não fosse sua filha biológica.

—Não importa quem a colocou no mundo e sim quem a cria, ama e educa. Você é o pai dela, Adam. Se você se comprometeu a ser um pai então seja.

Ele suspirou derrotado, mas eu ainda queria socar sua cara.

Juntando o resto de esperança e força que me restava, peguei minha bolsa que caíra no chão quando pulei sobre ele. Olhei nos olhos de Adam e tentei encontrar ali o cara por quem havia me apaixonado uma vez, mas aquele cara não existia mais. Aquele cara nunca tentaria tirar minha filha de mim.

—Por favor, Adam. Volte atrás, não faça isso comigo. Não tire Emma de mim. —Implorei.

Eu não podia fazer nada além de implorar para que ele voltasse atrás, afinal o que disse estava correto. Eu morava em uma casa caindo aos pedaços, não tinha uma família e mal tinha dinheiro para comprar algo para comermos.

Mas eu tinha amor.

E por um tempo achei que era suficiente.

Ele tocou o corte em sua bochecha. Olhou para seus dedos sujos de sangue e então encarou meus olhos.

—Sinto muito, Lucy.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Todos estavam sentados na imensa sala de estar do senhor Garcia.

Julia estava sentada ao lado do Cléber no sofá e ele segurava a mão dela em um gesto carinhoso. Cléber era um homem alto de pele escura feito café e uma careca brilhante como uma estrela, tinha uma orelha furada e enfeitada com um diamante. Ele tinha cara de mau, mas um coração cheio de amor. Por isso eu entendia o amor que Julia sentiu por ele desde o primeiro momento em que se encontraram. Aquele homem faria qualquer coisa por ela. Por isso, eu sabia que Julia sempre estaria segura enquanto estivesse com ele. Isso me deixava feliz.

Vincent estava sentado na poltrona, como um imperador poderoso. Tinha um olhar feroz no rosto, mas, assim como Cléber, seu coração era bom. Por esse motivo eu não fiquei surpresa com sua reação quando contei a todos eles o motivo de estarem ali. Vincent odiava injustiça. Em pouco tempo ao seu lado pude descobrir o homem que ele era por trás do homem que mostrava aos outros.

Eu andava de um lado para o outro enquanto contava tudo o que havia acontecido naquele dia. Eu estava nervosa demais. Tinha que me controlar para não voltar na casa de Adam e quebrar a cara dele. O que me impedia de fazer isso era o som dos passos de Emma correndo pela casa enquanto brincava com Byron.

—Foi isso o que aconteceu. — Conclui desanimada — Adam quer tirar Emma de mim.

Por que aquilo estava acontecendo?

Eu tentava pensar em algo, mas não havia nada. Adam não tinha nenhum direito sobre Emma. Ele havia nos deixado antes mesmo dela nascer. Então, enquanto pensava no motivo de Adam tirar Emma de mim, senti as lágrimas que tanto prendi naquele dia encherem meus olhos, mas não as deixei cair. Odiava chorar na frente das pessoas, mesmo que duas das pessoas naquela sala já tivessem me visto chorar.

—Ele não pode fazer isso! — Disse Julia, pulando do sofá e andando de um lado para o outro como eu.

Ouvi o suspiro alto e rouco do Velho, então o estalado das suas mãos grandes contra as coxas.

—Posso dar uma surra nele. Basta me dizer onde o filho da... — Pigarreou — ele mora.

Ah, como eu quis passar o endereço para o Velho. Mas Vincent se adiantou.

—Por mais que eu queira ir até lá pessoalmente para acabar com ele, isso não é o correto. Pelo menos não nos termos judiciais. Se fizermos isso vai complicar ainda mais as coisas para Lúcia.

Parei de andar de um lado para o outro e olhei para Vincent. Por um momento pareceu que ele estava sentindo a mesma dor que eu. E talvez estivesse. Vincent perdeu um filho que nunca teve a chance de ver. E agora eu podia perder a minha filha. Talvez nossas dores fossem parecidas demais para não serem vistas em nossos olhos aos se encontrarem.

—Ei, espera aí! Ele não registrou a Emma, não é? Ele não é legalmente o pai dela! —Disse Julia, um sorriso brilhante adornando seu rosto.

Um sorriso que logo desapareceu ao ouvir o Velho dizer:

—Ele pode fazer exame de DNA.

—Cléber tem razão. Se ele está querendo a guarda de Emma, vai querer fazer o teste também. O juiz pode pedir por isso, se Lúcia usar este elemento como motivo para ficar com a guarda.

Suspirei.

Não havia nada a ser feito, pensei.

Qual chance eu teria de ficar com minha filha?

Eu não tinha uma casa decente ou um marido. Nem ao menos minha própria família mantinha contato comigo. O que eu poderia oferecer a Emma? Que

tipo de mãe eu estava sendo...

De repente, senti braços em volta de mim. Era Julia. Foi somente então que percebi que estava chorando. Eu não estava uivando de dor ou emitindo qualquer barulho, mas eu sentia como se minha alma estivesse sendo rasgada e meu coração estivesse sendo esmagado.

Eu não me importei em chorar na frente de alguém.

Eu simplesmente chorei.



Demorou menos de uma hora para que o advogado chegasse na casa de Vincent.

Depois de um tempo, em que todos tentavam me consolar, Vincent saiu da sala dizendo que ia resolver uma coisa. Antes que pudesse sair, ele olhou em meus olhos por um tempo. Senti o abraço que estava me dando, mesmo que seus braços não estivessem ao meu redor.

Talvez tenha sido muita falta de educação minha ir até a casa dele e despejar todos os meus problemas, mas não podia fazer aquilo dentro da minha casa. O bairro onde morava todos se conheciam ou pensavam se conhecer. A vizinha, ao ver um homem de terno em minha porta, logo espalhou pela vizinhança. Pouco tempo depois todos já soltavam rumores sobre o que estava acontecendo. E eu só queria sair correndo de todos aqueles olhares curiosos.

Mas eu fiz a coisa certa, pensei.

Vincent entrou em contato com um amigo e advogado de sua empresa, o senhor Antônio Cunha. Ele era um homem ligeiramente jovem, mas tinha alguns cabelos brancos. Em pleno sábado, vestia um terno cinza que ressaltava sua pele dourada. Parecia gentil e, o que mais me agradou, empenhado em resolver o caso. Ele era um homem sério, mas seu sorriso era genuíno.

Contei toda a minha história a ele novamente, a pedido de Vincent. Foi estranho contar tudo, desde o momento em que conheci Adam até o momento em que tive que buscar sua ajuda porque não podia cuidar de Emma, por causa do trabalho. Notei o olhar de Vincent sobre mim, mas ele não disse nada.

Depois de um tempo, em que o senhor Cunha, analisou a intimação e me fez mais algumas perguntas, esperei pelo seu veredicto.

—Senhora Vega, sinceramente não há muito o que se possa fazer. — Disse ele, passando os dedos pela testa — Pelo o que me contou, um acordo com ele será impossível, mas posso tentar.

Reprimi a vontade de pedir ao Velho, que ainda estava na sala ao lado de uma Julia bem inquieta e irritada, que fosse lá dar uma coça no Adam.

Vincent estava parado de pé ao meu lado, que estava sentada na poltrona. Sua mão grande e pesada repousou em meu ombro, quando ouviu o advogado falar.

—Entrarei em contato com a advogada do senhor Vasconcelos e então nos falaremos novamente. Tentarei o meu melhor, senhora Vega. — Disse ele com um sorriso gentil.

Julia que estava quieta enquanto o advogado falava, de repente disparou:

—É claro que aquele monte de fezes de jumento já tinha uma advogada de prontidão. O idiota já estava planejando tirar Emma de Lúcia.

O Velho apertou sua mão, tentando em vão acalmá-la.

O advogado pigarreou como se estivesse pensando em correr diante da explosão de Julia. Seu celular apitou, depois de uma olhada rápida no aparelho, um sorriso surgiu em seu rosto.

—Pedi para um amigo investigar então já tenho o contato da advogada e de Adam Vasconcelos. — Disse ele.

—Falará apenas com a advogada? — Perguntou o Velho.

O senhor Cunha assentiu, olhando novamente para o celular.

—Por enquanto, sim. A não ser que eu queira conversar com o Adam também, mas terei de falar primeiro com a doutora... — Ele olhou o celular novamente e então franziu o cenho — Vega?

Os olhos de todos na sala se voltaram para mim. Os olhos do advogado cheios de confusão. Os olhos de Cléber cheios de perguntas. Os olhos de Vincent cheios de curiosidade. Já os olhos de Julia cheios de pânico e raiva.

Exatamente como os meus.

Minha voz não saía, então agradei silenciosamente a Julia quando perguntou ao senhor Cunha:

—Qual o nome da advogada?

Ele pigarreou.

—Mirna. Mirna Vega.

Às vezes, algumas pessoas nos magoam sem a intenção de nos ferir. Outras vezes algumas pessoas nos magoam com a mais profunda intenção de nos ver sofrer.

Muitas coisas tinham dado errado na minha vida, mas ainda assim eu tinha a esperança de que as coisas podiam melhorar.

Eu estava enganada.

Quando descobri que estava grávida e minha mãe sugeriu que eu tirasse o bebê, senti que ela cravara um punhal em meu coração.

Naquele momento me dei conta de que quando uma pessoa crava um punhal em seu coração sempre terá o poder de fazê-lo ir mais fundo.

Principalmente quando você não tem forças para tirá-lo de lá.

Dói.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Não foi necessário muito tempo para que eu fizesse o que Vincent Garcia me pedira naquela tarde. Com apenas uma viagem de carro até minha casa peguei tudo o que era importante e então eu e Julia, que me ajudou com tudo, voltamos para a casa do senhor Garcia. Com o porta malas de seu carro cheio com as coisas que um dia estiveram na minha velha casa.

E a partir daquele momento ficariam na casa de Vincent.

Cléber ajudou a retirar as caixas do carro enquanto eu e Vincent as colocávamos no hall de entrada. Julia brincava com Emma e Byron no jardim, suas vozes altas se faziam ouvir por toda a casa. Enquanto trabalhávamos juntos, fiz de tudo para não olhar em sua direção. Fingia concentração máxima em mover algumas caixas. Pois se o olhasse sabia que desmoronaria.

Eu me sentira desconfortável ao aceitar a oferta de Vincent. Trabalhar em sua casa era uma coisa, mas passar a viver ali era completamente diferente. E viveria com minha filha. Tudo aquilo era estranho demais. Minha mente agitada com tudo o que aconteceu em menos de vinte e quatro horas parecia se recusar a desacelerar para me permitir pensar em alguma coisa. Principalmente no que aconteceria dali para frente.

Todos estavam na sala novamente, sentados nos mesmos lugares que estiveram naquela manhã. Era como um *déjà vu*. A única diferença era que todos sorriam e o advogado Cunha não estava presente. Emma estava conosco, sentada no colo de Julia enquanto jogava um jogo no celular da minha amiga. Notei que o Velho a olhava como se estivesse tendo um vislumbre do futuro deles juntos, seus olhos escuros brilhavam e um sorriso repuxava seus lábios grossos.

Deixei a bandeja, com uns aperitivos que preparei depois que descarregamos as caixas, sobre a mesa de centro. Sorri ao ouvir Emma dizer que ganhou de Julia, principalmente da cara de frustração da minha melhor amiga. Vincent e Cléber conversavam sobre algo relacionado a trabalho. Me sentei na poltrona e tomei um gole do chá que preparei. Tentei não pensar nos problemas, mas foi impossível.

Minha mãe estava ajudando meu ex a tirar minha filha de mim.

Ouvir a notícia há poucas horas foi a maior dor e surpresa que já senti. Aquilo, pensei, explicava o motivo de sua volta repentina. De seus olhares indiscretos para a minha casa e a avaliação constante de seus olhos em mim.

Suspirei.

Nossa relação nunca foi muito boa. Eu nunca fui boa o bastante para ela. Aquilo sempre foi algo que me doía as vezes. Crescer diante de tantas expectativas e então não ser capaz de satisfazê-las te torna inseguro.

Durante toda a minha vida eu tentei ter a aprovação dos meus pais. Talvez eu apenas tentasse ter um pouco do amor deles que passavam tanto tempo longe de mim e de meu irmão. Tão ocupados com suas carreiras que esqueciam que tinham dois filhos que precisavam de atenção e amor.

Nunca imaginei que pensar em minha própria mãe me deixaria triste e com raiva.

Como ela pôde ser capaz de algo assim?

Será que Adam já planejava tudo aquilo e então procurou minha mãe apenas para que doesse mais em mim?

Será que a culpa era minha?

Se fosse, poderia Emma viver com alguém como eu?

Meu coração batia rápido e minhas mãos tremiam. Deixei a xícara sobre a mesa de centro e voltei a me recostar na poltrona. Tinha a intensão de fechar os olhos, mas meus olhos encontraram os olhos de Vincent. Aqueles lindos olhos azul-esverdeados, levemente dourados e cheios de sentimentos nunca ditos.

Aquele era o homem que me estendeu a mão, sem que eu estivesse gritando por socorro. Poderia ele ouvir meu coração?

Esperava que não.

Pois se pudesse saberia que eu estava bem perto de me apaixonar por ele.



Emma dormia no quarto de hóspedes com Byron, depois de muita insistência para que o enorme cachorro ficasse com ela.

Era tarde da noite quando Julia e o Velho saíram, ambos com abraços calorosos de solidariedade. Até mesmo o Velho, aquele homem de quase dois metros de altura, pareceu um garotinho que não sabia o que fazer. Minha melhor amiga foi ela mesma. Me abraçou apertado e naquele abraço continha todo o amor do mundo. Naquele abraço ela me disse que eu nunca estaria sozinha.

Eu teria meus amigos comigo, disso eu sabia, mas conseguia apenas pensar em Emma. Não conseguia entender como algo assim estava acontecendo.

Será que fiz alguma coisa? Se fiz, haveria conserto?

Meu coração doía.

Me sentia traída por minha mãe, pois saber que estava ajudando Adam a tirar Emma de mim doeu mais do que ela ter me expulsado de casa ao saber que eu estava grávida e que não iria tirar meu bebê.

Me sentia com raiva por Adam tentar tirar Emma de mim, principalmente por achar que a garotinha que o amava como um pai não era sua filha. Ele sempre foi um cretino, mas nunca pensei que chegaria a tanto.

Me sentia com medo por Emma. Tinha medo de que ela escolhesse Adam, cuja casa e família era tudo o que uma criança precisava e eu não podia dar aquilo a ela.

E no meio de todos aqueles pensamentos que me perturbavam o dia inteiro, eu me sentia protegida. Debaixo do teto que não era o meu. Deitada numa cama que não era a minha. Vivendo na casa que não me pertencia.

No meio de todos os pensamentos havia um que não me deixava em paz; por

que Vincent Garcia me ajudaria?

Suspirei.

Eu estava começando a sentir coisas que não devia. Eu tinha que fugir daquele sentimento ao qual eu não daria um nome.

Deixei o copo de água dentro da pia, mas quando me virei Vincent estava parado na porta da cozinha. Vestia uma calça de pijama e uma regata velha, que evidenciava seus braços enormes.

Seus olhos deslizaram até minha mão, onde eu segurava o celular que ele me dera depois que o meu foi roubado. Eu havia descido até a cozinha na intenção de ligar para minha mãe, mas não tive coragem de ouvir sua voz.

Não tive coragem de perguntar a ela o porquê de ajudar Adam a fazer aquilo comigo, pois eu sabia que havia um. Eu tinha certeza.

—Não pense nisso esta noite, Lúcia.

Tentei sorrir.

—É impossível. — Sussurrei.

Ele se aproximou, perto o bastante para que o eu visse sua camiseta subir e descer a cada respiração profunda.

—Odeio não ser capaz de fazer algo para que pare de sofrer. — Murmurou.

Ergui meus olhos até encontrar os dele. De alguma forma, encontrei forças para sorrir.

—Você fez muito por mim, Vincent. Me deu um trabalho que é muito bom, não odeia minha filha e agora está pagando por um advogado para mim. Você até mesmo me permitiu viver aqui.

Ele se aproximou ainda mais, poucos centímetros nos separavam. E foi então que eu quis chorar.

Aquele homem que a vida maltratou estava tentando fazer com que a vida

não me maltratasse. E eu não sabia o porquê.

Ele segurou meu queixo e ergueu minha cabeça gentilmente para que eu o encarasse. Com a outra mão ele secou as lágrimas que deslizaram pelo meu rosto. Me perguntei se um dia eu estaria tão perto dele novamente e não estaria desmoronando.

—Por que está fazendo isso? — Perguntei.

Ele tentou se afastar, mas segurei sua mão contra meu rosto.

Seu toque fazia eu me sentir inteira.

—Quero dizer, o porquê de estar me ajudando. — Falei.

Ele passou os dedos pelos meus cabelos e me puxou de encontro ao seu peito. Eu o abracei. Sentia que enquanto seus braços me segurassem eu não cairia. As batidas do seu coração consolavam o meu.

—Você cuidou de mim uma vez. — Sussurrou — Agora me permita cuidar de você.

E foi então que meu coração já fraco e judiado aqueceu.

Poderia um coração dolorido amar?

CAPÍTULO VINTE E SETE

Vincent

Ninguém parecia querer se aproximar de mim naquela manhã. E eu estava muito grato por isso, pois sabia que com o humor que tinha não seria nada educado ou gentil com quem quer que fosse. No entanto, isso não impediu meu meio irmão a entrar em minha sala e se sentar na cadeira em frente à minha mesa como se tudo no mundo estivesse em perfeita ordem.

Na noite anterior eu havia recebido um e-mail do advogado do meu pai. O maldito e-mail não teria me perturbado tanto, já havia recebido muitos outros com informações da empresa e coisas que meu pai gostaria de saber. Embora não fosse mais ativo na Garcia Joias, ele gostava de estar por dentro de tudo o que acontecia ali. Os dois anos que me afastara foram regados de e-mail escritos diretamente por ele, e-mails estes que diziam o quanto estava desapontado comigo. Nossa relação sempre foi boa, embora nunca tenha sido um pai muito presente, mas depois de passar a trabalhar na empresa as coisas entre nós mudou. Antes de me tornar presidente, eu era apenas um funcionário ali como todos os outros. Após assumir a presidência, voltei a ser o filho que recebia atenção apenas quando lhe convinha.

Meus nervos estavam tensos e eu começava a sentir fisgadas na perna novamente. Segundo o médico que acompanhou meu caso desde o começo, era comum sentir dor mesmo com a ausência do membro. Eu odiava sentir aquilo. Sentir dor em algo que não existe mais. Naquela manhã a dor parecia ter se intensificado. Mesmo com a prótese no lugar de forma correta e tomando o medicamento, ainda sentia fisgadas que faziam meu humor ficar ainda pior. Ao ligar para o doutor Roberto, ele me disse que isso devia-se a algo relacionado a problemas externos. Preocupações, medos e coisas assim podiam desencadear a “dor invisível”.

Ele estava certo, porque naquele momento eu realmente estava preocupado com muitas coisas.

Minha maior preocupação durante a semana havia sido Lúcia e a chance de que pudesse perder a guarda da filha. Eu sentia medo e preocupação como ela sentia, embora estivesse ciente de que jamais seria de forma tão grande

quanto a dela. Fazia pouco tempo que tinha conhecido a pequena Emma e havia me apaixonado por aquele seu jeito doce, desajeitado e inocente. A garotinha roubara meu coração desde o primeiro instante em que a vi. Se era tão difícil para mim imaginar ficar sem ver Emma, imaginava a dor que Lúcia sentia ao pensar nessa possibilidade. Eu queria fazê-la feliz, e estava me esforçando ao máximo para que tudo desse certo para ela. Mas sabia que não podia fazer muito.

Eu estava focado no caso de Lúcia, passara várias noites lendo sobre como funcionavam os julgamentos que decidiam com quem ficaria a guarda de uma criança. Em tudo o que lia estava claro que o mais importante sempre seria o bem-estar da criança — e concordava plenamente com isso, mas sabia que em termos legais Lúcia não teria chance de vencer.

Ouvir sua história me deixou surpreso e triste. Eu sabia que existia algum tipo de dor no fundo de seus olhos, sabia que ela não era tão forte quanto aparentava ser. Lúcia havia passado por maus bocados, mas nunca desistiu de lutar. Ela era, sim, forte. Era o tipo de pessoa que se deixava de lado se fosse preciso para ajudar alguém. Eu conhecia aquelas qualidades, eu as via todos os dias. Me entristecia o fato de minha Lúcia ter passado por tanta coisa sozinha, de ter sido deixada de lado pela sua família. E havia o filho da mãe do Adam, o ex de Lúcia. Eu não sabia se queria quebrar seu pescoço por ter abandonado a mulher mais fantástica do mundo ou se lhe dava um abraço por ter feito aquilo e, de alguma forma, ter ajudado Lúcia a entrar em minha vida.

Eu queria ajudá-la. Queria muito fazer minha menina teimosa feliz. Eu só não sabia ao certo como fazer isso.

—Nossa, relaxa, Vincent. Todo esse cheiro de tensão no ar não faz bem para meus pulmões. — Disse Ian balançando a mão como se dispersasse fumaça.

Respirei fundo, tentando me manter calmo.

—Eu não te chamei aqui e, se está tão incomodado, vá embora.

Ele me encarou com um sorriso convencido no rosto.

—Recebi um e-mail ontem à noite. Era do nosso pai. — Disse.

E lá estava novamente a maldita fígada na perna.

—O que vai fazer? — Perguntou, desta vez de forma cautelosa.

O e-mail havia sido como uma intimação. Nele estava descrito em detalhes muitos dos termos e regras da empresa e também uma certa “regra familiar” imposta pelo meu pai quando completou sessenta anos. Como dono do grande império que significava a Garcia Joias, ele se sentia no direito de ditar regras na vida dos filhos também e para isso usava a empresa como isca.

Eu tinha que confessar que estava ciente do que poderia acontecer quando o momento chegasse, mas não havia imaginado que iria acontecer em um momento como aquele. A “regra” imposta por meu pai era a de que se o atual presidente (no caso um de seus filhos) não se casasse até certa idade seria deposto do cargo. Isso era algo ridículo e eu havia dito isso a ele diversas vezes, mas o turrão do meu pai não facilitou e continuou impondo sua maldita regra mesmo não estando mais ativo na empresa. Por isso, todo ano o advogado enviava um e-mail para Ian e eu nos lembrando da vontade de nosso pai.

O problema era que o e-mail havia chegado em um momento inoportuno. Embora estivesse muito perto da idade do ultimato de meu pai, também havia o problema com Lúcia e a guarda de Emma.

Suspirei passando a mão na nuca tensa.

—Eu não sei, Ian.

Meu irmão pegou o pêndulo de Newton sobre minha mesa e se recostou na cadeira, brincando com o objeto.

—Faça a vontade de nosso pai e se case.

Olhei para ele, mais uma vez tentando controlar a vontade de fazê-lo engolir aquelas malditas bolinhas do pêndulo.

—Não vou fazer como você e contratar uma mulher para fingir ser minha esposa. — Falei.

Ele sorriu e me encarou.

—Bem, como eu não sou o presidente da empresa não tenho que me preocupar com isso, não é mesmo? De qualquer forma, irmão, você já tem uma mulher perfeita para esse trabalho.

—Humpf! Não vou contratar alguém apenas para...

—Estou falando da Lúcia, sua linda empregada. — Me interrompeu.

O encarei, sem tentar esconder o quanto não gostava do jeito como ele se referia a Lúcia. Desde o primeiro momento em que se conheceram eu sabia que Lúcia havia chamado sua atenção. E de quem ela não chamaria, afinal? Lúcia era linda, educada, gentil e tinha aquele sorriso que desarmava qualquer um. Mas pensar em Ian e Lúcia juntos me fez agir como um idiota com ela por muito tempo sem que merecesse.

—Não entendo porque está inserindo Lúcia nesta conversa. Ela não tem nada a ver com a empresa, deixe-a fora disso.

Ian revirou os olhos.

—É sério isso? Você realmente é o único que não se deu conta de que está apaixonado por ela?

Esperava que a barba escondesse o rubor que senti em meu rosto.

—Eu não...

—Admita, Vincent.

Desviei o olhar dos malditos olhos inquisidores de Ian.

Eu estava apaixonado por Lúcia, não podia negar o que sentia por ela. Era algo novo e intenso, algo que me fazia sentir medo. Um medo terrível de perdê-la. Lúcia tinha tudo o que alguém poderia desejar em uma pessoa. Era forte e ao mesmo tempo existia aquela vulnerabilidade que ela tentava esconder, ela era fiel e sincera. Não escondia o que sentia e mesmo quando tentava esconder seus olhos sempre a entregavam. Era uma boa amiga, sempre disposta a ajudar a todos a sua volta. Lúcia era uma mãe incrível e eu

sabia que se um dia amasse alguém se entregaria de corpo e alma. Por saber que no fundo era uma romântica incurável, não podia pensar que aceitaria se casar comigo apenas para que eu não perdesse a empresa.

Se um dia Lúcia aceitasse se casar comigo, pensei, seria por amor. E eu estava disposto a fazê-la me amar.

—Lúcia jamais aceitaria algo assim. — Murmurei.

—A não ser que isso também a beneficie.

O encarei.

—O que quer dizer?

—Antônio deixou escapar que está em um caso para você. Ou melhor, para sua empregada.

—Ele não devia falar sobre assuntos particulares com qualquer um. — Rugi.

Ian levou a mão ao peito de forma dramática.

—Eu não sou qualquer um, sou seu irmão. Obrigado pela parte que me toca.

—Resmungou.

—Diga logo o que quer dizer, Ian.

Ele deixou o pêndulo de Newton sobre a mesa e me olhou com atenção. Parecia sincero quando disse:

—Ela precisa de uma base familiar para que tenha algo que preste para mostrar ao juiz no julgamento da guarda da menina. Se casar com o grande Vincent Garcia resolveria o seu problema, ou ao menos facilitaria. Ela teria o que precisa e você teria sua posição na empresa. Os dois saem ganhando. Você mais ainda, não é, irmão? — Piscou.

Embora quisesse socar a cara de Ian, ele estava certo. Seria um acordo vantajoso para os dois lados. Não era garantido de que com o casamento Lúcia teria a guarda de Emma, mas seria de grande ajuda para ela estar em uma boa casa e ter condições para cuidar da pequena. Eu continuaria na

presidência da empresa. E teria a mulher que amava ao meu lado, talvez com o tempo ela pudesse me amar também.

Coei a barba e encarei Ian.

—Acredita mesmo que ela aceitaria algo assim? — Perguntei.

Mesmo sem querer acabei soando inseguro.

—Vince, pelo o que percebi em Lúcia até agora, eu sei que aquela mulher seria capaz de tudo, *tudo mesmo*, pela filha. — Disse ele de forma séria.

Me inclinei sobre a mesa.

—Como pode saber disso?

Ele sorriu e se levantou, caminhando em direção a porta.

—Eu apenas sei, irmão. — Disse ele, então saiu e fechou a porta.

Eu quis fazê-lo voltar para me contar o que sabia sobre Lúcia. O que poderia saber sobre Lúcia para afirmar algo sobre ela. No entanto, estava tentando me decidir sobre o que fazer. Seria correto pedir Lúcia em casamento apenas por questões comerciais?

Eu a queria em minha vida e naquele momento percebi que estava disposto a fazer o que fosse preciso para que ela permanecesse comigo.



Se a esperança tivesse um cheiro seria como o de Lúcia.

Eu a ajudaria da melhor forma que poderia, disse a mim mesmo diante do espelho do quarto.

Eu estava com uma toalha branca enrolada em redor da cintura e me olhava no espelho do quarto, queria ver o que um dia ela poderia ver também. Não estava querendo que me visse nu, mas havia marcas em mim que não importava o quanto eu tentasse esconder elas sempre existiriam.

Sempre haveria um buraco em minha alma. Um buraco deixado pelo filho que nunca tive a chance de conhecer. Quanto ao resto de mim, eram apenas pedaços quebrados do homem que fui. Pedaços feios e tortos, pedaços que nunca me orgulhei em ter.

Lúcia não estava juntando os meus pedaços, ela estava construindo um novo homem.

Eu seria bom para ela. Eu faria com que ela visse que era forte o bastante para passar por tudo o que estava acontecendo. Eu a faria enxergar a mesma Lúcia que me deu esperanças de um amanhã melhor.

Eu a faria ter um amanhã melhor.

Mesmo que uma ideia apressada me fizesse acabar com tudo o que um dia pudéssemos vir a ter.

O menino quebrado que existia em mim estava com medo, mas iria segurar a mão da menina perdida em Lúcia. E juntos eles caminhariam.

O menino quebrado em mim desejava.

E, por desejar com tanto fervor, acreditava.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Há poucos dias eu tive mais um encontro com o advogado que Vincent contratou para me ajudar no caso da guarda de Emma. O senhor Cunha apareceu com uma cara de quem não trazia boas notícias. No fundo, não tinha tanta certeza se um dia ainda receberia uma. O que me dissera foi que não tinha conseguido o acordo com Adam. Ele estava irredutível, juntamente com sua advogada que o aconselhara a não ceder. Cunha me garantiu que tentaria novamente. E mais uma vez não acreditei que conseguiria.

Eu estava com medo.

Eu sabia do que Mirna Vega era capaz. Havia passado boa parte da minha vida a vendo trabalhar incansavelmente nos casos que defendia ou acusava. Ela era boa no que fazia e não se preocupava com nada além de ganhar. Eu não sabia se tudo o que havia feito em seu trabalho havia sido de forma honesta, sempre tive minhas dúvidas e elas ficaram maiores ao saber que minha mãe estava empenhada em ajudar o homem que me abandonou grávida a ficar com minha filha.

Ainda assim numa manhã em que Emma estava na escola e Nana se ocupava com o almoço, me refugiei no escritório de Vincent e então disquei o número no qual tentara me esconder nos últimos anos. Por sorte, ou não, o número continuava o mesmo. Depois de um tempo, onde minha coragem oscilava, ela atendeu:

—Mirna Vega.

Respirei fundo.

—Mãe? Sou eu, Lúcia.

Ela ficou em silêncio por um tempo, mas eu podia ouvir sua respiração junto com vozes altas. Ela pediu licença a alguém, depois de um segundo as vozes silenciaram e ela disparou:

—O que quer?

—Eu queria falar com você sobre...

—O processo? — Interrompeu ela — Não posso tratar desse assunto diretamente com você. Se quiser saber de algo diga para o seu advogado, que por sinal não sabia que podia pagar, para entrar em contato comigo.

Engoli em seco.

Será que ela sabia o quanto estava me machucando?

—Mãe, eu...

—Não tenho tempo agora, Lúcia!

Respirei fundo novamente. Minha vontade era de quebrar o que estivesse ao meu alcance, naquele momento era a tela do computador de Vincent.

—Quero saber por que está fazendo isso comigo! — Falei, minha voz saiu embargada.

Mais silêncio.

—Fui contratada para resolver um caso, apenas isso.

—Diga a verdade, mãe.

Lágrimas de raiva rolavam pelo meu rosto.

Me perguntei quando enfim eu pararia de chorar.

—Você não pode dar aquela garota o que ela precisa. — Disse ela, e então desligou.

Todos os dias aprendia algo sobre a vida, foi assim desde o momento em que saí de casa. Naquele dia, naquele momento, aprendi que muitas pessoas vão nos magoar ao longo da nossa vida, mas a gente só vai saber o que é ser magoado de verdade quando quem menos esperamos enfia uma faca em nossas costas.

Me apoiei na mesa de carvalho escuro. Minhas lágrimas pingavam contra o piso polido. Escutei o ruído da porta, quando ergui a cabeça encontrei Vincent parado perto dela.

Ele usava um terno escuro, agarrado ao seu corpo grande. Com uma mão segurava o celular contra a orelha e com a outra uma maleta preta daquelas chiques. Ele me olhou, e por um momento nada saiu de seus lábios abertos. Quando enfim disse algo, foi para a pessoa do outro lado da linha:

—Eu te ligo depois.

Ele caminhou a passos rápidos até mim.

Eu odiava que ele me visse chorar, mas não sentia mais vergonha de chorar na frente dele.

Talvez eu estivesse sendo egoísta por pensar apenas em mim e não em tudo o que ele já passou e eu estava despejando ainda mais problemas sobre ele. E talvez, pensei, eu também estivesse sendo egoísta comigo mesma ao privar meu coração de sentir algo por ele.

—O que aconteceu? — Perguntou.

Ele franziu as sobrancelhas ao me ver usando o uniforme, mas não comentou nada. Mesmo que ele estivesse me hospedando em sua casa ainda era sua funcionária e não me sentiria confortável em estar na sua casa e não fazer o que já estava acostumada.

—Acabei de falar com minha mãe. — Respondi, secando as lágrimas no rosto.

—O que ela disse?

Dei de ombros.

—Que não posso dar a Emma o que ela precisa.

As lágrimas voltaram e não havia jeito de detê-las.

Ele se aproximou, poucos centímetros nos separavam.

—Você sente que não pode dar a ela o que precisa? — Perguntou de forma cautelosa.

—Sim. — Solucei — Não posso dar a Emma uma casa boa ou uma família. Por um tempo tive que me desdobrar para poder dar a ela o que comer. Sabe o que isso significa para uma mãe, Vincent? A pior sensação do mundo é você não poder dar ao seu filho uma coisa tão básica quanto comida.

—Lúcia...

—Eu sei que você perdeu um filho, e sinto muito por isso, de verdade, mas você não entende o que é passar quase todas as noites torcendo para que a manhã seguinte traga algo bom. Você não sabe o que é ter que escolher qual conta vai pagar no mês porque se não fizer isso vai ficar sem dinheiro para comprar comida. Você não entende, Vincent. Não entende o que é ser pobre e ter que batalhar todos os dias apenas para ter o *mínimo*.

Então, de repente, eu estava chorando muito. Fungava enquanto lágrimas desciam sem parar pelo meu rosto. Como ele podia entender aquilo? O homem era rico e, tinha certeza, que nunca precisou passar vontade desde que era um garotinho. Ele não poderia entender o que milhões de pessoas passavam todos os dias. Todas as vezes em que tinham que trabalhar em um trabalho ruim apenas para pagar as contas do mês. Não poderia entender o quanto era frustrante e desanimador passar meses e mais meses em busca de um emprego e receber uma tonelada de “nãos”.

Ele tocou meu rosto, mas dessa vez o evitei. Seu toque não consertaria as coisas.

Eu estava cansada e quebrada demais.

—Sei que está chateada, Lúcia, mas dinheiro não traz felicidade.

Me afastei dele com um movimento brusco.

—É claro que dinheiro traz felicidade. Se eu tivesse dinheiro minha filha estaria comigo e eu nunca teria precisado ir atrás do babaca do Adam. Se eu tivesse dinheiro eu seria feliz porque nunca precisaria me afastar da minha filha! — Gritei.

Ele ficou em silêncio. Eu respirava de forma rápida e irregular, sentia como se algo estivesse comprimindo meu peito. Sentia como se o ar não

conseguisse entrar em meus pulmões. Eu queria gritar, mas não tinha voz para isso.

Foi então que senti seus braços em volta de mim e seu peito largo pressionado contra minhas costas.

—*Shhh...* Vai ficar tudo bem. Está tudo bem agora, Lucy. — Sussurrou contra minha orelha.

Foi a primeira vez, depois que meu mundo desmoronou, em que eu acreditei que tudo ficaria bem.



O senhor Cunha analisava uns papéis e se dividia entre mexer no celular e nos dar pequenas informações.

A pedido de Vincent, Nana estava com Emma e Byron no jardim, para que pudéssemos conversar com o advogado. Eu não contei a Emma nada do que estava acontecendo, achei que seria uma coisa muito grande para ela entender. Apenas expliquei que a partir daquele dia nós estaríamos juntas novamente, o que a deixou extremamente feliz.

Julia apareceu naquela tarde trazendo uma mala com as coisas de Emma que estavam na casa de Adam. Quando a questioneei sobre aquilo ela disse:

—Sim, fui até a casa daquele babaca. Sim, entrei sem esperar convite. Sim, bati na cara dele. Não, não o machuquei gravemente.

Eu amava minha melhor amiga.

Eu queria estar tão confiante quanto Vincent e Julia, mas não conseguia.

O advogado suspirou e continuou a falar.

—O que mais complica a sua situação, Lúcia, é que você não tem uma casa própria e estabilidade financeira. Você não se casou e construiu uma família sólida, como o senhor Vasconcelos. Digo isso, pois é o que ele irá alegar no

tribunal.

Bufei.

—Não tive nada disso porque estava ralando para criar minha filha *sozinha*!

Vincent colocou a mão sobre minha perna, na esperança de me acalmar. Conversamos algumas vezes e ele sempre me dizia que eu tinha que me manter calma e não falar tudo o que se passava na minha cabeça. Como se fosse fácil.

—Essas coisas são importantes na formação e educação de uma criança, é isso o que um juiz espera para com uma criança, principalmente com a idade de Emma. — Disse o advogado.

—Então, não há nenhuma chance de que a guarda fique comigo? — Sussurrei.

Ele suspirou e foi naquele suspiro que percebi que o que disse foi uma mentira.

—Ainda há chances, senhora Vega.

Vincent pigarreou, trazendo a atenção do senhor Cunha a ele.

—E quanto ao o que lhe falei?

O advogado sorriu.

—Está tudo certo, senhor Garcia.

—O quê? — Perguntei.

Os dois trocaram um olhar demorado.

—A senhora Vega, sua mãe, não cuidará mais do caso de Adam Vasconcelos.

Um leve sorriso surgiu em meus lábios.

Saber que minha mãe não estaria contra mim me deixou aliviada. Mas não fez amenizar a dor que sentia por saber que ela esteve tão determinada a

conseguir me afastar da minha filha.

Quando o senhor Cunha saiu, Vincent voltou até a sala onde eu permaneci em sua ausência. Em poucos passos ele estava diante de mim. Em poucos segundos ele me abraçava.

Eu não devia estar me acostumando aquilo, mas eu gostava. Era bom saber que eu podia abraçá-lo. De alguma forma seu abraço me consolou tanto quanto suas palavras:

—Um passo de cada vez, somente assim a gente consegue seguir em frente.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Eu ainda trabalhava para Vincent, mesmo que ele me dissesse que não precisava.

Algumas semanas se passaram e ainda não sabíamos a data para o julgamento. O advogado Cunha ainda insistia no acordo, mas Adam estava irredutível, até mesmo seu novo advogado que, segundo Cunha, não parecia tão faminto pela vitória como minha mãe. Não tive notícias de minha mãe e não a procurei mais depois daquela terrível ligação. Sentia que se ficasse distante seria melhor, mesmo que ainda doesse muito pensar no que ela fizera.

Tive que ter algumas conversas com Emma sobre morar sempre comigo, queria que ela estivesse confortável com tudo. Principalmente por não ver o pai por um tempo, a única coisa que a incomodava era não ver a sua amiga, filha da esposa de Adam, com frequência, mas elas se viam sempre na escola. O que notei durante os dias que passávamos na casa de Vincent era que ela estava mais feliz do que um dia a vi ser. Não era por causa da casa enorme e do luxo ao qual tinha acesso, mas sim da vida que estava levando.

Ela amava passar as tardes com Byron e assistir filmes com Nana. Até mesmo corria para encontrar com Vincent quando ele chegava em casa a noite. Muitas vezes, Vincent ficava com Emma na sala de estar brincando junto com ela durante a noite, até o cansaço finalmente alcançar minha garotinha e ela sucumbir ao sono.

Vivíamos como se fôssemos uma família e isso me deixava feliz e ao mesmo tempo apreensiva.

Julia estava nos visitando com frequência e amava ir para a piscina de bolinhas com Emma. Minha melhor amiga sempre aparecia para me lembrar que tudo daria certo e que ela sempre estaria comigo. Julia era o tipo de amiga que seria capaz de te ajudar a esconder um cadáver.

Emma estava na escola e Nana tinha saído para ir ao mercado, com a ajuda do seu amigo jardineiro. Aproveitei a casa vazia para fazer faxina. Assim, pensei, pararia de pensar nos problemas. Tinha acabado de estender as roupas

no varal quando a campainha tocou. Corri até a porta e limpei as mãos no avental, ao menos estaria cheirando a amaciante de roupas. Ao abri a porta meu coração saltou no peito.

—Bom dia, Lúcia.

Da última vez que vi aqueles olhos estava em cima de um palco. Olhei rapidamente para sua mão e engoli em seco. Por alguns segundos aquela mão estivera entre meus seios.

—Bom dia. — Falei.

Ian entrou na casa, se desfazendo do blazer cinza que usava. Como sempre, ele mantinha um sorriso no rosto. Pensei no quanto parecia fácil para as pessoas se apaixonarem por aquele sorriso. Tinha que admitir que seu sorriso causava algumas coisas estranhas em mim, mas não chegava perto do que a carranca-sexy do seu irmão fazia. No entanto, não podia negar que Ian era um homem muito bonito e aquele sorriso unido ao charme sem-vergonha podia fazer qualquer uma pensar em coisas impróprias.

Ele caminhou até a cozinha e me apressei em segui-lo.

—O seu irmão não está em casa, senhor. — Me apressei a dizer.

Ele olhou por cima do ombro enquanto sentava na cadeira da mesa, onde seu irmão sentara naquela manhã, e pegou o jornal que Vincent havia deixado sobre a mesa.

—Não estou com pressa, posso esperar por ele. — Disse sorrindo.

Respirei fundo e sorri.

Eu não podia pensar naquela noite para sempre. Eu estava usando máscara, seria impossível ele me reconhecer. Foram apenas alguns segundos e nada mais.

Não havia nada que eu pudesse fazer a não ser ficar na cozinha e lhe fazer companhia. Não que eu tivesse ficado por vontade própria, ele não parava de falar sobre algumas notícias do jornal e sobre a empresa.

Fiquei surpresa ao ouvi-lo falar tão bem de Vincent, sobre ele estar andando e ter voltado a ser o presidente que sempre foi da empresa. Notei um ar de orgulho em sua voz ao falar da Garcia Joias.

—A empresa tem voltado a crescer de forma assustadora. Em pouco tempo o Vince conseguiu fazer com que tudo se tornasse melhor do que era.

—Ele parece gostar muito do que faz. — Comentei enquanto secava alguns copos.

Ian abaixou o jornal e me encarou.

—Vincent ama a empresa, sempre trabalhou duro para que tudo desse certo.
— Ele desviou os olhos — Ele é um bom homem, Lúcia.

—Eu sei. — Suspirei — Por... por que está me dizendo isso? — Perguntei.

Ian voltou a sorrir do jeito de sempre.

—Apenas quero que mantenha isso em mente.

Eu estava servindo sua xícara de café quando, de repente, ele segurou meu pulso. Ergui os olhos, assustada, e o encarei. Aconteceu rápido como na noite do clube, mas foi tão intenso e inquietante quanto.

—Por que sinto que já te vi em outro lugar? — Perguntou.

Embora houvesse uma real curiosidade em seus olhos, também havia um sorriso como se ele já soubesse a resposta.

Engoli em seco e desviei os olhos para a xícara que passara a tremer em minha mão.

—Tenho um rosto muito comum, senhor. — Murmurei.

Senti seus olhos me avaliando mais uma vez, por fim ele disse:

—É, deve ser isso.



—Deixa, mamãe, por favorzinho. — Emma gemeu, fazendo bico e piscando os olhos várias vezes.

Maldita hora que a deixei assistir *Sherek*, ela devia ter aprendido as técnicas do gato de botas.

Suspirei.

—Tudo bem, mas apenas um. — Eu disse, com o dedo indicador em riste.

Ela deu um gritinho e correu para a sala.

Emma estava louca para assistir o novo DVD que Vincent comprara para ela. Era algo sobre vampiros e zumbis. Minha filha tinha gostos peculiares. Certa vez tive que ir até a escola porque ela disse que comeria o cérebro da amiguinha se fosse um zumbi, tudo isso apenas porque a garotinha pegou o lápis dela sem pedir.

Sorrindo, limpei a mesa da cozinha e lavei os pratos sujos.

Às vezes, me pegava pensando nos primeiros dias que soube que estava grávida. Quando se tem dezoito anos e descobre algo assim seu mundo muda completamente. A adolescência é a fase em que ainda não deixávamos de lado a ideia dos contos de fadas e finais felizes e mesmo assim estamos ansiosos para explorar o mundo dos adultos. O que não temos ideia é o quanto o mundo fora da nossa imaginação é difícil.

Raramente há segundas chances e muitas vezes os finais felizes não acontecem.

Saber que seria mãe foi a coisa mais chocante que me aconteceu, mais ainda do que o dia em que caí do telhado achando que podia voar como o Super-Homem e acabei internada por vários dias, voltando para casa com trinta pontos na cabeça e um braço quebrado. Eu entrei em pânico quando o teste deu positivo, mas no fundo eu sabia que a vinda de um filho, mesmo antes do

previsto, era uma benção.

Foi uma benção porque eu sabia que muitas mulheres no mundo não podiam ter filhos e eu estava sendo abençoada por poder ter uma. Emma foi meu maior medo, mas também minha maior alegria.

Ver minha filha crescer com saúde e alegria em meio a toda a dificuldade que passamos e ainda passávamos era o que me deixava forte. Eu não podia voar como o Super-Homem, mas sentia que por ela eu poderia enfrentar o mundo.

Eu descobri que era forte quando tive que ser forte por outra pessoa.

—Esse sorriso tem um motivo?

Me virei para a porta da cozinha, onde Vincent estava parado. Braços cruzados sobre o peito, um sorriso esticando seus lábios.

Ouvimos Emma rir e bater palma. Vincent ergueu uma sobrancelha enquanto caminhava até mim.

—Não precisa responder, já sei que tem.

Sorri ainda mais.

Por algum motivo meu coração acelerava quando ele estava por perto. Era como se apenas sua presença modificasse todo o ambiente e o transformasse em um lugar diferente. Um lugar melhor.

—Como foi no trabalho hoje? — Perguntei.

Era comum conversarmos um pouco durante a noite. Estava se tornando uma rotina.

Por muitas noites ficávamos conversando enquanto tomávamos chá. Eu colocava Emma para dormir e então o encontrava sentado no sofá da sala de estar, sempre havia duas canecas com chá sobre a mesinha de centro. E o chá estava sempre do jeitinho que eu gostava. Eram pequenas coisas que aqueciam meu coração. Vincent falava sobre seu dia na empresa, sobre as vendas e tudo o mais. Como minha vida não era interessante, eu falava sobre as coisas que tinha feito na casa e principalmente sobre as peripécias de

Emma.

Ele sorria e eu sorria também. E tudo, por um breve segundo, parecia perfeito no mundo.

Sua companhia tirava o vazio que sentia dentro do mim, o medo constante de ficar sem minha filha e a dor que parecia me consumir o dia inteiro. Ele me acalmava com suas palavras simples e bonitas, com os toques sutis e o seu sorriso tímido. Vincent era um homem enorme e podia parecer intimidador, mas não era. No fundo, Vincent Garcia era apenas um menino que parecia precisar de um pouquinho de amor.

—Muito bem, na verdade. A empresa está voltando a crescer e as exportações aumentaram mais de vinte por cento.

E lá estava o orgulho em sua voz, assim como ouvi na voz de Ian.

Depois de esperar por duas horas por Vincent, Ian decidira ir embora. Foi somente então que a apreensão que sentia no peito naquela manhã se esvaiu.

—Fico feliz, Vincent. De verdade.

Eu estava feliz por ele. Estava orgulhosa do homem na minha frente.

Vincent suspirou profundamente e olhou por cima do ombro. Ainda ouvíamos Emma conversar com os personagens do filme, e um ocasional latido de Byron. Ele, então, se voltou para mim, uma sombra de apreensão e dúvida nublou seu rosto.

Ele passou a língua rosada pelos lábios e me encarou.

—Conversei novamente com o Cunha hoje, ele foi até a empresa. — Disse.

—O que aconteceu?

Um arrepio deslizou por minha espinha, estremeci diante do medo.

—Não há muitas chances de que você ganhe a guarda, Lúcia. Por mais que você tenha lutado todos os dias para dar o melhor a Emma, infelizmente não vai ter valor no tribunal. — Ele pigarreou e coçou a barba — Cunha me disse

que se você tivesse construído uma família, quero dizer, casado e tudo o mais, as coisas podiam ser diferentes. Podiam ser mais fáceis. E eu quero ajudar você, Lúcia. Eu quero que tenha sua filha sempre ao seu lado e que seja feliz. — Sussurrou.

Franze as sobrancelhas, confusa.

—Não entendo o que quer dizer.

Ele voltou seus olhos aos meus. Eles brilhavam naquela mistura de azul-esverdeado e dourado que eu amava.

—Case comigo.

CAPÍTULO TRINTA

Eu sempre imaginei ter uma família grande.

Eu sonhava em um dia me casar e ter filhos. Eu imaginava minha vida como a vida daquelas mocinhas dos livros de romance, que tem o homem perfeito e a vida perfeita. Aquelas mocinhas que são naturalmente doces e belas e que no fim sempre são felizes com o homem bonitão que é apaixonado por elas.

O problema era que minha vida não era um romance ganhador de prêmios pelo mundo. Se fosse, contaria a história de uma mãe solteira, que trabalhava como faxineira e que lutava para dar um bom futuro para a filha. A história de alguém que a vida machucou muito, mas ainda se mantinha de pé. Minha vida não era um romance água com açúcar. Era real. E a realidade costuma passar bem longe do mundo da fantasia.

Eu tinha que fazer escolhas.

E o problema das escolhas é que você não tem nenhuma pista de qual é a certa. É como jogar uma flecha estando de olhos vendados e torcer para que acerte o alvo.

E então há as consequências. O problema das consequências é que não há nenhum jeito de que você possa escapar delas.

Mesmo que se esconda ou adie por muito tempo, um dia você terá que cumpri-las.

Eu sabia o quanto a vida era difícil mesmo antes de me arriscar a viver sozinha. No entanto, eu sempre tive orgulho da minha coragem. Aprendi com o passar dos anos a sentir orgulho de cada pequena coisa que eu conseguia fazer. Pensar em mim como uma pessoa corajosa me fazia realmente sentir coragem de tentar algo novo. Parte de mim sempre foi assim, mesmo vivendo em rédeas curtas com minha família. Sempre pulei de cabeça nas coisas que queria fazer, desde aprender algo que não me agradava, como o balé, até a sair de casa e criar sozinha a minha filha.

Para mim, sempre foi tudo ou nada. E eu também nunca pulei fora de um desafio, eu podia subir no lugar mais alto que encontrasse e gritar: *É isso aí,*

vida, manda ver! Eu não costumava ter medo, mas quando você vai crescendo e entendendo que o mundo é bem diferente do que imaginava, começa a ter medo de algumas coisas. Tipo, subir no lugar mais alto e desafiar a vida.

Naquele momento eu estava com medo.

Eu tinha medo do que poderia acontecer no dia seguinte, ou em alguns minutos. Minha vida não estava sendo do jeito que eu imaginava, é claro. Eu tinha medo de perder minha filha. Tinha medo de não ter mais forças para continuar lutando. Eu sentia como se estivesse constantemente carregando um peso em minhas costas, era o medo. O medo que parecia a cada dia mais perto de me paralisar.

E, assim como todas as pessoas no mundo, eu tinha medo do desconhecido.

E sabe qual o maior problema de sentir medo?

Ele te impede de arriscar.

Fazia alguns dias desde o pedido de casamento mais estranho e inesperado do mundo. Eu ainda não conseguia olhar nos olhos de Vincent ou trocar sequer algumas palavras com ele. Eu fugia como uma covarde. Porque eu tinha medo do que tudo aquilo podia acarretar na minha vida.

Como uma covarde que estava sendo, recorri a minha melhor amiga. Liguei para Ju na manhã em que Vincent e Emma tinham saído. Fui até o jardim com Byron me acompanhando e disquei o número dela.

Contei a Julia o que aconteceu naquele dia e mais especificamente naquela noite na cozinha da casa do senhor Garcia. Eu sabia que a coisa estava séria quando ela não me interrompeu a cada cinco segundos com uma pergunta. Por fim, esperei que algo na sua cabeça louca me ajudasse.

—Lu, você sabe que não sou a melhor pessoa para dar conselhos, mas acho que você tem que parar de ouvir seu cérebro rabugento e passar a ouvir seu coração. Acho que, às vezes, nosso coração merece a chance de ser ouvido. Às vezes, as escolhas que nossos corações fazem são as escolhas certas.

Suspirei.

A Julia podia ser tão profunda quanto um poço quando o assunto era amor.

Espera! Amor?

Não, não estávamos falando sobre amor. Eu tinha que tomar uma decisão que implicaria para o resto da minha vida!

—E se não der certo, Ju? E se não fizer diferença nenhuma no dia do julgamento?

Ela estalou um chiclete.

—Você não tem como saber isso agora. Não custa nada tentar.

Revirei os olhos. Odiava quando ela estava certa e sabia que estava certa.

—Não quero a pena dele nem a de ninguém. Não estou à procura de caridade. E ele já está fazendo muito por mim.

Ela suspirou.

—Você precisa parar de ser tão orgulhosa e aceitar que as pessoas não estão com pena de você, apenas querem que você seja feliz. Lu, sua vida foi uma merda a maior parte do tempo, está na hora disso mudar, não acha?

Suspirei.

Olhei para Byron que rolava na grama enquanto tentava pegar uma borboleta.

—Eu não sei o que fazer, Ju. Não quero que Emma sofra. — Sussurrei.

Meu medo não era apenas o que ser a esposa de Vincent Garcia significava ou o que aquilo significaria para meu coração. Meu medo era o quanto aquilo implicaria na vida de Emma. Ela era doce e amorosa com quase todas as pessoas que conhecia, mas havia algo em Emma que a fazia se apegar de forma intensa a algumas pessoas. Minha filha quando amava, amava com todo o seu ser. Eu tinha medo do que o tamanho do seu amor por Vincent poderia lhe causar se no futuro tudo entre ele e eu terminasse.

Minha amiga se calou por um segundo.

—Ela não vai sofrer, Lucy. Emma é forte e teimosa como a mãe. Ela vai ficar feliz não importa onde ou com quem esteja, se ela estiver com você ficará bem.

—Não quero que pensem que sou uma vadia interesseira. — Falei.

Porque era claro o que as pessoas pensariam de uma mulher como eu se casando com um homem como Vincent Garcia.

Minha amiga riu.

—Lucy, não há nada de feio ou errado aceitar ajuda quando se precisa. Pense na vida como um livro, você nunca saberá o fim da história se não continuar lendo os capítulos.



Emma roncava na cama agarrada ao ursinho do Frankenstein que ganhou de Nana. Sai do quarto em silêncio para não a acordar e desci a escada. A casa estava silenciosa e escura. Consequia ouvir apenas minha respiração acelerada e as batidas rápidas do meu coração. Cada passo me deixava ainda mais nervosa.

Como eu imaginava a luz da sala de estar estava acesa e de dentro da sala eu podia ouvir o som da televisão. A porta estava entreaberta e me deu o vislumbre de Vincent sentado no sofá. Ele segurava uma caneca de café em uma mão ao invés da caneca de chá que costumava tomar a noite. E na mesinha de centro não havia uma caneca de chá esperando por mim. Não havíamos tido mais nossas conversas noturnas, ele não me falava sobre a empresa e eu não contava sobre as peripécias de Emma. Eu sentia falta de como o seu sorriso tímido fazia meu coração bater depressa.

O observei por um instante, ele parecia concentrado no que assistia na televisão. Ele estava assistindo o desenho da Liga da Justiça. Quase ri, mas quis assistir junto com ele.

Vê-lo ali foi como um soco em meu estômago. Saí do quarto determinada a vê-lo, mas ainda assim parecia errado eu estar ali. Era errado eu estar em sua casa e aceitando sua ajuda. Não importava quantas vezes Julia me dissesse que não, mas eu sentia que o estava usando. Ele não tinha motivo para me acolher em sua casa e me pedir em casamento apenas para que minha filha não fosse tirada de mim.

Eu sentia que tudo aquilo estava errado e que tinha que dar um fim naquilo tudo.

Abri a porta e entrei. Ele me olhou sobre o ombro e sorriu, mas logo seu sorriso sumiu ao ver minha expressão. Ele deixou a caneca sobre a mesinha de centro e se levantou calmamente. Foi somente então que notei que usava apenas uma bermuda e uma camiseta simples. Ele não costumava usar bermuda, sempre parecia querer esconder a prótese e isso por muitas vezes me entristecia, mas sabia que com ele as coisas tinham que ser feitas de forma lenta. Vi sua prótese refletir o brilho da televisão. Seu cabelo estava solto, as pontas tocando seus ombros. Ele era lindo.

Descobri que Vincent Garcia era tão lindo por dentro quanto era por fora.

Olhei seus olhos brilhantes.

Fazia anos que eu não sentia algo por alguém. Passei todos os dias focada em Emma e na minha vida quebrada que nunca me dei a chance de me abrir para alguém. Às vezes, eu me sentia como uma garotinha que ainda desconhecia o amor. Era como se tudo fosse novo. Cada sentimento, cada reação no meu corpo e cada sonho que vinha sonhando. Cada dia me trazia uma pequena descoberta. E cada descoberta que fiz de mim mesma foi graças à Vincent.

Eu estava prestes a me apaixonar por ele. Bem, talvez eu já estivesse apaixonada.

Eu sabia que meu coração não iria resistir a Vincent Garcia.

Eu sabia que o que diria a ele iria quebrar meu coração.

—Eu aceito.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Vincent

Eu passara a andar bem melhor com a prótese depois de ir frequentemente a fisioterapia, no fundo não era tão ruim. A pior parte havia passado, a parte em que a prótese — mesmo sendo feito de um material próprio para o conforto e segurança — parecia pesada. No entanto, a pequena fisgada de dor havia retornado. Desta vez, eu sabia o motivo e justamente por saber qual era o motivo estava me sentindo ainda pior.

Pedir Lúcia em casamento foi uma das coisas mais difíceis que eu tive que fazer. Foi difícil porque aquele não era o momento certo, não foi daquele jeito que imaginei o pedido que faria a ela um dia. Seria quando Lúcia finalmente me amasse e quisesse se unir a mim por amor e não por medo do que poderia acontecer com sua vida caso recusasse. Aquilo ainda me corroía, a imagem de sua surpresa diante do pedido e a forma como parecia completamente perdida.

Eu a amava.

Droga!

Eu a amava com todo o meu ser e queria que um dia ela me amasse também, mesmo que não fosse da forma louca como eu a amava. Eu queria que Lúcia soubesse como eu me sentia, mas não havia espaço no meio de todos os problemas que enfrentava para pensar em algo como um homem como eu dizendo que estava apaixonado por ela. Lúcia estava passando por problemas difíceis, problemas que a consumiam. Eu podia ver pela forma como estava sempre distraída, imersa em pensamentos que eu sabia que não a estavam fazendo bem.

Ela tinha emagrecido e estava sempre fazendo faxina na casa, mesmo que estivesse completamente limpa. Eu sabia como ela se sentia, querendo fazer qualquer coisa para ter apenas alguns segundos de paz. Vê-la daquela forma me machucava, eu queria protegê-la, fazer com que voltasse a ser a mulher forte e teimosa que eu conheci. E a forma que encontrei de tentar ajudá-la foi a pedindo em casamento.

Caminhei até minha mesa e peguei o telefone, apertei o botão e logo Denise falou:

—Sim, senhor Garcia.

—Peça para Ian vir até minha sala, por favor.

—Sim, senhor.

Voltei a caminhar de um lado para o outro como se pudesse abrir um buraco no chão. Pouco tempo depois minha porta foi aberta e Ian entrou. Ao olhar minha expressão, ele logo concluiu que havia algo de errado.

—Lúcia aceitou o pedido. — Disparei.

Ian abriu um largo sorriso e caminhou até o aparador de madeira com detalhes em aço inox onde ficavam algumas garrafas de bebida. Ele se serviu de uma dose de uísque.

—Parabéns, irmão!

Rosnei diante de sua felicidade.

—Oh, espera! Ela sabe o motivo do pedido, não é? — Perguntou, agora sem o sorriso no rosto.

Me sentei em uma das cadeiras diante da minha mesa e suspirei. Não precisei dizer nada, Ian sabia pela minha reação.

—Cara, você está ferrado. Ela vai arrancar suas bolas quando descobrir. — Ele tomou um gole do uísque e franziu as sobrancelhas olhando para o nada — E eu nem sei se existe prótese para as bolas.

O encarei.

—Ela não faria isso, idiota.

—A gente nunca sabe do que uma mulher é capaz, irmão. — Murmurou.

Lembranças desagradáveis de Kelly surgiram na minha cabeça. Lembrei-me do momento em que a conheci, pensava ter encontrado a mulher da minha

vida. Ela era linda e muito educada, era engraçada quando queria e costumava fazer bico quando algo lhe era negado. No começo a achava doce e inocente, achava aquele seu jeito de criança mimada fofo. Mas com o passar do tempo Kelly foi me mostrando um outro lado seu. O ciúme excessivo, as brigas por motivos banais, a birra constante quando dizia que eu não lhe dava a atenção que merecia.

Mesmo diante das coisas que eu não gostava nela, sentia que o amor que existia seria o bastante para fazê-la perceber que eu não era como alguns homens que havia conhecido. Que eu jamais a trairia ou a deixaria. O pedido de casamento havia sido em um impulso, mas não significava que eu não a amasse. Estávamos na cama, cansados depois do sexo. Ela começara a reclamar quando passei a mão pelos seus cabelos, dizendo que eu iria despenteá-los. Eu ri de sua recusa a um gesto tão inocente e por isso ela começou a discutir, mais uma vez dizendo que eu não me importava com o que ela sentia.

Eu a calei com um beijo e mantive meu corpo sobre o dela. Ao me afastar, falei: “Quer casar comigo?” Eu não tinha um anel naquele momento e isso quase foi mais uma razão para ela discutir, mas ela me disse que sim e naquele momento de felicidade eu esqueci de todas as outras vezes em que nós não fomos felizes juntos.

Eu só me dei conta do erro que havia cometido quando já era tarde demais. Quando tudo o que Kelly sentia em relação ao casamento era raiva. Nunca algo estava bom o bastante, eu nunca estava presente o bastante. A gravidez foi uma grande surpresa para nós dois, eu devia ter percebido que a ideia de ser mãe a desagradava quando passou meses sem expressar nenhuma reação feliz nas consultas médicas, quando falávamos sobre o futuro de nosso filho. Kelly passou por tudo isso de forma impassível, como se não houvesse nenhum tipo de sentimento dentro dela.

Eu ainda tinha esperança de que as coisas melhorassem e talvez este tenha sido o meu maior erro. A dor da perda de nosso filho me dilacerou, era como a dor que as vezes sentia na perna que perdi. Mas a diferença era que aquela dor eu sentia todos os dias, nunca ia embora. Era como sentir o latejar da dor no membro que não existia mais. Enquanto eu chafurdava na dor, Kelly

estava em outro país e aparentemente feliz.

Eu não sabia se um dia seria capaz de perdoá-la.

—Lúcia jamais faria algo que machucasse alguém. — Falei, defendendo a mulher que amava.

Ian assentiu e se aproximou cautelosamente.

—Quando vai contar a ela sobre o casamento o manter como presidente na empresa?

Passei a mão na barba cumprida e olhei para o céu através das janelas. Estava começando a escurecer, logo seria o momento de voltar para minha casa e encarar Lúcia. Desde o momento em que aceitara o pedido se manteve distante, ainda conversávamos de vez em quando, mas não como todas as noites em que sentávamos juntos no sofá e falávamos sobre nosso dia. Eu sentia falta daqueles momentos, da forma como ela sempre fazia parecer que tudo no mundo estava certo pelo simples fato de existir um sorriso curvando seus lábios.

—Não vou contar.

Ele tomou o resto do uísque em um único gole.

—Vince, não acho que seja uma boa ideia...

—Se eu contar a ela, Lúcia irá desistir do casamento. Ela é teimosa e orgulhosa demais. Já foi um grande milagre ter aceito o meu pedido e mesmo assim ela aceitou por Emma. Não posso correr o risco de perdê-la.

—A empresa?

Voltei meus olhos para o céu e respirei fundo.

—Não. Eu não posso correr o risco de perder a mulher que eu amo.



Passei a noite inteira sem conseguir dormir. A culpa me assombrava.

Olhar para Lúcia estava sendo difícil, eu queria puxá-la para meus braços e pedir para que me perdoasse, que eu não a havia pedido em casamento apenas pela empresa e por Emma. Eu a havia pedido em casamento porque a amava e queria passar o resto dos meus dias ao seu lado.

Naquela noite, ao voltar da empresa, fui recebido por Emma e aquele abraço que apenas ela conseguia dar. Eu a tinha em meus braços quando Lúcia apareceu e nos flagrou rindo do desenho que passava na televisão. Por um segundo, um breve segundo, o sorriso que eu conhecia e amava apareceu no rosto de Lúcia. Porém, ele não durou tanto quanto eu gostaria.

Era madrugada quando coloquei a prótese novamente e saí do meu quarto. O silêncio na casa era permeado pelo bater das gotas de chuva contra as janelas. Caminhei pelo corredor até o quarto onde Lúcia dormia, abri a porta levemente e olhei dentro dele. Lúcia estava na cama junto com Emma e Byron. Pela luz do corredor que atravessava a fresta da porta, vi o seu cabelo castanho espalhado pelo travesseiro.

Desejei estar ali com ela, deitado ao seu lado. Sentindo o cheiro doce que Lúcia tinha. Desejei que pudéssemos ser como uma família algum dia.

Desejei que o meu erro não a impedisse de me amar em algum dia.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Não demorou muito para que todos soubessem sobre o casamento.

Vincent fez questão de que tudo ocorresse o mais rápido possível. Eu recebi abraços cheios de amor e carinho de Nana que parecia estar em extremamente feliz com aquilo e recebi felicitações de Cléber, o Velho. Julia apareceu na casa de Vincent cinco minutos depois que liguei para ela avisando que eu aceitara a proposta de Vincent. Dizer aquelas palavras em voz alta tornou tudo ainda mais real e assustador.

Julia me disse para ficar calma e me divertir. Me disse o que sempre dizia quando algo bom me acontecia.

—Está vendo, só? As coisas estão dando certo. Você vai ver como tudo vai ser maravilhoso daqui para frente.

Então, abriu um sorriso enorme, o que tornava muito difícil não sorrir de volta.

Algumas coisas, como flores, vinhos e caixas de chocolate, chegavam na casa do senhor Garcia quase todos os dias. Eram presentes de amigos e parentes de Vincent o parabenizando pelo casamento. Todos vinham com bilhetes escritos a mão com mensagens do tipo: *“Estou feliz por você, Vince.”*, *“Desejo muitas felicidades ao casal. Mal vejo a hora de beber champanhe no casamento!”* e *“Que bom que encontrou alguém para te tirar do fundo do poço. Estava começando a preparar um grupo de resgate para fazer isso. Estou feliz por você, irmão.”* O último havia sido de Ian, que enviou uma garrafa de um uísque caro para Vincent e um grande buquê de flores para mim.

Tudo aquilo me deixava nervosa. Todas as vezes em que Vincent lia um bilhete em voz alta e então lançava seus olhos de encontro aos meus eu queria sair correndo. Por muitas vezes eu pensara naquilo. Em pegar Emma entrar em um carro e fugir. Dessa forma ninguém poderia tirá-la de mim e eu não precisaria casar com o meu chefe. Mas sabia que seria a pior decisão do mundo, fugir com minha filha apenas iria dar munição para Adam tirá-la de vez de mim. Sendo assim, ficava quieta e tentava parecer feliz com tudo

aquilo como todos os outros pareciam.

Vincent era um bom homem e estava fazendo sacrifícios por mim e eu seria eternamente grata, mas ainda me parecia errado.

A mãe de Vincent vivia na França há muitos anos, desde o fim do casamento com o pai dele. Ou seja, Vincent era uma criança na época. Segundo pequenos pitacos que Nana deixou escapar, Vincent ficou devastado com o divórcio dos pais. O senhor Garcia, pai de Vincent, ficou com ele, dizendo-se responsável por cuidar e educar o filho. Não demorou muito para que ele casasse novamente, no entanto. Poucos anos depois do casamento nasceu Ian, que era alguém que Vincent amava muito mesmo que parecesse querer dar um soco em Ian de vez em quando. Ele era seu único irmão.

A história dos Garcia parecia infinita, havia muitos parentes em várias partes do mundo. Mas no fim restou apenas Vincent para cuidar do patrimônio que o pai deixou para curtir o resto do tempo que tinha longe do trabalho e tudo o mais, ele parecia estar vivendo férias permanentes. Aquilo, eu percebia, o enchia de orgulho.

A mãe dele estava a caminho do Brasil praticamente no mesmo instante em que Vincent encerrou a ligação. Poucos dias após receber a notícia soube que a senhora Vanda estava na casa de Vincent e conversando com Julia sobre a decoração do casamento. Ela havia chegado durante a tarde, momento em que Julia estava na casa me enchendo o saco com coisas sobre decoração. Quando a senhora Vanda chegou eu estava fazendo pipoca para Emma e só a vi quando voltei para a sala de estar e acabei flagrando a senhora Vanda e Julia numa conversa muito animada sobre o casamento.

Eu estava morrendo de medo de conhecê-la, mas meu medo logo desapareceu ao notar o quanto ela era gentil e animada. Por passar muitos anos na França havia um leve sotaque em sua voz. Ela era uma mulher linda e não parecia em nada ter mais de cinquenta anos. Sua pele era boa, as roupas muito bonitas e os cabelos louros brilhavam como fios de ouro. A senhora Vanda me tratou como se me conhecesse a vida inteira e se apaixonou por Emma. As duas passaram a andar sempre juntas e Emma amava quando a senhora Vanda dizia palavras em Francês.

A única coisa que consegui convencer Julia e a senhora Vanda a fazer foi que o casamento fosse algo pequeno e íntimo. Vincent concordou com aquilo, botando um freio em sua mãe e em Julia.

Elas falavam sobre cores de toalhas de mesa, flores, guardanapos, pratos, talheres. Não tinha fim. Eu não sabia o que fazer. Eu estava apavorada.

Mas o pior ainda estava por vir.

Foi decretado por Vincent Garcia que o casamento seria em uma semana.

Uma semana!

O cara estava louco.

Ele estava me deixando louca!

Tudo ficou pior quando ele se juntou com sua mãe e Julia para resolver as coisas. Vanda me confidenciou que ele queria que fosse surpresa para mim e por isso eles raramente me incluíam em alguma coisa. A pobre senhora não sabia que o casamento não passava de uma mentira e ela era tão boa comigo que me doeu mentir para ela.

E mais uma vez, quando meus olhos encontravam com os olhos de Vincent, eu sabia o quanto aquilo era errado.

Meu coração não aguentaria, disso eu tinha certeza.



Já era noite quando tive um tempo longe de todo o murmúrio de coisas para a festa de casamento.

Aconcheguei Emma em meus braços e nos sentamos no sofá para assistir Drácula. Antes de começar o filme chamei Emma, pois estava na hora de termos a conversa que eu estava adiando por muito tempo.

—O que acha do Vincent? — Perguntei com cautela.

Eu sabia que eles se divertiam muito juntos, era até um pouco irritante. Vincent e Emma no mesmo cômodo era como cuidar de duas crianças. Embora eu amasse vê-los juntos.

—Eu amo o senhor cabeludo, mamãe.

E eu sabia que amava.

Emma amava as pessoas de um modo profundo.

Ela era muito decidida e consciente das coisas que sentia e fazia, e isso era algo só dela. Emma amava tão forte e profundamente quanto odiava. Ela era intensa e teimosa. Era “sim” ou “não”, nunca um “talvez”.

Aquilo era bom, mas me deixava com medo. Quem ama demais corre o risco de sofrer demais também. E eu sabia que algum dia, que eu esperava que estivesse bem longe, eu não estaria ao seu lado para protegê-la.

Por mais que os pais queiram proteger os filhos é impossível. Um dia, o mundo os tira do aconchego de nossos braços já cansados e os levam para longe.

É como quando os filhos começam a dar os primeiros passos. Você está sempre ali, atenta a tudo para não o deixar cair. E então quando suas pernas já estão firmes e os pezinhos sabem para onde querem ir, você sente um pequeno vazio. Uma mistura de orgulho com saudade. Você olha para seu filho e pensa: Ele está bem e está andando sem ajuda.

Quando o tempo passa e ele não precisa mais de você para dar comida na boca ou amarrar o cadarço do tênis favorito, o vazio vai crescendo, dentro desse vazio vai entrando a saudade.

Porque não importa quantos anos os filhos tenham, eles sempre serão nossos filhos. E a gente sempre vai se sentir como se os observasse dando os primeiros passos.

Emma ainda era uma criança e por mais que me enchesse de orgulho cada pequena descoberta que fazia também vinha com ela a saudade.

—O que acha de vivermos aqui, Emma? O que acha de ficarmos um tempo com Vincent?

Ela me olhou com os olhos brilhantes de alegria e um sorriso acentuando suas bochechas gordinhas e coradas.

—Como uma família? Igual na tv?

Sorri e acenei que sim.

Ouvimos o barulho da porta da sala sendo fechada. Não precisei me virar para saber quem era, Emma abriu um sorriso enorme e pulou do meu colo, deixando de lado a boneca que continuava sem uma perna.

Vincent a pegou no colo e beijou sua bochecha. Emma amava o jeito como ele esfregava a barba grande para fazer cócegas nela. Ele sentou ao meu lado com Emma no colo. Ainda usava o terno cinza com o qual saíra de casa naquela manhã.

—Sobre o que minhas duas garotas favoritas falavam? — Perguntou.

—Que agora a gente é uma família, igual na tv. — Disse ela, brincando com a barba dele.

Os olhos de Vincent encontraram os meus e ele sorriu. Sorriu de verdade, mostrando os dentes brancos e perfeitos por trás dos lábios grossos e toda a barba.

E então me dei conta do quanto seria difícil lutar contra o que eu sentia por ele se continuasse vendo aquele sorriso.

Ele esticou o braço pelo encosto do sofá e tocou meu ombro com a mão, gentilmente me instigando a chegar mais perto dele. Eu fui. Amei sentir o calor do seu corpo ao lado do meu e o cheiro que apenas ele tinha. Odiei amar o calor do seu corpo e o cheiro dele.

Eu não queria dar esperanças a Emma e não queria mentir para ela, mas se iríamos permanecer os três juntos por um tempo que esse tempo fosse feliz.

Assistimos ao filme em silêncio. Emma no colo de Vincent e eu ao lado dele,

sentindo sua mão grande apertar levemente a junção do meu ombro com meu pescoço. Estava tudo calmo e sereno. Era como uma sexta-feira à noite em família. Era assim que uma família devia ser.

Um conjunto de pessoas que estariam sempre do lado uma das outras não importando o que pudesse acontecer.

Talvez o sinônimo de família fosse esperança.

—Somos uma família agora. — Vincent sussurrou em meu ouvido um tempo depois que Emma pegou no sono em seu colo — Vai dar tudo certo, Lucy. Eu prometo.

E eu acreditei nele.

Talvez o sinônimo de esperança fosse amar.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

O casamento estava marcado para dali a três dias. A senhora Vanda e Julia, com a ajuda de Nana e de Emma, prepararam tudo. Julia me disse que a minha única função seria aparecer e estar linda e radiante. Ela também me disse para me divertir e fazer de tudo para esquecer, ao menos por um tempo, os problemas. Porém, aquilo era muito difícil, já que o casamento era a consequência do problema.

Emma estava levando tudo muito bem. Estava feliz e amava ensaiar o jeito como jogaria as pétalas de rosas. Ela não ficava perguntando de Adam o tempo todo e aquilo me aliviava um pouco. Eles não se encontravam o tempo todo, mas Adam ligava para falar com Emma de vez em quando e eu não podia negar que minha filha tivesse contato com o pai, mesmo que eu quisesse bater nele o tempo todo. Emma estava feliz, irradiava felicidade. Estava animada com o casamento e por ter Byron junto com ela sempre.

Talvez, eu pensava, ela estivesse vivendo como nos dias antes de ir viver com Adam. Ele e Emma nunca foram próximos, mas sempre deixei claro para minha filha que ela tinha um pai e que ele a amava. Era isso ou dizer que ele nos abandonou. Talvez se eu nunca tivesse procurado por Adam ele não estaria tentando tirar Emma de mim. Talvez a culpa fosse toda minha. Esse pensamento sempre me machucava, mas eu não podia simplesmente fugir dele porque existia a verdade desse pensamento. Não tinha como ter certeza de que Adam jamais pedisse a guarda de Emma se eu não tivesse ido até sua casa, mas eu não podia ignorar o fato de que as coisas pudessem ter sido diferentes se eu nunca tivesse ido até ele.

Não tive nenhuma nova notícia do advogado Cunha, mas ele me mantinha atualizada sobre o que estava acontecendo. Os acordos que ele tentou com Adam não deram certo, por isso não me restava nada além de esperar o dia do julgamento. A data já estava marcada e tudo o que eu podia fazer era rezar para que tudo desse certo. Enquanto o dia não chegava eu mantinha Emma entretida com as coisas do casamento.

Mas naquela noite eu tinha outra coisa importante para fazer.

Era a noite do baile anual da Garcia Joias e eu, como noiva do presidente,

tinha que estar lá. Todos esperavam que eu estivesse. Emma ficaria com Nana naquela noite, aquilo me deixava mais tranquila. No fundo eu estava muito nervosa. Seria a primeira vez na vida que eu estaria indo a um baile, nunca fui nem ao baile de formatura e nunca imaginei que um dia iria em um baile de uma empresa importante.

Pedi algumas dicas para Nana e a mãe de Vincent. Elas sabiam o jeito que essas coisas funcionavam e eu tinha medo de tropeçar e acabar derrubando camarão no cabelo de alguém. Eu não era a pessoa mais delicada do mundo.

A senhora Vanda me ajudou com a escolha do vestido e Nana deu um jeito no meu cabelo, a maquiagem ficou por conta de Julia que passou rapidinho na casa do senhor Garcia para me ajudar. O vestido era longo e de um vermelho intenso, com uma fenda generosa na minha perna direita, ressaltando o tom bronzeado da minha pele. O cabelo estava preso em um coque despojado com pequenos fios soltos em volta do rosto. Julia ressaltou meus olhos castanhos com uma maquiagem esfumada, mas leve, e um batom vermelho, mais claro que o vestido.

Era uma sensação completamente nova. Desde a adolescência nunca mais havia parado para me preocupar com coisas de cabelo e maquiagem ou a roupa certa. Mas naquela noite eu me sentia linda. Com cuidado, por conta dos sapatos de salto alto, desci a escada para esperar por Vincent. Minha surpresa foi encontrá-lo no hall de entrada. Por um segundo fiquei congelada no penúltimo degrau da escada.

Vincent estava de smoking preto, com colete e gravata borboleta vermelha. O que me surpreendeu foi seu rosto. Ele estava praticamente irreconhecível. Ele havia cortado o cabelo, não tanto, mas o suficiente para deixá-lo apenas com as pontas roçando o pescoço. A barba estava aparada e muito menor do que antes.

Ele não parecia o mesmo homem. Que estava mais para um lenhador do que para um megaempresário. Por um segundo, eu quis rir ao imaginá-lo fazendo a barba com um machado.

No entanto, a visão do homem na minha frente tirou meu fôlego.

Caminhei até ele, mantendo um sorriso no rosto. Os olhos azul-esverdeados com aquelas pinceladas de dourado analisaram-me dos pés à cabeça. Sentia-me aquecida com seu olhar.

Ele piscou, voltando a atenção para o meu rosto. Ao me aproximar, ele pegou uma caixa de veludo azul sobre a mesinha do hall.

—Quero que use isto essa hoje à noite. — Disse, então abriu a caixa e eu ofeguei.

Dentro havia as joias que desenhei com ele. Do jeito que imaginei que seriam. Esmeraldas adornadas com diamantes. Eu não tive temo de protestar ou mesmo abrir a boca para dizer o quanto achava aquilo lindo, mas não me sentia merecedora de usá-los. Ele deixou a caixa sobre a mesa ao lado e colocou o colar em meu pescoço. A frieza da joia contra minha pele me arrepiou.

Depois de colocar os brincos e o bracelete, finalmente saímos de casa. Uma limusine já esperava por nós.

Me senti como uma mocinha naqueles filmes piegas que Julia amava assistir.



Quando finalmente chegamos ao local onde acontecia o baile anual da empresa, fotógrafos que esperavam pelos convidados do lado de fora cercaram a limusine e antes mesmo de descermos vários flashes foram disparados, mesmo com as janelas escuras era possível ver as luzes pipocando em todo lugar. Vincent segurou gentilmente a minha mão e sorriu.

—Não se preocupe. Não precisa ficar nervosa, estão apenas fazendo o trabalho deles. Apenas não responda nenhuma pergunta, não agora pelo menos. — Disse.

Seu tom de voz era gentil, mas aquilo só me deixou ainda mais nervosa. Saber que no dia seguinte uma foto nossa estaria no jornal deixou meu estômago embrulhado. Vincent saiu primeiro e me estendeu a mão, respirei

fundo e segurei com força a mão dele. Então, os flashes dispararam. Os fotógrafos que nos cercavam chamavam por Vincent e perguntavam quem eu era. Como Vincent dissera, eu não respondi nenhuma pergunta e ele também se manteve em silêncio enquanto alguns seguranças mantinham os fotógrafos afastados de nós para chegarmos até a entrada.

Quando finalmente entramos no baile senti todos os olhos em nossa direção. Obviamente, todos tinham um grande interesse em Vincent Garcia, era o presidente que havia chegado ao baile anual de sua empresa. Mas também haviam olhos curiosos sobre mim e a cada passo que dávamos eu começava a sentir um embrulho no estômago. Apertei o braço forte de Vincent temendo cair de cara no chão.

Ele eventualmente parava para cumprimentar algumas pessoas e eu tinha que fazer aquilo também, ele me apresentava como sua noiva e era quase cômico ver as expressões surpresas de todas aquelas pessoas. No entanto, eu tinha apenas que sorrir e sorrir.

O lugar era enorme, mas estava decorado de forma sutil. Cores claras e leves tons de prateado enfeitavam o lugar, desde as mesas que estavam dispostas ao redor da pista de dança em frente a um pequeno palco onde músicos tocavam, até o bar que ficava nos fundos. Imaginei que a simplicidade das cores e da decoração fosse para que a atenção estivesse focada nas joias que estavam expostas em pequenos pedestais com tampa de vidro, dispostas em lugares estratégicos. Aquele lugar parecia um palácio de tão lindo. Não parecia real. E justamente por isso havia uma grande quantidade de segurança em cada canto.

Tive que passar várias horas ao lado de Vincent conversando com várias pessoas. Recebi várias felicitações pelo casamento e muitos diziam que mal podiam esperar para verem uma nova geração dos Garcia ser formada. Jesus! As pessoas mal me viram e já queriam que eu estivesse grávida. Eu apenas sorria e tentava não deixar transparecer o quanto tudo aquilo me deixava desconfortável.

Tomei várias taças de champanhe ao longo da noite, o que me deixou um pouco mais à vontade. Eu aproveitava os momentos em que me afastava de

Vincent para comer um dos doces maravilhosos da festa. Por um tempo até que comecei a me divertir quando todos pararam de querer ficar em cima de mim como abutres. Porém, todas as pessoas não param de me olhar como se quisessem descobrir algo.

A senhora Vanda estava na mesa principal junto com o atual marido, a mesma mesa onde Vincent e eu sentávamos. Perto da mesa onde Ian estava junto com a mãe dele e algumas outras pessoas. Sentia os olhos de Ian em mim o tempo todo, era desconcertante. Sentia vontade de perguntar o que ele queria, mas não estava disposta a ficar perto dele depois da noite no clube do Velho. Eu sentia que ele sabia de algo e parecia estar apenas esperando o momento certo para me abordar com aquele assunto.

Voltei para perto da senhora Vanda pouco antes da música parar e Vincent subir ao pequeno palco, todos o aplaudiram com entusiasmo. Senti tanto orgulho daquele homem. Eu sabia que mesmo que tudo aquilo terminasse, eu sempre iria sentir orgulho do homem que Vincent Garcia era. Ele tinha um tipo de energia que gritava poder. Ele era o homem que, embora quebrado, ainda se mantinha de pé.

Vincent começou seu discurso falando sobre as realizações da empresa e sobre a nova coleção de joias. Eu estava de pé ao lado da senhora Vanda, que também estava cheia de orgulho do filho, mas eu não conseguia olhar para qualquer outro lugar que não fosse o palco onde Vincent discursava de forma tão fluida, como se fizesse aquilo o tempo todo.

—Nesta noite quero aproveitar a oportunidade para agradecer a todas as pessoas que trabalham e se esforçam ao máximo para que a Garcia Joias cresça cada vez mais, a minha mãe e ao meu irmão por apoiarem e manterem de pé o sonho da nossa família.

Uma salva de palmas foi dada a Vanda e Ian, que acenaram timidamente. Pela rápida olhada que dei em direção a Ian pude notar que a mãe dele não estava feliz ao não ser citada no discurso de Vincent.

—Eu também quero agradecer a uma pessoa em especial esta noite, uma pessoa que me fez literalmente levantar e viver novamente. Se não fosse por ela eu não estaria aqui agora, acreditem. — Disse ele.

Os olhos azul-esverdeados com toques de dourado de Vincent encontraram os meus em meio a todas aquelas pessoas e ele sorriu. Um sorriso tímido, mas que fez seus olhos ficarem ainda mais brilhantes debaixo do holofote que o iluminava.

—Lúcia, você tem sido a minha lufada de ar fresco desde o primeiro momento em que a vi. Como eu disse, eu não estaria aqui se não fosse por você. Então, obrigado por me fazer levantar e viver. Pois foi isso que fez, meu amor. Você me fez querer *viver*.

Houve alguns “*ohs*” e suspiros. Eu podia sentir os olhos de todos que estavam ali sobre mim.

Para um homem tão sério e centrado no que fazia, ele estava se saindo um bom mentiroso. Pois era isso o que tudo aquilo que ele dizia era; uma mentira. Nós sabíamos disso. O casamento era uma mentira. Suas palavras eram uma mentira e aquilo me machucou. Eu estava ciente de que o pedido fora apenas sua forma de tentar me ajudar, mas por um segundo eu desejei que tudo aquilo fosse real.

—Em homenagem a mulher que mudou minha vida, o nome da coleção deste ano da Garcia Joias é...

Uma pequena cortina azul escura caiu de cima de uma grande placa cor de chumbo sobre o palco, nela havia escrito em letras elegantes e douradas: *A luz de Lúcia*.

Todos aplaudiram sem parar, ovacionando o homem que estava em cima do palco. Meus olhos estavam presos aos olhos de Vincent e tudo o que eu queria era abraçá-lo e dizer o quanto eu estava orgulhosa dele. Meus olhos se encheram de lágrimas ao pensar em tudo o que ele havia passado e naquele momento estava ali, lindo e sorrindo.

Quando terminou seu discurso, Vincent foi rodeado por pessoas que o cumprimentavam no momento em que desceu do palco, o que me impediu de ir até ele parabenizá-lo por tudo aquilo. Aproveitei e corri até a mesa onde ficava a comida. Aquelas coisinhas minúsculas eram uma delícia, esperava

que o zíper do vestido não rompesse. Estava tão absorta no doce que comia que foi somente quando ouvi o nome de Vincent que notei que não estava sozinha na mesa. Duas mulheres conversavam atrás de mim, provavelmente não sabiam que eu estava por perto, pois falavam de mim.

—Ela é mesmo uma sortuda. — Disse uma delas.

—Ele está apenas fazendo o que deve ser feito, duvido que tenha se apaixonado por ela.

Parei de mastigar a agucei os ouvidos para ouvir o que elas diziam.

—Como assim fazendo o que deve ser feito?

A outra fez um ruído de desdém.

—Ouvi dizer que os Garcia têm uma idade para casar e ter filhos ou então perdem a presidência.

De repente, a fome que sentia devido ao nervosismo da noite evaporou. Eu sabia que o casamento era uma mentira, mas não esperava que ele estivesse apenas usando minha dor para se beneficiar nos negócios que fazia. Eu sentia que o estava usando, mas apenas porque ele sugeriu aquilo. Não havia sido eu a pessoa a tocar no assunto “casamento”, não havia sido eu a sugerir algo assim. Talvez ele já estivesse com tudo planejado e apenas estava esperando um momento de fraqueza para conseguir o que queria.

Ele não estava se casando comigo porque queria me ajudar, mas para ajudar a si mesmo.

Sai de perto delas e caminhei até a mesa onde a senhora Vanda estava, eu iria dizer que estava me sentindo mal e então iria para casa, mas Vincent me interceptou antes que pudesse chegar até lá.

—Espero não estar pedindo demais, mas nós temos que abrir a pista de dança agora. É uma tradição. — Disse ele em tom jocoso e riu.

Claro que devia ser uma maldita tradição. Assim como o casamento para não perder o poder.

Assenti, sem de fato conseguir olhar seus olhos ou dizer alguma coisa. O acompanhei até a pista de dança, então as notas de *The Look Of Love* começaram a tocar. Vincent me segurou perto de seu corpo e eu inalei aquele cheiro que apenas ele tinha. Talvez todas as outras mulheres me invejassem naquele momento, mas eu não estava mais me sentindo a mais bela de todas. Eu me sentia triste e enganada. Não doía o fato do casamento ser uma mentira, doía saber que ele mentira para mim. Mesmo sabendo que eu confiava nele, confiava ao ponto de aceitar uma proposta como aquela. Havia sido por Emma, é claro, eu tinha que tentar tudo o que estivesse ao meu alcance para mantê-la comigo, mas também havia sido porque eu confiava nele.

Dançamos em silêncio até o momento em que Vincent notou a aproximação de Ian. Com apenas um pequeno gesto Vincent o mandou para longe. Olhei enquanto Ian se afastava, seus olhos encontraram os meus quando encarei seu rosto rapidamente, existia uma pergunta silenciosa ali. Vincent notou o modo como Ian me olhou.

—O que ele quer com você? — Perguntou.

Olhei em seus olhos enquanto ainda balançávamos de um lado para o outro.

—Não sei, mas pretendo descobrir.

Senti o corpo de Vincent tencionar de encontro ao meu. Ele ainda me embalava com a graça de um dançarino experiente, mas eu sabia que não estava nada feliz.

—Era com ele que você gostaria de casar, Lúcia?

Sua pergunta súbita me fez tropeçar, ele me segurou com força contra seu corpo mantendo-me de pé. A raiva que senti naquele momento deve ter transparecido em meu rosto porque ele pareceu arrependido logo após as palavras saírem de sua boca. Mas eu me sentia usada e naquele momento muito ofendida por aquela pergunta estúpida.

—Não iria fazer diferença para você, não é? Se eu me casasse com Ian a empresa continuaria sendo controlada por um dos Garcia. Oh, é verdade. —

Sorri — Quase esqueci. Se eu me casar com Ian, ele se torna o presidente da empresa e não você.

Eu não desviei os olhos dos dele mesmo que sentisse vontade de fazer isso. Vi o momento em que ele entendeu o que eu quis dizer e o quanto aquilo havia me magoado. Sua mão acariciou minhas costas, como se tentasse me acalmar, mas eu não estava ficando calma. A cada toque falso de sua mão em meu corpo, eu me sentia ainda mais ofendida.

—Lúcia, eu ia te...

Suspirei.

—Não importa, senhor Garcia. — O interrompi — Tudo o que fizemos e falamos até agora é uma mentira, o casamento e tudo o mais. Nós sabemos disso. Eu apenas preferia que não tivesse mentido para mim, gostaria que tivesse sido honesto. Mas agora não importa mais, não é? Só estamos fazendo um favor um para o outro.

Ele me olhou e não disse nada, embora parecesse querer dizer muita coisa.

Quando a música enfim terminou, voltei para a mesa que estava vazia e peguei minha bolsa. Vincent estava no meio de todas aquelas pessoas, provavelmente conversando com alguém, eu não o procurei para me despedir. Caminhei até a saída do salão, mas fui interceptada por Ian.

Ele estava muito bonito, usava um smoking como o irmão. Ao me olhar, ele pareceu perceber que eu não estava bem.

—Você sabia, não é? — Perguntei.

Ian não tentou fingir que não havia entendido.

—Sim, eu sabia.

Tentei passar por ele, mas Ian segurou meu braço e me impediu de chegar até a saída. Por um tempo, fiquei com medo de que alguém nos visse. Embora estivesse com raiva de Vincent e Ian terem mentido para mim, eu não queria causar um escândalo que iria afetar a todos. Relutantemente, olhei para os

olhos de Ian.

—Eu dei a ideia a Vincent para que a pedisse em casamento. Fui *eu* que disse a ele que seria melhor não te contar nada. Não fique com raiva dele por uma coisa idiota que eu fiz.

Balancei a cabeça, me afastando de seu toque.

—Não foi você a pessoa que me pediu em casamento usando minha filha como desculpa.

—Eu pediria, mas não sou muito bom quando o assunto é casamento. E ser o presidente da empresa é muito trabalhoso. — Sorriu encolhendo os ombros.

Pensei em deixá-lo ali e simplesmente ir embora, mas uma questão me ocorreu naquele momento.

—Por que sugeri que Vincent se casasse comigo e não com uma das mulheres finas e elegantes que conhecem?

Ian enfiou as mãos nos bolsos da calça e me olhou com um sorriso adornando seus lábios.

—Porque você é a mulher certa para meu irmãozinho.

Revirei os olhos.

Ele ergueu as mãos em forma de rendição e se aproximou.

—Tudo bem. A verdade é que você estava precisando de ajuda para ter sua filha com você e eu sabia que, mesmo que não houvesse garantias, você faria *tudo* por ela.

Senti um nó no estômago ao ouvir sua ênfase deliberada em “tudo”.

—Não entendo o que quer dizer.

Ele sorriu e tocou a ponta do meu nariz com o dedo indicador.

—Entende, sim, minha querida Lúcia.

Me afastei dele o mais rápido que pude, mas não foi rápido o bastante para que impedisse que suas palavras me atingissem.

—Não se preocupe, seu segredo está a salvo comigo.

Eu tinha sérias dúvidas quanto ao que ele disse.

Ao voltar para a casa do senhor Garcia, me liberei do vestido, do penteado e da maquiagem e fui direto para a cama. Emma estava na casa de Nana, então eu estaria sozinha naquela noite. Não consegui dormir, no entanto. Continuava pensando no baile, na descoberta da mentira de Vincent e na certeza de que Ian sabia que eu estava no clube do Velho quando ele tinha ido até lá.

Eu estava acordada quando Vincent voltou para casa, ouvi seus passos se aproximando da porta de meu quarto e o suspiro que soltou ao me ver na cama. Ele parecia aliviado, mas eu não estava. Eu não podia pensar em nada além do bem-estar da minha filha. Se isso queria dizer casar com Vincent Garcia, era o que eu faria.

Minha prioridade era Emma e nada mais.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Vincent

E estava feito.

Lúcia me achava o maior cretino de todos os tempos, mesmo que não colocasse aquilo em palavras. Seu olhar me dizia tudo, ela estava machucada e eu fui a causa daquilo.

No meio de toda a confusão e dor que estava passando eu lhe causei mais dor. Eu não queria que ela me entendesse mal, e concordava que aquilo era a coisa mais idiota que meu pai pensara em fazer ao redigir as regras da empresa. Mas não havia como mudar aquilo e tudo o que eu tinha que fazer era cumprir sua vontade. Somente assim continuaria mantendo seu sonho de pé. O sonho que também passara a ser o meu.

Ainda garoto eu sabia que um dia iria ser o presidente da Garcia Joias, meu pai dizia isso o tempo todo. Por um longo tempo eu me recusei a ser, não queria ter uma vida como a dele. Uma vida focada por completo na empresa, uma vida que se resumia a esquecer que tinha uma esposa e um filho em casa. Eram raros os momentos em que eu tinha meu pai comigo e em todos aqueles momentos nossas conversas se resumiam ao meu futuro na empresa.

Certo dia, ele simplesmente jogou sobre meus ombros a tarefa de manter a empresa prosperando e viajou com a atual esposa, mãe de Ian. Eu fiquei com medo de fazer algo que acabasse com o sonho do meu pai, mas me esforcei ao máximo para fazer com que ele jamais se arrependesse de ter confiado a mim a empresa na qual trabalhara por toda a vida. Com o passar do tempo, acabei me dando conta de que gostava de estar na empresa. Gostava do trabalho e o fazia com prazer.

Eu não queria simplesmente largar a empresa nas mãos de outra pessoa, eu queria estar ali sendo o presidente que meu pai gostaria que eu fosse. Eu queria deixá-lo orgulhoso. Porém, eu não pensei que no meio de tudo aquilo pudesse acabar magoando alguém. Magoando a mulher que eu amava.

Quando as portas do elevador se abriam, caminhei até a sala de estar do

apartamento de Ian. O apartamento de Ian era igual a ele, espaçoso e com pouca decoração. Eu havia tentado ligar para ele durante toda a noite e parte da manhã, mas o idiota não atendia o celular. Ao ligar na empresa, soube por Denise que ele não tinha ido até lá. Eu não o via desde o baile anual da Garcia Joias e eu estava furioso porque desconfiava que ele havia contado a Lúcia sobre as regras da empresa. Sobre o motivo do casamento.

Parei na sala de estar ao ouvir passos caminhando pelo corredor. Ao invés de encontrar meu irmão, uma mulher apareceu ajeitando no corpo o vestido que usava. Ao me ver na sala, ela parou e abriu um largo sorriso. Eu sabia o que aquele sorriso queria dizer.

—Onde está o Ian? — Perguntei a ela.

A mulher passou as mãos no cabelo e se aproximou.

Reprimi a vontade de revirar os olhos.

—Ei, irmão! — Falou Ian com animação ao aparecer na sala.

Não era necessário explicação para o que acontecera na noite anterior.

—Dani, docinho. Hora de ir. — Disse ele à mulher que ainda me encarava como se quisesse me devorar em uma única mordida.

—Meu nome é Donna, idiota. — Resmungou, saindo do transe e encarando meu irmão.

Brava com Ian, ela deu as costas a nós dois e caminhou até o elevador, mas ainda continuava despejando palavras de ódio contra Ian enquanto se afastava.

Ian suspirou.

—Elas sempre agem assim, mas voltam para... Ei! Vince, que p...

Segurei-o pelo colarinho da camisa, mas sentia vontade de apertar seu pescoço.

—Por que contou a Lúcia sobre o termo da empresa? — Rosnei.

Ian não lutava para se soltar, o que era muito estúpido, já que com um aperto mais forte eu podia quebrar seu pescoço. Ele estava ficando vermelho, mas me olhou com desdém.

—Por que acha que fui eu? — Perguntou, um tanto sufocado.

—Quem mais poderia ser?

—Ah, não sei. Talvez todas as pessoas que trabalham na empresa e estavam na porra do baile anual?

O soltei com força, Ian cambaleou, mas se manteve firme.

Ele tinha razão, todos os funcionários da empresa sabiam dos termos impostos pelo nosso pai. Embora não tivesse sido por escolha de nenhum de nós deixar todos saberem sobre as regras estúpidas. Mas isso não fazia com que a raiva diminuísse. Eu não esconderia aquilo de Lúcia para sempre, mas não queria que descobrisse daquela forma. Ela tinha que saber que a proposta de casamento havia sido para que ela tivesse a chance de manter Emma ao seu lado, e não para que eu continuasse como presidente da empresa.

Eu não me importaria de perder tudo o que tinha, mas eu enlouqueceria se a perdesse.

—Lúcia não está falando comigo. A última vez que falou foi ontem a noite e apenas para saber se eu concordaria com Cléber a levando ao altar.

Ian foi até a cozinha e voltou com dois copos com uísque. Fazia muito tempo que não bebida, mas aceitei o copo e dei um longo gole. O líquido desceu queimando minha garganta.

—Pelo menos ela não desistiu do casamento. — Disse ele dando de ombros.

O encarei com raiva.

Me sentei na poltrona cinza e encarei o líquido âmbar dentro do copo.

Eu não sabia o que fazer para que Lúcia me perdoasse. Eu não sabia como fazer com que ela voltasse a sorrir para mim como fazia antes, eu não sabia como fazê-la discutir daquele jeito teimoso que me fazia querer agarrá-la.

Aquelas discussões bobas que sempre acabavam com um largo sorriso, e com aquela sua voz suave me chamando de carrancudo.

No dia seguinte eu me casaria com a mulher que eu amava, mas não era pelas razões que deviam ser a de um casamento.

—Quer um conselho? — Ian perguntou.

—Não.

—Vou dar mesmo assim. Deve contar a Lucy como se sente. Diga a ela que a ama e que cometeu um erro, peça perdão.

Embora Ian fosse uma das piores pessoas do mundo para dar conselhos, tinha que admitir que ele estava certo. Eu devia contar a Lúcia como me sentia, devia dizer que a amava, mas eu não sentia que era o momento certo. Ela estava cheia de problemas na cabeça, preocupada com o futuro de Emma. Eu não podia importuná-la com meus sentimentos. Eu estaria sendo egoísta se colocasse meus sentimentos acima dos dela.

E no fundo eu tinha medo de que Lúcia dissesse que não me amava.

Bebi o resto do uísque em um único gole e me levantei.

—Tenho que ir.

Ian continuou no sofá, as pernas cruzadas sobre a mesa de centro.

—Achei que íamos ter uma conversa profunda de irmão para irmão, mas pelo visto só veio aqui com a intensão de me matar.

Ergui uma sobrancelha.

—Tenho coisas mais importantes para fazer.

Ian fez uma falsa expressão triste.

—Assim você me magoa, Vince.

Bufei.

—Vou até o alfaiate buscar meu terno para amanhã.

—Ah, sim. O grande dia. Está ansioso?

Cocei a barba.

Que pergunta mais idiota, era claro que eu estava ansioso.

—Não. — Falei.

—Vou fingir que acredito. Te vejo amanhã, Vince. Vou ficar torcendo para que a noiva não fuja.

Peguei uma almofada e joguei com força contra ele.

Ainda podia ouvir a risada estúpida do meu irmão enquanto as portas do elevador se fechavam.



Segundo as tradições bobas, o noivo não podia ver a noiva antes do casamento. Nana e minha mãe só disseram aquilo quando voltei para casa porque não sabiam que eu já não via Lúcia com tanta frequência quanto antes. Sendo assim, minha mãe a havia levado para o hotel onde estava hospedada para que Lúcia se preparasse para o casamento. Emma também tinha ido com Lúcia e naquela noite a casa havia voltado a ser sombria e silenciosa.

Era estranho estar de volta sozinho naquela casa. Ela parecia diferente sem o brilho de Lúcia e o som da risada de Emma. Até mesmo Byron parecia notar a diferença, estava cabisbaixo naquela noite. Nada parecia animá-lo. Caminhei pela casa vazia, imerso no silêncio. Tentava pensar em um jeito de dizer a Lúcia como me sentia, de pedir perdão pelo o que fizera. Mas sabia que devia esperar, não podia lhe dizer tudo de uma hora para outra, mesmo que quisesse muito.

Sentei no sofá da sala e tentei assistir ao novo episódio de Liga da Justiça,

mas não conseguia me concentrar. Ficava remexendo o celular em minha mão, tentando decidir se ligava ou não para Lúcia. Porém, tinha medo de acabar dizendo tudo o que sentia se ouvisse a sua voz.

Nós iríamos nos casar em poucas horas, mas eu não estava mais me sentindo feliz com isso. A esperança de que um dia Lúcia pudesse me amar estava se esvaindo. Ela não merecia um homem como eu, sempre soube disso, mas ainda nutria a esperança de que um dia eu pudesse ser alguém por quem Lúcia viesse a se apaixonar. Eu devia ter me dado conta de que era impossível antes de fazer a proposta de casamento.

Lucy merecia alguém que não fosse mentir para ela. Alguém que tivesse coragem de dizer o que estava sentindo.

Eu não era esse alguém.

Porque o menino quebrado e apaixonado em mim tinha medo de que a menina confusa e triste nela fosse embora.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Tinha chegado o grande dia.

Não era para ser considerado um dia tão importante assim para mim ou qualquer outra pessoa que soubesse a razão verdadeira do casamento estar acontecendo, mas acabou se tornando. Tudo estava pronto para o momento do casamento, em poucos minutos. Seria apenas uma cerimônia simples, assinaríamos os papéis e seguiríamos em frente. Tudo muito simples, rápido e muito fácil.

Quem eu queria enganar?

Eu estava em um quarto que foi preparado especialmente para mim ao lado do local onde aconteceria a cerimônia. Era o lugar onde me maquiaram, pentearam meu cabelo e coloraram o vestido. Eu podia ouvir os convidados e o som de alguma música que tocava para distraí-los por um tempo. Meu coração não sabia ao certo em qual ritmo bater. Eu estava nervosa, muito nervosa.

Olhei o meu reflexo no espelho oval de corpo inteiro. A maquiagem estava perfeita, cabelo estava perfeito e o vestido...Suspirei ao deslizar as mãos pelo tecido macio. Aquele era o vestido de noiva mais perfeito que eu já tinha visto na minha vida. Ele era simples, com um decote em formato de coração e mangas cumpridas de renda, justo até a cintura e soltinho até os pés. Ele era branco. Foi apenas isso que insisti a Julia quando fomos comprá-lo. Meu vestido tinha que ser branco. Era minha cor favorita e realçava o tom da minha pele. Além disso, seria a minha única chance de usar um vestido de noiva.

Como era algo simples, eu disse que não queria um véu. Então, a mãe de Vincent colocou em mim uma tiara de brilhantes e brincos que combinavam. Eu me sentia linda. E muito triste.

Olhei para o buquê de peônias sobre a mesa e suspirei. Não era assim que imaginei o dia do meu casamento. Eu queria me casar por amor e queria que não fosse por algo tão triste quanto tentar ter a guarda da minha filha. Os problemas ainda nublavam todas as partes que poderiam tornar aquele dia

especial.

Eu havia imaginado meu casamento sendo um momento feliz para mim, com muita festa e risadas. Imaginei o dia rodeada de pessoas que eu amava e da minha família. Havia muitas pessoas ali, mas eu não as conhecia e eu sabia que haveria muitas outras na festa após a cerimônia. Minha melhor amiga estava lá e os pouquíssimos amigos que fiz após sair da casa dos meus pais. Havia a pessoa mais importante do mundo para mim, minha filha. Mas ainda existia o vazio de não ter nenhum membro da minha família ali comigo.

Eu não contei a minha mãe que iria me casar e mesmo se tivesse contado sabia que ela não iria aparecer, ou iria fazer uma cena se aparecesse. Meu irmão vivia em outro Estado, segundo informações que o Velho tinha conseguido para mim. Eu não sabia muito sobre o meu pai, a única coisa que o Velho conseguiu descobrir era que meus pais ainda moravam juntos e na mesma casa onde cresci.

Eu sentia falta dele, principalmente naquele momento. Meu pai nunca foi o mais prestativo e atencioso, mas ainda era meu pai e devia ser ele a me levar até o altar. Mesmo aquele casamento sendo uma mentira, eu sentia falta das pequenas coisas que faziam um casamento ser inesquecível.

Um ruído me fez girar sobre os saltos altos. Julia e Vanda haviam me deixado sozinha, Ju me olhara e notara que eu precisava de um tempo, então as duas saíram. Mas quem estava na porta era Ian. Ele me olhou dos pés à cabeça e sorriu. Um grande sorriso. Ele usava um terno com uma flor rosa clara no bolso do paletó.

—Você está mais bonita do que pensei que pudesse estar um dia. — Disse ele.

Sorri timidamente, não estava preparada para um elogio como aquele.

No dia anterior conversei com Vincent sobre pedir a Cléber que me levasse ao altar, no começo ele ficou surpreso, mas então sorriu e disse que eu tinha escolhido uma boa pessoa para este papel. Cléber foi muito importante para mim. Passou por diversas coisas junto com Julia e eu e fez de tudo para que estivéssemos felizes. Ele era um grande amigo, meu cunhado posticho.

Ian se aproximou de mim e segurou minhas mãos. As dele estavam quentinhas, as minhas pareciam duas pedras de gelo.

Eu não esperava vê-lo ali antes da cerimônia. Desde o dia do baile anual da Garcia Joias eu não havia visto Ian e estava feliz com isso. Ele havia dito a Vincent para mentir para mim, pois sabia que eu faria tudo o que fosse necessário pela minha filha. Eu não havia conversado com Vincent após o baile, não conseguia encará-lo, doía olhar para ele e ver que o homem que eu confiava havia mentido para mim. Por isso, parte do nervosismo que sentia era por saber que em pouco minutos estaria na frente dele dizendo que iria amá-lo até o fim dos meus dias.

—O que veio fazer aqui? — Perguntei.

Permiti que ainda segurasse minhas mãos, de alguma forma aquele gesto me acalmava.

Ele me encarava intensamente, seus olhos fixos nos meus. Parecia um tanto nervoso.

—Vim tirá-la daqui, Lúcia. Venha comigo e vamos ser felizes juntos!

Livre minhas mãos das suas e dei um pulo para trás, batendo no espelho.

Diante da minha expressão atônita, Ian se pôs a rir. Ele riu tanto que até lágrimas escorreram pelo seu rosto. Depois do que pareceu uma eternidade, ele recuperou o fôlego e me encarou. Embora ainda houvesse um brilho de diversão em seus olhos e um sorriso esticando os lábios.

—É brincadeira. Relaxa. — Ele ergueu as mãos, depois as bateu nas coxas e se pôs a rir novamente — Você precisava ver sua cara, agora. — Disse ele, entre uma risada e outra.

O encarei sem achar um pingo de graça do que fizera.

—Acabou? — Perguntei, arqueando a sobrancelha.

Ian respirou fundo e secou uma lágrima.

—Sim.

—Agora, diga o que veio fazer aqui.

Seus lábios ainda tremiam com o riso contido, mas ele me olhou com seriedade. Sua expressão estava bem diferente da usual, ele estava sempre sorrindo e pronto para dizer algo bobo. Naquele momento, ele estava apenas me encarando.

—Vim pedir desculpa pelo o que pedi a Vince para fazer. Por tê-lo induzido a mentir para você.

Mesmo que eu tentasse era impossível ficar longe do que aquele casamento significava.

—Ele mentiu porque quis, Ian. Você não colocou uma arma na cabeça dele e o obrigou a isso.

Ele ergueu uma sobrancelha.

—Se eu tivesse colocado uma arma na cabeça dele, você o perdoaria?

Revirei os olhos.

—Não faz diferença, Ian. Não importa se ele mentiu ou não. Vincent vai casar comigo pelas razões dele e eu estou me casando com ele por minhas razões. — Falei.

Ian sorriu, um sorriso pequeno e verdadeiro.

—Você está enganada, Lucy. Vincent não está se casando com você pela empresa. Em parte, é claro, é para poder fazer com que tenha uma chance de manter sua filha com você, mas a verdade é outra.

Entrelacei meus dedos, minhas mãos voltando a ficar subitamente frias.

—Qual? — Perguntei.

—Lúcia, ele te ama. Vincent a ama desde o primeiro momento em que a viu. Talvez não tenha percebido, mas eu tenho certeza disso.

Ofeguei.

Aquilo não parecia ser possível. Eu sabia que Vincent devia ter desenvolvido algum tipo de afeição por mim, já que estava sempre disposto a me ajudar, mas não podia ser amor.

Diante de meu silêncio estupefato, Ian se aproximou e segurou meus ombros com carinho.

—O Vince não é o tipo de cara que sempre mostra o que sente, mas ele sente tudo o que possa imaginar. Ele vai errar, Lucy, mas apenas por tentar demais fazer a coisa certa. Ele vai se calar, quando mais quer dizer tudo e isso vai te irritar bastante. Mas eu sei que ele vai te amar com tudo o que tem. Porque Vincent é assim, ele ama porque simplesmente ama demais.

—Como pode afirmar isso?

Ele sorriu.

—Eu conheço muito bem o meu irmão. — Piscou.

Eu não sabia em que acreditar, mas eu via nos olhos de Ian que tudo o que dizia era verdade. Então, Vincent me amava.

—O que eu faço agora? — Perguntei em um sussurro, mais para mim mesma que para ele. Porém, Ian me respondeu:

—Faça meu irmão feliz. E se precisar de alguma coisa, qualquer coisa, estarei por perto para te ajudar. Espero que saiba que pode confiar em mim. Estou feliz por ter você como cunhada.

Não pude evitar o sorriso diante do sorriso largo de Ian.

—Espero que veja em mim uma amiga, Ian. E pode confiar em mim também.
— Sorri.

—Bom, um segredo seu eu já sei. — Piscou, sorrindo.

—Então, deve me contar um segredo seu para equilibrarmos as coisas entre nós.

Ian beijou minha testa e se afastou, caminhando até a porta.

—Hoje não.

De alguma forma aquela conversa me acalmou e me fez ver uma luz de esperança em meio a todos os problemas.

Eu não esperava ouvir aquelas coisas de Ian. Ele sempre me pareceu tão inconsequente e um tanto perdido no meio de tudo. O ar zombeteiro e sedutor que ele tinha escondia o grande coração que batia em seu peito.

Talvez Ian fosse apenas o mesmo garotinho que amava e confiava demais no irmão e tinha nele uma mão na qual segurar quando sentisse que fosse cair. Ian amava Vincent tanto quanto eu sabia que Vincent o amava. Apesar de tudo, irmãos permanecem irmãos.

Fiquei surpresa por nunca ter notado esse lado tão bonito que Ian Garcia tinha.

É estranho e assustador como conhecemos várias pessoas durante nossa vida e ainda assim nunca sabemos realmente suas histórias.



Foi apenas no momento em que segurei no braço de Cléber e a música começou a tocar que eu me dei conta de que naqueles últimos segundos não haveria mais volta. Eu apenas respirei fundo.

A cerimônia era ao ar livre, em um campo aberto perto do local onde ocorreria a festa logo em seguida. Havia poucos convidados para a cerimônia, mas muitos eram esperados para a festa. O local estava decorado com tons claros de lilás, rosa e branco, haviam flores enfeitando as laterais do corredor coberto por um longo tapete branco. No final dele, havia uma enorme armação oval de madeira enfeitada com tecidos e flores, era onde Vincent me esperava.

Meu coração batia feito louco a cada passo lento que eu dava em direção a

ele. Todas as cabeças viraram em minha direção, alguns sorriam, outras choravam. Tentei me concentrar em não cair, também tentei não rir do jeito que Emma jogava as pétalas no chão a minha frente. Ela girava sem parar e jogava as pétalas para o alto, sorrindo ao vê-las cair no chão.

Emma estava linda. Usava um vestido rosa com uma tiara de flores enfeitando os fios castanho claro de seus cabelos. O mais importante de tudo para mim era ver que Emma estava feliz. E aquilo me tranquilizava.

Meus olhos encontraram com os olhos de Vincent. Ele estava estupidamente lindo no smoking preto. Ele remexia as mãos e parecia estar respirando muito rápido. Me perguntei se ele estava arrependido. Ele parecia que estava prestes a sair correndo.

Me recordei do que Ian dissera poucos minutos antes. Vincent me amava. Seria verdade? Eu não sabia se devia acreditar ou não. Não parecia ser possível um homem como Vincent Garcia amar uma mulher simples e comum como eu. Enquanto caminhava até ele, me permiti fingir que aquilo era real. Fingi que ele estava feliz por me ver caminhando até ele e não prestes a correr de mim. Eu fingi que ele me amava de verdade e que todo o nervosismo que ele exalava era porque estava transbordando de felicidade por me ter em sua vida. Fingi que não havia problemas e que Emma não corria o risco de ser tirada de mim.

Cléber me entregou a ele, sorrindo cheio de orgulho. Julia segurou meu buquê e Emma correu até Vanda para sentar em seu colo. Minha garotinha conquistara o coração dela. Era sempre assim. Impossível não se apaixonar por Emma.

Segurei na mão de Vincent, ela tremia tanto quanto a minha. Ele me olhou e sorriu. Eu estava nervosa demais para retribuir.

Os próximos minutos passaram feito um borrão. Fiz tudo no automático porque minha mente não conseguia parar de pensar em milhões de coisas. E meu estúpido coração não conseguia parar de bater pelo homem ao meu lado. Nós dissemos nossos votos e trocamos promessas que nunca poderiam ser cumpridas, pois as promessas feitas só poderiam ser cumpridas por duas pessoas que realmente se amavam e desejavam passar o resto de suas vidas

juntos. Eu tinha certeza do que sentia por Vincent, mas não tinha certeza do que ele sentia por mim. Eu poderia de fato acreditar no que Ian me dissera?

Os papéis foram assinados, me transformando oficialmente em Lúcia Garcia Vega. Quando a pergunta final foi feita, eu respirei fundo e fitei os olhos azul-esverdeados com aqueles tons dourados de Vincent. Aquela era a minha chance de desistir, ou talvez a chance *dele*.

—Aceito.

Coloquei a aliança em seu dedo e ele colocou no meu.

—Eu vós declaro, marido e mulher.

Ele iria me beijar. Era o momento para aquilo. Todos esperavam. Eu também esperava.

Porque nunca quis tanto ser beijada por alguém como eu queria ser beijada por ele.

Vincent se inclinou e tocou meu rosto, seus olhos fitaram minha boca e então se fixaram em meus olhos, com uma pergunta silenciosa. Não havíamos pensado na parte do beijo, havíamos pensado no casamento de forma prática. Naqueles pequenos segundos ele me fez sentir todas as coisas que nunca caberiam em apenas uma vida.

Quando seus lábios tocaram os meus, foi suave como uma carícia. Não foi um beijo de cinema, mas foi o beijo mais perfeito que poderia existir.

Ouvi aplausos e risos e felicitações, mas eu estava perdida na sensação de tê-lo em meus braços. Na sensação do toque de seus lábios nos meus.

Aquele simples beijo significou mais do que eu poderia colocar em palavras.

Naquele simples beijo eu entreguei a ele o meu coração.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

A festa após a cerimônia de casamento foi repleta de muitas pessoas alegres, muita bebida e muita comida boa. As pessoas, que eu mal havia trocado duas palavras, estavam se divertindo ao som do DJ que tocava música animada, algumas crianças corriam entre as mesas brincando umas com as outras. Era uma típica festa de casamento, até mesmo havia um tiozão bêbado que dançou Macarena.

O lugar onde a festa acontecia era numa grande tenda, enfeitada com dourado e rosa pálido. As flores que enfeitavam o ambiente exalavam um aroma adocicado que era levado pela leve brisa do início da noite. Havia garçons e garçonetes andando entre os convidados, oferecendo petiscos e reabastecendo suas taças de champanhe. Tudo estava realmente lindo, estava como eu tinha imaginado.

A cada momento em que conseguia ficar um pouco sozinha, olhava para o anel em meu dedo. Aquele pequeno círculo dourado representava muitas coisas. Minha chance de ter Emma comigo. A nova vida que eu poderia dar a ela. O homem que se tornara meu marido.

E então eu olhava para Vincent. Eu nunca o tinha visto sorrir tanto nem gargalhar tanto quanto eu estava vendo naquele momento enquanto conversava com seus amigos. Ele parecia o homem mais feliz do mundo. O que me deixava feliz também, pois a sombra de seu passado triste não o estava rondando. Eu queria que ele fosse feliz, mas sentia que não poderia ser sua felicidade.

Havia tantas coisas que me impediam de me concentrar a fundo no que sentia por ele, mas ainda assim o sentimento estava lá. Por mais que eu quisesse simplesmente esquecer não conseguia. Parecia algo grande demais para ser ignorado. O problema era que eu tinha Emma e por mais que Vincent gostasse dela ele tinha que saber que se um dia eu tivesse que escolher entre eles, eu escolheria a minha filha.

Talvez algumas pessoas não conseguissem entender como era amar tanto alguém que você acaba não tendo ideia de onde o amor começa e onde ele termina. E quando você decide entrar na vida de alguém que tem um filho

tem que entender que, por mais amado que você seja, ainda estará em segundo lugar.

Porque só descobrimos o que o amor eterno é de verdade quando olhamos pela primeira vez o rosto do nosso filho. É puro. É especial.

É único.

É algo inexplicável. Não existiam palavras que pudessem descrever o amor que uma mãe sente pelo filho desde do primeiro segundo em que o vê.

Eu amava Vincent Garcia, mas amava ainda mais minha Emma.

Senti os braços de Julia ao meu redor. Ela estava me abraçando muito naquele dia, mas eu não ligava. Eu amava seus abraços.

—Ainda não acredito que minha maquiagem resistiu até agora. Chorei durante toda a cerimônia. — Disse ela.

Sorri e a encarei.

Julia chorava por quase tudo. Me perguntei se ela conseguiria chegar até Cléber quando fosse o seu próprio casamento.

—Espera só até *você* casar. — Murmurei.

Ela deu de ombros como se não ligasse, mas seu rosto ficou vermelho como um tomate.

Antes que pudesse falar alguma coisa, Emma apareceu junto com uma mulher alta de vestido verde-menta e um garotinho que usava um terno. A mulher devia ser esposa de algum dos homens que trabalhavam na empresa de Vincent. Sorri para ela. Ela não sorriu de volta.

Emma tinha feito alguma coisa.

Notei isso pela expressão azeda da mulher, a expressão de choro do menininho e a expressão de culpa e satisfação de Emma.

—Sua filha agrediu fisicamente o meu filho. — Disse ela, sua voz me

lembrava um pato.

Olhei para Emma, ela olhava para todos os lugares menos para mim.

—Emma, o que aconteceu? — Perguntei.

A mulher pata ofegou e levou a mão ao peito.

—Ela agrediu meu filho, não me ouviu?

Reprimi a vontade de revirar os olhos.

Para evitar que algum escândalo acontecesse, pois a mulher parecia prestes a armar um, disse a Emma:

—Peça desculpa a ele, filha.

Ela me olhou e então olhou com uma cara feia para o menino. Emma sabia que não podia me responder ou contradizer nada do que eu lhe dissesse.

Ela bufou, batendo o pé no chão.

—Me desculpa por ter puxado seu cabelo e por ter te mordido. E por jogar um doce no seu olho e seu boneco estúpido na cesta de lixo.

Eu sei que devia ter ficado brava, mas tudo o que quis foi rir. Me mantive séria, mas Julia deixou escapar uma risada que fez a mulher pato fuzilá-la com os olhos.

Depois de tudo resolvido a mulher se afastou com o filho, embora continuasse resmungando. Me abaixei para falar com Emma.

—Por que fez aquilo?

Ela deu de ombros e desviou os olhos.

—Ele disse que o Batman era melhor que o Super-Homem então eu disse que não era e ele me chamou de burra, aí eu bati nele.

Dessa vez eu ri.

Minha filha podia ser a criança mais doce do mundo, mas quando ficava irritada virava uma pimenta.

—Emma, você não pode sair batendo nas pessoas só porque não concorda com elas.

—Mas ele está errado, mamãe. O Super-Homem é trilhões de vezes melhor que o Batman.

Beijei sua bochecha e encarei seus olhinhos brilhantes e irritados.

—Filha, as pessoas têm opiniões diferentes e a gente tem que respeitá-las. Promete que não vai voltar a fazer isso novamente, está bem? Nunca mais.

Emma assentiu.

—Prometo. Agora eu posso comer um doce?

Sorri.

—Pode, mas não coma muito para não ficar com dor de barriga.

—Vem, Emma. Te levo lá. — Disse Julia, segurando a mão de Emma.

Julia e Emma se afastaram, mas ainda podia ouvir Julia dizendo a Emma que ela tinha feito certo e que nunca devia deixar um menino menosprezá-la. Foi o momento em que Vincent apareceu. Ele estava sorrindo e seus olhos brilhavam tanto quanto a luz do sol poente.

—Como está se sentindo? — Perguntou.

Eu não sabia o que sentir, tudo era uma enorme confusão dentro de mim.

—Casada.

Ele riu e se aproximou, segurando minha mão. Seus olhos se prenderam em meus lábios por um momento muito longo. Como se quisesse me beijar de novo. Eu queria, mesmo que não devesse querer.

Me recordei do que Ian dissera. Seria mesmo verdade que Vincent Garcia me amava? Eu não podia ter certeza, mas podia desejar que fosse verdade.

Mesmo em meio aos problemas e as dúvidas que rondavam o meu futuro, eu gostaria de ser amada pelo homem que eu amava de forma tão intensa.

—Está feliz, Lúcia?

Sorri, um sorriso de verdade. Porque eu estava feliz por ter encontrado um homem tão bom como ele. Apesar de tudo, eu estava feliz.

—Você fez algo por mim que ninguém seria capaz de fazer e estou feliz por isso. Por ter tido a sorte de te encontrar.

Ele tocou meu rosto, seu dedo acariciando minha pele.

—A melhor coisa que me aconteceu foi você ter me encontrado, mesmo que não estivesse procurando por mim.

Nos encaramos por um longo tempo, parecia que nenhum de nós ainda estava pronto para dizer o que sentia. Eu o puxei para mim e o beijei. Não apenas um roçar de lábios como na cerimônia de nosso casamento.

Foi naquele beijo que eu disse a ele que o amava.

Mesmo que nada desse certo e minha vida voltasse a ser tão triste quanto era, eu ainda o amaria.



Julia havia reservado um quarto em um hotel chique. Ela me disse que era apenas para mantermos as aparências. Por isso deu a desculpa a todos de que Vincent não podia deixar a empresa para termos uma verdadeira lua de mel, por isso passaríamos o fim de semana no hotel longe da cidade.

Ao chegarmos ao quarto meu coração batia feito uma escola de samba. Eu não estava pronta para passar a noite com Vincent, mesmo que Julia tivesse escolhido algumas lingerie e Vanda me mandado para um *spa* onde fizeram de tudo no meu corpo. Eu também não sentia que era isso o que eu queria. Mesmo que o cara fosse o pedaço mais sexy de ser vivo do mundo.

Ele deixou minha mala e a sua na imensa suíte. Aquele lugar parecia maior do que minha casa. E era praticamente como uma casa, havia uma pequena sala de estar, um balcão de mármore branco onde ficavam aparelhos de cozinha e uma linda e enorme varanda com vista para o mar. Olhei ao redor e notei a porta aberta do quarto, tinha uma cama imensa e muito convidativa. Não apenas pelas pétalas de rosa vermelhas sobre o lençol branco ou as toalhas em formado de ganso. Era a maior cama que eu já tinha visto e parecia ser tão confortável que tive vontade de me jogar nela.

Pigarreie e olhei de relance para Vincent. Ele parecia tão desconfortável quanto eu, enquanto enfiava o dedo dentro do colarinho do smoking, tentando afrouxar a gravata borboleta.

Nós podíamos dormir juntos, afinal éramos dois adultos e sabíamos o que estávamos fazendo. Não seria a pior coisa do mundo dormir com Vincent, mas eu não tinha certeza se estávamos prontos para dar aquele passo.

—Eu posso dormir no sofá. — Eu disse.

Ele me olhou espantado e negou freneticamente.

—Não vou deixá-la dormir no sofá, Lúcia.

Revirei os olhos. Eu já havia dormido em coisa pior do que aquele sofá incrivelmente fofo.

—Então, vamos dormir juntos? É isso? — Perguntei.

Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça e olhou para a cama. Seu rosto ganhando uma tonalidade escarlate.

—Se não for nenhum problema para você. — Murmurou.

Problema para mim? Dormir com aquele pedaço de paraíso ao meu lado?

Que problema!

Encolhi os ombros e caminhei até o quarto, abrindo o zíper do vestido de noiva.

—Por mim, tudo bem. — Falei.

Tudo bem dormir ao lado dele, a cama é grande o bastante para nos manter afastados um do outro, pensei.

A pergunta era:

Eu queria ficar afastada dele?

CAPÍTULO TRINTA E SETE

O nosso quarto estava quase completamente escuro quando ele finalmente deitou ao meu lado na cama. Eu já tinha jantado e tomado banho quando ele entrou no banheiro e ficou lá dentro por um longo tempo. Apenas quando desliguei o abajur ao meu lado da cama que ele saiu do banheiro. E isso me fez pensar que ele estava esperando este momento para sair do banheiro e ir para a cama.

Senti o movimento no colchão quando ele sentou na cama, logo em seguida ouvi um ruído de velcro, o que me fez pensar que ele estava tirando a prótese. O que também me fez pensar que ele tinha esperado as luzes serem apagadas para retirá-la. Aquilo me deixou triste, ele não devia ter vergonha de quem era, não importava como fosse. Mesmo que parecesse o certo a ser feito, eu não fingi estar dormindo quando ele deitou ao meu lado e cobriu seu corpo com o mesmo edredom que cobria o meu. Esperei pelo toque de sua pele contra a minha, mas não aconteceu.

Eu senti o cheiro do sabonete e a quentura de sua pele próxima a minha, estava quente mesmo após o banho. Respirei fundo tentando sentir seu cheiro até o momento em que eu caísse no mundo dos sonhos.

O silêncio estava me matando, pois nós dois não estávamos nem perto de cair no sono, e piorava todas as vezes em que ele se mexia e tornava ainda mais forte sua presença. Me virei para encará-lo. Ele estava deitado de costas e fitava o teto.

—Vincent? — Sussurrei, mas minha voz ainda pareceu alta demais no silêncio do quarto.

—Hum?

—Obrigada por tudo o que tem feito por mim.

Ele virou a cabeça para me olhar. Havia apenas um pouco de luz que entrava através da cortina entreaberta da janela, mas era o suficiente para que eu conseguisse vê-lo.

—Não precisa me agradecer, Lucy.

Mesmo que uma parte de mim ainda pensasse que o que tínhamos era um acordo, pois ele podia ficar com sua empresa e eu tinha a chance de ficar com Emma, eu queria que ele soubesse o quanto tudo o que ele fazia significava para mim.

Eu queria que ele soubesse que não era um monstro.

—Você é um homem maravilhoso, Vincent Garcia, só queria que soubesse disso.

Ele me encarou e então ficou de lado como eu, estávamos cara a cara. Sua mão tocou meu rosto, afastando meu cabelo. Ele se inclinou e beijou a ponta do meu nariz, então beijou minha bochecha. O roçar de sua barba na minha pele enviou arrepios por todo o meu corpo, ansiei por mais, mas quando pensei que ele continuaria até enfim beijar minha boca ele se afastou.

—Não me permita te amar, Lúcia. Se eu amar você, poderá ir embora e eu nunca serei forte o bastante para suportar isso. — Sussurrou.

Ouvir sua voz rouca dizendo aquelas palavras quase me fez chorar. Ele estava vulnerável naquele momento, estava me mostrando uma parte de si que nunca havia mostrado antes. Vincent podia parecer a pessoa mais forte do mundo, mas ele não era. e a constatação daquele fato apenas me fez amá-lo ainda mais.

Gentilmente, toquei seu rosto. Deslizando meus dedos por sua barba farta, ela era incrivelmente macia e eu senti vontade de senti-la em todo o meu corpo. Eu desejava Vincent Garcia, mas era um desejo bem mais forte e intenso do que tê-lo naquela noite dentro de mim. Eu o desejava com a força de um tsunami. Eu o desejava com a intensidade de um raio. Eu desejava ter Vincent ao meu lado até o fim da minha vida.

—Eu não vou embora, Vince.

Ele me encarou, surpreso diante de minhas palavras. Seus olhos pareciam de um azul escuro naquele momento, sem o verde e o dourado, mas ainda brilhavam intensamente.

—É o que todas as pessoas dizem antes de irem embora.

Sorri e aproximei meu corpo do dele. Sua mão grande tocou minha cintura, os dedos apertando levemente minha pele.

—Eu tive todas as chances de deixá-lo, não foi? Eu podia ter ido embora há muito tempo, mas eu estou aqui. Eu sei que pensa que o casamento foi apenas para que a guarda de Emma fique comigo, e no começo foi, sim, mas no meio de tudo isso havia você. Como eu poderia ir embora? Como eu poderia ficar longe de você, Vincent?

Sua mão me apertou ainda mais, puxando-me para perto.

—O que quer dizer, Lucy?

Eu não podia dizer completamente como me sentia, parecia não ser o momento certo, mas eu não tinha mais controle de nada e acabei confessando.

—Eu me apaixonei por você.

O suspiro que Vincent soltou pareceu a de um mergulhador ao finalmente subir a superfície.

Não esperei que ele me dissesse alguma coisa, não sabia se aguentaria ouvir as palavras saindo de sua boca. Então, eu o beijei. O beijei como gostaria de ter beijado a muito tempo e Vincent retribuiu cada toque e investida. Trazendo meu corpo cada vez para mais perto do seu e me hipnotizando com o beijo que fez meus dedos dos pés se contorcerem.

Fazia tanto tempo que eu não tinha relações com alguém. Tudo parecia a primeira vez, mas uma primeira vez na qual eu sabia o que fazer.

Naquela noite eu ansiava por Vincent e sentia que ele estava tão desesperado naquele momento quanto eu. Suas mãos me tocavam em todos os lugares, como se tivesse que sentir que aquilo tudo era real. E eu fazia o mesmo. O beijava com todo o meu amor e o tocava com todo o desejo que existia dentro de mim. Mas quando toquei sua barriga e estava prestes a montar sobre ele, Vincent simplesmente congelou.

Ele afastou sua boca da minha e me encarou, ofegante. Ele me olhou com vergonha e raiva em seus olhos. Em um primeiro momento pensei que ele tinha desistido, mas então lembrei que ele podia ter algum problema devido ao acidente.

—Eu... — Começou a dizer, mas não concluiu.

Ele passou a mão pelo rosto e coçou a barba.

Balancei a cabeça, tentando desanuviar a mente nublada pelo desejo.

—Está tudo bem. Sério. — Eu disse e me afastei dele, voltando a me deitar ao seu lado.

Eu sabia que alguns homens não ficavam realmente como antes de algum acidente. Principalmente quando sofre algum dano na coluna e, segundo Nana, Vincent sofreu um leve dano na coluna que quase o deixou paraplégico. Eu não sabia de muita coisa, mas me perguntei se era possível que ele tivesse ficado impotente por causa do acidente. Ele devia estar envergonhado por isso. Tentei amenizar as coisas para ele.

—Não culpo você por não ter ficado duro. Entendo que esteja frustrado por causa da impotência, mas isso acontece com muitos homens e...

—O quê!?

Seu rugido incrédulo ecoou pelo quarto, me fazendo pular de susto na cama.

Olhei para ele e encolhi os ombros.

Não devia ser fácil para ele conversar sobre aquilo, mas não tinha razão para estar envergonhado.

—Você sabe... — Indiquei com o queixo as suas partes baixas, mas mantive meus olhos em seu rosto.

Ele arqueou uma sobrancelha e se sentou, encostando-se na cabeceira acolchoada.

—Eu não sou impotente, Lúcia. E estou mais duro do que uma rocha agora.

Bem, talvez nem tanto já que a mulher que eu estava prestes a fazer amor pensa que eu sou impotente. — Grunhiu.

Senti meu rosto esquentar.

Droga!

Me sentei, me recostando na cabeceira como ele. Depois de alguns segundos extremamente constrangedores, o olhei.

—Me desculpa, eu pensei que... — Suspirei — Você parou, então pensei que não pudesse ir até o fim.

—Eu posso ir até o fim e é *tudo* o que mais quero nesse momento. — Murmurou.

Olhei para ele confusa.

—Então...?

Ele respirou fundo e esfregou a mão no rosto novamente.

—Ninguém nunca me viu assim antes. — Sussurrou.

—Não vai me dizer que é virgem, não é? — Perguntei.

Minha intenção era amenizar aquele momento constrangedor e eu havia me sentido vitoriosa ao ver um sorriso em seu rosto.

—Não, Lucy. O que quero dizer é que ninguém nunca me viu depois do acidente. Depois que perdi a perna.

Mesmo que me parecesse a coisa mais tola do mundo, eu entendia que para ele devia ser realmente difícil se mostrar por inteiro a alguém após se esconder por anos. Eu compreendia o fato de que devia ser difícil de uma hora para outra toda a sua vida mudar. Vincent havia deixado de ser fisicamente o homem que foi uma vez, mas não devia se sentir envergonhado por isso.

Me aproximei dele, deixando o lençol de lado. Afastei a parte do lençol que

ainda cobria sua cintura e suas pernas. Vincent continuava parado, olhando fascinado para cada movimento de minhas mãos. Embora seu corpo ainda estivesse tenso, sua respiração acelerada indicava que estava gostando. Após retirar o lençol do caminho, encaixei os dedos no cós de sua calça de moletom e a puxei para baixo, com a ajuda dele. A deslizei por suas pernas até deixá-la em algum lugar no chão.

Vincent estava completamente nu e isso queria dizer muito mais do que o fato de estar sem roupas. Ele estava nu de todo o resto também. Ele estava me mostrando tudo de si. A amputação de sua perna não o tornava feio ou menos atraente e mais uma vez me entristeceu saber que ele não se sentia tão lindo quanto era.

Tirei minha própria camiseta e o shorts de dormir, assim como Vincent fiquei nua e assim como ele também tinha certa vergonha do meu corpo. Ele havia mudado muito após a gestação, a barriga nunca mais voltara a ser o que era e havia as marcas grossas das estrias nela, por muito tempo eu o escondi, mas eu não sentia vontade de me esconder de Vincent. Eu não tinha vergonha de ser eu mesma ao lado dele e queria que ele se sentisse da mesma forma comigo.

Engatinhei sobre a cama e montei sobre ele. Os olhos de Vincent me analisaram com luxúria e amor. Suas mãos deslizaram por minha pele até se prenderem em meus cabelos. Ele me puxou para perto e me beijou com carinho.

—Não importa o que tenha acontecido. Eu quero você, Vincent. Mesmo que esteja quebrado, partido, rachado ou que lhe falte um pedaço. Você é um homem completo para mim. Você completou todos os espaços vazios que existiam em mim. Sussurrei.

Voltamos a nos beijar e eu apreciei cada toque e carícia.

Nós fizemos amor naquela noite, até amanhecer e mais um pouco até cansar. E então fizemos novamente porque era muito bom.

Com cada toque nós reconstruímos as nossas partes quebradas. As partes que a vida quebrou.



Acordei sem Vincent ao meu lado e pareceu melhor assim. Eu estava envergonhada, mesmo que não houvesse motivos para isso. Nós éramos adultos e tínhamos completa noção do que havíamos feito. Não existia motivo para ter um clima ruim, mas eu sentia que tinha um clima estranho no ar.

A noite anterior fora especial, não apenas pelo sexo incrível, mas por tudo o que aquele homem foi capaz de me fazer sentir. Todas as emoções confusas que sempre existiram em mim desde o momento em que o vi pela primeira vez, saíram enquanto ele estava dentro de mim. Enquanto ele me tocava e me amava. Pois foi isso o que eu senti. Senti que naquela noite Vincent me amou.

Depois de tomar banho e vestir uma roupa, saí do quarto e não precisei procurar por ele. Vincent estava sentado numa mesa redonda que fora colocada perto das portas duplas que levavam até a varanda. A mesa estava posta com o café da manhã.

—Bom dia, Lucy. — Disse ele sorrindo.

Ele estava sem camisa e com os cabelos dourados numa bagunça maravilhosa. Lembrei do toque de seus cabelos em minhas mãos e da sua barba em meu pescoço e em todo o meu corpo. Lembrei de tudo da nossa noite juntos. Principalmente por ele me chamar pelo meu apelido. Acho que meu apelido nunca havia soado tão sexy quanto ao ser dito por ele.

Senti meu rosto esquentar.

—Bom dia.

Me sentei na cadeira na sua frente e servi uma xícara de café. Mesmo tentando manter meus olhos em qualquer coisa que não fosse ele, ainda sentia seus olhos em mim. Era desconcertante. Era excitante.

—Conversei com Nana e minha mãe hoje cedo. — Disse ele.

Ergui os olhos da torrada em que passava a geleia.

—Que horas são agora?

Ele olhou o celular sobre a mesa.

—Dez e vinte e cinco.

Fiquei surpresa. Eu nunca tinha dormido até tão tarde.

—O que elas disseram? — Perguntei, mordendo a torrada.

Era uma torrada muito boa.

—Nana disse que Emma está bem, mas com saudade de nós. E minha mãe me disse para encomendar um neto para ela.

A torrada saiu voando da minha boca, numa manobra que a física não seria capaz de explicar. Passou voando perto da cabeça de Vincent e aterrissou na cortina das portas da varanda, criando uma bola gosmenta de geleia e torrada mastigada.

Vincent olhou sobre o ombro, com uma expressão de pura surpresa e alívio pela torrada não ter acertado seu rosto. Ao olhar novamente para mim, sua boca estava aberta.

—Desculpa. — Sussurrei, limpando a boca com o guardanapo enquanto tossia sem parar.

É claro que Vanda esperava que eu lhe desse um neto, até porque não sabia que nosso casamento era fruto de um acordo. Mas eu fiquei em pânico por ela ter falado aquilo com Vincent. Logo na manhã seguinte em que dormimos juntos pela primeira vez.

Ele pigarreou.

—Às vezes, minha mãe fala demais.

Assenti.

Percebendo meu desconforto ele mudou de assunto.

—Eu estava pensando em fazermos uma viagem em um fim de semana, com Emma, é claro. Pensei em levá-la até o interior. Tenho um amigo que tem um haras e acho que Emma vai amar andar a cavalo. Ela tinha comentado uma vez quando assistimos um documentário sobre isso. Ela...

—Vincent. — O interrompi.

Ele parou de falar e me olhou. Seus olhos cheios de esperança e animação. Eu me senti mal por estragar seus planos, mas um de nós tinha que manter os pés no chão.

—Não temos certeza se Emma ficará comigo. Ainda tem a audiência, lembra?

Ele se inclinou sobre a mesa e segurou minha mão.

Às vezes, tudo o que eu precisava de Vincent era que ele segurasse minha mão. Era como se fosse um lembrete de que nunca me deixaria cair.

—Não existe um *se*, existe um *quando*. Emma ficará com você, Lúcia. Eu tenho certeza disso. Confie em mim.

Me levantei da mesa, esquecendo do café da manhã.

—E se tudo o que fizemos tiver sido em vão? E se não fizer diferença esse casamento, Vincent? Você não tem ideia do quanto dói em mim apenas o pensamento de que Emma fique com Adam e não comigo.

Agora eu andava de um lado para o outro. Pensar em tudo aquilo me deixava com medo, com raiva, triste e extremamente magoada com Adam e com minha mãe.

Parecia que quando um problema surgia trazia consigo milhares de outros.

Ele também se levantou e segurou meu braço, me fazendo parar.

—Eu sei o quanto dói em você, Lucy. Também dói em mim porque aprendi a amar sua filha como se... como se fosse minha também. E é exatamente por isso que tento ser positivo, tento manter a esperança por nós dois.

Ele me abraçou, mas não sem antes depositar um beijo suave em meus lábios. Ficamos abraçados por um tempo, foi somente então que escutei a música que saía baixinho de algum lugar no quarto de hotel. Eu quis rir da ironia. A música que tocava era a mesma música que eu estava escutando nos fones de ouvido no dia em que limpava seu escritório e dissemos um para o outro o quanto não nos gostávamos. *Astronauta de mármore*.

O engraçado era que sempre que ouvia aquela música me lembrava dele.

Ouvimos alguém bater na porta, então nos afastamos. Caminhei até ela e abri. Pensei que seria algum funcionário para retirar o café da manhã, mas era uma mulher. Uma mulher muito linda. Cabelos negros e retos, na altura dos ombros. Ela tinha um rosto de boneca, um tipo de rosto que não era facilmente esquecível.

Eu não havia esquecido.

—Ah, então é você. — Disse ela, com os lábios franzidos e me olhando dos pés à cabeça.

Tudo bem que pela manhã eu era um desastre da natureza, mas ela não precisava me olhar daquela forma.

—Quem é você? — Perguntei.

Era a mesma mulher que foi até a casa de Vincent e tentou assassiná-lo com um jarro de cristal. Naquele dia não tivemos a chance de sermos devidamente apresentadas, mas naquele dia eu era somente a empregada de Vincent e naquele momento eu podia me impor sobre ela. Vincent era meu marido.

Ela sorriu.

—Sou Kelly, vim falar com Vincent.

Eu congelei. Eu literalmente não consegui me mexer. Então, aquela pessoa que parecia a filha de Afrodite era a ex noiva de Vincent.

Minha autoestima deitou em posição fetal e chorou.

Entorpecida, abri a porta para deixá-la entrar. Ouvi os passos de Vincent.

Quando ele a olhou também pareceu congelar, como se não a visse há milhares de anos. Eles ficaram se encarando por um longo tempo e eu atrás dela, assistindo de camarote ao que parecia ser a cena do meu marido relembrando do tempo que passou com Afrodite.

—O que faz aqui? — Perguntou ele, com a voz autoritária que usava para falar de negócios.

Ela olhou para as pernas dele. Vincent usava apenas uma cueca samba canção, dava para ver completamente a prótese.

—Eu preciso conversar com você. — Disse ela.

Vincent olhou para mim por cima do ombro dela. Tentei não parecer enciumada ou com raiva, embora não conseguisse não deixar de cruzar os braços.

—Você está atrapalhando minha lua de mel. — Disse ele.

Ela me olhou e sorriu, era um sorriso sincero.

Já não bastava ela ser linda, tinha que ser simpática também?

Uma grande parte de mim a odiava pelo sofrimento que causou a Vincent, por ter bebido como uma louca quando estava grávida e por ter deixado marcas eternas no homem que eu amava. Eu sabia que a dor real de Vincent não era ter amputado a perna, era ter perdido o filho. E essa era uma dor que nunca desaparece.

—Não vai demorar. Eu apenas preciso conversar com você, Vincent. É importante.

Ela parecia derrotada e eu me odiei por sentir um pouco de compaixão por ela. Vincent respirou fundo e me encarou novamente. Eu acenei que sim, encolhendo os ombros. Eu me importava com o que ela poderia causar a ele, mas também sabia que ele devia ir. Mesmo que aquilo estivesse me machucando.

Nós estávamos casados, mas isso não queria dizer que eu tinha algum tipo de

poder sobre ele. A noite passada eu disse a ele, do jeito que pude, que o amava. E quando você ama alguém você não é egoísta. Você sabe que, às vezes, o que dói em você cura quem você ama.

Ele confirmou com a cabeça e os ombros dela baixaram como se prendesse a respiração enquanto esperava sua resposta.

—Então, te espero no bufê do hotel. — Disse ela, então saiu, nos deixando a sós.

Vincent me encontrou no meio do caminho que eu fazia até ele.

—Lucy... — Sussurrou.

Ele não me devia explicações de sua vida e eu não tinha o direito de cobrar por elas.

—Vá conversar com ela, Vince. É o que deve fazer.

Ele me encarou.

—Eu não sinto nada por ela e realmente não sei por que está querendo falar comigo.

—Mas você precisa saber o que ela quer e deve mesmo fazer isso. — Falei.

Ele passou a mão pelo cabelo, como se tentasse organizar todos os pensamentos misturados. Eu o entendia.

Nunca é fácil encarar o passado, principalmente quando ele é tão doloroso.

Ele voltou a me olhar e segurou meu rosto entre as mãos. Seus olhos pareciam suplicar.

—Ela é passado, Lucy. E você, apenas você e Emma, são meu futuro, entendeu?

Eu sorri com lágrimas nos olhos.

—Um passado nunca será um passado se não colocar um ponto final em sua história.

—Lucy. — Ele murmurou contra meus lábios.

Olhei em seus olhos.

—Vá, eu estarei bem aqui quando voltar.

Ele foi.

E eu esperei por ele.

Como sentia que havia esperado por toda a minha vida.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Vincent

Enquanto esperava que o elevador me levasse até o térreo só conseguia pensar que tinha deixado Lúcia sozinha na suíte, logo após termos passado nossa primeira noite juntos.

Eu nunca fui um santo, antes de conhecer Kelly eu já havia dormido com muitas mulheres, casos de apenas uma noite, e mesmo que fosse algo passageiro nunca as abandonei para ir me encontrar logo em seguida com outra. Nunca fui um babaca, sempre fiz questão de deixar as coisas bem claras desde o começo. Mas eu não tinha deixado nada claro com Lúcia desde o nosso começo. Nós nunca conversamos sobre o que aconteceria conosco em algum momento do futuro. Eu nem ao menos sabia se teríamos um.

A noite passada foi a primeira vez que eu realmente senti que amava uma mulher. Com Kelly o pensamento do “amor” passou pela minha cabeça, mas nunca do mesmo jeito intenso com que passava quando eu pensava em Lúcia. Eu pensei amar Kelly, mas não a amava por inteiro. Eram apenas pequenas coisas e pequenos momentos que me fizeram querer passar a vida ao seu lado.

Com Lúcia eram todas as coisas, porque até mesmo as pequenas bobagens me pareciam gigantescas. Eu não sabia se ela tinha alguma noção do quanto sua chegada em minha vida significou, aconteceram extremas mudanças em mim. Lúcia era como o ar fresco. O tão esperado ar fresco que eu ansiava.

As palavras ditas na noite anterior foram mais do que simples palavras. Eu pensava que tinha entendido errado tudo o que Lúcia havia dito, mas o menino bobo e apaixonado em mim acreditava que ela me amava. E o menino bobo e medroso em mim tinha medo de que ao dizer em voz alta o quanto ela significava para mim ela simplesmente fosse embora.

Depois de passar por tudo o que passei, depois de perder a pessoa mais importante da minha vida, fiquei com medo de que as outras pessoas importantes também fossem embora. Eu sentia que a vida estava se transformando em um efeito dominó. E tinha medo de que a próxima peça

que eu amasse caísse.

Meu pai nunca foi tão presente quanto eu gostaria, mas sempre fez de tudo para que eu me tornasse um homem justo e decente. Ele me ensinou que quando a vida lhe dá algo bom você deve fazer de tudo para mantê-lo com você. E quando você ama uma pessoa deve fazer de tudo para que ela saiba disso. Deve fazer de tudo para não perdê-la.

Eu tinha que fazer de tudo para que Lúcia não fosse embora. E eu faria. Daria um ponto final naquela história dolorosa do meu passado e estaria livre para o futuro.

Ainda haveriam marcas que nunca seriam apagadas e lembranças que eu nunca seria capaz de esquecer, mas era o que eu tinha que fazer. Era o que Lúcia merecia.

As portas do elevador abriram e eu saí. Sabia qual lugar ir, já me hospedara naquele hotel antes. A cada passo me sentia mais tenso. Não sabia o que Kelly queria e esperava que não estivesse atrás de dinheiro. Eu tinha o bastante para sustentá-la pelo resto da vida, mas não o faria. Ela não merecia minha ajuda, às vezes me arrependia de ter feito tanto por ela quando tudo o que ela fez por mim foi causar dor e sofrimento.

Eu ainda levava comigo a mágoa e a raiva que senti quando acordei no hospital. Saber que sua futura esposa bebeu para tentar tirar seu filho faz com que você se torne outra pessoa, faz com que você duvide se existe bondade no mundo. Aquilo doía. Muito mais do que um dia eu poderia explicar.

Ter arrancado de você algo que amava profundamente, mas nunca teve a chance de ver ou tocar.

A avistei em uma mesa no bufê do hotel e caminhei até lá. Ela me viu caminhando em sua direção e seu corpo ficou tenso. Era estranho usar a palavra “caminhar”, pensava que sempre me sentiria mais seguro em minha cadeira de rodas do que andando. Mais uma das inúmeras coisas que Lúcia mudou em mim.

Me sentei na cadeira na sua frente e a encarei. Dispensamos um garçom que

se aproximou e então esperei que ela dissesse algo. Por mais bonita e radiante que Kelly fosse não consegui encontrar nela nenhuma fração de tudo o que Lúcia me fazia sentir. Kelly foi uma boa companheira, até estragar minha vida.

Eu nunca comparei Lúcia com a mulher na minha frente, embora tenha tido um pouco de receio sobre o que a força do sentimento que nutria por Lúcia seria capaz de fazer comigo. Seria injusto compará-las. Kelly havia destruído parte de mim. Lúcia havia me mostrado que era possível continuar vivendo apesar disso.

—Você parece bem melhor. — Disse ela.

Graças à Lúcia, pensei.

—Sim, estou me sentindo bem melhor.

Ela sorriu e prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha. Era uma coisa que ela costumava fazer quando estava nervosa.

—Eu não sei como começar a te dizer o que pretendia dizer. Ensaiei o caminho todo até aqui, mas agora todas as palavras parecem ter fugido.

Eu não tinha nada a dizer a ela. Bem, na verdade tinha, sim, mas não abriria minha boca até que a ouvisse. E não seria justo comigo mesmo despejar anos de raiva reprimida sobre ela.

—Eu sinto muito, Vincent. Sinto muito por tudo o que fiz a você, a nós dois.
— Ela respirou fundo e fitou a mesa na sua frente. Parecia tão quebrada quanto eu — Eu me arrependo todos os dias daquela noite. Me arrependo de ter bebido e dirigido e por termos brigado. — Sussurrou.

A compressão em meu peito aumentou. Sentia como se meu coração se tornasse do tamanho de um amendoim sempre que pensava ou falava sobre o acidente.

—Eu também sinto muito, Kelly. Eu também estava errado ao discutir com você enquanto dirigia.

Mesmo não sendo o causador da desgraça que caiu sobre mim anos atrás, não podia esconder que existia uma parcela de culpa minha em tudo aquilo. Costumava pensar se as coisas teriam sido diferentes se eu não tivesse dado corda as bobagens que Kelly dizia enquanto dirigia.

Ela me olhou, seus olhos cheios de lágrimas. Eu não sabia como consolá-la e também não sabia se queria fazer isso. Kelly havia me causado muita dor.

—Eu estava estressada e bebi, mesmo sabendo que não podia. O erro foi todo meu, não se culpe por isso. Naquela noite descobri que o meu pai tinha falido.

—E você quis descontar no nosso filho? — Perguntei entre os dentes cerrados.

Ela engoliu em seco. As lágrimas caíam pelo seu rosto.

—Eu não estava pensando direito e eu me sentia horrível sempre que me olhava no espelho. Eu nunca quis magoar você, Vince. Nunca foi minha intenção.

—Mas foi exatamente o que fez.

Ela fungou e secou os olhos com um guardanapo.

—Eu estive fazendo terapia durante esses anos. No dia em que fui até sua casa, foi apenas para conversarmos como estamos fazendo agora, mas eu me descontrolei e peço desculpa por isso. Minha terapeuta disse que quando eu me sentisse bem o bastante devia procurar você e me abrir. Contar tudo. Pedir perdão.

Desviei os olhos dos dela, pois era como seu eu pudesse ver toda a cena daquela noite refletida ali.

—Sei que levará muito tempo até que me perdoe e eu entendo, apenas peço que me dê a chance de receber o seu perdão. Se dói tanto em você quanto em mim a perda do nosso bebê, imagino que levará muito tempo até que dirija a palavra a mim novamente. Mas eu tinha que te encontrar e dizer tudo isso.

Respirei fundo e fechei meus olhos por um momento.

O que me impedia de sair de lá correndo ou gritar com ela, era saber que Lúcia não iria querer que eu fizesse nada daquilo. E o passado quando não deixado para trás sempre encontra um jeito de te achar novamente.

—Eu não sei se um dia conseguirei te perdoar, Kelly. Por mais que, neste exato momento, seja o que eu queira fazer.

Ela fungou e acenou com a cabeça.

—Tudo bem, eu entendo.

Ficamos uns segundos em silêncio, até que ela voltou a falar:

—Estou saindo com uma pessoa. — Sorriu — Ele é um homem muito bom e me faz rir o tempo todo. Ele me tirou do fundo do poço, Vince. E me apoiou a vir até aqui falar com você.

—Fico feliz que esteja seguindo em frente. — Disse.

E estava mesmo feliz. Ela errou ao beber quando estava grávida e principalmente ao dirigir depois disso. Eu nunca a perdoaria por ter sido a culpada pela morte do meu filho, mesmo que eu tentasse, eu sabia. Mas a dor da perda não era sentida apenas por mim e se ela passou pelo mesmo sofrimento que eu, tinha a chance de refazer sua vida. Assim como eu queria refazer a minha vida ao lado de Lúcia.

Kelly se inclinou sobre a mesa, ainda com lágrimas nos olhos e um sorriso nos lábios.

—Nós estamos esperando um bebê. Não sei se devia te dizer isso, mas... — Encolheu os ombros — Eu estou tão feliz, Vince. E eu desejo tanto essa felicidade a você.

Confesso que fiquei muito surpreso. Mas a única reação que tive foi sorrir.

Embora continuasse com a mesma aparência, Kelly parecia completamente diferente. Como se, pela primeira vez na vida, tivesse encontrado algo que a completasse.

—Eu também tenho uma filha. — Falei, ainda sorrindo.

—Tem?

Sorri e passei a mão pelo cabelo. Era estranho não o ter preso, estava curto e a barba não estava tão longa. Deixei a barba justamente porque Emma gostava que eu fizesse cócegas nela.

—Sim. Uma garotinha muito teimosa e cheia de atitude.

Kelly sorriu. Seu sorriso era sincero, eu sabia.

—Então, você e a mulher no quarto tiveram uma filha.

Neguei.

—Emma é filha dela de um outro relacionamento.

—Oh.

Sorri.

—Isso não me impede de amá-la como se fosse minha. Emma é, sim, minha filha.

—Como isso aconteceu? Quero dizer, toda essa mudança em você e o casamento. O que aconteceu para causar todo esse brilho em seus olhos?

Desviei os olhos para a janela que mostrava a vista da praia. Fazia um dia lindo lá fora, imaginei Lucy e Emma na praia, comigo.

Dei de ombros, sorrindo feito um bobo.

—Lúcia aconteceu.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Faltavam poucos minutos para a audiência.

O senhor Cunha conversava com Vincent em um canto no corredor. Durante todos os dias que antecederam a audiência, falamos com o advogado e nunca recebemos uma boa notícia. Cada minuto de cada dia era um tormento. Eu sentia que o tempo passava cada vez mais rápido e aquilo poderia significar a perda da minha filha.

Eu tentei me manter segura e esperançosa, como Vincent, mas não conseguia.

Eu mantinha um sorriso no rosto e a esperança nos olhos durante o dia, mas a noite eu desmoronava. Tinha se tornado uma rotina. Chorar até dormir e então repetir tudo no dia seguinte. O medo do iminente futuro desconhecido me deixava fraca quando tudo o que eu precisava fazer era ser forte.

Eu olhava para Emma, minha filha amada, e queria colocá-la em meus braços e correr para bem longe. Eu a olhava sorrir e brincar com Byron e tinha medo de não poder mais ver aquilo. Perguntas rondavam minha cabeça, como: Será que, se Adam ficar com a guarda, ainda vou poder vê-la? Será que ele irá tirar definitivamente Emma de mim? Será que haverá uma chance de que ele não a tire de mim?

E então Vincent aparecia e me abraçava ou simplesmente segurava minha mão. Parecia que ele sabia o que se passava na minha cabeça. Ele estava sempre me lembrando de que eu não estava sozinha e que as coisas iriam dar certo. Assim como Nana e Julia, que me enchiam de palavras bonitas e de esperança todos os dias. Embora, eu soubesse que todos eles também estavam sofrendo.

Vincent e eu não falamos sobre a noite em que dormimos juntos e não voltamos a dividir a mesma cama após voltarmos para casa. Emma dormia comigo e Vincent dormia em seu quarto, tudo como antes do casamento. Porém, nenhum de nós podia negar a atração que existia e a saudade que sentíamos de estarmos juntos. Mas após voltarmos para casa, recebemos a ligação do advogado Cunha dizendo que a audiência havia sido adiantada. Por isso, eu quis passar todo o tempo possível ao lado da minha filha.

Vincent não comentou sobre o que conversou com a ex noiva. Uma parte de mim queria saber, mas ao ver que ele voltara ao quarto do hotel parecendo tão mais leve me fez calar a boca e fingir que não estava curiosa. Ele pusera um ponto final e parecia muito bem com aquilo. Eu estava feliz por ele. Vincent havia passado por coisas terríveis e merecia ser feliz. Parte de mim estava feliz por saber que, ao menos parte de sua felicidade, era eu e Emma. Nós não falamos sobre amor, mas sabíamos que nos amávamos.

Deixei Emma com Julia para poder ir ao tribunal porque não queria que ela estivesse presente na audiência, não era justo ela ter de passar por tudo aquilo e eu jamais permitiria que presenciasse algo assim. Eu sentia os olhos de Adam e de seu advogado sobre mim. Se bem que seus olhos estavam no anel em meu dedo. Não olhei para eles, sentia que se o fizesse poderia voar até Adam e matá-lo bem ali e acabar sendo presa.

Vincent se aproximou e sentou ao meu lado.

—Vai dar tudo certo, Lucy. — Sussurrou próximo a minha orelha.

Como eu quis acreditar nele naquele momento.

Acenei e sorri.

—Ei. — Ele segurou meu queixo e me fez olhar em seus olhos. Os meus estavam prestes a transbordar de lágrimas — Me diz o que está sentindo. — Pediu.

—Medo.

Ele encostou a testa na minha e acariciou minha bochecha. Fechei meus olhos, as lágrimas que tentava segurar caíram.

—Você confia em mim, Lucy?

Fiz que sim, pois não confiava que tinha voz para respondê-lo.

—Então, confie no que vou dizer agora, está bem? — Assenti novamente — Tudo dará certo e você saíra deste tribunal hoje com a guarda de Emma. Nós vamos todos para casa, vamos assistir um daqueles filmes de terror que

Emma gosta, vamos comer pizza e tomar sorvete. E vamos estar sempre juntos. — Sussurrou.

Ele beijou meus lábios.

Naquele momento, naquele breve momento, meu coração acreditou nele.



A audiência não foi rápida e nem tão civilizada.

Eu tive que contar a juíza a minha história com Adam, desde o momento em que o conheci. Cada palavra que saía da minha boca fazia meu sangue ferver de raiva, mas eu contei tudo. O senhor Cunha falou nos momentos em que tinha que falar e me fez ficar quieta algumas vezes. Embora tenha sido um pouco difícil.

Adam falava como se fosse o mocinho ferido. Mentiu dizendo que nunca soube da existência de Emma e que a acolheu em sua casa, pois viu que eu não estava sendo uma boa mãe. Eu quase fui expulsa da sala depois que ele disse isso, pois avancei por cima da mesa que nos separava para bater nele. Ele também disse que tudo o que queria era dar a Emma uma família estável e um lar melhor. Foi então que o meu advogado falou e falou sem parar.

Em todo o momento meus olhos iam até os da minha mãe. Ela estava na sala, em uma das cadeiras junto de outras pessoas e de Vincent, que entrou também. Ela me olhava com um olhar de desprezo e raiva. Ela me olhava como se eu fosse a pior pessoa do mundo. Aquilo doeu tanto em mim. Eu nunca poderia ser capaz de explicar o quanto.

Meu pai e meu irmão não apareceram e eu não os queria lá. Se minha mãe me olhava com tanto ódio, tinha medo do que o olhar deles poderia me causar.

Não foram necessárias testemunhas, pois não era um caso de maus tratos ou algo assim. O que o advogado de Adam deu ênfase foi na minha antiga casa e no tanto que eu trabalhava, assim não tendo tempo para Emma.

Eu observava a juíza, mas ela permanecia impassível. Eu sabia que estava perdendo aquilo, estava ciente de que ela daria a guarda de Emma à Adam e que eu não teria mais minha filha comigo.

Estava olhando para minhas mãos entrelaçadas em meu colo debaixo da mesa, lutando contra a vontade de chorar, quando ouvi a voz de Adam:

—Emma nunca poderá ser feliz com esta mulher. Ela merece uma família e eu posso dar isso a ela. Lúcia não passa de uma faxineira que não pode colocar comida na própria casa. Ela não merece Emma. Eu sou o pai dela e posso dar uma vida melhor do que Lúcia dará.

Eu estava prestes a abrir a boca, quando Vincent se levantou do seu lugar. Ele olhou para Adam e então para a juíza, que agora parecia entediada com as discursões entre Adam e eu. Acho que ela esperava que gritássemos novamente para mandar um de nós para casa e encerrar tudo aquilo.

—Sei que não tenho o direito de palavra, não sou testemunha ou fui convidado a falar, mas gostaria que me ouvisse, meritíssima. — Disse Vincent com aquela sua voz de comando, embora parecesse com receio de ser retirado da sala por se intrometer no julgamento.

A juíza fez um sinal com a mão, como se espantasse uma mosca, e se recostou na cadeira. Parecia cansada de lidar com Adam e eu. Vincent se aproximou da mesa onde estávamos e olhou para mim antes que seus olhos encontrassem os da juíza novamente.

—Eu não passei uma vida inteira com Lúcia e não posso opinar ou saber sobre seu relacionamento com este homem, mas eu conheço a mulher que ela é agora. Lúcia é uma mulher forte e batalhadora. Lúcia era, sim, uma faxineira e nunca escondeu isso de ninguém, porque, ao contrário do que muitos pensam, é um trabalho tão digno quanto qualquer outro. Ela trabalhava incansavelmente para dar a sua filha uma vida digna, depois que foi abandonada por quem confiava. — Ele lançou seus olhos a Adam, que desviou os dele para a mesa — O que sei sobre Lúcia é que ela ama sua filha com todo o seu ser e é capaz de tudo por ela. Sei que Lúcia não mede esforços para que Emma tenha acesso a tudo o que precisa. E tudo o que uma criança precisa, além de educação e moradia, é amor.

Meus olhos estavam fixos em Vincent, mesmo que os dele estivessem na juíza. Lágrimas escorriam pelo meu rosto. O senhor Cunha me entregou um lenço.

—Eu sei que Lúcia é uma excelente mãe, pois eu *vejo* isso. E eu sei, meritíssima, que Emma tem e sempre terá orgulho da mãe dela. Ela terá orgulho de dizer que sua mãe sempre lutou para que ela tivesse o melhor e que nunca, *nunca* desistiu dela. Eu sei que Lúcia irá sempre amá-la e protegê-la, independente do que aconteça aqui hoje. Eu sei disso porque Lúcia é a melhor pessoa que eu tive a sorte de encontrar. Então, peço que tudo o que Lúcia teve de passar sozinha durante tantos anos seja levado em conta hoje. Porque apenas uma mãe que verdadeiramente ama seu filho faria tudo por ele. E Lúcia fez.

Eu chorava quando Vincent voltou a se sentar.

Eu não me lembrava do que aconteceu depois disso, foi como um borrão.

O que me lembrava era de Adam muito bravo e da voz da juíza citando tudo o que havíamos discutido ali e todas as coisas que estavam no relatório da assistente social.

Lembrava de ter prendido a respiração por um tempo, enquanto aguardava. Lembrava do rosto do senhor Cunha e da expressão no rosto da minha mãe. Eu lembrava do rosto de Vincent. Eu lembrava de ter chorado muito.

Eu me lembrava de, em algum momento, ter finalmente voltado a respirar.

CAPÍTULO QUARENTA

Não era uma manhã típica. Não estava nem perto de ser como as manhãs eram. Não estava nem perto de ser como as *minhas* manhãs eram.

Estava frio e chovia muito. Justo naquele dia eu tinha esquecido de sair com um agasalho. Ventava bastante também, o que fazia os pingos de chuva irem em direção ao meu rosto me fazendo ver tudo borrado. Era difícil manter os olhos abertos, mas eu tinha que fazer isso. Mesmo que doesse um pouco.

A vida tinha dessas coisas, às vezes. Às vezes, a vida nos forçava a tomar decisões que podiam mudar tudo. Bem, a vida em geral era um grande emaranhado de decisões que definiriam todos os dias pelo resto de nossas vidas. A decisão das escolhas expostas a nós era como escolher entre andar de olhos abertos contra a chuva que batia forte contra nosso rosto ou simplesmente parar e fechar os olhos.

Mas eu havia descoberto uma coisa: Era impossível simplesmente parar.

Mesmo que a gente tentasse a vida nos obrigava a nos mover.

Porque era assim que a vida funciona.

A vida não parava e nós tínhamos que respirar fundo e nos mover com ela.

Outra coisa que pouca gente sabia ou talvez soubessem, mas não queriam acreditar;

Na verdade, a vida era fácil, viver era simples. Nós, seres humanos equivocados e movidos pelo sentimento da indecisão e do medo, é que a tornávamos difícil.

Eu aprendia todos os dias que sempre iria me arrepender de não ter feito algo a mais ontem. Esse “algo mais” era aquele abraço não dado, aquele macarrão que esqueci de colocar na lista de compras do supermercado, era aquela palavra que simplesmente esqueci de dizer.

Era aquele adeus que nunca foi dado porque nunca foi planejado.

Nós, seres humanos, somos pessoas perdidas em um mundo cheio de

escolhas difíceis a serem tomadas. Somos cheios de arrependimentos. Somos cheios de paranoias e medos e frustrações.

Somos seres humanos. Somos vulneráveis.

Estamos sempre prestes a cometer erros.

Erros que definirão toda a nossa vida.

Erros que implicarão na vida daquelas pessoas que amamos.

Quando dei à luz a Emma, eu estava morrendo de medo do que aconteceria depois que saísse do hospital, mesmo com a certeza de que Julia estaria sempre comigo. Quando uma enfermeira saiu do quarto onde eu estava e eu me vi sozinha naquele lugar estéril, me desesperei. Então, mesmo com um pouco de dor, saí do quarto de mansinho e fui a procura do berçário onde os bebês recém-nascidos ficavam. Por sorte ainda tinha uma senhora, também enfermeira, lá dentro. Ela me deixou entrar e ver Emma.

Lembrava-me de ter tocado seu nariz tão pequenininho e do momento em que ela segurou meu dedo com sua mãozinha. Foi naquele momento, naquele exato momento, onde ela estava me olhando e segurando meu dedo. Foi ali onde o medo foi embora. E também foi ali onde eu descobri o quão vulnerável eu me tornara.

Eu olhei para todos aqueles bebês.

Tão pequenos. Tão puros.

Vidas que estavam apenas começando. Eram vidas que ainda passariam por milhões de coisas, coisas boas e coisas ruins. Mas ali eles eram apenas puros. Almas que não tinham ideia do quanto a vida podia ser difícil.

Eu olhei novamente para minha Emma. Talvez tenha sido apenas impressão minha, mas jurava que ela havia sorrido para mim.

Me perguntei como era possível que nos tornássemos pessoas assim.

Da pureza para a perdição. Do amor eterno ao amor de uma noite. Da alegria plena à dor cortante. Do sonho à decepção. Do amor ao ódio. Do tentar ao

desistir. Da esperança à desilusão.

A vida.

A vida e suas escolhas difíceis.

Naquele momento eu jurei a Emma que eu não a deixaria por nada no mundo. Eu jurei que lutaria todos os dias. Eu jurei que em sua vida iria ter apenas lágrimas de alegria.

Eu prometi que daquele dia em diante tudo seria por ela.

E foi.

Até a vida aparecer com suas escolhas difíceis.

Emma segurou minha mão quando eu tive medo.

Eu daria um jeito de segurar a mão dela para sempre.



Quando finalmente cheguei aonde tínhamos combinado, ela já esperava por mim.

Ainda chovia forte e eu ainda tremia de frio, e talvez do encontro iminente que eu teria. Abracei meu corpo e esperei enquanto os carros passavam na avenida. Para um dia chuvoso, o trânsito estava um caos. Bem pior do que era normalmente.

Ela me esperava na cafeteria do outro lado da rua. Fazia tanto tempo que não a via. Fazia tanto tempo que não a olhava nos olhos ou a abraçava. Acho que eu apenas queria abraçá-la. Talvez fosse tudo o que eu precisava. Um abraço forte e um chocolate quente.

Um caminhão passou seguido de duas motos. Quando a névoa causada pela chuva passou e ergui os olhos foi quando notei que ela não estava sozinha. Torci para que o que estava vendo não fosse algo causado pela minha

imaginação.

Eles olharam para mim.

Ela acenou.

Pude jurar que os vi sorrindo. Dentro daqueles sorrisos estavam a saudade e um pedido de perdão. Dentro daqueles sorrisos sem jeito, estavam escondidos a dor. Era a dor de anos que passamos longe uns dos outros.

Eu precisava daquele abraço e do chocolate quente.

Eu chorei.

Minhas lágrimas meras figurantes das gotas de chuva que molhavam meu rosto.

Eu pisei na pista e dei exatos três passos na direção deles.

Minha mãe estava lá, linda em seu terninho. Meu pai estava usando um sobretudo cinza, seu cabelo estava quase todo grisalho. Meu irmão usava um terno escuro sem gravata, ele estava usando óculos de grau e tinha uma barba escura. Todos pareciam tão diferentes.

Eu estava usando um jeans velho, uma camiseta dos Beatles e chinelos de dedo, saí apressada de casa quando recebi a ligação. Além disso estava encharcada, não estava nada bonita como eles.

E ainda assim eu sorria.

Dei mais um passo, mas meu pé não chegou a tocar o asfalto.

Eu não notei o barulho das rodas do carro contra o asfalto molhado.

Eu apenas senti.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Mirna Vega

Sabe quando você está distraída e de repente algo assustador acontece?

Você sente uma pressão no coração, como se ele parasse por um segundo. Sente o corpo esfriar abruptamente. Sente um suor frio encobrir a pele. Sente os pelos arrepiarem. Prende a respiração, por reflexo. E então nada. Simplesmente nada.

Quando você leva um susto bem grande alguns segundos depois há um vazio. Um vazio que pode ser preenchido por uma gargalhada ou um suspiro de alívio. Mas não é todo o tipo de susto em que o vazio é preenchido por gargalhada ou por alívio.

O meu vazio foi preenchido por medo.

Desespero.

Dor.



Lúcia foi a criança mais teimosa que já existiu, mesmo que sempre fizesse o que eu mandava. Ela não fazia porque queria fazer, apenas por saber que eu a colocaria de castigo se não o fizesse. Ela fazia bico e ficava emburrada, mas ainda assim fazia.

Lúcia foi a criança mais decidida que já existiu, mesmo que algumas vezes ficasse frustrada por não conseguir concluir algo que começara. Ela sempre queria mais e sempre fazia mais, muito mais do que era capaz de fazer. Ela insistia mesmo que o que estivesse fazendo desse errado mil vezes, ela tentaria por mais mil.

Lúcia foi a criança mais corajosa que já existiu, mesmo que sentisse medo. Ela subia em árvores, caía e se machucava, então subia lá novamente. Ela

ralava os joelhos e chorava, mas sempre voltava a correr. Ela enfrentava as outras crianças quando mexiam com ela, mesmo que aquilo a fizesse sofrer.

Lúcia sempre sorria, mesmo que quisesse chorar.

Minha filha sempre foi um espírito livre. Ela amava a natureza e amava a ideia de conhecer o mundo inteiro. Ela sonhava acordada e costumava falar sozinha. Ela era teimosa, decidida e corajosa.

Lúcia sempre foi aquilo que eu nunca ousei ser.

Eu perdi momentos preciosos de sua infância, eu não a acompanhei em todos os momentos. O escritório ocupava muito do meu tempo. Eu não vi sua primeira apresentação do balé, sua primeira formatura ou a primeira vez em que aprendeu a dirigir. Eu perdi as coisas bonitas da vida dela, porque estava ocupada demais vivendo minha vida.

E os momentos perdidos nunca mais podem ser encontrados.

Eu não estava com ela quando deu à luz a minha neta. Não segurei sua mão e não disse que ficaria tudo bem. Eu não fui uma mãe que Lúcia merecia ter. Eu sabia disso.

Eu perdi os momentos bonitos, mas presenciei o mais terrível momento de sua vida.

Naquele momento, minha filha estava numa cama de hospital com vários fios e tubos em seu corpo. Aquela mulher adulta e mãe. Aquela mulher que lutou sozinha por muito tempo. Aquela mulher que ainda era minha criança.

Aquela mulher que lutava pela vida.

Aquela era minha filha. Minha pequena Lucy. Minha bailarina.

É uma pena que só estejamos perto de quem amamos quando algo de ruim acontece. Quando as lágrimas rolam e os sorrisos desaparecem.

Eu segurei a mão dela, estava tão fria.

Eu estava me sentindo culpada. Eu me odiava. Eu queria estar em seu lugar.

Eu não sabia o que fazer.

—Lúcia? Ei, Lucy! Vamos lá, acorde. Você pode abrir os olhos agora. Está tudo bem.

Ela não acordou. E talvez nem me ouvisse, mas ainda assim eu quis falar.

Eu tinha que pedir perdão por tudo o que havia feito. Por todos os erros que havia cometido desde o momento em que ela nasceu. Eu tinha que pedir perdão por ter negligenciado a criança que ela foi, por não ter lhe dado a devida atenção. Eu tinha que pedir perdão por achar que a minha escolha era melhor que a dela. Eu tinha que pedir perdão por tê-la deixado partir quando tudo o que ela mais precisava era de um lugar onde pudesse ficar.

Eu tinha que pedir perdão antes que fosse tarde demais.

Antes que eu a esquecesse.

—Me perdoe por tudo o que fiz. Não sei onde estava com a cabeça, Lucy. Eu fui horrível com você e com Emma. Eu... Eu pensei que seria o melhor para você. Bem, as mães também erram. E eu errei com você, te magoei e te feri. Eu estou pedindo que me perdoe. Estou implorando que abra os olhos, minha filha. Mesmo que nunca fale comigo novamente e mesmo que me odeie pelo resto de sua vida. Apenas viva. Se não por mim, viva para ser para Emma a mãe que eu nunca fui para você.

Não houve resposta.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Vincent

Eu estava esperando no corredor enquanto a mãe de Lúcia estava no quarto com ela. Eu não tinha certeza se devia deixá-las a sós, mas não podia fazer nada para impedir que Mirna Vega entrasse no quarto do hospital para ver sua filha. Mesmo que eu sentisse que ela não merecia estar ali, entendia o motivo de sua presença. Sabia que ela devia estar ali. Lúcia já a havia perdoado, mesmo que não tivesse dito em voz alta. Eu sabia que minha Lúcia havia perdoado sua mãe antes mesmo de sairmos de dentro do tribunal.

Porque Lúcia era indulgente. Ela era boa demais e perdoava com facilidade porque acreditava que, apesar de tudo, ainda existia bondade no mundo. Ela era a melhor pessoa que eu tive a sorte de conhecer e o privilégio de amar. Lúcia era a luz que iluminava o meu mundo e me fazia ter esperança. Eu não sabia se conseguiria sobreviver sem ela ao meu lado. Eu não suportaria a dor da sua ausência em minha vida.

Eu tinha que me manter otimista e acreditar no que os médicos haviam dito quando cheguei ao hospital. Eu tinha que me manter otimista por todas as pessoas que amavam Lúcia, mas principalmente por Emma. Nana havia dito que a buscaria na escola naquele dia e eu a agradeci imensamente por isso, pois não sabia se conseguiria olhar nos pequenos olhos brilhantes de minha filha e dizer a ela que sua mãe estava no hospital e que não havia como saber quando ela acordaria.

Eu nunca pensei que voltaria a sentir uma dor tão forte quanto tinha sentido ao descobrir a perda do meu filho, mas senti. No exato momento em que atendi a ligação desesperada de Mirna Vega. Meu chão se partiu. Meu coração parou. Eu não soube o que fazer.

Eu achei que depois de conhecê-la não voltaria a chorar durante a noite quando ninguém pudesse me ouvir. Eu chorava por dor, a dor de ter perdido meu filho. E eu chorava por raiva. A raiva de não ter podido fazer nada para salvá-lo. Eu chorava por culpa. A culpa de que aquilo tudo tivesse sido causado por algum erro meu.

Quando Lucy apareceu pela primeira vez na minha casa e abriu aquele sorriso que aprendi a amar foi a primeira noite em que as lembranças do acidente foram substituídas pela lembrança do seu sorriso.

Lúcia não precisou de muito para mudar todo o meu mundo.

E naquele momento eu estava no mesmo hospital no qual me trouxeram dois anos antes, onde perdi a perna e onde recebi a pior notícia que alguém poderia me dar. Parecia que eu estava vivendo aquele momento novamente. O momento em que abri os olhos e o mundo desmoronou diante de mim. E eu assisti a tudo, sem poder fazer nada para me salvar. Para salvar quem eu mais amava.

Eu me sentia impotente diante daquela situação, mesmo sabendo que eu não podia fazer nada para que Lúcia acordasse logo. Me restava ficar no corredor do hospital, fazendo guarda em sua porta e ansiando por qualquer migalha de boa notícia que algum médico pudesse me dar. Eu ainda trajava o terno que usei naquela manhã para ir para a empresa, ele estava amassado e molhado devido a chuva que ainda caía com força.

Olhei novamente para o pai e o irmão de Lúcia que também estavam no corredor, ambos com os semblantes sérios e calados. Me perguntei se eles haviam se dado conta do quanto era injusto que todas aquelas coisas ruins tivessem que ter acontecido para que eles procurassem por Lúcia. Eu devia sentir raiva de todos eles por terem a abandonado quando ela mais precisou, mas eu não sentia raiva deles porque Lúcia escolheu não sentir. E eu não podia nutrir um sentimento ruim por sua família quando ela os amava independente do que haviam feito.

Olhei novamente o relógio na parede, haviam se passado poucos minutos, mas sentia como se fosse uma eternidade longe de Lúcia. Eu queria voltar para dentro do quarto e segurar sua mão novamente, não podia deixá-la sozinha. Ouvi passos no corredor, me empertiguei pensando ser o doutor com alguma notícia, mas para minha surpresa era Ian. Ele ainda usava o terno, mas diferente de mim ainda parecia apresentável. Ele grudava na lapela do terno o adesivo onde indicava que era visitante.

Ele fez um aceno de cabeça para o pai e o irmão de Lúcia. Ao parar na minha

frente, olhou-me dos pés à cabeça.

—Você está horrível. — Falou.

Por mais que soubesse que era o seu jeito de tentar me fazer sentir melhor, ignorei.

—O que está fazendo aqui? — Perguntei.

—Nana me contou o que aconteceu e vim saber se precisa de alguma coisa.

Esfreguei os olhos, eu me sentia cansado. Estava me sentindo exausto.

—Preciso que Lúcia acorde, Ian. É apenas disso que eu preciso.

—Lúcia é forte, Vince. Ela vai sair dessa.

Antes que pudesse dizer alguma coisa, a porta do quarto de Lúcia abriu e Mirna saiu de lá. Seus olhos estavam vermelhos e ela fungava baixinho, mas mantinha a coluna ereta e a cabeça erguida. Por mais que não gostasse dela, por ter feito tudo aquilo com a filha, tinha que admitir que havia muito de Mirna em Lúcia. A teimosia era uma das coisas principais, mas também havia o desejo de tentar parecer estar sempre forte mesmo quando não está se sentindo assim.

Ela se aproximou do marido e do filho.

—Como ela está? — Perguntou o irmão de Lúcia.

Eles tinham traços em comum, como o cabelo e os olhos. Ele parecia realmente triste com tudo o que estava acontecendo. Pelo o que Lúcia havia dito sobre sua família, seu irmão morava em outro Estado e tinha uma família. Pensei que se ele estava ali, devia significar que se importava com Lúcia.

—Continua inconsciente. — Mirna respondeu, fungando baixinho novamente.

O pai de Lúcia, um homem alto e de cabelos grisalhos, caminhou até a porta do quarto. Antes de entrar, ele me olhou, mas não disse nada. Porém, eu via

em seus olhos que estava feliz por Lúcia não estar sozinha. Logo em seguida, o irmão dela passou por mim e entrou no quarto. Eu queria estar lá com Lúcia, mas sabia que eles mereciam privacidade. Era o que minha Lucy iria querer, então permaneci no corredor ao lado do meu irmão e perto da mãe da mulher que eu amava.

Meu celular vibrou em meu bolso, ao pegá-lo li a mensagem de Nana.

—Emma já está em casa. — Falei.

Ian colocou a mão em meu ombro e apertou em forma de apoio, ele sabia que eu tinha que contar a Emma que sua mãe estava no hospital.

—Posso ficar com Emma, conversar com ela. — Disse Mirna, aproximando-se.

A encarei, surpreso.

—Não é necessário, mas obrigado.

Ela assentiu, resignada. Parecia saber que de nada adiantaria tentar me convencer de que Emma ficasse sobre seus cuidados, eu não confiava nela.

—Do que precisa, Vince? — Ian perguntou.

Respirei fundo.

—Preciso pensar no que dizer para minha filha. — Murmurei.



Tive que voltar para casa naquela tarde mesmo desejando não sair de perto de Lúcia.

Como havíamos combinado, Emma já havia se alimentado e tomado banho. Quando cheguei em casa, fui recebido com o olhar preocupado de Nana. Ela não se permitiu chorar, pois sabia que iria assustar Emma se nos encontrasse naquele estado, mas Nana me abraçou com força e me disse que tudo ficaria

bem.

Após tomar banho e colocar uma roupa limpa, desci para ter a conversa com Emma. Eu estava nervoso com o que aquilo poderia significar para ela, mas sabia que não podia mentir para minha filha. Ela era muito boa em descobrir as coisas e iria fazer milhares de perguntas sobre o paradeiro de sua mãe.

A encontrei na sala de estar sentada sobre o tapete e com Byron deitado ao seu lado. Havia papéis ao seu redor e muitos lápis de cor e giz de cera espalhados por todo canto. Nunca imaginei que iria amar a bagunça que encontraria em casa todas as noites quando voltava do trabalho.

Emma, ao notar minha presença, correu em minha direção e se jogou em meus braços. A peguei no colo e a abracei com força.

—Como foi seu dia, princesa? — Perguntei.

Me sentei no sofá após colocá-la no chão. Emma passou vários minutos me contando como foi a escola e todas as coisas que havia feito. Me fascinava a forma como ela era inteligente, como sabia dizer muito bem as coisas e como fazia tudo parecer perfeito. O medo ainda apertava meu peito, mas eu sabia que Lúcia iria lutar com toda a sua força para não perder nenhum segundo das descobertas da pequena Emma.

—Onde a mamãe está? — Perguntou ela, após se dar conta de que Lúcia não se juntara a nós.

Era comum estarmos sempre juntos quando Emma contava como havia sido seu dia.

—Emma, vem cá. A gente tem que conversar sobre uma coisa bem séria.

Ela pareceu assustada, como se soubesse de tudo. Emma se aproximou de mim e eu a sentei em meu colo. Seus olhos estavam bem abertos, curiosos.

Eu não sabia como dizer a ela, mas tentei.

—A mamãe não está com a gente agora porque aconteceu um acidente hoje de manhã e...

—A mamãe morreu? — Gritou, as lágrimas escorriam pelo seu rosto e ela soluçava.

Tentei reprimir minhas próprias lágrimas para poder acalmá-la.

—Não, Emma. — A abracei, seu rosto conta meu peito enquanto seus soluços ecoavam pela sala — A mamãe não morreu, meu amor. Calma. Está tudo bem, Emma.

Ela se afastou ainda soluçando, seu rosto estava vermelho.

—Então, ca-cadê a ma-mamãe?

—A mamãe está no hospital para que cuidem dela.

—Eu quero ver a mamãe. Eu quero minha mãe! — Gemeu.

Eu sabia que iria ser difícil, mas não tinha imaginado o quanto ver aquela garotinha chorando iria partir meu coração.

Voltei a abraçá-la. Emma descansou a cabeça em meu ombro, os soluços dando lugar a pequenos murmúrios.

—Você vai vê-la amanhã, está bem?

Ela assentiu.

Afastando a cabeça do meu ombro, Emma perguntou:

—A mamãe não vai me deixar, não é?

Engoli em seco.

—Ela jamais a deixaria. — Falei.

—Promete, senhor cabeludo?

—Prometo.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Vincent

Na manhã seguinte, acordei sentindo-me vazio. Com uma sensação de extremo desconforto, e não era devido a “dor fantasma” em minha perna amputada. Eu me sentia vazio por tudo o que havia acontecido em pouco tempo.

Eu mal havia conseguido pregar os olhos durante a noite. Emma pediu que eu dormisse com ela e foi o que fiz. Fomos para o quarto onde Lúcia dormia e ao deitar na cama, do lado onde Lúcia costumava dormir, me senti extremamente triste. Podia jurar que, se não estivesse com Emma ao meu lado, teria caído no choro. Eu não conseguia fechar meus olhos sem enxergar minha Lúcia machucada e ferida, inconsciente. Porém, eu tive que me manter forte, o máximo de força que consegui reunir para não desmoronar na frente de Emma.

Estava me sentindo cansado, um cansaço emocional. Eu estava com raiva, com uma raiva muito grande da vida. Enquanto me mantinha acordado durante a noite, me perguntava como era possível que coisas tão ruins acontecessem com pessoas boas. Lúcia não merecia nada de ruim que havia acontecido em sua vida. Se houvesse de culpá-la por algo, seria apenas por amar demais.

Me sentei na cama, evitando qualquer movimento que pudesse fazer com que Emma acordasse. Ao olhar o relógio sobre o criado-mudo, vi que ainda era cedo demais para irmos visitar Lúcia no hospital. Minha garotinha chorou na noite anterior até dormir devido ao cansaço. Eu a embalei em meus braços, dizendo que iria protegê-la para sempre. Eu disse que Lúcia logo voltaria e que jamais iria deixá-la. Eu tive que ser forte para não chorar junto com ela, ver sua dor piorava a minha.

Minha pequena Emma não merecia aquele sofrimento. Nenhum filho, em hipótese alguma, devia sentir a dor do medo de que talvez seus pais não voltassem mais para casa. Não havia um jeito de melhorar aquela situação para Emma e eu não podia mentir para minha filha, ocultando o que havia acontecido com sua mãe. Quando Emma finalmente caiu no sono, prometi a

mim mesmo que nunca iria deixar que minha garotinha sofresse novamente.

Encaixei a prótese na perna e me ergui da cama. O quarto estava parcialmente escuro, a luz do corredor entrava pela porta entreaberta. Ao me virar para ver Emma, tomei um susto ao ver seu lado da cama vazio. Rapidamente saí pelo corredor olhando em todos os quartos de hóspedes, a chamando sem parar. Desci a escada com rapidez, ignorando a pequena dor na junção da prótese com a perna.

—Emma! Emma, onde você está? — Perguntei ao vazio do átrio.

Meu coração batia com força, o medo de que algo tivesse acontecido estava começando a me deixar paralisado, mas eu não podia parar de procurar por minha filha. Nunca.

Procurei na sala de estar, olhando todos os cantos possíveis. Abrindo todas as portas baixas da estante onde Emma já havia se escondido antes. Tudo estava vazio. O silêncio na casa era quebrado apenas pelo pulsar frenético do meu coração zunindo em meus ouvidos. Fui para a cozinha, acendi as luzes e olhei ao redor. Foi somente quando vi o rabo de Byron balançando de um lado para o outro debaixo da mesa que o tão esperado alívio me invadiu.

Caminhei até a mesa da cozinha e me abaixei. Emma estava debaixo da mesa ao lado de Byron. Tinha as pernas encolhidas contra o peito e as mãos cruzadas sobre os joelhos. Emma estava rezando. Lentamente, tentei me enfiar debaixo da mesa com ela. Somente assim ela abriu os olhos que estavam fechados com força. Ao abri-los, percebi as lágrimas neles. Sua boca formava um bico e seu lábio inferior tremia.

Abri os braços e Emma saltou para meu colo, agarrando-se em mim como se eu pudesse ser capaz de salvá-la.

—Desculpa. — Disse ela baixinho.

Alisei seus cabelos, sentindo o cheiro do shampoo de tutti-frutti que usava.

Franzi as sobrancelhas, confuso.

—Pelo o quê, princesa?

Emma afastou a cabeça do meu peito e me olhou.

—Eu não queria te deixar preocupado. Me desculpa.

—Não tem problema. Só não faça isso novamente, está bem?

Ela assentiu.

Ficamos em silêncio por um longo tempo. Emma, Byron e eu debaixo da mesa da cozinha. A manhã começava a tomar cor, a luz alaranjada do sol invadindo a cozinha pelas janelas. Enquanto todos acordavam do lado de fora, eu mantinha minha filha em meus braços.

—Senhor cabeludo?

Sorri.

—Hum?

Emma me encarou, havia ansiedade e também um pouco de medo refletido em seus olhos.

—A mamãe disse que o meu papai é o Adam, mas eu queria saber se... se você quer ser meu papai também. Tudo bem ter dois papais?

Nenhuma palavra poderia ser capaz de descrever o que senti ao ouvir aquela simples pergunta de uma garotinha como Emma. Eu a amava, eu a amava desde a primeira vez em que a vi. De alguma forma, a pequena Emma havia me mostrado o que era amor de verdade.

Sorri, os pequenos dedinhos de Emma capturaram a lágrima que escorreu pelo meu rosto.

—Tudo bem ter dois pais, princesa. E eu me sinto muito honrado por você me escolher como pai.

Pela primeira vez desde a noite anterior, Emma sorriu.

—Acho que você já era meu papai, só não sabia disso.

Voltamos a nos abraçar, ainda debaixo da mesa. Byron me encarava com um

brilho nos olhos, como se sorrisse diante de tudo aquilo. Diante da cena de um homem de quase dois metros debaixo de uma mesa e com uma garotinha nos braços.

—Se a mamãe não voltar, promete que nunca vai embora também, papai Vince?

Fechei meus olhos, abraçando-a com força.

—Prometo, filha. Eu prometo.



Ao chegar ao hospital me surpreendi com todas as pessoas que estavam lá para visitar Lúcia. Emma caminhava ao meu lado, segurando com força a minha mão. Ela estava com medo e segurava sua boneca-sem-perna como se fosse seu bote salva-vidas. Mesmo que parecesse errado, eu não podia deixar minha filha em casa quando ela queria tanto ver sua mãe.

E, no fundo, eu desejava que Lúcia acordasse ao sentir a presença de Emma.

Enquanto caminhávamos pelo corredor, vimos Julia ao lado de Cléber sentados nas cadeiras perto do quarto de Lúcia. Eu sabia que não estava sendo fácil para Julia estar passando por tudo aquilo. Eu vi o desespero em seus olhos quando apareceu no hospital ao saber do acidente. Ela não parecia mais a mesma melhor amiga louca de Lúcia. Não havia o brilho animado ou os olhares divertidos que a tornavam única. Ela permanecia séria, não havia sorrido nenhuma vez desde que chegou ao hospital. E eu entendia. Nenhum de nós se sentia forte o bastante para transmitir um pouco de otimismo aos outros presentes ali.

Sempre que Julia visitava Lúcia dizia coisas como: “Eu juro que se você morrer, Lucy, dou um jeito de te matar de novo. Você não pode me deixar, sua vaca.”

Acho que era seu jeito de dizer que a amava.

Mas eu vi Julia sorrir naquele momento quando viu Emma. Minha filha soltou minha mão e correu até Julia, que a pegou no colo e a abraçou com força. Troquei um aperto de mão com Cléber, enquanto permitia que Julia e Emma conversassem.

—Alguma notícia? — Perguntei à Cléber.

Ele balançou a cabeça.

—Faz pouco tempo que o médico saiu daqui e disse que não houve nenhuma mudança desde ontem à noite.

Assenti.

Não ter nenhuma mudança não era de todo ruim. Nada de grave havia acontecido, então devia ser só questão de tempo para que Lúcia acordasse. Eu tinha que manter minha fé. Tinha que continuar dizendo a mim mesmo que tudo ficaria bem.

Os pais de Lúcia e seu irmão também estavam no corredor, cada um perdido em seus próprios pensamentos. Trocamos um rápido aceno de cabeça, eu não estava em um bom momento para conversar com nenhum deles. Ainda assim, não podia negar que me aliviava o fato de não terem ido embora. Não terem abandonado Lúcia mais uma vez.

Ian apareceu no fim do corredor, me surpreendi ao vê-lo. Esperava que estivesse na empresa naquela hora. Ele passou por todos que estavam no corredor, oferecendo os copos de café que comprara em algum lugar. Todos aceitaram, aliviados.

—Te ofereceria um café também, mas sei que não vai querer. — Disse ele ao se aproximar de mim.

Ele tomou um gole do café, os olhos na interação de Julia e Emma.

—Como foi com a garotinha? — Perguntou.

Suspirei esfregando os olhos cansados.

—Difícil. — Murmurei.

Emma se aproximou de nós. Balançou os dedinhos em um aceno para Ian e se voltou para mim, segurando minha mão.

—A gente pode ver a mamãe agora? — Perguntou.

Senti o olhar de todos que estavam ali sobre mim. Senti o aperto doloroso no peito. Ainda assim, sorri para minha filha.

—Podemos. Vamos lá?

Ao entrar no quarto fui tomado novamente pela dor de ver a mulher que eu amava inconsciente na cama de um hospital. Me mantive ereto e forte por Emma que parecia estar muito assustada. Fomos até perto da cama. Emma não conseguia ver Lúcia direito, então a levantei e a sentei na cama. Notei o movimento de todos os outros na porta do quarto. Ian havia entrado também, junto com Julia e Cléber. Os pais e o irmão de Lúcia permaneciam na porta, olhando para Lúcia na cama.

Lucy parecia serena em seu sono. Seu rosto tinha pequenos hematomas roxos e arranhões, ela tinha quebrado a perna e fraturado algumas costelas. Mas o maior impacto foi em sua cabeça, que estava coberta por gaze. Os médicos diziam que apenas tínhamos que esperar. Que Lucy acordaria quando estivesse pronta.

Mas quando seria isso?

Eu tinha medo de que seus olhos não voltassem a abrir. Eu tinha medo de não ver mais o seu sorriso. Eu tinha medo de não ouvir mais a sua voz.

Eu sabia que Lúcia era forte, todos podiam ver aquilo em seus olhos. Ela era a mulher que enfrentara o mundo. A mulher que caiu e levantou, ergueu a cabeça e seguiu em frente. Lúcia era a típica mulher brasileira. Valente, guerreira, nunca desistia do que acreditava. Ela era tudo o que muitos gostariam de ser. Ela tinha a força que muitos invejavam ter.

Lembrei de quando saímos do tribunal. Nós saímos de lá com a certeza de que Emma estaria com Lúcia. Eu nunca a tinha visto tão feliz. Ela me abraçou e me beijou, me agradeceu por coisas que eu não tinha ideia de ter

feito. Ela me olhou nos olhos naquele dia e foi ali onde eu vi todo o meu futuro. Era ao lado de Lúcia que eu queria estar.

Era por aquele sorriso que eu viveria.

Minha Lúcia era minha esperança. Meu sopro de vida. Minha luz.

Em seu curto nome cabia todas as minhas alegrias.

Lúcia tinha que viver porque eu não conseguiria viver sem ela. Lúcia tinha que viver por Emma.

Mesmo que eu não quisesse, muitos pensamentos rondavam minha cabeça. Se fosse como nos filmes, uma Lucy fantasma estaria observando a si mesma. Ela estaria muito puta por tudo o que aconteceu. Ela estaria gritando consigo mesma para voltar e abrir os olhos. Porque minha Lucy e a Lucy fantasma sabiam que perderiam muitos momentos da vida de Emma.

Por isso eu pedia constantemente:

—Abra os olhos, Lucy. Veja Emma crescer.

Naquele momento, minha filha estava com os olhos pregados no corpo inconsciente de sua mãe. A boneca-sem-perna estava esquecida sobre a cama. Emma olhava para Lúcia, como se não compreendesse como era possível que ela ainda dormisse.

—Mãe? — Emma cutucou seu braço com o dedo, como se pudesse acordá-la dessa forma.

Eu desejei desesperadamente que fosse possível.

Quando Lúcia não abriu os olhos, ouvimos o soluço de Emma ecoar pelo quarto. Ela não chorou como havia chorado na noite anterior, mas eu podia ver as lágrimas deslizando pelo seu rosto. Lutei para que lágrimas não deslizassem pelo meu próprio rosto. Ao lançar um rápido olhar para todos que estavam ali, percebi que eu não era o único lutando contra as lágrimas.

—Papai? — Emma me chamou.

Me virei para ela, secando as lágrimas que haviam molhado seu rosto.

—Sim, princesa?

Ela voltou os olhos para Lúcia e segurou a mão dela sobre a cama.

—O papai do céu sempre escuta a gente? — Perguntou.

—Sim, princesa, Ele sempre nos escuta.

Emma deslizou sua outra mão pela mão de Lúcia, as sobrancelhas finas franzidas em confusão.

—Então, por quê a mamãe não acorda?

Julia teve que ser retirada do quarto por Cléber porque não conseguia parar de chorar. A mãe de Lúcia foi amparada pelo seu marido e pelo filho, também saindo do quarto. Restava apenas Ian, ele havia secado rapidamente uma lágrima, mas eu não o importunaria com aquilo. Eu também quis chorar ao ouvir a pergunta de Emma, mas não pude.

—Ela irá acordar em breve. — Sussurrei.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

—Nossa, amiga! Eu não estou acreditando nisso. Nunca tinha imaginado que fosse dar certo, sabe? Eu só arrisquei porque o Clébinho pediu muito. — Houve uma pausa e um suspiro — Não acredito que o chamei de Clébinho na sua frente! Ah, mas tudo bem. Você não vai lembrar disso mesmo.

—Ah, eu vou me lembrar disso, sim.

Minha cabeça doía como se o martelo do Thor estivesse sobre ela. Meu corpo parecia ter sido esmagado pelo Hulk. E mesmo assim eu quis rir ao ouvir Julia falando sozinha. Bem, falando comigo.

A primeira coisa que notei ao abrir os olhos foi o brilho muito forte e branco de seja lá onde eu estava. Então, quando a visão voltou relativamente ao normal eu notei que era um quarto de hospital. Juntei o quarto de hospital à dor forte na cabeça, à dor na barriga e ao meu corpo todo dolorido e então concluí que tinha me lascado bonito em algum momento. Eu só não conseguia me lembrar direito quando tinha sido.

Eu me lembrava de vozes, mas nenhuma imagem. Era estranho. Um vazio na minha mente, que era preenchido pelo eco de vozes.

—Lucy! — Julia gritou.

Aquilo causou uma pontada forte de dor na minha cabeça. Tentei erguer a mão, mas parecia pesada demais. Sentia minha garganta seca como o Saara. Tentei sorrir ao ver o rosto surpreso de minha amiga. Ela estava com os olhos vermelhos e inchados, como se tivesse chorado a noite toda. Seu cabelo estava uma bagunça e seu rosto limpo de maquiagem, mas seus olhos brilhavam de felicidade.

—Oi. — Sussurrei.

Julia caiu sobre a cama, me abraçando como podia. Ela chorava contra meu peito. Eu sentia meu corpo doer devido ao peso de seu corpo sobre o meu, mas não a fiz parar. Ela parecia precisar daquilo e por mais que meu corpo doesse eu também sentia que precisava.

Ela ergueu a cabeça, um sorriso tomando conta do seu rosto bonito coberto de lágrimas.

—Eu pensei que você não ia acordar. Eu sei que é horrível dizer isso, mas tinha uma parte de mim que pensava assim. Desculpa.

Sorri.

Ela segurou minha mão e me olhou nos olhos.

Não foi necessária nenhuma palavra. Eu conhecia minha melhor amiga muito bem e ela me conhecia. A maioria de nossas conversas eram silenciosas, conversávamos com os olhos.

As palavras mais sinceras são ditas nos segundos de silêncio.

Ela respirou fundo e fungou.

—Eu vou chamar o médico. Não demoro. Não... Não durma de novo, Lucy. Não feche mais os olhos. O mundo fica triste demais quando você está longe dele.

—Eu não vou a lugar algum, Ju. — Murmurei, por trás da voz rouca causada pela garganta seca.

Ela ajeitou os ombros.

—Acho bom. Ou eu te encontro e te trago de volta a força.

Julia saiu do quarto e me deixou sozinha por alguns minutos. Foi somente então que pude pensar no que tinha acontecido. Era difícil porque a memória parecia borrada e doía quando eu pensava demais. Era estranho sentir os pensamentos refletidos no meu corpo.

Eu não sabia que dia era ou o horário. Lentamente virei a cabeça para a janela do lado esquerdo. As persianas estavam levemente abertas, a luz do sol entrava através delas. Era uma luz tênue, me parecia ser o começo do dia. Um dia muito bonito. Os pássaros até cantavam.

Era estanho, pois a última coisa que conseguia me lembrar era da chuva.

Houve uma leve batida na porta antes de que alguém a abrisse. Ergui os olhos para ver se era o médico, mas não era. Era Vincent que estava ali. Com um sorriso nos lábios e um brilho intenso nos olhos.

—A Bela Adormecida finalmente acordou. — Disse ele.

Eu sorri.

Sorri porque era isso o que Vincent fazia comigo.

Ele me fazia sorrir apesar da dor.

Eu me lembrava dos dias felizes que passamos juntos depois da audiência da guarda de Emma. Nós fizemos naquele dia o que Vincent me prometera. Assistimos filme de terror e comemos pizza e sorvete. Ele fez todos os dias depois daquele serem os melhores para mim e minha filha. A casa ficava repleta de alegria o tempo inteiro. Nana se juntava a nós e até o jardineiro.

O julgamento foi para mim como uma tortura. Horas de tortura, me pareceu. Por fim a guarda de Emma foi dada a mim, o que deixou Adam muito puto. Ao sair do tribunal, eu o vi falando com a esposa e segurando sua filha. Aquela cena não saiu da minha cabeça, mesmo dias depois. Porque foi ali que eu vi que ele sabia, sim, que tinha uma família. Tinha uma filha linda e uma esposa que o amava. O amava o bastante para apoiá-lo quando ele quis a guarda da filha que teve com outra mulher.

Adam não era um homem ruim, mesmo que por um tempo eu o tivesse odiado. Acho que eu tinha o direito de odiá-lo, afinal ele tentou tirar minha filha de mim. O que eu sabia era que Adam tinha a chance de ter uma vida incrível com pessoas que o amavam.

Eu desejei que ele fosse feliz e justamente por isso escolhi que ele visse Emma sempre que desejasse, mesmo que parecesse uma coisa idiota a se fazer. Meu coração dizia que era o certo.

Afinal, minha filha tinha um pai. Um pai que não era o melhor do mundo, pelo menos foi no começo, mas ainda era um pai. Eu sabia que ele a faria feliz do jeito que pudesse fazer, assim como eu também faria.

Porque não existia manual para sermos pais perfeitos. Assim como os filhos, nós também errávamos. E eram nesses erros onde aprendíamos a ser melhores.

Eu desejava ser melhor para Emma, todos os dias eu tentaria. Por isso, foi na voz inconfundível de minha filha onde eu me agarrei quando estava tudo escuro.

Vincent se aproximou da cama e correu os dedos pelo meu braço chegando a minha mão e deslizando seus dedos entre os meus.

Era tão bom olhar para ele. Para o homem que salvou minha vida de diversas formas. O homem que pensava ser um monstro se mostrou o mais bondoso de todos.

—Como está se sentindo? — Perguntou.

—Quebrada. Com sede.

Ele assentiu e se virou para pegar a jarra de água ao lado da cama.

A porta se abriu e um homem baixinho de cabelos parcos e brancos entrou, com uma Julia bem animada em seus calcanhares.

—Muito bem, Lúcia. Pelo visto os esforços de seus amigos e família te trouxeram de volta. — O médico disse e sorriu — Me diga o que está sentindo, está bem? Vou fazer alguns testes e então outros exames. Você ficou inconsciente por duas semanas.

Olhei para Vincent e ele apenas abriu um sorriso fraco.

O médico fez muitas perguntas e testes. Ficou muito preocupado com minha cabeça e falou para uma enfermeira, que chegou logo depois, para preparar a sala para uma ressonância. Ele me disse para não ficar alarmada, era apenas por precaução.

Ele falava e falava sem parar, respondendo as diversas perguntas de Vincent e Julia. Eu só conseguia pensar no que tinha acontecido durante as semanas em que fiquei apagada. Minha maior preocupação foi sobre Emma. Pensei no

que ela tinha sentido e no sofrimento que tinha passado. Também me ocorreu que Adam poderia tê-la tirado da casa de Vincent por conta disso.

Quando o médico saiu, Julia o seguiu dizendo que tinha que ligar para Cléber e minha família para avisar que eu tinha acordado. Vincent dissera que já tinha avisado Nana e que logo ela traria Emma para me ver. Ele sentou na cama, de frente para mim, e segurou minha mão.

Eu já tinha bebido água, então foi mais fácil perguntar:

—Minha família?

Ele assentiu.

—Sim. Você tinha ido encontrar com sua mãe quando o acidente aconteceu.

Fechei os olhos por um momento, tentando lembrar. Imagens disformes invadiram minha mente. Era a imagem da minha mãe, mas também do meu irmão e do meu pai. Não conseguia me lembrar de tudo. Tinha apenas borrões de cor vermelha e branca e vozes, gritos e sirenes. Era difícil lembrar e doía tentar.

—Não consigo lembrar de tudo. — Sussurrei.

Ele levantou minha mão e beijou meus dedos.

—Graças a Deus você está aqui. Apenas isso importa.

Meu coração conseguiu se encher de mais amor do que eu achei ser capaz de sentir por aquele homem.

—E como Emma está? Ela ficou com você? Adam procurou por ela?

—Emma está bem, não se preocupe. Sim, ela ficou na nossa casa comigo e Nana. Adam visitou Emma algumas vezes, a levou para o parque para brincar com a filha dele. Eu deixei porque achei que Emma tinha que se distrair um pouco, ela ficou muito preocupada com você.

Acenei. Minha cabeça não doía tanto depois do remédio que a enfermeira me dera.

—Fez muito bem. Ela não merecia passar por isso.

Ele se aproximou, colocando um dedo em meus lábios para me impedir de falar. Seus olhos encontraram os meus.

—Nada disso foi culpa sua, Lucy. Saiba que Emma foi a única capaz de nos manter sãos. Sempre que eu a trazia para te ver ela rezava e pedia para ter você de volta. Sempre que saíamos daqui ela dizia para eu não me preocupar, disse que você ia voltar logo para nós. Emma estava certa.

Meus olhos se encheram de lágrimas, podia senti-las deslizar pelo meu rosto.

—Eu ouvi vocês. Todos vocês, eu acho. Lembro de ouvir Emma me chamar. E lembro da sua voz, Vincent.

—Lembra?

Sorri.

Eu lembrava de várias vozes, mas a voz de Emma e Vincent eram claras como a água. Eu lembrava de tentar responder ao chamado de Emma. Eu lembrava de tentar responder a Vincent.

Eu sabia que jamais seria capaz de agradecer o suficiente por tudo o que Vincent fizera por mim e por minha filha. Eu passaria todos os dias da minha vida dizendo a ele o quanto o agradecia, mas não seria o suficiente.

—Eu amo você, Vincent.

Foi assim.

Simples e rápido.

Foi como arrancar um curativo.

Talvez eu nunca tivesse a chance de dizer aquilo novamente e ele merecia saber.

Sua expressão foi de uma surpresa para um súbito sorriso cheio de dentes e olhos azul-esverdeados e dourados brilhantes.

Foi ali.

Quando eu estava na cama de um hospital, cheia de dores e hematomas. Quando eu podia ouvir o som nítido do meu coração batendo. Quando o sol entrava pela janela e inundava o quarto com a esperança de um amanhã melhor.

Foi ali. Bem ali.

Que eu soube que eu estava pronta para deixar as palavras saírem.

—Lembra das promessas que fizemos em nosso casamento? — Perguntou.

—Sim.

Ele aproximou seu rosto do meu, seus olhos ainda fixos em meus olhos.

—Tudo o que eu disse é verdade, sempre foi verdade. Eu estarei com você, Lucy. —Sussurrou — Na alegria e na tristeza. — Ele abaixou mais a cabeça contra a minha — Na saúde e na doença. — Mais um pouco — Na riqueza e na pobreza. — Seus lábios roçaram os meus — Até que a morte nos separe.

Ele me beijou.

Foi suave como o toque de uma pluma. Foi o beijo que selou toda a nossa confusa história.

Ele se afastou e tocou meu rosto, quase como se me reverenciasse.

—O que acontece agora? — Perguntei.

Ele sorriu e sapecou mais um beijo em mim.

—Nós vamos ser uma família. Você, Emma, eu e todos os filhos que vamos ter. Nós vamos ser felizes, meu amor. Eu prometo.

E eu acreditei nele, porque Vincent Garcia tinha um brilho no olhar que te fazia acreditar que a vida era bem mais do que um monte de problemas para você carregar. E ele estava certo.

Ele segurou minha mão e não foi necessário nada além disso para eu saber

que sua promessa seria cumprida.



Durante o tempo que fiquei no hospital fiz diversos exames para saber como estava indo as coisas, principalmente com minha cabeça, por causa do impacto. Eu estava bem, dissera o médico.

É, eu realmente estava bem.

Foi numa noite em que o silêncio pairava no meu quarto do hospital e a chuva batia contra o vidro da janela quando ela apareceu. Eu estava acordada e apenas virei minha cabeça em direção a porta quando ela lentamente se abriu, permitindo que a luz do corredor atingisse meu rosto.

Em sua mão estava a coisa mais preciosa que eu tive quando criança. Minha boneca de pano, presente de minha avó. Estava velha e judiada pelo tempo, mas ainda era a minha boneca. A boneca na qual eu agarrava enquanto dormia, me fazia ter bons sonhos. Também era a boneca na qual eu confiava nos momentos importantes do meu dia. Era com ela que eu falava, porque minha mãe estava muito ocupada para me ouvir.

Eu a chamava de Emma.

—Mãe? — Sussurrei.

Eu tinha medo de que o som da minha voz quebrasse o que estava acontecendo entre nós duas. Era como se o ar dentro do quarto se tornasse quente. Era como um abraço. Um abraço dado a nós duas enquanto nossos olhos ainda estavam conectados.

Minha mãe andou até a cama e me olhou. Foi então que eu desabei.

Seu olhar estava limpo, limpo de todas as muralhas que ela construiu em volta de si mesma durante anos. Seus olhos mostravam dor e arrependimento. Era difícil encará-los, mas eu não conseguia não o fazer.

Aquela era minha mãe.

A mãe que não foi a melhor do mundo, mas tentou ser. Talvez ela tivesse uma ideia diferente das coisas, assim como todos nós temos em algum momento. Eu não conseguia odiá-la, não tinha nenhum lugar em mim que a odiasse.

Porque quando eu a olhava não eram as partes feias e as lembranças ruins que eu tinha, eram sempre as partes bonitas e as lembranças boas que me inundavam.

—Eu tentei encontrar você quando saiu de casa. Pensei que estaria na casa de alguma amiga, mas todas disseram que não a tinham visto mais. Todas as noites quando voltava para casa, seu pai e seu irmão já estavam dormindo, então eu ia até seu quarto e deitava na sua cama. Tinha seu cheiro e também tinha sua boneca preferida. Eu ficava lá e chorava porque tudo o que queria era abraçar você, mas eu tinha apenas sua boneca.

Eu chorava. Lágrimas gordas de saudade e culpa deslizavam pelo meu rosto. Eram também lágrimas de felicidade, por saber que ela sentiu minha falta. No meio de toda a raiva que sentiu quando soube que eu estava grávida e não ia ser a advogada que ela queria que eu fosse, ainda assim encontrou espaço para me amar.

—Mãe...

—Não, Lucy. Não estou dizendo isso para que me perdoe, apenas queria que soubesse que eu nunca a odiei, minha filha. Eu a amei durante todos os segundos que ficamos separadas, apenas não queria admitir isso. Você sempre foi tão teimosa e orgulhosa, tudo o que eu nunca me permiti ser e talvez isso fosse como um desafio para mim. Não sei. —Encolheu os ombros.

Eu sorri. Ela sorriu também.

E lá estava minha mãe.

Naquele sorriso tímido.

Ela tocou meu rosto com delicadeza. Lágrimas deslizaram pelo seu rosto

marcado pelo cansaço da vida. Rugas nos cantos dos olhos, marcas ao redor da boca. Olhos opacos e não tão brilhantes quanto costumava ser.

—Você e seu irmão sempre foram a melhor parte que já existiu de mim.

Segurei sua mão na minha.

Naquela noite nós encerramos uma história.

Minha mãe e eu.

Colocamos um fim nos anos de saudade e dor que nos separavam. Ela sempre seria minha mãe e eu sempre seria sua filha. A diferença naquele momento era que eu havia crescido e tinha uma filha para cuidar e amar.

A melhor parte de mim.

Anos depois eu me daria conta do quanto sua visita no hospital foi importante.

A vida era uma sucessão de surpresas. E eu não fazia ideia, naquele momento, o quanto a lembrança de sua mão na minha seria importante.

Pelo tempo que tínhamos eu seguraria sua mão.

CAPÍTULO QUARENTA E CINTO

Não foi necessário que eu permanecesse no hospital o resto daquela semana. Os médicos até ficaram surpresos com minha rápida recuperação. Sendo assim, não havia mais nada que me prendesse naquela cama de hospital. Poucos dias depois eu estava pronta para voltar para casa. Para a casa do senhor Vincent Garcia. O meu marido.

Nas primeiras semanas recebi muitas visitas, as mais surpreendentes e importantes foram as visitas de meu pai e meu irmão. Fiquei surpresa por minha mãe não estar junto com eles, mas ao se sentarem na sala de estar e me olharem com um misto de sentimentos em seus olhos, eu soube que a visita não era de todo boa. Havia algo acontecendo e eu fiquei morrendo de medo do que poderia ser.

Conversamos sobre nossas vidas. Meu irmão estava esperando um filho, por isso sua esposa não tinha viajado junto com ele. Meu pai havia ganhado uma excelente proposta no trabalho, se tornar sócio de uma empresa que tinha tudo para crescer muito em pouco tempo. Nós conversamos e sorrimos por um longo tempo, não havia como substituir os anos que ficamos separados e nossa interação nunca voltaria a ser a mesma, mas eu estava feliz por eles estarem ali comigo. Apesar de tudo, eles eram minha família.

Quando o silêncio ficou grande demais, perguntei:

—O que está acontecendo?

Eles trocaram um olhar triste.

—A mãe não está bem. — Meu irmão respondeu.

Me empertiguei no sofá, subitamente sentindo uma dor de cabeça.

—O que aconteceu? O que a mamãe tem?

Meu pai suspirou.

—Alzheimer.

Depois do dia em que meu irmão e meu pai me visitaram, eu precisei

constantemente da presença de Vincent e de Emma. Eu precisava da companhia deles para fazer tudo aquilo se tornar um pouco confortável de aceitar. Eu não sabia como me sentir em relação aquilo, mas eu tentava encontrar formas de entender o que tudo aquilo queria dizer e fazer com que não fosse tão doloroso quanto era.

Segundo meu pai, o diagnóstico foi feito há meses atrás e a doença parecia estar tomando conta de minha mãe. Ela havia se perdido diversas vezes, havia se esquecido de como voltar para casa. Havia momentos de lucidez, como no dia em que foi me visitar no hospital a noite. Eu soube que no dia seguinte a sua visita, ela havia esquecido de que havia ido até lá.

Conforme os meses passavam rapidamente a situação de minha mãe piorava, até que meu pai decidiu interná-la. Eu pedi a ele que a internasse no centro que havia na cidade, me deixando mais perto dela para poder visitá-la. Meu irmão precisou voltar para sua casa e meu pai decidiu aceitar a oferta no trabalho. Tudo parecia estar indo bem, mas eu não conseguia parar de pensar em minha mãe.

Certa manhã recebi a visita de Julia. Não havíamos tido muito tempo para conversarmos a sós. Ela estava muito ocupada com coisas relacionadas ao clube e eu tinha que me desdobrar muitas vezes em cuidar de Emma, visitar minha mãe, cuidar da casa (eu não permitia que Nana se esforçasse muito) e fazer os croquis para a Garcia Joias. Além de uma família, eu também havia ganhado um trabalho que eu amava.

Julia e eu ficamos na sala de estar comendo pipoca enquanto colocávamos o papo em dia.

—Você lembra do que conversamos no hospital? — Perguntou ela.

Forcei minha mente a lembrar de algo, mas não me recordava de muita coisa.

—Não me lembro de muita coisa, por quê?

Julia pegou a sua bolsa que havia jogado no chão ao chegar e retirou um papel de dentro dela.

—Eu consegui. — Ela sussurrou.

Segurei o papel que ela me entregava e passei os olhos rapidamente pela folha. Eu perdi o fôlego. Olhei para os olhos brilhantes de minha amiga e sorri. Eu sorri e chorei ao mesmo tempo.

Eu a abracei da melhor forma que pude, devido a minha situação.

—Você conseguiu. — Sussurrei contra seu cabelo.

Ela riu, ainda que chorasse.

—Eu ainda não acredito. Tudo isso parece um sonho, Lucy. Tudo isso é difícil demais de acreditar.

Coloquei sobre a mesa a folha onde estava escrito que Julia tinha sido escolhida para uma audição para a escola de dança de Nova York.

—Isso tudo é apenas o seu sonho se tornando realidade. — Eu disse.

O maior sonho de Julia era ser dançarina e ela não conseguiu porque nunca tivemos dinheiro suficiente para pagar por uma faculdade ou uma boa escola de dança. Naquele momento eu sabia com toda a certeza de que minha melhor amiga iria conseguir ser aceita, porque além da dança ser o seu maior sonho, Julia era realmente muito boa no que fazia. Ela merecia todas as coisas boas que pudessem existir no mundo.

Julia me explicou que o motivo de demorar para me visitar era por estar resolvendo as coisas para a sociedade do clube. O Velho havia decidido que não iria vender o clube porque um dia ele poderia se tornar a escola de dança que Julia tanto queria ter. Sendo assim, o amigo do Velho se tornou sócio para que mantivesse o clube funcionando.

Eu sentiria muita saudade da minha melhor amiga, não podia negar o quanto era doloroso imaginar os meus dias sem a presença de Julia, mas eu estava muito feliz por sua conquista. Se havia alguém no mundo que merecia ser feliz, essa pessoa era Julia.

Nós rimos e choramos naquela tarde de primavera, quando o sol brilhava do lado de fora, seu brilho se derramando na sala pela parede de vidro, e os

pássaros cantavam. Nós nos recordamos de coisas que fizemos quando éramos adolescentes e planejamos muitas coisas para aquele momento em que éramos adultas.

Nós faríamos novas lembranças.

Eu sabia que não importava o que acontecesse ou em que lugar do mundo ela estivesse, eu sempre a amaria.

—Nós vamos sair hoje à noite, para comemorar. — Disse ela, sorrindo.

—Oh, você e o Clébinho? — Perguntei mexendo as sobrancelhas.

Julia jogou uma almofada em mim enquanto gargalhávamos.

—Ah, é claro que *disso* você lembra!



Era noite quando encontrei Vincent e Emma no jardim. Eles estavam sentados sobre o cobertor azul com estampa de estrelas sobre a grama, Byron estava deitado aos seus pés, descansando após brincar a tarde inteira com Emma. Me encostei contra a porta e cruzei os braços aproveitando a chance de observá-los juntos.

O céu era um manto negro, sua escuridão era cortada devido ao brilho da lua e das estrelas que pontilhavam o céu. O vento balançava a grande árvore no jardim, onde ficava o balanço azul de Emma, e os fios soltos dos cabelos de Emma que eu fizera maria-chiquinha mais cedo. O senhor cabeludo mantinha os dele preso com um elástico.

Aquele momento foi a cena mais bonita que já havia visto.

As duas pessoas que eu mais amava no mundo. Juntas. Criando suas próprias lembranças.

Era reconfortante ouvir o som da voz de Vincent misturada ao som do riso de Emma. Eu devia ter me acostumado com tudo aquilo, mas sempre me

surpreendia a forma como a minha vida e a de minha filha mudou tanto em pouco tempo. Eu amava vê-los juntos, amava quando os via discutindo desenho animado ou até mesmo quando brincavam de esconde-esconde. Vincent fazia minha filha feliz e nada no mundo me deixava mais feliz do que isso.

Emma o amava com todo o seu coração. Ela o chamava de “papai”, mas sem nunca esquecer que seu pai era o Adam. Emma era esperta demais para sua idade, ela sabia que não tinha o mesmo sangue de Vincent, mas constantemente dizia que não era preciso ter o mesmo sangue que ele, era preciso apenas ter amor. Minha pequena garotinha me deixava orgulhosa todos os dias, me fazia perceber que o mundo não era ruim. Emma me dava esperança. Me dava alegria.

Me aproximei deles lentamente. Ao notar minha presença, Vincent deu batidinhas ao seu lado para eu me sentar. Sentei ao lado dele, me apoiando em seu braço. Emma sentou no colo de Vincent para ficar perto de mim, então levou suas mãos pequenas até minha barriga. Ela sorriu.

Logo precisaríamos de mais espaço no cobertor.

Minha barriga crescera consideravelmente nos últimos meses.

—Como ela está, mamãe? — Perguntou Emma.

Vincent sorriu e também colocou sua mão onde as mãos de Emma estavam.

—Ela está feliz, meu amor. Está feliz porque estamos todos juntos.

Eu jamais esqueceria da emoção de Vincent quando contei que estava grávida. Ele havia feito uma pequena festa apenas com nossas famílias e amigos mais íntimos. Ele sorria sem parar e não parava de dizer o quanto me amava. Ele comemorou com Emma e os dois comeram mais doces do que seria aceitável, mas eu não liguei. Estava tão feliz quanto eles. Emma estava muito animada com a ideia de ter uma irmãzinha e não parava de querer sair para comprar coisas para o quarto da bebê.

Eu não poderia dizer o que Vincent estava sentindo, mas pela expressão em seu rosto podia dizer que era pura felicidade. Era o reflexo da minha.

Nós passamos por coisas difíceis em nossas vidas. Vincent e eu. Ele perdeu uma parte sua, mas me ajudou a não perder uma parte que eu pensei ser somente minha, mas também se tornou dele. Eu nunca iria entender o que passava pela sua cabeça durante todo o tempo que ficamos juntos, mas estava bem com isso.

Eu estava feliz, como nunca pensei que pudesse ser.

Ao encontrar Vincent Garcia acabei encontrando a parte de mim que nunca pensei que faltasse.

Éramos apenas seres humanos repletos de erros e arrependimentos, mas também éramos repletos de felicidade e amor.

Éramos almas que foram ligadas pela dor e juntas encontraram seu caminho para a felicidade.

Naquela noite ficamos observando as estrelas. Quando uma estrela cadente passou não fiz nenhum pedido.

Meu maior desejo estava acontecendo naquele exato momento.

Éramos uma família.

E por sermos uma família.

Éramos *um*.

Eu sabia que sempre faria tudo por eles.

EPÍLOGO

Anos depois...

—Mãe!

Foi assim que acordei naquela manhã. Normalmente, era assim que eu acordava todos os dias.

Rolei na cama, me espreguiçando. Eu não queria levantar, mas sabia que devia. Aquele dia era um dia muito importante para nossa família e eu estava decidida a tornar aquele dia perfeito. Sendo assim, me obriguei a sair da cama e caminhei até o banheiro. Eu ainda podia ouvir os barulhos no andar de baixo, mas decidi deixar que Vincent cuidasse da confusão já que havia me deixado acordada até tarde.

Após tomar banho, escolhi uma roupa confortável e prática. Com o tempo a gente aprende que o prático é melhor, pois muitas vezes é necessário passar por certas situações em que os movimentos não podem ser reduzidos por uma roupa. Saí do quarto e fui até a escada, quanto mais me aproximava, mais o barulho da confusão se tornava alto. Enquanto descia os degraus da escada, sorri diante da cena que estava acontecendo no átrio.

Vincent estava com Luz sobre seus ombros enquanto tentava manter Gabriel longe dela. Luz gritava enquanto se agarrava aos cabelos de Vincent para não cair enquanto Gabriel puxava a perna dela.

Vincent mantinha o cabelo cumprido. Estava ainda mais bonito com os primeiros fios brancos que apareceram nos últimos meses. Eu não sabia o que estava acontecendo naquele momento e tudo o que eu queria era rir daquilo, mas como mãe eu tinha que manter a ordem.

—Chega! — Gritei.

Todos me olharam com espanto. Mesmo Vincent, que parecia estar se controlando para não rir.

Lentamente Luz se desgrudou de Vincent e Gabriel se afastou deles.

Emma estava parada perto da porta, com os braços cruzados sobre o peito, as malas ao redor de seus pés e uma expressão muito emburrada. Minha filha era uma linda adolescente e como toda adolescente vivia numa terrível oscilação de humor, além de ficar com a cara enfiada no celular a maior parte do tempo. Aos seus pés estava Teodoro, que parou de puxar uma mala de rodinhas para Emma. Ele era o mais novo e até aquele momento foi o mais calmo dos meus filhos. Ele era um doce de menino, tinha a astúcia e inteligência dos Garcia, mas uma calma que nenhum de nós sabia de quem havia herdado.

—Ela pegou meu vídeo game, mãe! — Gabriel foi o primeiro a falar.

Olhei para Luz, que tinha a expressão mais culpada do mundo. Mas no fundo eu sabia que ela não se arrependia.

Era a minha garotinha. Era a minha cara, literalmente. Luz se parecia muito comigo, menos o tom mais claro do cabelo. Ela também era teimosa e orgulhosa demais para admitir alguma coisa. Mas com o tempo Vincent estava conseguindo dobrar aquele jeito dela. O que era motivo de muito orgulho para ele.

—Por que fez isso, Luz? Você tem seus próprios brinquedos.

Luz e Gabriel não tinham muita diferença de idade (graças à Vincent). Eles discutiam o tempo todo, mas sabia que eram muito unidos.

—Eu só queria brincar, mamãe, mas ele nunca deixa! — Ela disse fazendo um exagerado bico.

Olhei para Gabriel. Seus olhos foram de mim para Luz e de Luz para mim, sua boca aberta em um O perfeito. Gabriel tinha os olhos de Vincent e teimava em manter o cabelo comprido como o dele.

—Ela não sabe brincar e me bate quando perde!

Naquilo eu acreditava.

Respirei fundo e balancei a cabeça quando eles voltaram a discutir. Meus olhos encontraram os de Vincent, ele sorriu e encolheu os ombros.

Aquele dia era muito importante para todos nós, mas isso não impediu que Luz e Gabriel voltassem a discutir enquanto tomávamos o café da manhã, ou que Teodoro não jogasse sua panqueca em Emma. Era nosso típico café da manhã e por mais louco que parecesse, se não fosse assim não seria nossa família.



Após o café da manhã, eu tive que sair para um compromisso que eu fazia questão de cumprir toda semana. Sabendo muito bem aonde eu iria, Vincent disse que cuidaria das crianças enquanto eu estivesse fora e quando retornasse iríamos para o aeroporto.

Pedi um táxi e fui direto para a clínica. Lá todos já me conheciam muito bem, por isso não havia tanta burocracia para que eu entrasse. Antes de me aproximar da sala onde ela estava, uma enfermeira me disse que aquele não estava sendo um bom dia para ela. Ainda assim, eu quis vê-la.

Abri a porta e a encontrei sentada numa cadeira de balanço virada em direção a janela com vista para o jardim. Do lado de fora, havia muitas plantas e flores e muitas pessoas caminhavam por lá naquele momento. A luz do sol banhava seu corpo pequeno e frágil coberto por um vestido laranja. Ela se virou e me encarou. Segundos se passaram até que ela sorrisse.

—Como está se sentindo hoje? — Perguntei.

Ela inclinou a cabeça de lado e sorriu. Um sorriso grande e lindo.

Tentei não demonstrar o quanto aquilo mexia comigo. Minha mãe foi diagnosticada com Alzheimer há muitos anos atrás. Tudo aconteceu muito rápido, a doença a pegou de jeito. Eu fiquei ao seu lado, mantendo sua mente ativa e sempre falando sobre as coisas boas que vivemos. Foi somente quando ela esqueceu quem eu era que a realidade tomou conta de mim.

É difícil ver quem você ama esquecer de você.

Tinha momentos em que ela lembrava de coisas específicas, momentos que

vivera. Eu me agarrava a esses pequenos momentos e por mais breves que eles fossem eram motivo de muita felicidade.

Naquela manhã eu era apenas uma amiga que a visitava. Tinha sido assim durante anos. Ela não me via como sua filha, mas como alguém que a fazia companhia. E tudo bem para mim.

Me aproximei dela e notei a boneca de pano que ela segurava contra o peito. Era a minha boneca favorita, mas que passou a fazer companhia a ela. Minha mãe olhou para a boneca e então para mim, um sorriso adornava seu rosto que estava cheio de rugas e marcas da vida. seu cabelo perdera o brilho e a cor, se tornara um cinza escuro polvilhado de fios brancos.

—Ela se chama Lúcia. É um nome bonito, não acha? — Perguntou em um sussurro para que a boneca não nos escutasse.

Puxei uma cadeira e me sentei ao seu lado. Segurei a mão morna e enrugada de minha mãe e ficamos em silêncio apreciando as cores do jardim e sentindo o sol em nossa pele.

—Se um dia eu tiver uma filha, vou lhe dar o nome de Lúcia. — Ela sussurrou.

Não pude evitar que as lágrimas escorressem pelo meu rosto. Apoiei minha cabeça no ombro de minha mãe e segurei sua mão na minha.

Eu a amava, mesmo que ela não lembrasse que também me amou.

Ela sempre seria minha mãe mesmo que não lembrasse que eu era sua filha.



Eu abraçava Emma, desejando que pudesse nunca mais soltá-la. Mesmo que estivéssemos no aeroporto repleto de pessoas, ela me permitiu segurá-la forte por mais tempo que o normal. Ao nos afastar vi que seus olhos também estavam cheios de lágrimas. A deixei abraçar Luz, Gabriel e Teodoro que estavam tristes pela partida da irmã mais velha, me afastei secando os olhos.

Senti Vincent ao meu lado, antes que pudesse me tocar.

Ele secou meu rosto e sorriu.

—Ela vai ficar bem, Lucy. Não se preocupe. Emma sabe se virar muito bem.

— Disse ele, mesmo que eu sentisse que estava tão apreensivo quanto eu.

Emma viajaria para outro país e eu estava morrendo de medo de deixá-la sozinha. Ela iria para estudar, mas mesmo assim eu estava com medo. Não era medo, na verdade, era uma saudade gigantesca que se instalava em meu peito a cada segundo.

A vi se despedir de Adam e de Lulu, sua filha. A esposa dele estava cuidando dos gêmeos em casa. Lulu a abraçou forte e elas confidenciaram algo, eu sorri lembrando de Julia. Que estava muito bem em Nova York, tinha um lindo filho e vivia feliz ao lado de Cléber. Sempre que podia ela nos visitava e aproveitava para saber como estava indo a escola de dança onde uma vez fora o clube.

Emma voltou até mim e segurou minhas mãos. Ela sorria, o que me fez sorrir.

—Eu tenho muito orgulho de você, mãe. Por tudo o que fez por mim. Por ter feito com que eu me tornasse quem sou hoje. Sei que nunca disse isso antes, mas queria que soubesse. — Ela me abraçou — Eu te amo, mãe. Obrigada.

—Eu também te amo, Emma. E seria capaz de tudo por você, quantas vezes fossem necessárias. — Eu disse.

Ela abraçou a todos novamente e então seguiu para o portão de embarque. Luz e Gabriel me abraçaram e Vincent ficou ao meu lado enquanto segurava Teodoro no colo, assistimos Emma embarcar para uma nova vida cheia de aventuras e surpresas.

E lá estava aquele mesmo sentimento.

O orgulho misturado com saudade.

Foi como vê-la dar seus primeiros passos novamente.

Filhos...

Nós os criamos para o mundo. São como pássaros, devem ser livres. Devemos protegê-los e amá-los da melhor forma que pudermos para então eles seguirem seu próprio caminho quando o momento chegar.

E com palavras e gestos simples, deixá-los saber que, não importa para onde irão ou o que farão de suas vidas; eles sempre poderão voltar para casa.

FIM

PLAYLIST

Caixinha de Música — Vanessa da Mata

Carry On — Ben's Brothers

Dias Melhores (Acústico) — Jota Quest

Everything — Lifehouse

Fix You — Coldplay

Lost In Your Eyes — Debbie Gibson

Losing My Religion — R. E. M

O Astronauta de Mármore — Nenhum de Nós

Something About You — Bad Company

Taste (Instrumental) — Sleeping At Last

The Look of Love — Diana Krall

Who You Love — John Mayer part. Katy Perry

Recado da autora.

Se você gostou desta história compartilhe nas redes sociais e indique aos seus amigos. Deixe sua avaliação aqui na Amazon, se puder. Me ajude a levar a história de Lucy e Vincent a muitas outras pessoas.

Para saber mais sobre este e próximos livros, procure por Letícia Alves nas redes sociais.

Instagram: @aleticia.s

Facebook: Letícia Alves

Twitter: @aletiicia